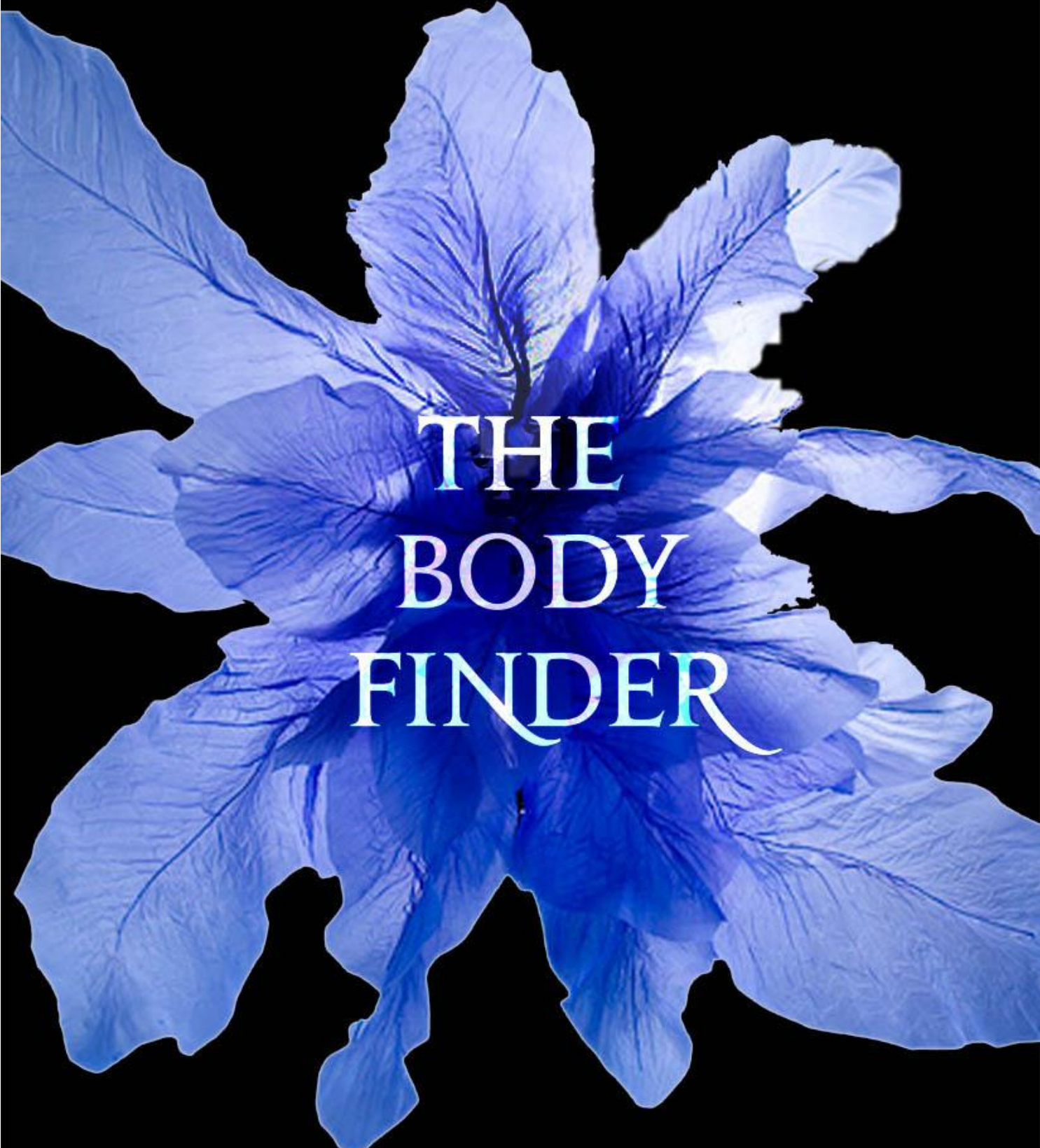
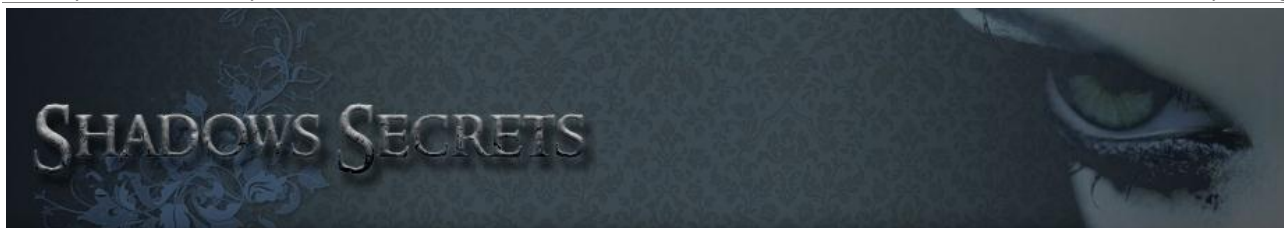




THE BODY FINDER

Kimberly Derting



CRÉDITOS

TRADUÇÃO E REVISÃO:

Grupo Shadows Secrets



SINOPSE

Violet Ambrose está lutando com duas questões principais: Jay Heaton e sua mórbida habilidade secreta. Enquanto a garota de dezesseis anos está confusa por seus novos sentimentos por seu melhor amigo desde a infância, ela está mais perturbada por seu “poder” de sentir cadáveres—ou pelo menos aqueles que foram assassinados. Desde que era uma garotinha, ela sentia os ecos que os mortos deixam para trás no mundo... E as marcas que os uniam a seus assassinos.

Violet nunca considerou seu estranho talento como sendo um dom; na maior parte das vezes ele apenas a levou a encontrar pássaros mortos com que seu gato havia cansado de brincar. Mas agora que um assassino serial começou a aterrorizar sua pequena cidade, e os ecos das garotas locais que ele reivindicou a assustam diariamente, ela percebe que pode ser a única pessoa que pode pará-lo.

Apesar de seu feroz instinto de proteção sobre ela, Jay relutantemente concorda em ajudar Violet em sua missão para encontrar o assassino—e Violet fica enervada em se descobrir tendo esperança que as intenções de Jay sejam muito mais que amigáveis. Mas mesmo enquanto ela está se apaixonando intensamente, Violet está chegando mais e mais perto de descobrir um assassino... E de virar presa dele ela mesma.

PRÓLOGO

Violet Ambrose vagou para longe da segurança do seu pai quando ela escutou a harmonia de sons tecendo-se delicadamente em volta dela. O sussurro das folhas se misturou suavemente com os pios agitados de pássaros e as distantes águas impetuosas do gelado rio que ficava além das árvores.

E então houve outro som. Algo que ela não pôde identificar exatamente. Ainda.

Ela era familiar o suficiente com o significado deste novo, e mal colocado, barulho. Ou pelo menos com o que ele representava. Ela tinha estado ouvindo sons, ou vendo cores, ou sentindo cheiros como aqueles há anos. Por tanto tempo quanto ela podia se lembrar.

Ecos, ela os chamava.

Ela olhou novamente para o seu pai para ver se ele tinha ouvido também, embora ela já soubesse a resposta. Ele não tinha, naturalmente. Só ela podia ouvi-lo. Só ela entendia o que o assombrador som predizia.

Ele andou casualmente atrás dela, no seu mesmo passo lento e constante, mantendo um olho vigilante em sua filha de oito anos enquanto ela corria na frente dele.

O som zuniu além dela novamente, carregado pela brisa que mandava folhas douradas quebradiças girando em volta dos seus tornozelos. Ela parou brevemente para escutar, mas uma vez que o som passou, ela continuou adiante.

“Não vá muito longe,” o seu pai atenciosamente disse detrás dela. Ele não estava realmente preocupado com ela por aí. Esta era a floresta deles.

Violet tinha sido praticamente criada nesta floresta, aprendendo sobre seus arredores, aprendendo como saber em que direção ela estava pelo líquen que crescia nos troncos das árvores altas, e como dizer a hora do dia pela posição do sol... pelo menos naqueles dias em que o sol não estava obscurecido pela escuridão do véu de nuvem. Isto era território fácil, até para uma menina de oito anos.

Ela ignorou o aviso do pai e vagou para fora do caminho, ainda escutando *aquilo* que a chamava adiante. Os seus pés sentiam-se impelidos por uma vontade própria enquanto ela se esforçava para transformar o som em algo coerente, algo que ela poderia identificar. Ela passou por cima de galhos caídos e andou por um mar de frondes de samambaias que cresceram da terra úmida.

“Violet!” Ela ouviu a voz de seu pai abrir passagem através de sua concentração.

Ela fez uma pausa, e respondeu, “Estou aqui,” embora não em voz tão alta quanto ela deveria ter respondido, antes que começasse a andar novamente.

O som estava ficando mais forte. Não mais alto, mas mais forte. Ela podia sentir as vibrações praticamente ressoando sob a sua pele agora.

Era assim que era com estas coisas. Este era o modo que estas *sensações* chegavam a ela. Elas eram indescritíveis, ainda que para ela fizessem perfeito sentido.

E quando eles a chamavam ela sentia-se compelida a responder.

Ela estava perto agora, tão perto que ela podia ouvir uma voz. Isto era o que esse eco era, uma voz. Única e solitária, buscando alguém — qualquer um — para responder.

Violet era esse alguém.

Ela parou em um monte de barro úmido coberto de uma camada grossa de folhas apodrecidas. O solo estava estranhamente fora do lugar entre a vegetação rasteira, com nada que tivesse vida brotando dele. Até Violet sabia que o solo era muito recém-colocado para ter criado vida ainda.

Ela se ajoelhou, sentindo o pulsante eco vindo de baixo. Ela podia senti-lo ecoando dentro das suas veias, percorrendo calorosamente o seu pequeno corpo. Sem espera, Violet tirou as folhas e as entulhou com uma varredura da manga de seu casaco, antes que ela começasse seriamente a escavar a suave terra abaixo com as suas mãos.

Ela ouviu as pegadas leves do seu pai alcançá-la e a sua voz gentil perguntar, “Encontrou algo, Vi?”

Ela estava muito perdida na sua tarefa para responder, e ele não espionou. Estava acostumado a isto, a sua menininha procurando as almas perdidas da floresta. Sem falar, ele se apoiou contra o tronco elevado de um cedro próximo e esperou sem observar de verdade.

Violet sentiu as pontas dos dedos roçarem contra algo duro e liso, frio e inflexível. Ela tremeu contra uma consciência perturbadora que ela não podia nomear exatamente e continuou cavando.

Ela afundou os seus dedos no solo úmido mais uma vez. E novamente, eles tocaram algo assustadoramente sólido.

Algo muito suave para ser uma pedra.

E estava de volta, aquela coisa perturbante que tentava passar por ela.

Ela estendeu o braço novamente, desta vez não para cavar, mas para varrer a camada fina de sujeira e conseguir uma visão melhor do que estava abaixo. Ela tinha capturado o interesse do seu pai, e ele se debruçou, investigando o buraco superficial.

Violet trabalhou como um arqueólogo, cuidadosamente peneirando e limpando através do topo da sua descoberta, para não perturbar o que poderia estar enterrado lá.

Ela ouviu seu pai ofegar ao mesmo tempo em que ela reconheceu o que tinha descoberto. Ela sentiu suas mãos fortes a alcançarem, puxando-a firmemente pelos ombros para longe da sujeira fresca e a pegando nos seus fortes, seguros braços... Para longe do som que estava chamando ela...

E para longe do rosto da menina que a encarava debaixo do solo.

CAPÍTULO 1

O som do despertador era uma intrusão irritante na neblina cômoda do sono que enrolou os seus braços em volta de Violet. Ela arrastou a mão de baixo do casulo quente de cobertores para apertar no botão de soneca. Ela manteve os seus olhos fechados; tentando deixar a neblina reivindicá-la, mas o estrago já tinha sido feito. Ela estava acordada agora.

Ela suspirou, não pronta ainda para desemaranhar-se das cobertas, e tentou lembrar com o que ela estava sonhando antes de ser tão rudemente interrompida. Por um momento ela pensou que poderia se lembrar, mas o evasivo sussurro do seu sonho escapou dela.

Ela fez um som aborrecido para si mesma enquanto finalmente se livrava das cobertas e se sentava em um movimento não-tão-suave. Ela desligou o despertador antes que ele pudesse alcançar o seu intervalo de nove minutos de soneca.

Este era o terceiro dia de escola, e ela não queria começar o seu penúltimo ano com um atraso. Ela esfregou o rosto com as duas mãos, tentando estimular o fluxo do sangue em um esforço para permanecer alerta. Ela não era uma pessoa matinal.

Cambaleou pela maior parte de sua rotina antes da escola; tomar banho, escovar seus dentes, se vestir. Depois de se examinar no espelho e notar os círculos escuros abaixo dos seus olhos, ela mais uma vez pensou em quanto ela queria rastejar de volta para debaixo do monte de cobertas que já estavam esfriando e que cobrinha a sua cama como um convidativo ninho.

Ela puxou o seu cabelo em um rabo de cavalo desarrumado—o único tipo de rabo de cavalo que os seus cachos teimosos permitiam—antes de pegar sua mochila do chão. Ela odiava quando os adultos lhe diziam o quanto ela era sortuda por ter cachos tão magníficos, naturais, quando ela não queria nada mais do que se misturar ao mar de cabelos brilhantes, chapados, lisos com o qual cada garota na sua escola parecia ter sido abençoada.

Mas o que ela esperava? A vida não parecia querer que ela se misturasse como todos os outros.

Afinal, quantas meninas tinham herdado a capacidade de localizar os mortos, ou pelo menos aqueles que tinham sido assassinados? Quantas menininhas tinham passado horas da sua infância explorando a floresta em busca de animais mortos deixados para trás por predadores ferozes? Quantas tinham criado seu próprio cemitério particular no quintal para enterrar o amontoado de cadáveres que tinham encontrado, para que as pequenas almas pudessem descansar em paz?

E quantas garotas de oito anos tinham sido levadas a descobrir o corpo de uma menina morta?

Não, Violet definitivamente era diferente.

Ela afastou os pensamentos perturbadores e correu porta afora, cruzando os dedos, como ela fazia a cada manhã, para que seu pequeno carro ancião estalasse à vida quando ela tentasse ligá-lo.

O carro dela.

O seu pai o chamava de “clássico”.

Ela não era tão gentil na sua descrição do pequeno Honda Civic 1988, com a sua pintura original de fábrica que estava se desbotando depois de anos de ser danificada pelo clima chuvoso de Washington.

Ela o chamava de decadente.

Confiável, o seu pai argumentaria de volta. E Violet não poderia discordar inteiramente. Até agora, apesar dos seus protestos e gemidos matutinos—muito parecido com ela mesma—o seu Honda nunca tinha sido a causa de um dos seus (muitos) últimos atrasos.

Hoje não foi diferente. O carro tossiu e vomitou quando ela girou a ignição, mas o motor deu problema na primeira tentativa e, depois de alguns momentos de bajulação, o som mudou para algo mais perto de seu não-tão-discreto rosnar habitual.

Violet tinha somente uma parada para fazer no seu caminho à escola, a mesma parada que ela tinha feito cada dia desde a obtenção da sua licença seis meses antes. Para pegar seu amigo melhor, Jay Heaton.

Melhor amigo. A expressão parecia tão estranha agora, como um velho, confortável tênis que antigamente praticamente se moldava ao seu pé, mas agora se contorcia contra cada passo que você dava porque ele não se ajustava mais.

O Verão tinha modificado as coisas... Coisas demais para o gosto de Violet.

Ela e Jay tinham sido os melhores amigos desde que eles tinham seis anos, quando na primeira série Jay tinha se mudado para Buckley. Foi o dia que Violet o desafiou a beijar Chelsea Morrison no intervalo, dizendo a ele que ela seria a sua melhor amiga se ele fizesse. Naturalmente Chelsea tinha empurrado ele por fazer aquilo, o que Violet sabia que aconteceria, e todos os três foram arrastados para o escritório do diretor para uma discussão sobre “limites pessoais.”

Mas Violet foi fiel à sua palavra, e ela e Jay tinham sido inseparáveis desde então.

Na primeira série, eles tinham jogado pega-pega no playground, sempre conspirando contra as outras crianças para fazê-las serem os pegadores para evitar jogar um contra o outro. Na segunda série, eles mudaram para o trepa-trepa, escolhendo equipes e usando os túneis como fortes temporários para defender contra os seus inimigos. Na terceira série, eles tinham aprendido a jogar quatro quadras e bola na parede. Na quarta, espirobol¹. E a quinta série foi o ano que eles descobriram a pedra gigantesca na beira do campo de jogo, atrás da qual o professor não podia ver o que acontecia.

Foi o ano do primeiro beijo deles—ou beijos, mais propriamente—a sua única investida no romance um com outro. Eles tentaram uma vez com os seus lábios fechados firmemente, um beijinho rápido, e logo novamente, eles tentaram tocando as suas línguas ao mesmo tempo. A sensação era escorregadia, flexível, e estranha. Ambos imediatamente concordaram que foi nojento e juraram que eles nunca fariam aquilo novamente.

No ensino médio, os pais deles, que tinham se tornado algo como motoristas, e que transportavam os dois quase diariamente através da distância de uma milha que separava suas casas, tinham se demitido, afirmando que se Violet e Jay realmente quisessem ver um ao outro, então o exercício faria bem a eles.

Mas nenhum deles se importava com a caminhada. Eles tinham passado anos de suas infâncias vasculhando as áreas arborizadas que rodeavam ambas as suas casas, enquanto eles exploravam e construíam a sede de um clube usando madeira velha. Eles tinham mapeado e nomeado seções inteiras da floresta, vários deles em homenagem a eles mesmos ou arranjos incomuns dos seus nomes combinados. Coisas como “Riacho Jaylet”... “Floresta Amberton”... “Trilha Hebrose.”

Eles também nomearam o cemitério provisório atrás da casa de Violet, não usando nenhum dos seus nomes, mais simplesmente chamando-o de Acres Sombrios.

Eles tinham dez anos na época, e o nome pareceu agourento e tenebroso... O que era exatamente o que eles queriam. Eles desafiariam um ao outro a ir lá, ver quem conseguia esperar sozinho, até muito depois de a escuridão ter caído, dizendo um ao outro contos sobre as estranhas ocorrências que eles tinham certeza que deviam estar acontecendo lá... Especialmente à noite.

Violet sempre ganhava, e Jay nunca reclamava. Ele parecia entender que ela não estava assustada, mesmo quando ela fingia estar.

Ele entendia muitas coisas. Ele era a única pessoa, além dos seus pais, e sua tia e tio, que sabia sobre a sua inclinação estranha á procurar animais destruídos, e a sua necessidade de reenterrá-los dentro dos limites da segura tela de arame de Acres Sombrios. Tinha sido uma aventura que eles tinham compartilhado juntos, indo através de bosques de samambaias e moitas de amora-preta à procura dos corpos perdidos. Ele tinha até ajudado ela a construir pequenas cruzeiras e lápides para marcar as pequenas sepulturas.

¹ Jogos infantis comuns jogados com bola.

Antes que eles fossem enterrados, antes que eles fossem propriamente postos para descansar, aqueles animais deixados para trás gritariam para Violet. Eles emitiriam uma energia—um eco sensorial—seguindo o mesmo caminho de seu assassinato, como um farol que só ela podia encontrar, avisando-a onde eles tinham sido descartados. Podia ser qualquer coisa... Um cheiro, uma explosão de cor, um gosto na parte de trás da sua boca, ou uma combinação de várias sensações ao mesmo tempo.

Ela não sabia como... Ou porque... *Simplesmente acontecia.*

Mas o que ela sabia, o que ela tinha aprendido bem no início, era que uma vez que ela os colocasse no seu cemitério, eles não a chamariam mais. Ela ainda os sentia, mas era diferente. Ela era capaz de filtrá-los, até que eles se tornassem nada mais do que a consolação estática do ruído branco.

Jay também entendia a necessidade de guardar o segredo de Violet, embora nunca lhe tivesse dito. Ele parecia sentir, mesmo tão cedo, que ele tinha de guardar aquele segredo perto dele, como um tesouro que ele protegia, salvando ele somente para os dois. Ele sempre tinha feito Violet sentir-se segura e protegida... E até normal.

Então por que, tudo tinha se modificado tão repentinamente?

Agora mesmo, quando o carro dela chiava pela entrada de sua garagem, com o cascalho se triturando abaixo dos pneus, a sua frequência cardíaca disparou dentro do espaço repentinamente muito limitado do seu peito.

Isto é ridículo, ela ralhou consigo mesma. Ele é o seu melhor amigo!

Ela viu a porta da frente se abrir mesmo antes que ela reduzisse a velocidade a uma parada completa. Jay puxava o seu blusão de moletom encapuzado por cima da sua cabeça, arrastando a sua mochila no seu rastro. Ele gritou algo para dentro da casa, provavelmente dizendo a sua mãe que ele estava indo para a escola, e fechou a porta atrás dele.

Era a mesma coisa todo dia. Não havia nada diferente de ontem e o dia antes disto. Nada diferente de cada dia desde que eles se tinham conhecido.

Exceto que agora o seu estômago subiu na sua garganta quando ele sorriu o seu estúpido sorriso de lado para ela e deslizou para o carro.

Estúpida. Estúpida. Estúpida!

Ela sorriu de volta, desejando que seu pulso afoito diminuísse. “Pronto?”

“Não, mas nós temos escolha?” A voz dele, que tinha se tornado mais profunda no verão, ainda era tão familiar para ela, tão confortável, que ela imediatamente relaxou.

“Não se você não quiser um atraso.” Ela saiu da entrada da garagem, mal olhando no seu espelho retrovisor para olhar aonde ela ia. A garagem dele era quase tão familiar para ela como a dela própria.

Ela odiava estas sensações novas, desconhecidas, que pareceram atacá-la sempre que ele estivesse por perto, e às vezes mesmo quando ele estava só nos seus pensamentos. Ela sentia como se ela já não estivesse no controle do seu próprio corpo, e as suas reações traidoras eram só ligeiramente mais embaraçosas do que os seus pensamentos traiçoeiros.

Ela estava começando a sentir que ele era tóxico para ela.

Isto, ou ela estava seriamente enlouquecendo, porque esse era o único modo que ela podia possivelmente explicar as ridículas borboletas que sempre apareciam quando Jay estava perto dela. E o que realmente irritava Violet era que ele parecia estar completamente inconsciente destas novas, e completamente insanas, reações que ela tinha para ele. Obviamente, o que quer que fosse que ela tinha não era contagioso.

Exceto que era. Ela não era a única que parecia estar o notando. Ela quase temia o momento em que eles saíam da paz relativa do seu velho Honda barulhento para o abarrotado estacionamento da escola. Porque era aí que os verdadeiros jogos começavam.

Era o terceiro dia de escola, mas desde o primeiro dia, garotas tinham começado a esperar pela chegada deles de manhã.

Não, não por eles... Por ele.

O seu novo fã clube, pensou Violet azedamente. Garotas que tinham conhecido Jay desde o primeiro dia do seu primeiro ano. Garotas que nunca tinham dado a ele uma segunda olhada antes de agora. Garotas que pareciam notar as não tão sutis modificações que tinham se realizado durante os últimos dois meses e meio que eles tinham passado longe da escola.

Garotas como ela.

Pare! Ela silenciosamente gritou consigo mesma.

Ela deslizou um olhar de lado na direção dele, tentando compreender o que era que a fazia tão... Tão terrivelmente constrangida de repente.

Ele estava olhando diretamente para ela. Sorrindo. Um grande, estúpido, presumido sorriso, como se ele estivesse espiando os seus pensamentos embaraçosos demais.

“O que?” Ela tentou se defender, desejando que nunca tivesse olhado na direção dele quando sentiu suas bochechas queimando com a vergonha. “O que?” ela perguntou novamente quando ele somente riu dela.

“Você estava planejando matar aula hoje, ou devemos dar a volta?”

Ela levantou os olhos e percebeu que tinha acabado de passar da estrada que levava à escola. “Por que você não disse algo?” ela acusou enquanto fazia um rápido, e

provavelmente ilegal, retorno. As pontas das suas orelhas pareciam estar em queimando agora.

“Eu só queria ver para onde você estava indo.” Ele encolheu os ombros. “Eu não disse que não mataria aula. Você só tem que me perguntar primeiro.” A sua nova voz adulta pareceu encher todo o espaço do pequeno carro, e Violet achou até aquilo irritante.

“Cala a boca,” ela insistiu, embora ela não pudesse deixar de sorrir agora também. Ela não podia acreditar que tinha passado a entrada da sua própria escola. “Agora realmente vamos chegar atrasados.”

Até ela encontrar um lugar para estacionar no terreno estudantil, só haviam duas obstinadas “fãs de Jay” esperando por eles. Ou melhor, por ele, Violet se corrigiu novamente.

Ela não podia abster-se de se perguntar quantas outras já tinham abandonado o seu posto vigilante em favor de não visitar o escritório de assistência antes que a escola começasse hoje.

Violet decidiu não esperar por perto para observar o festival de flerte começar. Ela já estava quase correndo, com a sua mochila atirada por cima do seu ombro, quando ela disparou do seu carro. “Te vejo no segundo período!” ela gritou para Jay, conscientemente decidindo que isto era melhor de qualquer maneira. A última coisa que ela queria fazer agora mesmo era olhá-lo com as duas garotas, que praticamente o atacaram assim que ele saiu do carro.

Ela se arremessou pela porta para sua primeira classe justo quando o sino soou.

Consegui! Ela se parabenizou. *Três dias e nenhum atraso.*

Só faltavam cento e setenta e sete.

Quando o segundo período acabou, Violet já se convencia que seja o que fosse que ela pensava que estava sentindo, o que contaminou seu subconsciente imprudente, era somente um tipo de ilusão. Era tudo uma interpretação ilusória. Um truque da mente.

E então ele vagou e caiu na cadeira ao lado dela, o seu novo tamanho fazendo sua mesa parecer alguma coisa de uma casa de bonecas. Violet parcialmente esperou que a cadeira se dobrasse abaixo dele.

“Hey, Vi. Estou contente de ver que decidiu ficar na escola depois tudo.” Ele a socou no braço alegremente.

O coração dela deu uma cambalhota penosamente.

Violet suspirou. “Ha ha”, ela replicou sem um traço de humor.

A testa de Jay se enrugou, mas antes que ele pudesse perguntar a ela o que estava errado, ele alcançou seu bolso traseiro e arrancou um pedaço de papel. “Quase me esqueci. Dá uma olhada.” Ele segurou o papel para que ela pudesse pegá-lo dele.

Ela o abriu e tentou alisá-lo um pouco para que pudesse lê-lo. Ainda que resultasse que ela não precisava se incomodar; ela teria sido capaz de ler a caligrafia inconfundivelmente feminina se o papel estivesse pegando fogo.

Era um número de telefone. Para Jay. De Elisabeth Adams, simplesmente a menina mais popular na escola. Ela era a favorita no pátio para ser rainha na festa de ex-alunos este ano, e muito provavelmente a rainha do baile estudantil também. Ela era bronzeada, loira, bonita, e do último ano. Como se aquilo não fosse ruim o suficiente, ela também tinha o brilhante cabelo liso com o qual Violet só podia sonhar.

Isso era péssimo.

Violet tentou não parecer muito como um “cervo nos faróis” quando ela olhou de volta para ele. “Uau,” foi tudo que ela conseguiu pensar.

“Eu sei.” Jay pareceu tão surpreso quanto ela estava, mas ainda assim conseguiu parecer bem impressionado consigo mesmo. “Ela deve ter deslizado no meu armário enquanto eu estava no primeiro período.”

“Você vai ligar para ela?” Violet procurou não parecer rabugenta, mas ela certamente se *sentia* dessa forma. Ela só queria ser sua amiga novamente, *não* se preocupar se ele ligaria para esta garota ou não. Ela queria escutar os detalhes sangrentos e perguntar questões minuciosas que teriam eventualmente os feito mudar para algum assunto aleatório e rir das próprias estúpidas, piadas internas. Mas de alguma forma, ela simplesmente não podia.

Ela se sentiu abatida enquanto lhe devolvia o bilhete.

O sino, e logo o professor, interromperam antes que Jay pudesse responder sua não tão inocente pergunta. Jay pegou o bilhete e o colocou na sua pasta quando a aula de trigonometria começou.

Violet tentou se concentrar em senos e cossenos enquanto anotava tudo o que o professor escrevia no quadro branco na frente da sala de aula, mas ela não ouviu nada. Ela não conseguia parar de pensar em como ela ia acabar com essa... Essa coisa que ela tinha pelo seu melhor amigo no mundo inteiro.

E ela *tinha* que superar aquilo... Logo. Porque se não superasse, se ela não pudesse parar de se sentir tão viral em relação a ele, eventualmente aquilo infeccionaria sua amizade, e não haveria nada que ela pudesse fazer para parar. Ela sabia que não podia deixar isso acontecer.

Ele era Jay. Ele era a melhor pessoa que ela já tinha conhecido, e ela não podia imaginar perdê-lo. Ela se permitiu olhar em sua direção, fingindo que olhava para o relógio na parede acima da porta. Ele estava meticulosamente perdido na lição, tomando notas bem além da extensão do que estava escrito no quadro branco.

Ela estava agradecida que pelo menos um deles estava escutando, porque ela sabia que ele ia ter que explicar tudo para ela depois.

E ele iria, sem nunca saber que ele era a razão de ela não ter ouvido uma palavra da lição.

Violet evitou Jay durante o almoço—a primeira vez para ela—escolhendo em vez disso demorar em sua aula de inglês do terceiro período sob o pretexto de acabar alguma tarefa de casa—tarefa que não era esperada de fato até o começo da próxima semana. Ela conseguiu adiar a saída da sala de aula por quase vinte minutos.

Então ela serpenteou para o banheiro, não realmente a espécie de lugar que alguém queria para “passear,” por qualquer extensão da imaginação. Mas ela não se apressou, lavando as mãos, refazendo o seu rabo de cavalo, que realmente não melhorou na segunda vez, e logo lavando as mãos novamente.

Outras meninas – algumas que ela conhecia e algumas que não—entraram e saíram enquanto ela estava lá, se arrumando e fofocando enquanto estavam em frente aos espelhos.

Violet tomou o exemplo delas e até pôs o brilho labial, o que ela quase nunca fazia. Ela teve que procurar no fundo da sua mochila só para encontrar algum.

Quando Chelsea entrou, Violet estava na verdade aliviada por ver alguém com que ela pudesse falar, mesmo se fosse só durante alguns minutos.

“Onde você esteve?” Chelsea acusou no seu habitual tom brusco. “Jay tem te procurado em todo lugar.” Ela se empoleirou em frente ao espelho e começou o ritual familiar de se embonecar, começando no seu cabelo e fazendo seu caminho para baixo.

Como Jay, Chelsea tinha mudado no verão. Não tanto com relação ao desenvolvimento—ela já tinha o corpo de mulher—mas de alguma forma ela tinha descoberto a sua feminilidade da noite para o dia. Chelsea sempre tinha sido meio moleca e atlética. Mas era como se ela agora reconhecesse que havia mais à vida do que cravar uma bola de voleibol na quadra do seu oponente ou lançar uma manobra perfeita no softball de arremesso rápido. Ela parecia ter percebido finalmente que ela era bonita também.

E como cada outra garota na escola, Chelsea tinha o comprido cabelo liso que praticamente cintilava quando a luz do sol refletia na sua superfície perfeita. Ela tinha até destacado o seu cabelo castanho brilhante com finas listras loiras que a faziam parecer

como se ela tivesse passado o verão em uma praia na Califórnia em vez de em uma quadra de softball.

Perto de Jay, Chelsea era a amiga mais próxima de Violet. Ela era a amiga com quem não era esquisito ter festas do pijama... Diferente de Jay. E aquela com quem ela podia compartilhar as roupas... Diferente de Jay. E Violet sempre tinha gostado—e até tinha um pouco de ciúmes—da atitude “contar a verdade” de Chelsea, mesmo quando ela não necessariamente queria “ouvir a verdade”.

Agora ocorria de ser um daqueles momentos.

“Bem?” Chelsea perguntou quando Violet não lhe respondeu. “Juro que aquele garoto não consegue funcionar sem você, nem mesmo no almoço.”

Violet se retraiu, mas Chelsea não viu enquanto ela delicadamente esfregava o canto do olho com o seu dedinho, assegurando-se que seu delineador não tinha saído do lugar. Ele não tinha; ela parecia perfeita.

“Ele vai ficar bem.” Violet respondeu mais desanimadamente do que ela tinha planejado. “Estou certa de que alguém mais vai ficar contente de se sentar com ele.”

Chelsea levantou os olhos, terminado com seu próprio rosto, e encarou Violet. “Bem, não importa de verdade. Ele está esperando no corredor. Ele pediu que eu entrasse aqui e procurasse você.”

Violet somente encarou, e então ela riu. Chelsea poderia ser de fato a única garota na escola que não tinha notado que Jay tinha mudado, possivelmente porque ela estava muito enrolada na sua própria transformação para estar consciente a de alguém mais. Violet estava agradecida, pelo menos, por pequenos milagres.

Quando Violet não se moveu, Chelsea a pegou pelo braço e começou a rebocá-la em direção à porta. “Vamos, antes que ele morra de fome e defina.”

“Tudo bem, tudo bem,” Violet concordou quando elas saíam devagar do banheiro feminino para onde Jay estava no corredor, parecendo aliviado por vê-la sã e salva finalmente.

Violet não pode deixar de se sentir confortada ao ver a expressão em seu rosto. Talvez Chelsea tivesse razão no fim de tudo. Talvez Jay não pudesse sobreviver sem ela.

Pelo menos *aquela* sensação era mútua, porque ela não podia imaginar ficar sem ele também.

Com somente cinco minutos sobrando, Violet e o seu melhor amigo desde a primeira série só tinham tempo o bastante para atacar as máquinas de vender para batata frita e uma barra de chocolate, antes de correr à sua aula do quarto período.

Mas estava bem agora. De alguma forma, perceber que ele não tinha superado *ela* durante a sua metamorfose no verão a fez se sentir melhor. Ela se sentiu segura novamente, só de saber que ela era tão importante para ele quanto ele era para ela.

Tudo ia ficar bem.

PRESA

A chuva facilitou para ele viajar de um lugar a outro despercebido. Aqueles que se acomodavam dentro de seus próprios carros tinham as suas visões prejudicadas pela chuva, vidros enevoados, e limpadores de para-brisas. Aqueles do lado de fora estavam muito ocupados tentando ficar secos movendo-se rapidamente e mantendo suas cabeças baixas. A escuridão só ajudava a aumentar sua invisibilidade.

Infelizmente a chuva também guardava as pessoas em casa.

Naturalmente ele não foi nunca verdadeiramente invisível, não no carro que ele normalmente dirigia. Ele atraía atenção e olhares onde quer que fosse, até em uma escura, molhada noite como esta.

Mas esta noite era diferente. Esta noite ele se misturou. Ele tinha se tornado um deles.

Ele saiu do estacionamento lotado do Wal-Mart à procura de menores, mais escuras ruas laterais com menos tráfego e câmeras de segurança. Enquanto dirigia ele ouviu o golpe metódico dos limpadores de para-brisa quando eles rangiam para frente e para trás... Para frente e para trás... Para frente e para trás.

Duas garotas, provavelmente em sua adolescência prematura, corriam através das linhas pintadas da faixa de pedestres, de braços dados. Elas se inclinaram em direção da outra, e ele pode praticamente ouvi-las dando risadinhas por causa de algum segredo compartilhado. Ele não podia dizer se elas eram bonitas ou não, mas elas eram jovens. Ele observou seus quadris balançarem quando elas se apressaram para o outro lado da estrada, e ele gostou de ver o modo que eles se moviam.

Mas havia duas delas. Uma a mais do que ele precisava.

Ele silenciosamente as parabenizou em sua segura jornada. Garotas sortudas.

Ele saiu da estrada principal para uma rua lateral com casas mais velhas, de um andar, muitas das quais tinham sido convertidas em empresas quando a cidade cresceu e leis de divisão em zonas foram modificadas. O tráfego crescente tinha afugentado os proprietários de casa. Estava escuro e deserto há esta hora, que estava bem além da hora de um pequeno salão de beleza ou o escritório de um quiroprático ainda estarem abertos. Ele virou de novo e de novo. Enquanto ele dirigia para mais longe da rodovia, a principal da cidade, os caminhos ficaram cada vez mais estreitos, e cada vez menos atravessados. Os pequenos desenvolvimentos de vizinhança começaram a aparecer de ambos os lados dele, mas as entradas eram escuras e inativas.

Foi então que ele viu o carro. O pisca-alerta lampejando através da úmida escuridão da noite.

Ele desacelerou quando passou pelo carro, examinando o interior do veículo encalhado.

Ela estava sozinha. Jovem e bonita, e sozinha.

Isto era melhor do que ele poderia ter esperado.

Ele virou o volante bruscamente para a direita, estacionando seu carro diretamente na frente do dela. Ele colocou seu melhor sorriso de cara legal enquanto saía do carro para ver se podia ajudá-la.

Ele se aproximou do veículo, e pode ver a hesitação no rosto dela. Ela não tinha certeza se deveria confiar nele. Garota inteligente. Mas ele sabia que parecia inocente o suficiente, como alguém com quem ela poderia contar, e em fração de segundos seus instintos falharam com ela.

Ela abaixou a janela, não totalmente, mas o suficiente para ele poder falar com ela.

“Você está bem?” Ele perguntou, sua voz praticada soando como veludo macio. Se ele não estivesse se concentrando poderia ter rido da falsa sinceridade ressonando através dela.

Ela mordeu o lábio. “Eu não sei. Meu pneu está furado.”

Garota muito bonita, ele pensou de tão perto. Mas ele olhou para baixo tentando parecer interessado nos pneus. Os dois que ele podia ver pareciam bem.

“Outro lado,” ela disse quando viu ele olhando. Ela parecia envergonhada então, e o inocente rubor em seu rosto fez ela parecer mais atrativa. Ela enrugou o nariz. “Eu não sei como trocar um pneu.”

Ele olhou ao redor para ter certeza que ninguém estava vindo. A chuva estava correndo em pequenos riachos por seu pescoço e ensopando sua blusa, mas ele mal notou.

“Você ligou para alguém?” Essa era a grande questão. Aqui ele descobria se era ela ou não. “Seus pais estão a caminho?”

Ela nem viu a armadilha na qual estava entrando. Seus pais devem ter avisado a ela sobre estranhos, mas eles deviam ter preparado ela melhor.

Ela balançou a cabeça, o rosa nas bochechas a fazendo parecer tão pura. “Eu deixei meu celular em casa,” ela admitiu.

Ele pensou sobre isso por um momento, fazendo parecer que ele não estava certo sobre como agir, mesmo que as palavras dela já tivessem colocado seu plano em ação. Ele bateu na base da janela com os dedos como se pesasse suas opções antes de finalmente falar novamente. “Bem, eu não estou realmente equipado para trocar seu pneu, mas eu posso te dar uma carona para casa.”

Os instintos dela voltaram, e ele sabia pelo olhar que passou pelo amável rosto dela que ela não tinha certeza. Talvez os pais dela tivessem feito um trabalho melhor do que ele pensou.

Ele tentou retroceder, tirar o olhar de incerteza do rosto dela. “Meu celular está no carro. Tem alguém para quem você possa ligar?”

Ela mordeu o lábio novamente, mastigando nervosamente. “Yeah. Ok, claro,” ela disse, dando a ele o melhor sorriso você-estaria-me-fazendo-um-grande-favor. Era um sorriso que as garotas aprendiam bem cedo, um em qual ela era particularmente boa. “Se você tem certeza que não se importa.”

Ele olhou em volta de novo, para se certificar que ainda estavam sozinhos, mesmo que já soubesse que estavam.

Ele sabia como jogar esse jogo. Ele começou com esse jogo. Ele sorriu de volta para ela, tentando parecer protetor e paternal. “Claro que não.” E então disse as palavras que iriam ganhar ela de uma vez por todas. “Se minha esposa soubesse que eu te deixei aqui sem ajuda, ela arrancaria minha pele. Além disso, você só é alguns anos mais nova que nossa filha, e eu iria querer que alguém a ajudasse se ela estivesse encalhada.”

Isso foi tudo que precisou. Ela era dele.

Ele observou ela tirar o cinto, e sentiu uma onda de excitada eletricidade golpear ele. Ele não conseguia acreditar em sua sorte; ela estava quase facilitando demais; ela estava indo direto para ele.

Ele se afastou quando ela abriu a porta do carro. “Muito obrigada por fazer isso,” ela disse abrindo um guarda-chuva sobre a cabeça. Ela o segurou, oferecendo a ele abrigo debaixo do guarda-chuva enquanto ele a levava para o lado direito do carro. “Meus pais vão me matar por esquecer meu celular; eles estão sempre me importunando sobre a importância do planejamento.”

Ele olhou para ela, pensando sobre o quanto seus pais soavam inteligentes, e estava agradecido por ela não ter levado eles a sério. Mas de novo ele usou sua voz protetora. “Eles estão certos, sabe. Você nunca consegue ser muito cuidadosa.” Ele abriu a porta do lado do passageiro e se inclinou para dentro.

Ela estava surpresa quando ele voltou sem um celular, mas com outra coisa ao invés. Seus olhos se arregalaram em terror quando primeiro reconhecimento e depois pânico se manifestaram através de seu expressivo rosto.

Mas antes que ela podia até mesmo gritar, ele estava nela, jogando-a com força para dentro do carro e sussurrando na orelha dela enquanto colocava uma mão sobre sua boca. “Torne mais fácil a si mesma. Eu prometo não te machucar.” Ele precisava fazê-la entender isso... Era importante para ele que ela soubesse que ele não estava planejando machucá-la.

Ele viu o terror em seus olhos quando ela se curvou em uma bola protetora, tremendo e silenciosa enquanto a fita adesiva cinza mantinha sua boca fechada.

“Eu te prometo... Eu não vou te machucar...” Ele sussurrou as palavras de novo e de novo enquanto abria o porta-malas e gentilmente a colocava dentro dele.

Sua promessa feita, ele acariciou o cabelo dela afetuosamente com sua mão antes de fechar o porta-malas.

Ele assoviou para si mesmo enquanto colocava seu carro de volta na estrada.

Tinha sido uma boa noite.

CAPÍTULO 2

Depois dos poucos primeiros dias duros de escola, pelo menos no que dizia respeito aos seus sentimentos por Jay, Violet começou a se sentir melhor. Não que as borboletas tivessem desaparecido ou nada assim, mas assim como tantas outras coisas em sua vida, elas desbotaram no plano de fundo de suas atividades diárias, se tornando mais como ruído branco. E isso era algo com o que ela podia lidar.

As garotas não pararam de se reunir ao redor de Jay—era exatamente o contrário, na verdade—elas pareciam estar se multiplicando, seguindo ele em massa. E enquanto Violet não reclamava externamente, Jay estava começando, o que fazia Violet se sentir ainda mais segura de sua posição no topo... Por enquanto pelo menos.

Ele resmungou para Violet sobre sua repentina falta de privacidade na escola, protestando sobre a multidão de garotas que esperavam por eles no estacionamento, ou no seu armário durante as aulas, e até na cafeteria no almoço. Ele começou a notar as garotas individualmente, e cada uma delas tinha um hábito aborrecedor ou uma falha irritante na personalidade que dava nos nervos dele um pouco mais a cada dia que passava.

Nenhuma das garotas notava, ou ligava, que ele não dava o tempo do dia. Mas Violet não podia evitar o sentimento presunçosamente satisfeito, embora ela mantivesse sua boca fechada e suas opiniões—mesmo que ela concordasse com Jay—para si mesma.

Ela era grata que ele parecia nunca se cansar dela.

Externamente pelo menos, nada tinha mudado entre os dois. Eles dirigiam para a escola juntos de manhã, caminhavam para as aulas que compartilhavam, comiam juntos no almoço, e se separavam quando ela o deixava novamente em casa, só para conversar no telefone a noite. Era legal. E mesmo que Violet silenciosamente desejasse mais, era confortável.

E essa tarde de sexta não era diferente.

Violet deixou a sua mochila no soalho dentro da sua porta dianteira. Era a área que sua mãe se referia não-tão-carinhosamente como o “cemitério dos sapatos,” onde todos que chegavam deixavam casacos, sapatos, guarda-chuvas, e nesse caso, uma mochila.

Ela já sentia o cheiro do jantar, e ela sabia que sua mãe estava fazendo lasanha. Não por causa do aroma que ia em sua direção lentamente, mas invés disso porque, quando sua mãe cozinhava alguma coisa, era isso que ela fazia. E se não fosse do tipo caseiro qualquer, mas um dos pré-cozidos, era daquelas massas congeladas de mercado. Isso, e pão francês fresco da padaria, constituam a refeição que Violet tinha comido mais vezes do que ela poderia contar. Sua mãe não era exatamente o que você chamaria de diva doméstica.

“Vi? É você?” a mãe dela chamou da cozinha.

Violet tirou os sapatos e seguiu o cheiro.

“Oi,” Maggie Ambrose cumprimentou a filha quando ela entrou na arejada, cozinha estilo fazendeira. “Como foi seu dia?”

Violet pegou um refrigerante da geladeira e sentou a mesa. “Muito bom. Como foi o seu?”

Esse era todo o encorajamento que sua mãe precisava. “Eu estou quase terminando a pintura na qual estive trabalhando—você sabe, aquela com o rio? Eu mal posso esperar para te mostrar.” O que ela não tinha em habilidade culinária, ela mais do que compensava no seu entusiasmo pelo trabalho dela.

Violet olhou para o avental coberto de tinta de sua mãe e o arco-íris de cores incrustadas embaixo de suas curtas unhas, e sorriu. “Mãe, eu acho que você tem um pouco daquele rio em você.”

A mãe dela olhou para suas unhas e fez uma careta. “É, risco ocupacional, eu acho.” E então ela mudou de assunto. “Eu espero que você esteja com fome. Estou fazendo lasanha para o jantar.”

“Ótimo,” Violet respondeu com o máximo de entusiasmo que conseguiu reunir sob as circunstâncias. Era provavelmente a única refeição quente que ela teria toda a semana, então ela não se atreveu a reclamar, por medo de que sua mãe pudesse entrar em greve permanentemente.

“Oh, e não esqueça, você vai cuidar das filhas de tio Stephen hoje à noite.”

Violet fez uma careta, mas sua mãe a parou antes que ela pudesse argumentar.

“Você prometeu, lembra? Eles te pediram há mais de um mês atrás, e você disse que faria isso.”

Ela estava certa, e Violet sabia, mas isso não a impediu de lamentar um pouco. “É, bom, um mês atrás pareceu uma boa ideia. Agora, não tanto. Além disso, é fim de semana.”

Violet amava suas pequenas primas, mas elas não eram exatamente sua companhia ideal de sexta à noite.

Sua mãe levantou as sobrancelhas. “Oh, e você tinha grandes planos, Cinderela? Grande noite no baile?”

Violet riu do sarcasmo nas palavras de sua mãe. “Não. Mas até *nada* é melhor do que cuidar de crianças.” Ela suspirou, sabendo que não tinha forma de fugir daquilo. “Certo. Eu vou fazer um pouco do meu dever de casa antes de ir para lá.”

Violet foi para seu quarto e caiu pesadamente no monte de lençóis amarrotados empilhados em cima da cama dela. Ela pensou em estudar, mas ela tinha todo o final de semana, e nesse momento, com o edredom a alcançando, ela decidiu fechar seus olhos... Só por um minuto...

E então outro. Sua respiração ficou regular... Constante... E logo ela adormeceu...

Foi o cheiro que a sacudiu de volta à consciência. Não o cheiro familiar de mussarela derretendo e molho de tomate, mas algo azedo—desagradável—que dava a sensação de estar queimando o interior de seu nariz.

Ela abriu os olhos e olhou ao seu redor.

Ela franziu o nariz contra aquilo. O cheiro parecia estar bem em cima dela, mas ela não conseguia imaginar o que poderia ser. Ela estremeceu, prendendo a respiração enquanto se sentava alarmada.

“Mas que—?” Ela esquadrinhou o quarto, sem certeza do que estava procurando.

Mas lá estava. Bem na frente dela.

O gato tinha pulado em cima de sua cama enquanto ela estava cochilando, e o cheiro estava saindo dele em quase visíveis, ondas turbulentas, como o calor saindo da areia do deserto.

“Carl!” ela acusou o gato gordo ao mesmo tempo em que estava o tirando de sua cama e ele correndo em direção à porta de seu quarto.

Ela tentou não inspirar quando o apressava pelas escadas, enquanto ele lutava contra as mãos dela, tentando se sacudir até ficar livre antes que ela pudesse colocá-lo para fora. Era uma dança que eles tinham feito antes, e como de costume, Violet ganhou, batendo a porta na cara do pobre gato.

O cheiro não poderia realmente ser bloqueado pela barreira da porta, mas a distância criava algum alívio a partir dela, pelo menos o suficiente para que Violet fosse capaz de respirar novamente.

Não era culpa do gato, não realmente. Essa era a coisa sobre esses ecos incomuns que apenas Violet podia sentir: eles trabalhavam no sentido inverso também.

O eco, o que acontecesse para que aquela criatura particular, também iria recair sobre o responsável pela morte—para sempre marcando o assassino.

Carl tinha a ajudado a descobrir tudo isso quando ela era apenas uma garotinha. Foi quando ela percebeu a correlação entre os ratos mortos e os pássaros em pedaços que ele iria deixar em sua porta, cada um com uma cor distinta, ou perfume, ou um sentimento que só Violet conseguia distinguir, uma sensação que não tinha nada a ver com o animal em si.

E Carl levaria essa mesma impressão nele, como se ele tivesse de alguma forma sido *manchado* pela morte. A impressão sensorial era idêntica ao eco que era deixado no corpo, e até onde Violet podia dizer, não havia dois ecos iguais. Eles eram distintos. Únicos.

Ela também sabia que os animais que caçavam—como o seu gato—podiam muitas vezes levar várias dessas marcas sensoriais, estas *marcas de morte*, de uma vez, que só iriam enfraquecer com o tempo, mas nunca mais desaparecer.

Carl tinha sido um caçador ao longo da vida, e enquanto Violet sabia que era apenas parte de sua natureza, não podia deixar de ficar irritada quando as sensações que ele carregava com ele eram desagradáveis para ela.

Infelizmente, desta vez era especialmente censurável.

Ela vagou sem descanso em torno da casa por um tempo, tentando encontrar um lugar onde o odor pungente não poderia encontrá-la, mas parecia não haver nenhuma zona de segurança para ela... Pelo menos não totalmente. Então, ela decidiu que poderia ser uma boa noite para sair da casa depois de tudo, mesmo que fosse para cuidar dos filhos de sua tia e tio.

Ela rapidamente recolheu suas coisas, inclusive sua mochila cheia de lição de casa, disse a sua mãe que ela pegaria algo para comer na casa de seu tio, e quase correu para a segurança relativa de seu carro.

Seu tio Stephen, irmão de seu pai, era o caçula de quatro filhos e era, pelo menos, oito anos mais jovem do que os pais de Violet. Ele também era o chefe de polícia de sua cidadezinha e era o oposto de seu pai. Ou seja, ele era engraçado, pelo menos quando ele estava de folga. Quando ele estava trabalhando, ele não era rígido e sério... Exatamente como seu pai.

Sua esposa, a tia de Violet, Kat, estava em seus trinta e poucos, mas ela era uma dessas mulheres que tinham um caráter juvenil sobre ela que fazia ser difícil dizer a idade dela só de olhar.

“Como eu estou?” ela perguntou para Violet.

“Por que você está perguntando para *ela*?” Stephen Ambrose reclamou quando sua esposa ignorou que ele estava parado bem ao lado de sua sobrinha.

Kat revirou os olhos para ele como se ele fosse uma criança obtusa. “Porque tudo com o que você se importa é se eu terminei de me trocar ou não. Você diria que eu estou bem em uma camisola de flanela se isso significasse que nós poderíamos ir.”

Ele sorriu para ela. “Você *fica* bonita em uma camisola de flanela.”

Kat lançou um olhar apoloético para Violet. “Vê com o que eu tenho que viver?”

“Eu acho que você está ótima,” Violet disse para sua tia e ela falava sério. Então ela adicionou, “Mas tire esse colar, é um pouco demais.”

Sua tia acenou, como se estivesse pensando a mesma coisa, e puxou a longa corrente por cima da cabeça. “Viu? É por *isso* que eu perguntei a ela.”

“Bom Deus, mulher, nós só vamos ao cinema,” ele a provocou.

“Não, não, não. *Jantar* e cinema. Essa é uma noite de namoro, meu amigo, e não se esqueça disso.” Ela o cutucou no peito enquanto falava. “Além disso, eu não saio o suficiente. Eu quero ficar bonita.”

Tio Stephen serpentou seu braço ao redor da cintura de sua esposa e a puxou contra ela. “Você *está* bonita. Tem certeza que temos que sair?”

Sua tia balançou a cabeça e o ignorou, dando a Violet instruções de última hora para lavar a louça depois do jantar, colocar as crianças na cama, e informação de contato de emergência, tudo o que Violet já sabia.

“Kathryn Ambrose...” o tio dela anunciou, tentando ganhar sua atenção. “Vamos. Ela vai ficar bem.”

Eles saíram em um alvoroço de beijos de tchau e “sejam bonzinhos”, visando tanto as crianças quanto a sobrinha deles. Quando a porta estava finalmente fechada, Violet foi pra onde seus sobrinhos estavam sentados e começou a limpar a bagunça do jantar.

Joshua não fez muita bagunça, seu prato estava limpo, e tinha dificilmente alguma migalha para limpar do seu lugar na mesa. Como o pai de Violet, ele era limpo e metódico.

Era a cadeira de refeição da pequena Cassidy que parecia como se uma bomba tivesse explodido. A menina de dois anos tinha ketchup nas mãos e no rosto e até no cabelo, e levou quinze minutos para Violet limpá-la.

Pelo menos a hora de ir para a cama foi relativamente fácil.

Cassidy estava exausta, e dormiu nos braços de Violet enquanto ela embalava a criança.

Uma vez que estava tudo acabado, Violet caiu pesadamente no sofá, grata por um momento de paz. Até que a campainha tocou.

Ela estava dividida entre querer ser cuidadosa sobre quem estava do outro lado da porta e não querer que o barulho da campainha acordasse as crianças dormindo... Especialmente uma irritada criança de dois anos.

“Quem é?” ela perguntou em um sussurro alto do lado de dentro.

"É o Jay!" ela o ouviu responder calmamente.

Ela sorriu e abriu a porta.

A vista dele parado ali fez o pulso dela acelerar. "O que você está fazendo aqui?"

Ele deu de ombros, entrando sem esperar para ser convidado. Violet sabia que sua tia e tio não iriam se importar; ela e Jay eram um tipo de pacote por tanto tempo quanto ela conseguia lembrar. Todo mundo estava acostumado aos dois dele estando juntos.

"Sua mãe me disse onde você estava, então eu achei que devia vir e passar um tempo contigo." Ele se fez em casa, sentando no sofá onde ela tinha acabado de estar. "Você não se importa, certo?" ele perguntou, mesmo que já soubesse a resposta.

Ela não se incomodou em responder, só sentou. Ela estava com frio, então se inclinou contra o lado do sofá e colocou seus pés embaixo das pernas dele, deixando o calor do corpo dele as aquecer. Ele passou os canais até que eles acharam um filme que os dois concordaram, mesmo que já tivesse passado mais da metade.

Era assim que as coisas eram com eles — a naturalidade que eles tinham.

Ela fez uma tigela de pipoca de micro-ondas, e eles assistiram o resto do filme enquanto brincavam, e enquanto Violet tentava esquecer o quão perto ele estava sentando... E quão quente ele estava ao lado dela... E quão bem ele cheirava.

Mesmo antes de os créditos começarem a passar eles estavam falando sobre outras coisas, o filme esquecido. Eles discutiram seus novos professores, e o que tinham ouvido sobre eles dos outros estudantes que tinham ido antes deles. E fofocaram sobre rumores rodeando a escola, como quem estava saindo com quem, e quem tinha terminado durante o verão.

Violet estava propositalmente evitando discussões sobre todas as garotas que tinham de repente notado Jay, mas ele parecia não ter a mesma aversão ao tópico, e eventualmente perguntou, "Então, o que você achou daquele bilhete de Elisabeth Adams?"

Lissie Adams era a última pessoa sobre quem Violet queria falar agora, mas ela não podia simplesmente ignorar seu comentário. Dessa vez o professor não estava lá para interrompê-lo.

"Estranho, huh?" E então a pergunta que Violet quase tinha medo de perguntar saiu por entre seus lábios abominavelmente soltos. "Então, você vai ligar para ela?"

Ela tentou não se importar com a resposta, e então se concentrou em manter um olhar indiferente em seu rosto.

"Nah. Eu não estou muito interessado."

Violet estava chocada e um pouco receosa que a boca dela pudesse estar aberta. “Por quê? Por que você não iria querer sair com *Lissie Adams*?” Ela estava admirada que soasse como se ela estivesse tentando fazê-lo ligar para a popular aluna do último ano, mas ela não parecia ser capaz de se parar. Ela não conseguia entender por que qualquer garoto não iria querer sair com Lissie.

Ele simplesmente deu de ombros. “Eu só não quero.” E então ele fez a pergunta de que Violet mais tinha medo. “Porque você se importa se eu vou ligar para ela?”

“Eu não me importo,” ela mentiu. “Só estou surpresa. Achei que você já tinha ligado para ela.”

“Ei, você ouviu sobre Brad Miller?” ele perguntou, já esquecendo a conversa sobre Lissie. “Ele teve seu carro apreendido por ganhar outra multa por excesso de velocidade. É claro que ele tentou dizer para os pais dele que era uma armadilha.”

Violet riu. “É, porque a polícia não tem nada melhor para fazer que planejar uma operação para enganar idiotas do segundo ano.” Ela estava mais do que disposta a concordar com esse desvio da conversa sobre Jay e suas muitas admiradoras.

Jay riu também, balançando a cabeça. “Você é tão insensível,” ele disse para Violet, a empurrando um pouco, mas entrando no jogo dela. “Como ele poderia passear atrás de inocentes novatas e alunas do segundo ano sem um carro? Que garota disposta vai montar no guidão da bicicleta dele?”

“Eu não te vejo dirigir nada a não ser o carro da sua mãe ainda. Pelo menos ele *tem* uma bicicleta,” ela disse virando para ele agora.

Ele a empurrou de novo. “Ei!” ele tentou se defender. “Eu ainda estou economizando! Nem todos nós nascemos em um berço de ouro.”

Os dois estavam rindo muito agora. A piada do berço de ouro tinha sido usada antes, sempre que um deles tinha algo que o outro não tinha.

“*Certo!*” Violet protestou. “Você já *viu* meu carro?” Dessa vez ela o empurrou, e uma guerra de tamanho natural irrompeu no sofá.

“Pobre garotinha rica!” Jay acusou, segurando o braço dela e a puxando para baixo.

Ela riu e tentou dar a ele o temido “tostão” atingindo ele com o nó dos dedos na coxa. Mas ele era muito forte, e o que era uma justa partida agora era mais como uma aniquilação da lateral de Violet.

“Aham, tá. Não foi você” —ela ofegou, ainda rindo e movendo-se agitadamente para se livrar do seu aperto de repete forte demais nela, exatamente quando sua mão estava quase no ponto sensível em sua caixa torácica — “que conseguiu ir para o Havaí...” Ela pulou embaixo dele, tentando derrubá-lo de cima dela. “...No recesso de primavera...”

No último...” E então ele começou a fazer cócegas em Violet enquanto ela estava presa embaixo dele, e sua última palavra saiu em um grito: “...ANO?!”

Foi assim que a tia e tio dela os encontraram.

Violet não ouviu a chave na fechadura, ou o som da porta abrindo. E Jay estava tão alheio à chegada deles quanto ela estava. Então quando eles foram pegos daquela forma, um monte de braços e pernas enroscados, com o rosto de Jay a centímetros do dela, enquanto ela ria e se torcia contra ele, deveria ter significado que eles iam estar com problemas. E se fosse qualquer outro garoto e garota adolescente, eles iriam.

Mas não era outro casal. Era Violet e Jay... E isso era normal para eles dois.

Até seus tios sabiam que não havia possibilidade de eles fazerem algo que não deviam. A única repreensão que receberam foi a tia dela os silenciando para que não acordassem as crianças.

Depois que Jay foi embora, Violet pegou os trinta dólares que seu tio deu para ela e saiu.

Enquanto dirigia para casa, ela tentou ignorar o sentimento de frustração que ela tinha sobre a forma que seus tios reagiram — ou melhor, *não* reagiram — ao encontrar ela e Jay juntos no sofá. Por alguma razão fez ela se sentir pior saber que até os adultos ao redor deles não achavam que havia uma chance de eles serem um casal de verdade.

Desalentada, esperou que pelo menos seu gato não estivesse por perto quando ela chegasse em casa.

CAPÍTULO 3

O sono foi difícil de agarrar naquela noite, esquivo e evasivo, escapando dela a cada vez. Ela estava inquieta, e seus sonos eram segmentados e inquietantes.

Envolta na parte mais escura da noite, tudo de repente parecia errado para Violet. Ela não conseguia dizer o que exatamente estava a incomodando, mas estava lá de qualquer forma, aquela angústia sem nome, aproximando-se dela e a fazendo se sentir desamparada... Impotente.

Ela sabia que o novo e melhorado Jay era parcialmente responsável por esses sentimentos importunos. Mas não era aquilo realmente... Ou pelo menos, era apenas parte do que estava perturbando ela.

Violet não tinha certeza o que exatamente era o resto. Ela acordou duas vezes para procurar Carl, assumindo que ele era a razão de seu desconforto noturno. Ela pensou que talvez ele estivesse muito próximo dela, cedo demais depois de sua matança. Mas, quando ela o procurou, ele não estava lá.

Finalmente, pouco depois de seis da manhã, enquanto o sol estava nascendo através da escuridão em uma tentativa de conquistar o céu, Violet decidiu desistir. Só havia uma coisa que ela podia fazer quando estava se sentindo dessa forma, só uma maneira de clarear seus pensamentos embolados.

Ela vestiu rapidamente e quietamente um short e uma camiseta. Apesar do fato de o dia de setembro promettesse ser quente, ainda era cedo e havia uma fria umidade no ar, então, como um pensamento tardio, ela também puxou um blusão de moletom pela cabeça.

Ela saiu da casa na ponta dos pés, passando por Carl na cozinha e notando que o fedor saindo dele já estava começando a desaparecer.

Quando ela saiu, tomou fôlego do ar orvalhado enquanto colocava os fones do iPod nos ouvidos.

E então pulou da varanda e começou a correr... Devagar no começo, um uniforme, passo regular. Ela estava intensamente consciente do gentil ritmo de seus pés e se concentrou no ritmo, o deixando clarear sua mente enquanto sincronizava sua respiração em uniforme regularidade com seus passos.

Quando ela alcançou o fim da estrada, ela virou repentinamente para a esquerda, deixando o asfalto em preferência de uma trilha de cascalho que aparecia entre o grupo de cedros altos e pinheiros. Ela podia sentir o esmigalhar de galhos embaixo de seus tênis vibrando pelos seus músculos da perna.

Quando entrou na clareira, no topo do pasto que se estendia na frente dela, a vista da montanha contra o cenário pintado do amanhecer inspirou nela um profundo fôlego apreciativo.

Violet tinha nascido e crescido em Buckley, uma cidade no meio do nada que ficava em uma extensão da estrada que juntava as metades do oeste ao leste do estado. Buckley descansava na sombra da Montanha Rainier, no sopé de Cascades. Ela tinha visto o majestoso pico branco subindo acima da cordilheira Cascade mais vezes do que podia contar, e ainda assim ela não se cansava da vista magnífica. A maior montanha fazia as menores que a cercavam parecerem anãs, fazendo parecer como se estivesse flutuando acima deles. Era como um farol, mesmo contra o céu mais brilhante.

O que o tornava ainda mais extravagante, algo a não ser dado como certo, era que a montanha não aparecia todo dia. É claro, Violet sabia que ela estava *lá*, mas em uma área onde o sol se encontrava escondido por nuvens constantemente, era ainda mais raro ver a Montanha Rainier em sua totalidade, desobstruída pela nevoa ou nuvens altas que geralmente pairavam acima da montanha de cima para baixo... Ou totalmente eliminada pelas densas, nuvens escuras que bloqueavam até a mais persistente luz que tentasse penetrá-las.

Ela correu na sombra da montanha por tanto tempo quanto pôde, até que a trilha que seguia fez uma volta para a esquerda, dando a volta ao redor do rico, verdejante pasto que beirava o caminho de cascalho.

Ela estava surpresa que algo tão pequeno quanto ver a montanha ao amanhecer pudesse fazê-la se sentir tão melhor. Mas fez. O sentimento de presságio que tinha pairado sobre ela estava melhorando, ela se sentia mais clara, mais calma.

Ela se estabeleceu em um ritmo confortável, permitindo que seus pensamentos vagassem, perdida em sua música e na regularidade dos movimentos de seu corpo. Ela gostava do sentimento de controle que tinha quando corria, que ela estava no comando de seu corpo, encarregada do movimento perfeitamente cronometrado de cada músculo. Ela se sentia forte quando olhava para seus passos largos, e se sentia poderosa em pelo menos esse elemento de sua vida.

Violet passou por vários ecos fracos de morte enquanto corria. Ela tinha se acostumado a esses, os que não a compeliavam—não a *atraíam*—e ela era capaz de ignorar eles facilmente. Ela não sabia por que esses cadáveres esquecidos não a chamavam da mesma forma que os outros, ela só sabia que não chamavam.

Não da maneira que a garota na floresta tinha quando Violet tinha oito anos.

Emilee Marquez só tinha quatorze anos quando foi raptada no caminho para casa da escola. Ela foi assassinada antes de ser enterrada na suave terra onde Violet a tinha encontrado. A atração para achar Emilee tinha sido quase esmagadora, algo além do controle de Violet.

Mas por quê?

Talvez fosse porque não tinha passado muito tempo, ou talvez fosse por causa da violência da morte da garota. Ou pior, Violet pensou, talvez fosse porque ela estava tão alerta do que estava acontecendo quando morreu. Talvez ela entendesse demais, e essa memória estava para sempre queimada em seu corpo na forma de um eco.

O assassino da garota nunca foi encontrado, mas Violet nunca esqueceria o som — a voz perturbadora — que a tinha chamado para o corpo. Algumas vezes ela tinha pesadelos que ela iria esbarrar nele, o homem responsável, no supermercado ou no shopping, carregando a impressão da morte de Emillee nele como uma sombra indescritível da qual ele nunca poderia escapar.

Violet repeliu o pensamento perturbador.

Ela só reduziu a velocidade uma vez, quando o pesado blusão ficou quente demais para ela vesti-lo por mais tempo, e o puxou pela cabeça, o amarrando apertado ao redor da cintura com as mangas. Mas ela alcançou seus passos largos de novo facilmente e voltou para seu ritmo.

Quando ela correu uma volta inteira, alcançando a casa dela, sua camiseta saturada em suor, e ela se sentiu relaxado da cabeça aos pés.

Foi o carro na entrada, e o homem-garoto empoleirado no capô esperando por ela, que a fez perder um pouco de sua tranquilidade recém-encontrada.

Ele estava sorrindo para ela de uma forma que fez suas pernas fossem feitas de nada mais sólido que gelatina. Elas podem até ter tremido de algo mais do que sua corrida matinal.

“O que você está fazendo aqui?” ela perguntou enquanto reduzia de uma corrida para uma caminhada e colocava as mãos nos quadris. Levaria alguns minutos para a respiração dela voltar ao normal. Mais tempo se ele continuasse sorrindo para ela daquela forma.

Ele deu de ombros. “Eu não consegui dormir. E você?”

Ela optou pelo óbvio e encheu sua voz com tanto sarcasmo quanto conseguiu. “Eu moro aqui, na verdade.”

“Ha ha, espertinha. Eu estava perguntando se talvez você não conseguiu dormir também.” Ele balançou a cabeça para o gracejo dela. “Sabe, já que você estava correndo às seis e meia da manhã? Eu ia ver se você queria ir dar uma volta ou algo assim.” Ele a olhou de cima para baixo, parecendo um pouco desapontado quando desceu do capô do carro. “Mas parece que você já foi sem mim. Tudo bem, foi um tiro no escuro de qualquer forma.”

Violet não gostava da forma que ela de repente estava tão ansiosa para estar perto dele. Mesmo que eles tivessem sido quase inseparáveis nos últimos dez anos, agora parecia urgente mantê-lo perto.

“Tudo bem, vamos.”

“Tem certeza?” Ele parecia cético. “Eu não quero te persuadir.”

“Não, de verdade, eu não estou pronta para entrar e começar meu dever de casa de qualquer forma.” Ela já estava guiando o caminho para as árvores que rodeavam a casa dela, e ele estava seguindo exatamente atrás.

Eles andaram por um longo tempo daquela forma, com ele a seguindo de perto, não dizendo uma palavra para o outro. Era normal para Violet tomar controle uma vez que eles entravam na cobertura de árvores, ela tinha feito aquilo desde que eles eram só criancinhas. E mesmo que Jay fosse tão familiarizado quanto ela depois de todos esses anos, ele a deixou guiar de qualquer forma, confortavelmente tomando o segundo lugar.

Já estava ficando quente. A previsão do tempo previu tardias temperaturas de verão nos trinta e poucos. Violet amava essa época do ano, gostando do sol prolongado antes que ele fosse submergido pela escuridão invernal. O verão geralmente chegava tarde em sua parte do mundo, usualmente esperando até julho estar em andamento antes de fazer uma aparição regular, então as persistentes temperaturas de verão eram bem vindas por tanto tempo quanto quisessem ficar.

“Então, você vai para o lago hoje?” Jay perguntou, finalmente andando ao lado de Violet quando o ritmo deles diminuiu. Eles não iam para nenhum lugar em particular quando caminhavam desse jeito, explorando lugares onde já tinham estado mais vezes do que poderiam contar, dentro e fora das trilhas conhecidas.

Violet deu de ombros. “Você vai?”

Ela já sabia a resposta, os dois sabiam. Hoje era a grande festa de fim de verão no Lago Tapps. Meio que uma última ocasião agradável antes de o sol desaparecer pelo ano. Quase todo mundo que eles conheciam estaria lá.

Jay deu de ombros também. “Eu estava pensando sobre isso.”

Ela sorriu secretamente à possibilidade de passar um dos poucos dias ociosos restantes de verão com ele no lago. “É?” ela perguntou, não precisando que ele a chamasse para ir. “Talvez eu vá também.”

Ele sorriu, praticamente radiando para ela, e um calor não familiar que não tinha nada a ver com o clima deslizou por ela. “Legal. Você pode dirigir,” ele sugeriu.

Ela balançou a cabeça. Se tivesse sido outra pessoa, ela provavelmente se sentiria como se estivesse sendo usada, mas ao invés ela amava a sensação estimulante de ter algo

que ele não tinha, especialmente considerando o fato que ele de repente parecia ter *tudo* que ela queria. “Bom, então você pode me comprar gasolina,” ela adicionou, levantando as sobrancelhas e o desafiando a dizer não.

Mas o acidente aconteceu antes de Jay ter uma chance de responder.

E era tudo culpa dele. Pelo menos foi assim que Violet iria lembrar quando o repassasse em sua cabeça. Se Jay não estivesse sorrindo para Violet daquele jeito quando ela olhou para ele, ela nunca teria perdido a concentração... Ou seu passo.

Mas ele estava... E ela perdeu. E quando o pé dela falhou em remover a grossa raiz retorcida que cruzou o caminho na frente dela, Violet se sentiu perder o equilíbrio. Ela continuou se movendo para frente mesmo quando seus pés estavam parados, e antes que ela soubesse o que estava acontecendo ela estava mergulhando em direção ao chão.

Jay tentou agarrar ela, mas aconteceu muito rápido.

As mãos dela atingiram o chão primeiro, arranhando contra a sujeira compactada, seguida só milésimos de segundos depois pela sensação das pedras irregulares na trilha rasgando a carne macia dos joelhos dela.

Quando ela parou de deslizar, não tinha certeza se estava mais machucada fisicamente ou emocionalmente.

“Vi? Você está bem?” Jay perguntou, bem ao lado dela agora, puxando-a do chão.

Lágrimas queimavam os olhos dela, e não era só da dolorosa ferida em suas mãos e joelhos. Humilhação ameaçava superar a dor.

Jay a puxou para cima. Ela podia sentir seu aroma almiscarado no blusão dele, e tentou segurar a respiração contra ele. Isso era ruim... Esse era um lugar *ruim* para ela estar.

“Você está machucada?” Ele a puxou para longe só o suficiente para poder olhar para ela.

Violet mordeu o lábio, tentando afastar as lágrimas. Ela piscou e olhou de volta para ele. “Estou bem,” ela respondeu, mas sua voz quebrou, fazendo as palavras soarem fracas, patéticas até.

Ele se encolheu quando ajoelhou e olhou para os vermelhos arranhões raivosos em ambos os joelhos dela. Ele estendeu a mão para levemente limpar um pouco da sujeira deles, mas ela sabia que ele estava com medo de machucá-la, então ele mal os tocou. “É melhor nós voltarmos para limpar isso.” Ele se endireitou, e então a surpreendeu ao pegar ela e começar a carregá-la ao longo da trilha.

Ela lutou contra ele. “*Eu posso andar!*” ela protestou, se sentindo ainda mais como um bebê quando ele a segurou nos braços dele.

Ele olhou para ela em descrença. “Tem certeza? Porque eu acho que acabei de ver você tentar, e não funcionou tão bem para você.” Ele não parecia inclinado a colocá-la no chão ainda, ele só continuou andando.

Ela riu, mas insistiu contra suas risadas lacrimosas, “Sério, me coloque no chão! Eu já estou me sentindo estúpida o suficiente—não preciso de você me tratando como uma inválida.”

Ele diminuiu inseguro antes de colocar Violet em seus próprios pés. Internamente ela se xingou por ser tão teimosa, e desejou que ele tivesse resistido mais. Porque ele não podia ter insistido em carregá-la todo o caminho para casa?

Ao invés ele estendeu a mão e pegou a dela. “Se estiver tudo bem para você, eu acho que vou manter você perto de qualquer forma. Eu não quero ser responsável por te deixar cair de novo.”

Ela não discutiu.

A caminhada para casa foi muito rápida para Violet. Jay tinha guiado ela através das árvores e para dentro da clareira atrás da casa dela quase instantaneamente.

Os pais de Violet já tinham saído antes que ela e Jay voltassem para a casa dela. O pai dela estava trabalhando, como fazia quase todo sábado, mesmo quando não era época de imposto, e a sua mãe tinha alugado uma barraca no mercado do agricultor para exibir algumas de suas pinturas.

Jay insistiu em carregá-la pelos degraus e para dentro da cozinha, e dessa vez Violet não reclamou quando ele a levantou. Ele a colocou gentilmente no balcão da cozinha, e então revistou o armário enquanto Violet dizia a ele onde estavam os Band-Aids. Ele voltou com bandagens, gaze, bolas de algodão, loção antibacteriana, e dois tubos de pomada. Parecia exagero para Violet, mas ela não disse nada. Ela queria ver o que ele tinha planejado fazer.

“Ok, isso provavelmente vai doer,” ele avisou quando se inclinou e começou a limpar as feridas.

Doeu, mais do que Violet deixou transparecer, e ela teve que morder os lábios quando as lágrimas voltaram de novo. Mas ela o deixou trabalhar sem nem recuar, o que não era pouca coisa enquanto ele tirava as camadas de sujeira da pele dela.

As feridas eram grandes, e redondas, e inflamadas. Ela pensou que parecia uma criança com arranhões gigantes nos joelhos, e imaginou que eles iriam formar uma crosta e possivelmente até deixar cicatrizes. Ela se sentiu tão idiota por cair em seus próprios pés desajeitados.

Mas Jay foi gentil, e não teve pressa, sendo cuidadoso para não machucá-la. Ela admirou a paciência dele e tomou um prazer perverso em seu toque. Ele não olhou para

cima para ver como ela estava, só continuou trabalhando até que estivesse satisfeito que seus arranhões estavam limpos. E então ele pegou a loção antibacteriana e algumas bolas de algodão.

Violet sugou ar quando ele roçou as bolas de algodão ensopadas contra as raivasas escoriações vermelhas. Jay olhou para ela, mas não parou de mergulhar eles. Ao invés disso ele soprou nos joelhos dela enquanto trabalhava neles, assim como a mãe dela fazia quando Violet era uma menininha. Ela pensou que era fofo, e jurou que estava ainda mais atraída por ele do que nunca naquele delicado momento.

Quando ele terminou com a loção, ele cuidadosamente passou pomada antibiótica nos joelhos dela antes de cobrir eles com bandagens.

“Pronto,” ele disse, admirando seu trabalho manual. “Bom como novo.”

Violet deu uma espiada nos Band-Aids ridiculamente grandes em seus joelhos e olhou para ele duvidosamente. “Você realmente acha isso? ‘Bom como novo’?”

Ele sorriu. “Eu acho que fiz muito bem. Não é minha culpa que você não pode andar.”

Ela estreitou os olhos para ele. Ela queria dizer a ele que *era* culpa dele, que ela nunca teria tropeçado se ele só tivesse ficado o mesmo velho Jay que sempre tinha sido, desengonçado e infantil. Mas ela sabia que estava sendo irracional. Ele iria certamente crescer eventualmente, ela só nunca imaginou que ele iria crescer tão bem. Ao invés disso ela o acusou: “Bem, talvez se você não tivesse me *empurrado* eu não teria caído.” Ela fez a acusação bizarra com uma face completamente séria.

Ele balançou a cabeça. “Você nunca será capaz de provar. Não havia testemunhas — é só sua palavra contra a minha.”

Ela só riu e desceu. “É, bem, quem vai acreditar em você ao invés de em mim? Não foi você que roubou uma barra de doce da Safeway?” Ela andou sem firmeza para a pia enquanto o provocava com suas palavras, e lavou a sujeira dos arranhões menores nas mãos dela.

“Tanto faz! Eu tinha sete anos. E eu acredito que foi *você* que me deu ele e disse para esconder na minha manga. Tecnicamente isso faz de você o *cérebro* dessa pequena operação, não faz?” Ele se aproximou dela por trás, e se estirando ao redor dela, ele derramou um pouco da loção antibacteriana nas mãos dela.

Ela foi pega completamente fora de guarda pelo gesto íntimo. Ela congelou quando sentiu o peito dele se pressionar contra as costas dela até que aquilo fosse tudo em que ela conseguia pensar naquele momento e ela temporariamente esqueceu-se de como falar. Ela observou quando os arranhões vermelhos crepitaram com bolhas brancas do desinfetante.

Ele se inclinou sobre o ombro dela, colocando a garrafa na pia e puxando as mãos dela na direção dele. Ele soprou nelas também. Violet nem notou a dor dessa vez.

E então tinha acabado. Ele soltou as mãos dela, e enquanto ela ficava lá, entorpecida, ele passou para ela uma toalha limpa para secá-las.

Quando ela virou para encarar ele, percebeu que ela tinha sido a única afetada por aquele momento, que o toque dele tinha sido completamente inocente.

Ele estava olhando para ela como se esperasse que ela dissesse alguma coisa, e ela estava de repente consciente de que sua boca ainda estava aberta. Ela finalmente se concentrou o suficiente para falar de novo. “É, bem, talvez se você não tivesse feito aquilo bem na frente do caixa, nós pudéssemos ter saído impunes. Ao invés, você fez nós dois sermos castigados por roubar.”

Ele não perdeu o ritmo, e parecia inconsciente do lapso temporário dela. “E alguns podem dizer que nosso castigo nos salvou de uma vida de crime.”

Ela pendurou a toalha na alça da porta do forno. “Talvez tenha *me* salvado, mas o júri ainda está em você. Eu sempre achei que você fosse meio que uma semente ruim.”

Ele me deu um olhar questionador. “Sério, uma ‘semente ruim’, Vi? Quando você fez noventa anos e começou a dizer coisas como ‘semente ruim’?”

Ela o empurrou quando passou por ele, mesmo que ele não estivesse realmente no caminho dela. Ele só deu um empurrão brincalhão nela por trás e a provocou, “Não me faça te dar uma rasteira de novo.”

Agora mais do que nunca, Violet esperava que essa paixão dela passasse logo, então ela poderia voltar para o negócio de ser *só amigos*. Caso contrário, esse iria ser um longo—e doloroso—ano.

CAPÍTULO 4

A casa do lago estava lotada de adolescentes, e eles pareciam estar indo e vindo em ondas. O gramado que levava para a água estava cheio de toalhas e lençóis, garrafas de água e latas de soda, sacos de batatas fritas, e crianças de todas as formas e tamanhos se aquecendo no calor do aquecimento de verão enquanto eles absorviam o último sol da temporada.

A casa pertencia à avó de Gabrielle Myers, uma amiga deles da escola. Violet nem reconheceu todo mundo que estavam lá aquele dia, e ela duvidava que todos conhecessem Gabrielle ou a avó dela, mas ao invés estavam ali com amigos, ou amigos de amigos, que os tinha convidado para ir.

Violet tinha cuidadosamente escolhido algum short longo e folgado para vestir por cima de seu traje de banho, na esperança de manter seus machucados pelo menos parcialmente escondidos. Mas não demorou muito para que um... E então dois... E então pelo menos vinte de seus amigos terem notado as bandagens aparecendo de baixo do tecido farfalhante, e ela foi forçada a recontar o acidente de manhã.

Jay amou ouvi-la contar a história, e cada vez que ele ouvia ela falando sobre aquilo, ele iria se aproximar para poder interromper, e é claro enfeitar, seu papel nos eventos. Na versão dele, ele era o defensor dela, praticamente a carregando da floresta e desempenhando feitos médicos quase milagrosos para salvar as pernas dela de amputação completa. Violet, e irritantemente todas as outras garotas no alcance da audição, não podiam deixar de dar risadinhas enquanto ele zombeteiramente cantava seu próprio enaltecimento.

Violet por acaso passou bem em tempo de ouvir Jay recontar sua versão mais uma vez para um grupo de admiradoras ávidas.

“Herói? Eu não diria *herói*...” ele gracejou.

Violet revirou os olhos, virando para Grady Spencer, um amigo deles da escola. “Dá para acreditar nele?”

Grady deu a ela um olhar preocupado. “Sério, você está bem, Violet? Parece ter sido bem ruim.”

Violet estava envergonhada que os exageros de Jay estavam realmente desenterrando verdadeira compaixão dos outros. “Está bem,” ela o assegurou, e quando Grady não pareceu convencido, ela adicionou, “De verdade, eu só tropecei.”

Ela se estendeu e empurrou Jay. “Dá para parar, *herói*? Você está se expondo ao ridículo.”

Jay riu e a seguiu para um lugar longe da multidão na grama. Mas mesmo quando eles começaram a se fixar, várias garotas que já tinham estendido suas toalhas em outros lugares casualmente começaram a migrar na direção deles. Ela descobriu que até ela estava ganhando mais atenção que usual da multidão de admiradoras dele, e se sentiu visivelmente como se ela estivesse sendo usada nas tentativas delas de se aproximarem de Jay.

Mas as fãs de Jay eram fáceis o suficiente de ignorar, especialmente desde que muitos dos *verdadeiros* amigos dela estavam lá. Violet deixou Jay entre suas tietes e foi para onde Chelsea e alguns dos outros amigos dela da escola estavam se ensolarando.

Chelsea se apressou quando viu Violet, dando espaço para ela na grande, colorida toalha de praia. “E aí? Eu ouvi que você praticamente quebrou sua perna essa manhã.”

Violet sentou perto da amiga, que parecia a personificação da perfeição em seu biquíni roxo profundo, seu corpo bem modelado pelos esportes. “Ha ha.” Violet murmurou, curvando os lábios em um falso sorriso de escárnio. “Não foi nada.” Ela mostrou o topo de seus joelhos cobertos de gazes debaixo de seus shorts. “Viu? Só alguns arranhões.”

“Bem, pelo jeito que Lissie e Valerie contam, Jay praticamente salvou sua vida.”

O modo como Chelsea disse os nomes das outras garotas lembrou Violet que Chelsea não ligava muito para a turma das líderes de torcida. Na verdade, ela não tentava muito esconder o fato de que pensava que elas eram enfadonhas e inúteis.

Violet sabia que gostava de Chelsea por outra razão além dos óbvios talentos atléticos da amiga.

“Nah, foi só eu sendo desajeitada como sempre,” Violet admitiu, sorrindo.

“É, bem, é uma coisa boa que Jay estava lá para te pegar.” Chelsea se inclinou para trás nos ombros e olhou para o lago. “Você vai dar uma volta nos Wave Runners hoje?”

Violet seguiu o olhar de Chelsea e viu uma das embarcações claramente pintadas na doca. Havia na verdade dois Wave Runners, os dois pertenciam aos pais de Gabrielle, que deixavam eles na casa pela maior parte do verão, onde eles ficavam disponíveis e eram usados frequentemente. Violet amava passear neles e tentar pegar as cristas das ondas que eram esguichadas no encalço de um bote passando rapidamente, enquanto o vento chicoteava o cabelo e rosto dela. Era revigorante.

“Provavelmente depois, mas eu acho que vou relaxar por um tempo. Você se importa se eu ficar aqui com vocês?”

“Claro. Mas parece que seu namorado está a ponto de dar uma volta,” Chelsea disse em sua costumeira voz desinteressada.

Violet viu sobre o que sua amiga estava falando. Jay estava afivelando um dos salva-vidas e se preparando para pegar o Wave Runner que tinha acabado de voltar. Ela viu um grupo de garotas de outra escola de ensino médio local seguirem ele como filhotinhos perdidos para a doca. Ela as tinha visto antes, em festas nas quais ela tinha estado, e não estava surpresa de ver que elas estavam no lago hoje. *Todo mundo* parecia estar lá.

Uma das garotas deve ter criado coragem para pedir uma carona para Jay, porque ela também estava pegando um salva-vidas e deslizando pelo biquíni que mal estava lá. Ela pulou para cima e para baixo excitadamente enquanto esperava ele montar no assento, e então ela subiu atrás dele, sorrindo largamente e o segurando firmemente ao redor da cintura. Violet vagamente reconheceu a garota, cujo nome ela pensava ser Savannah. Ela parecia ter acabado de ganhar um desfile de beleza enquanto acenava para suas amigas que ainda estavam paradas na doca.

Violet tentou ignorar a repentina punhalada de ciúme que sentiu enquanto observava a garota envolver os braços ao redor de Jay. Ela virou para não ter que ver os dois juntos. “Tanto faz... Ele não é meu namorado.”

Chelsea simplesmente ignorou o comentário de Violet enquanto se inclinava para trás de novo e escorregava os óculos para os olhos. “Se você diz.”

Violet tentou seguir o exemplo de Chelsea, e se estendeu na toalha que era mais que grande o suficiente para as duas. Ela fechou os olhos e escutou os sons ao redor dela até que não podia mais lutar contra a exaustão que apegada a ela depois da longa noite de perseguir o sono. Logo ela começou a flutuar para longe, e os sons ao redor dela moldaram os sonhos dela. Ela sonhou com músicas e amigos, e sol e fumaça. Ela sonhou com o sorriso de seu melhor amigo, e ondas e praias.

Violet foi puxada da nevoa do sono por alguma coisa fazendo cócegas no braço dela. Ela pensou que uma formiga tivesse rastejado pelo braço dela, e tentou se livrar dela. Mas quando ela colocou o braço de volta atravessadamente no estomago, ela sentiu aquilo vagorosamente se mover do pulso dela para o ombro e de volta.

Ela piscou, com um olho ainda fechado, e levantou a cabeça sem entusiasmo para ver o que era. Alguém estava arrastando um pedaço de grama para frente e para trás ao longo dos sensíveis cabelos do antebraço dela. Ela seguiu a trilha da grama para a mão e para o rosto e viu Jay sorrindo para ela.

“Oi,” ele disse, jogando fora a grama. “Eu achei que você nunca acordaria.”

Violet sentou direito. “Quanto tempo eu estive dormindo?”

Jay balançou a cabeça. “Não muito, menos que uma hora provavelmente. Eu queria ver se você queria dar uma volta em um dos Wave Runners comigo.”

“E suas namoradas?” Assim que as palavras deixaram a boca dela, Violet estava envergonhada por soar tão mesquinha. Ela tentou fazer parecer como se só estivesse brincando, “Eu achei que talvez as amigas de Savannah estivessem todas esperando a vez delas na doca.”

Ele só riu. “Não, Savannah foi a única. Ela queria que eu mostrasse a ela como dirigir um.” Violet estava feliz por ele parecer não perceber a irritação na voz dela antes.

“Então, você ensinou?”

Ele deu de ombros. “Eu tentei, mas eu não acho que ela estava realmente prestando atenção. Eu acho que ela só queria que alguém desse uma carona pra ela.”

Não alguém, Violet pensou consigo mesma. *Você. Ela queria que você desse uma carona a ela.* Algumas vezes ela imaginava se ele era realmente tão obtuso, ou se ele só não estava interessado em retornar a atenção das garotas. Mas quando ela viu o olhar desinformado no rosto dele, ela percebeu que tinha que ser a primeira. Ele era um *garoto* mesmo.

Ela olhou ao redor então e percebeu que tinha sido abandonada por seus amigos enquanto esteve dormindo. “Onde Chelsea foi?” ela perguntou.

“Eu a vi pegando um dos Wave Runners com Jules. Então, você quer ir comigo?”

Violet estava relutante em tirar seus shorts na frente de todo mundo e expor os joelhos dela como uma garotinha desastrada, mas ela queria dar uma volta nos Wave Runners com ele. Ela pesou a opção de ficar onde estava, coberto da cintura aos joelhos nos shorts largos, ou cortar um caminho imperfeito através da água sentando em cima da poderosa embarcação em busca de uma onda.

O lado intrépido dela ganhou. “Eu vou, mas *eu* vou dirigir,” ela insistiu com um sorriso.

Jay não reclamou. Ele nunca reclamava, ele era muito tranquilo para se preocupar se ele era o motorista ou passageiro.

Na doca, Violet envergonhadamente tirou seus shorts, despindo seus joelhos e maiô embaixo. Ela olhou ao redor para ver se alguém estava encarando, mas ninguém pareceu notar. Ela puxou um salva-vidas e afivelou nela antes de montar no assento do Wave Runner. Jay seguiu atrás dela e casualmente agarrou a cintura dela quando ela ligou o motor e prendeu a mola da chave em seu colete salva-vidas, uma medida de segurança que podia desligar o motor se o motorista fosse jogado para fora do veículo.

Ela se inclinou para frente e começou a mover o veículo pela enseada, observando cuidadosamente por outros veículos ou pessoas que pudessem ter vagueado para muito longe da beira da água. Mas assim que ela chegou ao fim da enseada e passou a bóia que indicava o fim do limite de velocidade de cinco milhas por hora, ela agarrou a manivela que controlava a gasolina e puxou, atirando o Wave Runner na velocidade máxima. Ela se

inclinou para frente mais ainda e deixou o vento esfriar seu rosto. Pela primeira vez em semanas, desde antes de a escola começar, ela não estava mais consciente da proximidade de Jay. Ele se tornou qualquer outro passageiro na parte de trás do veículo enquanto ela se perdia acelerando por cima das curtas, encrespadas ondas.

Eles pularam através do topo da água, algumas vezes pulando alto, se deleitando naqueles momentos quanto eles pegavam uma onda maior e sentiam o Wave Runner oscilar embaixo deles quando saltava acima da água, pegando ar.

Violet se sentia tão livre. Ela podia ouvir Jay rindo atrás dela enquanto ele se segurando firme nela. Ela virou a embarcação, primeiro repentinamente para a direita e então rapidamente para a esquerda. Ele sabia que ela estava tentando o derrubar, testando ele para ver quanto tempo ele podia segurar nela antes de ser jogado na água gélida do lago enquanto ela manobrava a lancha em miniatura para frente e para trás. Mas ele era mais forte agora que antes, e seus reflexos eram mais agudos. Ele parecia saber cada direção para qual ela iria antes mesmo dela saber.

Depois de um tempo, Violet diminuiu perto de uma doca flutuante no lago e estacionou o Wave Runner.

“Você quer descer?” ela perguntou enquanto tirava a chave da ignição sem esperar uma resposta, fazendo daquilo mais uma afirmação do que uma pergunta.

Jay levantou e foi do Wave Runner para a doca. Violet se juntou a ele e ao invés de mergulhar na água, ela sentou e deixou seus pés pendurados.

“É calmo aqui,” ele comentou distraído. Ele se sentou ao lado dela.

“Mm-hmm,” ela suspirou, chutando os pés e espirrando água.

“Como estão seus joelhos?” Ele se esticou e roçou os dedos nas bandagens molhadas.

Violet deu de ombros. “Eles estão bem...” e então adicionou com adoração zombeteira, “...graças a você, é claro.” E para mostrar sua gratidão, ela chutou água na direção dele.

Ele a cutucou com o ombro, mas não disse nada. Eles ficaram daquele jeito por um tempo, aproveitando o silêncio de estar sozinhos e desfrutando a presença um do outro. Era fácil... E confortável.

Violet suspirou quando começou a parecer que muito tempo tinha passado. “Nós deveríamos voltar. Tenho certeza que alguém está esperando por uma volta.”

Jay levantou, silenciosamente concordando com ela, e Violet relutantemente seguiu. Sem perguntar se ele queria trocar de lugar, Violet de novo sentou na frente.

Eles não se apressaram para voltar, serpeando preguiçosamente ao longo do contorno da costa e ficando fora do caminho de veículos mais rápidos. Levou mais tempo do que deveria para Violet perceber que o caminho que ela estava tomando não era aleatório, que ela estava sendo puxada... Atraída.

Algo estava chamando ela.

Algo morto.

Ela não disse nada para Jay, principalmente porque não tinha nada para dizer ainda. Ao invés ela se concentrou em de onde aquilo estava vindo. Era forte, o que quer que fosse, mais forte do que ela teria esperado de algo aqui no meio da água, e ela se perguntou se isso significava que tinha morrido recentemente. Hoje, até.

Ela seguiu a sensação rebocadora, o puxão que tinha impulsionado ela quase sem sua consciência, enquanto ela varria as águas por algum sinal, alguma entrada sensorial para guiá-la. Ela não sentiu ou cheirou nada de incomum. Não havia sons inexplicáveis vindo de nenhuma direção... Pelo menos não que ela pudesse ouvir acima do motor do Wave Runner.

Ela pensou ter visto algo na água em frente a ela. Parecia uma grande mancha de óleo lambendo a superfície da água. Estava perto de um denso grupo de grama e juncos que brotavam das águas perto da margem. Não estava completamente fora de lugar ali, um bote podia ter vazado a substância na água, mas ela se moveu para frente de qualquer forma, querendo olhar melhor.

Jay não perguntou o que ela estava fazendo, ele só estava feliz por estar junto para o passeio, como sempre.

Mas quanto mais perto Violet chegava daquilo, menos parecia com óleo. Tinha o mesmo brilho gorduroso de óleo, fazendo um arco-íris de cores através da superfície da água quando era ondulado gentilmente pelas ondas. Mas havia algo diferente sobre aquilo, algo que ela não conseguia identificar.

Até que ela estava praticamente em cima daquilo.

Ela foi cuidadosa para não pegar a planta cheia de ervas daninhas no motor do Wave Runner, e se inclinou na beira enquanto diminuía para se certificar de que não tinha levado a lancha para a água muito rasa.

Ela *precisava* ver o que estava lá.

“Para o que você está olhando?” Jay finalmente perguntou só com um pouco de interesse. Ele estava acostumado para o jeito vagueador de Violet.

“Eu não sei,” foi tudo que ela respondeu, muito presa em sua própria curiosidade para tentar dar mais explicação que isso.

Violet levantou da lancha quando parou. Luz multicolorida parecia estar radiando de baixo da água, centrado entre os juncos, e então se espalhando visivelmente quando alcançava a superfície. Violet nunca tinha visto nada como aquilo, e ela sabia que o espectro de luz estava desafiando sua própria natureza ao se comportar daquela forma.

Só podia ser uma coisa.

Tinha alguma coisa morta lá embaixo.

O primeiro pensamento dela foi que um pato ou talvez até um peixe maior tivesse derivado para o emaranhado de mato. A luz vibrante continuava a brincar com as ondas debaixo, desbotando em uma fina, neblina colorida quando quebrava na superfície da água e então desaparecia no ar. Violet se esforçou para ver através das plantas como elas ficavam mais densas onde alcançavam a margem da água.

Ela pensou ter visto algo vir a tona entre as ervas daninhas, mas não podia ter certeza, então ela desceu da lancha e investiu em direção a aquilo. Ela sentiu uma aguda pontada de medo, mas ainda não podia se impedir de continuar se movendo.

“O que é, Vi?” Jay perguntou, e agora seu interesse parecia genuíno, preocupado até. “Volte pra cá. *Eu* vou ver o que é.”

Mas já era tarde demais. Violet já tinha visto. E ela estava na água, vadeando em direção ao que quer que estivesse escondido no meio dos juncos ao longo da margem.

Pele espessa, pálida, e inchada envolvendo olhos brancos como leite encaravam Violet. Um eco mortal criava uma aureola de luz aquosa enquanto o longo cabelo radiava em ondas emaranhadas da cabeça da garota.

Violet gritou ao mesmo tempo em que Jay a alcançou e viu o que ela estava olhando. Ele envolveu seus braços ao redor dela por trás e a arrastou para longe para procurar ajuda.

CAPÍTULO 5

A ajuda chegou primeiro na forma do departamento de polícia de Bonney Lake e o corpo de bombeiros de East Pierce, os primeiros respondedores nessa parte do lago.

Violet estava embrulhada em sarnentos cobertores de lã e empoleirada na parte de trás de uma grande ambulância vermelha com uma bacia para vomito suspensa em cima dos joelhos dela. Ela tinha vomitado duas vezes desde que Jay a arrastou para longe do tumulto aquoso que ela tinha descoberto. Ela nunca tinha sido tão incomodada por um animal que encontrou, mas de alguma forma a imagem da garota morta, estendida inanimadamente sob a superfície da água, a fez se sentir doente. Não foi até que o choque diminuiu que o estomago dela finalmente se acalmou. A bacia que ela agora segurava era só por precaução.

Além disso, havia outras distrações na mente dela para tirar sua mente do estomago fraco.

Estar na presença de tantos homens—e mulheres—que carregavam armas como meio de vida era um pouco perturbadora para Violet. Não porque ela tinha medo deles, mas porque no geral, aqueles que carregavam armas tinham uma maior probabilidade de usá-las. E aqueles que as usaram tinham um potencial maior de carregar impressões de morte neles.

Pessoas inocentes carregavam impressões também.

Caçadores, ocasionalmente. Veteranos de guerra, possivelmente. Policiais, certamente... Talvez não todos, mas definitivamente alguns.

Aqueles que ela podia sentir no momento, exceto pelo óbvio eco da garota na água, estavam enfraquecidos e suaves, mas no geral, esse era o tipo de cena que Violet iria evitar sempre que possível.

A menos, como agora, que ela fosse quem tinha descoberto o corpo.

Seu tio Stephen tinha sido chamado, a pedido de Jay, e embora a jurisdição dele fosse a quase meia hora de distância, ele chegou em menos de quinze minutos. Violet se perguntou quantos semáforos ele ultrapassou, com suas sirenes brilhando intensamente, para chegar a ela tão rápido.

Ela não perguntou, por que não se importava. Ela só estava agradecida que ele estivesse lá. Ela tinha se sentido imediatamente melhor quando o viu correndo na direção dela, e ela o deixou envolvê-la em um abraço de urso como quando ela era uma criança. Ter ele lá a fez se sentir segura.

Quando ele finalmente a soltou para ela poder respirar de novo, ele deslizou um braço frouxamente, mas protetoramente, ao redor dos ombros dela. “Jesus! Vi, é uma droga ser você às vezes, não é?” Ele a apertou mais uma vez, rapidamente, e então adicionou mais seriamente, “Eu realmente sinto muito por você ter que ter visto isso.”

Violet deu de ombros.

O tio dela parecia entender que ela não queria falar sobre aquilo. “Eu acho que eles quase terminaram de tomar o depoimento de Jay. Eu vou ficar com você enquanto eles falam com você, ok? Eu prometo que não vou te deixar sozinha.”

Os pais dela chegaram separadamente já que seu pai tinha vindo direto do trabalho. Ambos estavam estressados e preocupados, e tentaram enterrá-la em abraços, e sussurram gentis reafirmações, enquanto ela suportava recontar os eventos várias vezes para várias pessoas diferentes de várias agências diferentes.

Ela e Jay tinham dado os detalhes que levaram à, e incluíam, encontrar um cadáver flutuando nas águas rasas do lago, embalado no delgado pasto. Embora no relato de Jay não houvesse mentiras para contar, histórias para fabricar. Violet desejou que seu relatório pudesse ser tão simples.

Mas não era.

Coincidência. Eventualidade. Essas foram as palavras nas quais ela confiou para criar um véu de enganação, para manter seu “dom” um segredo.

Ela deve ter sido convincente o suficiente, entretanto, porque podia ver a empatia nos olhos de todos que ouviam a história dela. Olhares sinceros que transmitiam compaixão diretamente para a pobre garota que tinha topado com uma cena tão horrenda.

A presença de seu tio Stephen era confortante para ela em muitos níveis, e eventualmente, talvez mais cedo do que era usual, ela foi liberada para a família dela. Ele também tomou responsabilidade por levar Jay para casa, já que a mãe dele, a única mulher no universo que não tinha um celular, não podia ser contatada.

Violet foi com o pai dela, mas Stephen insistiu em levar Jay com ele. Jay não reclamou quando subiu no entrou na frente do carro de radiopatrulha, perguntando se ele podia ligar a sirene.

Ele era como um ávido garoto de cinco anos. Era meio infantil. Mas também era muito adorável.

Violet estava feliz pela calma relativa que pegar uma carona com seu pai a propiciava. Ele era um tipo de homem quieto, e algumas vezes só estar no alcance dos braços dele podia acalmar seus nervos mais desordenados. Além disso, ao contrário de sua mãe, que era um pouco New Age e estava sempre encorajando Violet a “compartilhar” os sentimentos, o pai dela não a pressionava por informação antes que ela

estivesse pronta. Ele iria esperar por ela, ouvindo silenciosamente quando ela *decidis*se que era a hora certa.

Violet inclinou a cabeça para trás e tentou absorver um pouco da tranquilidade do pai.

Depois de um tempo, entretanto, ela não podia ficar calada. “Havia luz,” ela explicou. A voz dela soava estranha, como se estivesse ecoando de um túnel longo, vazio. Ela limpou a garganta e tentou de novo. “Eu vi um arco-íris de luzes vindo de debaixo da água.”

Ele sabia, é claro. Não sobre a luz, mas que ela tinha de alguma forma sido chamada pelo corpo sem vida da garota.

O pai dela estava quieto como sempre. Ele era sério, estável, sólido. Como sempre, ele era a rocha de Violet.

“Eu não disse nada sobre isso para Jay. Eu só segui, para poder ver melhor. Jay nem percebeu para o que eu estava olhando até que fosse tarde demais.” Ela manteve os olhos fechados quando o carro virou na estrada familiar para casa.

O pai dela estendeu a mão e apertou o joelho dela. Isso foi tudo o que precisou. As lágrimas finalmente vieram, esmagando o fôlego dela com uma intensidade surpreendente. O pai dela não disse nada, mas ela sentiu o carro indo para o acostamento, e então ele a puxou para perto dele. Ela chorou daquele jeito, inclinada contra ele dentro do carro estacionado, pelo que pareceu horas, mas provavelmente só foram minutos. Ela não se importava que eles estavam parados em uma estrada movimentada, ou que ela estava se segurando a ele como uma criança. Ela se deixou soluçar, chorando por ela e pela garota na água também, e por quem quer que a garota tivesse deixado para trás em sua morte trágica.

Incomodava ela saber que a garota tinha sido assassinada. Que ela, e Jay, e o pai dela, e o tio dela *sabiam*, baseados no eco que Violet tinha descoberto, mas que não podiam dizer a ninguém. Ela tinha certeza de que a polícia iria descobrir, que eles iriam achar evidências que confirmavam esse fato, mas ainda sim, ela odiava saber com certeza. Ela odiava mentir sobre isso, e forçar outros—aqueles com quem ela mais se importava—a manter os segredos dela.

Ela se agarrou ao pai dela, mesmo quando as lágrimas tinham quase indo embora. Ela se sentia segura nos braços dele. “Eu não quero mais ser capaz de fazer isso,” ela murmurou roucamente na camisa úmida dele. “Eu não me importo com os animais, eu não consigo explicar porque, eu só não me importo. Mas porque eu tive que ver... *Aquilo... Ela?*” Ela sussurrou a última palavra tão suavemente que não tinha certeza que ela tinha escutado ela.

Ela deu tapinhas nas costas dela, e quando ele finalmente falou Violet pulou um pouco. Cada músculo no corpo dela parecia estar embrulhado e apertado.

“Sinto muito, bebê,” Greg Ambrose disse, a voz dele soando cansada. “Eu faria qualquer coisa no mundo para te proteger de ver coisas como aquela, sua mãe e eu. Nós nunca quisemos que você passasse por alguma coisa como essa novamente.” Ele a afastou dele para poder olhar para ele. Os olhos dele estavam vermelhos.

“Quando você era pequena, nós ficamos preocupados quando você começou a achar animais mortos na floresta. Foi então que nós percebemos que você tinha herdado a habilidade especial de sua avó Louise. Nós estávamos preocupados do que isso faria a você, como iria fazer você se sentir ser atraída para tanta morte. Nós sabíamos que não havia nada que pudéssemos fazer para te *impedir* de senti-los, mas costumávamos tentar te desencorajar de cavar—nós tentamos distrair você com diversões e subornos. Nós te oferecíamos chiclete e doce, nós até perguntamos se você queria tomar sorvete ao invés de cavar aqueles animais. Você era tão pequena, mas mesmo então era determinada... Você era tão teimosa. E iria sair do seu caminho para ir até eles, não satisfeita até que eles tivessem um enterro apropriado. Parecia te dar um sentimento de... *Serenidade*, eu acho, saber que eles tinham sido cuidados. Você até costumava inventar histórias engraçadas sobre aquelas suas pobres criaturas perdidas. Lembra de Bob, o esquilo banqueiro que se esqueceu de pagar a conta de luz e congelou até a morte?” Ele riu e limpou a bochecha dela com o dedão. “Eu sempre tive medo que nós fôssemos receber uma ligação dos psicólogos da escola. Mas seus professores só achavam que você era *criativa*.”

O que Violet lembrava era que o pai dela era quem a ajudava quando os animais locais—cachorros na maior parte—descobriam as covas rasas do cemitério dela e começavam a cavar os pequenos corpos. Foi ele quem ensinou a ele a enterrar mais fundo e cobrir as covas com pedras pesadas para prevenir os escavadores de chegar aos animais enterrados abaixo.

E quando os cachorros continuavam persistentes, ele até ajudou ela a construir uma pequena cerca de arame.

“Quando você achou aquela garota, aquela na floresta, eu achei que seria sua ruína. Sua mãe e eu nos preocupamos que fosse demais para uma garota tão pequena lidar. Mas você lidou. Você chorou primeiro, e até teve alguns pesadelos, mas você não desmoronou. E assim que a pobre garota foi enterrada, sã e salva em seu apropriado lugar de descanso, você pareceu simplesmente—” ele deu de ombros. “—*seguir em frente*.”

Ele levantou o queixo dela com o dedo. “Você vai fazer aquilo de novo. Eu te conheço, Violet. Você vai ficar bem. Melhor que bem. Acredite em mim.” Ele sorriu para ela.

Violet tentou sorrir de volta, mas ainda se sentia miserável. Ela não conseguia explicar isso inteiramente, mas era similar a maneira que ela se sentia antes de enterrar um

dos animais dela—ela se sentia inquieta e deslocada. Só que isso era pior... Muito, muito pior. Ela se sentiu como se estivesse enterrada embaixo de um sufocante manto pesado de escuridão que estava sufocando ela, e ela desesperadamente precisava rasgar seu caminho para cima. Ela não compartilhava o otimismo do pai dela. Para ela parecia que ela nunca se libertaria. Mas de alguma forma, mesmo que ela não quisesse comprar aquilo inteiramente, só de ouvir as palavras dele fazia ela se sentir melhor. *Ela iria ficar bem.*

“Nós devíamos ir para casa,” ela o lembrou, de repente querendo tirar o foco dela. “Mamãe está provavelmente ficando irritada por estarmos demorando tanto.”

“É, tenho certeza que vou receber uma reprimenda sobre isso.” Ele deu tapinhas na perna dela e ligou o carro.

Violet não conseguia se livrar dos sentimentos melancólicos que se prendiam a ela, se infiltrando em cada poro do corpo dela. Ela se inclinou no banco e fechou os olhos, se perguntando se os pesadelos da infância dela estavam prestes a retornar, para assombrar o sono dela mais uma vez.

OBSERVANDO

O caos da cena era delicioso. Aquilo criava a perfeita quantidade de desordem para que ele estivesse completamente escondido no meio da confusão. Indetectável.

Exatamente do jeito que ele gostava.

Ele adorava a caça, era isso que o fazia continuar. Mas isso... Isso era o prazer secreto dele.

Observar o trabalho dele—o resultado de um assassinato—exposto para o mundo.

É claro que ele sabia que seria. Eventualmente de qualquer forma.

Afinal, aquilo era um reservatório de água... Em um lago movimentado. Alguém estava destinado a encontrá-la cedo ou tarde. A única surpresa foi quão rápido ela foi achada.

Mas hoje era um dia quente, e as pessoas tinham se congregado no lago em rebanhos. Então não foi uma surpresa, realmente.

Estava tudo bem, entretanto. Foi um abandono limpo. Ele se certificou disso. Como sempre, ele foi cuidadoso. Sem testemunhas, sem evidência, nada para ligar ele a aquilo.

Impecável.

Polícia e bombeiros trabalhavam em uníssono para manter a cena controlada enquanto eles dragavam as águas e procuravam nas margens.

Ele observou enquanto espectadores repeliavam e empurravam, tentando ter uma vista melhor do que estava acontecendo ao longo da beira da água. Ele gostava da energia deles, o desejo insaciável pelos detalhes sangrentos, não importava quão repulsivos e perturbadores eles pudessem ser.

E nesse momento, eles estavam vorazes.

Ele ficou tão perto quanto podia, ouvindo eles, se deleitando naquele desejo.

Eles estavam falando sobre o trabalho dele, sobre o que ele tinha feito, nunca percebendo que ele estava entre eles.

Aquilo o animou. Ele se sentiu poderoso. Vivo.

Ele sabia que estava se arriscando. Ele não deveria estar aqui. Ele já tinha pegado vislumbres fugazes de pessoas que o conheciam, que poderiam, se tivessem a chance, identificá-lo. Ele estava contente por estar escondido sob um chapéu e óculos de sol, e ele foi cuidadoso para ficar perto dos outros na multidão que eram similares a ele em tamanho para que ele não se destacasse muito. E em uma multidão tão grande, tinha pessoas de todos os tamanhos.

Ele deixou a mente vagar enquanto inspecionava aqueles ao redor dele, pressionados contra ele. Não era difícil encontrar garotas das quais ele gostasse, garotas que ele podia usar. Nos pequenos biquínis delas e shorts ultra curtos, revelando uma macia amplitude de pele sem mancha, elas eram particularmente deleitáveis para ele. Talvez algum dia ele pudesse ver elas de novo, em outro lugar, outra hora.

Mas ele sabia que não podia ficar. Quanto mais ele esperasse, maiores as chances de ser descoberto, especialmente em um cenário como esse.

Ele abaixou a cabeça e se moveu em direção ao fundo das pessoas se esforçando para chegar mais perto. Sob as lentes escuras, os olhos dele correram em cada direção, absorvendo tanto da cena quanto possível, para que mais tarde, quando ele estivesse só com seus pensamentos, ele pudesse ser capaz de lembrar cada aspecto. Cada detalhezinho sujo.

Hoje foi um bom dia.

Ele tinha visto o suficiente para segurá-lo. Por enquanto.

CAPÍTULO 6

Aquele dia, o dia no lago, foi como o último dia de verão... Não só para Violet, mas para todo mundo. E mesmo que o calendário não apoiasse esse argumento, o clima cooperou, ignorando as previsões que tinham previsto temperaturas de verão, e se tornando tristes e melancólicas no dia seguinte.

Violet lutou para atravessar as primeiras vinte e quatro horas. Ela continuava a se sentir sufocada, primeiro pela escuridão da noite, e então pela melancolia opressiva daquele domingo interminável. Ela ficou na dela, ficando no seu quarto tanto quanto possível, só meio escutando a música saindo dos fones de ouvido, e só meio dormindo quando a exaustão a dominou.

Jay ligou várias vezes, e por mais que ela quisesse ouvir a voz dele, ela ignorou as ligações. Ela sentia como se devesse um pedido de desculpa a ele pelo o que ela tinha o forçado a testemunhar, mas ela não tinha certeza do que podia dizer a ele para melhorar as coisas.

Ela sentia como se estivesse sonambulando pelas primeiras dolorosas horas.

A segunda noite veio, e o sono finalmente a derrotou. Ela tentou o evitar, passando incontáveis horas deitada na cama e jogando o jogo do “e se” de novo e de novo na cabeça dela. *E se ela nunca tivesse visto aquelas perseguidoras cores ecoando da água? E se ela não tivesse escolhido explorar elas mais? Ou melhor de tudo, e se ela simplesmente fosse normal, vivendo a vida dela em ignorância... Alegremente inconsciente da morte?* Ela estava exausta de sua auto reprovação e sua agitação interna.

Mas exatamente como quando ela tinha oito anos, quando o sono finalmente a venceu, isso veio com um custo. Pesadelos da garota morta flutuaram através das ondas do subconsciente dela. Pálidos olhos sem vida a observavam de perto sempre que ela fechava os dela. E não importa quão chocante as imagens fossem, ela não podia evitá-las quando o sono a dominava, de novo e de novo, até o amanhecer.

Ela voltou para escola cedo demais, mas não percebeu isso até que fosse muito tarde.

Aquela segunda, quando ela arriscou sair, ela pensou que a diversão seria boa para ela. Jay estava aliviado de ver ela, e mesmo que Violet ainda fosse incapaz de pedir o perdão dele, a presença dele a fez se sentir melhor... Quase viva de novo.

Ele a alcançou e segurou a mão fria dela enquanto eles andavam para a aula juntos. Qualquer outro momento o gesto teria feito o coração pular batidas, mas naquela hora, aquilo simplesmente lembrou Violet que ela ainda estava acordada.

O que ela não tinha barganhado foi que o que aconteceu aquele fim de semana, no lago, não tinha acontecido só a ela, ou para eles dois. Era como se tivesse acontecido com a escola inteira. E cada estudante que conseguisse chegar perto o suficiente queria falar sobre os acontecimentos... Eles queriam que ela os revivesse, de novo e de novo.

Como Violet a viu, a garota morta?

Ela a reconheceu?

Como era ver um cadáver?

Ela achava que a garota tinha se afogado? Tinha sangue? Ela viu machucados?

Havia partes do corpo faltando?

As perguntas não tinham fim.

Aqueles que realmente conheciam Violet, os amigos dela, eram mais sensíveis, mas não menos tagarelas sobre o assunto. E as perguntas deles, por alguma razão, incomodavam Violet mais do que a previsível curiosidade lúgubre dos outros. Elas eram muito pessoais.

Violet estava bem? Ela queria falar sobre aquilo? O tio dela disse se eles sabiam quem era a garota?

Ela sentia como se preocupar-se com ela estivesse sendo ostentado como uma exibição, e mesmo quando ela tentava mudar o assunto, o que ela fazia tão frequentemente quanto conseguia, eles sempre conseguiam trazer de volta o tópico que realmente queriam discutir: a garota morta na água.

Jay era o único que a entendia, o único que parecia saber que ela ainda não estava pronta para isso. Ele ficou tão perto dela quanto podia ao longo do dia, e mesmo que Violet soubesse que deveria estar tentando oferecer algum conforto a ele, ela duvidava que pudesse se tirar de sua própria autopiedade tempo suficiente para tentar. Ele não parecia se importar, contudo. Ele não parecia estar danificado da maneira que ela estava.

Em casa, os pais dela eram pacientes. Eles ouviram quando ela falou com eles, mas quando ela terminou, eles a deixaram sozinha novamente. Era uma dança cautelosa enquanto eles tomavam bastante cuidado para ficar fora do caminho dela, e ela se perguntava se eles achavam que ela era frágil ou quebrável. Ao invés de estar agradecida pelo espaço que eles deram a ela, ela se sentia irritada por eles a considerarem tão fraca.

Tio Stephen fez aparições regulares durante aquela primeira semana também, checando ela e deixando biscoitos que a tia Kat tinha assado, os verdadeiramente caseiros que não vinham em um rolo da seção de congelados no supermercado. Violet tentou, mas não podia se fazer apreciar o esforço que a tia dela tinha feito.

E então, quase simultaneamente, duas coisas aconteceram que mudaram tudo.

Só uma semana depois de Violet ter encontrado o corpo no lago, outra garota morta foi descoberta.

Era *exatamente* uma semana depois daquele dia.

Então, no dia seguinte, e duas cidades mais longe, em uma tarde de domingo, a garota do lago—Carys Kneer—foi enterrada pela família... Colocada para descansar de uma forma apropriada.

De uma vez por todas.

E apesar do fato de que outro corpo tinha acabado de ser encontrado, Violet estava de repente em paz com o mundo novamente. Ela parecia abruptamente ter acordado do atordoamento que tinha tomado conta dela.

E ela continuou dessa forma...

Até que a próxima garota desapareceu.

CAPÍTULO 7

Segunda, todo mundo na escola tinha ouvido sobre a descoberta de um segundo corpo. As notícias eram maiores dessa vez, não só porque outra garota estava morta, ou porque ela tinha sido descoberta tão perto de casa. Era mais por causa de quem a garota era.

Brooke Johnson podia não frequentar a White River High School, mas *tinha* sido uma aluna da cidade mais próxima. E como acontece com adolescentes de cidades pequenas, o círculo social deles tinham se sobreposto: eles iam às mesmas festas, namoravam os mesmos garotos, e iam aos mesmos lugares. Brooke era popular, o que não necessariamente se traduzia em ser gostada, mas que definitivamente fazia ela mais importante na escala de fofoca. Violet não conhecia Brooke pessoalmente, mas sabia quem ela era, da mesma forma que as pessoas da escola de Brooke sabiam quem era Lissie Adams.

A outra coisa que fazia a morte de Brooke mais notável era que ela estabelecia um padrão... Pelo menos aos olhos da comunidade como um todo.

Eles sabiam agora o que Violet sabia o tempo todo: a garota no lago tinha sido assassinada antes de ser jogada na água. E apesar do fato de as autoridades não poderem confirmar ou negar uma conexão entre os dois corpos, localmente, ninguém duvidava daquilo. Duas garotas sequestradas, e então subsequentemente assassinadas e abandonadas tão perto uma da outra, em um período tão curto de tempo, dificilmente parecia uma coincidência.

Se anda como um pato, parecia ser o sentimento referente à correlação adotada, e as pessoas estavam reagindo adequadamente.

Orientadores psicológicos estavam disponíveis em diversas escolas locais, incluindo White River em Buckley. Havia assembleias e aulas depois da escola marcadas sobre segurança pessoal, perigo desconhecido, e autodefesa. De repente cada garota na escola estava preocupada com seu próprio bem-estar. E apesar do fato de que elas não eram permitidas sob o ambiente “intolerante” da escola, pequenas latas de spray de pimenta se tornaram algo básico—como brilho labial e absorvente—em quase todas as bolsas na escola.

Mas no meio da semana, as conversas começaram a voltar ao normal de novo, e enquanto segurança ainda era um problema real, até a morte de Brooke Johnson foi eventualmente ofuscada pela trivial indagação por rumores despreocupados para cortar a melancolia.

Jay, por outro lado, não foi ofuscado nem esquecido. E quando os últimos dias de verão iam em direção ao inverno, o número de garotas apaixonadas seguindo ele qualquer dia parecia se multiplicar.

Enquanto ela tinha estado presa no domínio de seus problemas, Violet tinha temporariamente esquecido de ter ciúmes daquelas outras garotas e tinha finalmente lembrado como ser só amiga de Jay novamente. Durante esses dias antes de a garota do lago finalmente ser enterrada, Jay tinha sido aquele que manteve Violet sã. Ele deslizava barras de doce na mochila dela e deixava bilhetinhos no armário dela só para ela saber que ele estava pensando nela. Ela se inclina nele a cada passo do caminho, e ele não reclamou nenhuma vez. E depois, quando ela se sentia como ela mesma de novo, pelo menos na maior parte, ele ainda estava lá.

Ela se perguntou o que tinha feito para merecer um amigo como ele, alguém que nunca vacilava e nunca questionava. Alguém que sempre *estava lá*... Apoiando, e engraçado, e atencioso.

Violet parou no corredor e o observou. Ele estava escavando o armário procurando pelo livro de matemática dele, mesmo que ela soubesse que não estava lá, Violet simplesmente o deixou procurar, sorrindo para si mesma. Maços de papel amassado caíam no chão aos pés dele.

Ele parecia sentir que ela estava encarando ele e olhou para ela. “O quê?” ele perguntou.

“Nada,” ela respondeu, o sorriso encontrando os lábios dela.

Ele estreitou os olhos, percebendo que ele era o alvo de alguma piada interna. “O quê?”

Ela suspirou e chutou a mochila dele com um dedo do pé, que estava descansado de um jeito torto contra a parede de armários. “Seu livro está na sua mochila, idiota,” ela anunciou enquanto virava e começava a andar em direção à aula.

Ela o ouviu gemer, seguido do som do armário dele batendo, antes de ele finalmente alcançar ela.

“Por que você não disse nada? Algumas vezes você realmente me irrita.”

Era fácil ignorar as palavras duras quando o tom dele era tudo exceto de bronca.

Ela deu de ombros. “É divertido ver você se confundir.”

“É, *divertido*. Era isso que eu estava pensando.”

Grady Spencer acompanhou o passo ao lado de Jay.

Grady tinha começado como um dos amigos de Jay, mas rapidamente se tornou amigo de Violet também. Quando eles eram mais novos, na quarta série, ela tinha tido uma paixonite por Grady, passando bilhetes para ele na escola que perguntavam se ele “gostava” dela também. Uma até tinha caixas para marcar “sim” ou “não.” Ele marcou sim, e eles eram oficialmente namorado e namorada pelo resto do ano, o que significava que ela o perseguia no intervalo, e ele fingia que não queria que ela fizesse isso.

Mais tarde, depois do primeiro dia da quinta série, ela chorou quando percebeu que eles não iriam ficar na mesma sala aquele ano. E isso tinha sido o fim daquela paixão de infância. Ele tinha partido para Miranda Grant, uma garota nova na classe dele, e Violet se apaixonou pelo professor dela, Sr. Strozyk.

“E aí?” Jay perguntou a Grady.

Era engraçado ver Grady agora, porque, como Jay, ele tinha crescido quase 15 centímetros desde o último ano escolar, e agora ele se elevava acima dela. Metade dos garotos da turma dela tinha de repente crescido e se tornado homens; a outra metade ainda estava protelando na meninice. As garotas tinham estado esperando os garotos alcançarem elas por alguns anos, e aqueles que tinham eram considerados jogo limpo. Era como se fosse temporada aberta em White River High School.

“Não muito, cara,” Grady respondeu em uma voz mais profunda do que ela lembrava. “Vocês vão ao jogo na sexta?”

“Claro. Certo, Vi?” Jay disse, respondendo por ela.

“Certo.” Ela deu de ombros.

Ela não se importava; ela sabia que eles iriam. Era outono, o que significava temporada de futebol. E jogos em casa eram praticamente uma religião na cidade dela.

Eles chegaram à sala que Jay e ela compartilhavam nesse horário, mas não era a aula de Grady. Ao invés de continuar andando, Grady parou.

“Violet, posso falar com você por um minuto?” A voz profunda dele a surpreendeu de novo.

“É, ok,” Violet concordou, curiosa sobre o que ele poderia ter para dizer a ela.

Jay parou e esperou também, mas quando Grady não disse nada, ficou claro que ele quis dizer que queria falar com ela... *Sozinha*.

Jay de repente pareceu desconfortável e tentou escapar tão casualmente quanto conseguiu. “Te vejo lá dentro,” ele finalmente disse para Violet.

Ela acenou para ele enquanto ele ia embora.

Violet estava um pouco preocupada que o sino fosse tocar e ela estaria atrasada de novo, mas a curiosidade dela tinha aumentado quando ela percebeu que Grady não queria que Jay ouvisse o que ele tinha a dizer, e isso excedeu a preocupação dela pelos atrasos.

Quando eles estavam sozinhos, e Grady não começou a falar logo, Violet instigou. “O que está rolando?”

Ela observou ele engolir, e o pomo de adão dele subiu e desceu ao longo da garganta dele. Era estranho ver os velhos amigos dela sob essa nova luz. Ele sempre tinha sido uma criança bonita, mas agora ele parecia um homem... Mesmo que continuasse agindo como garoto. Ele se mexeu pra frente e pra trás, e se ela tivesse parado para pensar nisso, teria percebido que ele estava nervoso.

Mas ela interpretou mal o desconforto dele. Ela achou que, como ela, ele estava preocupado em se atrasar. “Você quer falar depois da escola? Eu podia te encontrar no estacionamento.”

“Não. Não. Agora está bom.” Ele passou a mão pelo cabelo em um gesto desanimado. Ele tomou fôlego, mas a voz dele ainda estava tremendo quando ele falou. “Eu... Eu estava pensando...” Ele olhou Violet nos olhos agora, e de repente ela se sentiu muito nervosa sobre onde isso estava indo. Ela estava desesperadamente desejando que ela não tivesse concordado que Jay a deixasse aqui sozinha. “Eu estava pensando se você está planejando em ir ao baile,” Grady finalmente disse num impulso.

Ela estava parada lá, olhando para ele, se sentindo presa pela pergunta e incerta sobre o que ela iria dizer.

O sino tocou, e os dois pularam.

Violet estava grata pela desculpa, e se agarrou a ela como um salva-vidas. Os olhos dela estavam arregalados, e ela apontou para a porta atrás dela. “Eu tenho... Nós podemos...” Ela apontou de novo, e ela sabia que parecia e soava como uma idiota, incapaz de uma sentença coerente. “Podemos conversar depois da escola?”

Grady parecia aliviado por ter saído do sufoco pelo momento. “Claro. Yeah. Falo com você depois da escola.”

Ele foi embora sem se despedir, e Violet, agradecida, tentou deslizar na sala despercebida.

Mas ela não teve tanta sorte. O professor marcou o atraso dela, e todo mundo na sala observou ela ir até o assento ao lado de Jay. O rosto dela estava vermelho e quente.

“Sobre que foi tudo *aquilo*?” Jay perguntou em um sussurro alto.

Ela ainda sentia como se a cabeça dela estivesse titubeando. Ela não tinha ideia do que diria a Grady quando a escola terminasse. “Eu acho que Grady acabou de me chamar para o Boas-Vindas.”

Ele olhou para ela suspeitamente. “O jogo?”

Violet inclinou a cabeça para o lado e deu a ele um olhar que dizia para ele ser sério.

“Não, tenho certeza que ele quis dizer o baile,” Violet esclareceu, exasperada pela pergunta obtusa.

Jay olhou para ela com desagrado. “O que você respondeu?”

“Eu não respondi nada. O sino tocou e eu disse a ele que nós teríamos que conversar depois.”

O professor olhou na direção deles, e eles fingiram que não estavam conversando. Violet decidiu que não precisava ter problemas por não prestar atenção, principalmente depois de ter um atraso, então ela se esforçou para prestar atenção à lição. Era quase impossível se concentrar, entretanto.

Ela tinha pensado sobre ir ao baile mesmo antes de Grady ter perguntado a ela, e tinha esperado, provavelmente em vão, que Jay pedisse a ela para ir com ele, mesmo se isso significasse que eles só fossem como amigos. Ela iria preferir passar uma noite na companhia dele, mesmo inocentemente, do que na de outra pessoa. Mas agora que Grady tinha pedido a ela, ela tinha que pelo menos considerar a possibilidade de ir com ele. Porque não? Ela e Grady tinham sido amigos por quase tanto tempo quando ela e Jay tinham, e contanto que ele entendesse que isso seria tudo o que eles seriam, poderia ser divertido ir com outra pessoa.

Quando a aula terminou, Violet praticamente teve que correr para continuar ao lado de Jay, que tinha saído da classe tão rápido que ela mal teve tempo de guardar os livros. Ela correu atrás dele, frustrada por ele estar a fazendo persegui-lo.

Quando ela o alcançou, Violet não se incomodou em esconder a irritação. “Por que você está com tanta pressa?”

Ele começou a dizer algo, e em seguida pareceu mudar de ideia. “Pressa nenhuma. Eu só não quero que você me atrase também.”

Violet balançou a cabeça enquanto observava Jay desaparecer na multidão, irritada por ele ter deixado ela se sentindo como se tivesse feito algo errado. Entre Grady e Jay, ela estava mais do que um pouco confusa com garotos no geral.

Quando a escola terminou, Violet se perguntou se Jay ainda iria querer uma carona para casa. Ele tinha passado o dia inteiro a desprezando. Foi isso que pareceu de qualquer forma. Ele até almoçou com alguns dos amigos dele em vez de sentar com ela e Chelsea.

Ela pensou em ir embora sem esperar para descobrir o que tinha acontecido com ele, mas não estava brava o suficiente para ser tão arrogante. Então em vez disso, ela esperou no carro dela por quase vinte minutos.

Quando ela escutou a batida na janela do lado do passageiro, ela olhou, esperando ver Jay do lado de fora, esperando ela destrancar as portas do carro e deixá-lo entrar.

Mas não era Jay. Era Grady Spencer, e de repente Violet desejou não ter esperado, que ela tivesse seguido seu primeiro pensamento malicioso e deixasse Jay para trás.

Ela abaixou a janela, tentando não parecer horrorizada pela perspectiva de falar com Grady. “Um, oi,” ela disse tão animadamente quanto conseguiu. “E aí?”

“Você não está esperando o Jay, está?” Grady perguntou, a surpreendendo.

“Mais ou menos.” Ela se encolheu, se sentindo de repente boba por sentar no carro tanto tempo. “Por quê?”

Grady pareceu envergonhado por ter que ser aquele a dizer para ela, e hesitou um pouco antes de falar de uma vez. “Jay pegou uma carona com Lissie Adams e alguns amigos dela.”

Violet não estaria mais surpresa se Grady tivesse acabado de dar um tapa na cara dela, e a dor das palavras dele era tão cruel quanto. Ela ficou ali por um instante atordoado, completamente confusa e incerteza do que deveria dizer ou fazer.

E então uma invejosa, amarga raiva passou por ela, e ela não tinha certeza do que era pior... Que Jay tivesse ido para casa sem nem dizer a ela porque estava a evitando.... Ou que ele tinha ido para casa com Lissie Adams.

Não importava realmente, contudo, porque de repente ela não estava só irritada com ele... *Ela estava furiosa.*

Ela também estava intensamente consciente que Grady ainda estava observando ela ansiosamente e ela não queria que ele visse o quanto ela estava desnorteada, então ela colocou as mãos embaixo das pernas para que ele não visse como elas estavam tremendo. Ela tomou fôlego antes de revirar os olhos e dizer, “Teria sido legal se ele tivesse me dito algo.” De alguma forma ela conseguiu dizer isso em uma voz que soava brincalhona e leve, mesmo que ela estivesse cheia de frustração.

Grady estava visivelmente aliviado, e isso pareceu dar a ele a coragem que ele precisava para fazer o que ele tinha ido fazer. “Então, eu estava pensando se você pensou sobre o baile.”

Violet olhou para o rosto esperançoso dele. Ele estava sorrindo para ela enquanto se inclinava e olhava para ela através da janela do lado do passageiro. Era só um baile, só

uma noite, e era uma chance para ela se arrumar e sair com alguém que ela genuinamente gostava.

E então ela pensou em Jay, e o ressentimento tomou conta dela.

Ela sorriu de volta para o belo rosto de Grady, fazendo a escolha dela. “Sim,” ela disse, se sentindo inesperadamente decidida sobre sua decisão de último minuto. “Eu adoraria ir ao baile de Boas-Vindas com você, Grady. Na verdade, não há ninguém com quem eu gostaria mais de ir.”

Grady sorriu de volta para ela. “Legal. Eu vou te ligar, e nós podemos resolver os detalhes depois.”

Quando ela saiu do estacionamento, vinte e três minutos depois de a escola ter acabado, ela acenou para Grady, que parecia como se tivesse acabado de ganhar na loteria e precisava encontrar alguém para se gabar.

Ele acenou de volta, mas ela nunca o viu. Ela estava perdida em seus próprios pensamentos, tentando descobrir porque Jay tinha dispensado ela tão inesperadamente.

CAPÍTULO 8

Violet passou o resto da tarde pensando... Ficando mais e mais raivosa, e se sentindo pior e pior. Ela tinha esperanças de que o dever de casa pudesse oferecer algum tipo de diversão, ocupando os pensamentos dela com algo além de estar irritada com Jay.

Mas não havia dever o suficiente para ela fazer, não havia provavelmente dever suficiente no mundo para distraí-la por muito tempo. Ela pensou em Jay enquanto fazia a tarefa de trigonometria, ela pensou nele enquanto escrevia a dissertação de inglês, e ela até pensou nele enquanto estava lendo sobre a expedição de Lewis e Clark. E nenhum dos pensamentos que ela teve era agradável.

Violet sabia que os pais dela estavam preocupados sobre ela pela maneira que continuava perguntando se ela estava se sentindo bem, ou se tudo estava bem na escola, casualmente tentando persuadi-la a contar os problemas dela. Ela se sentia um pouco culpada por não querer conversar sobre isso, especialmente depois da preocupação que ela tinha os feito passar quando descobriu a garota morta do Lago Tapps. Mas ela não podia evitar, e assim que terminou o jantar, que consistia em pizza e uma sacola de salada Caesar pré-embalada, ela correu para o quarto dela onde podia ficar sozinha.

Ela ligou o som e tentou terminar o dever de matemática. Mas ao invés, acabou rabiscando nas margens do papel e repetindo os eventos do dia na cabeça dela. Ela desejou de novo que ela tivesse simplesmente ido embora, sem esperar lá como uma idiota por Jay.

E agora, com uma pequena distancia do momento, ela também desejou não ter aceitado ir ao Baile de Boas Vindas com Grady. Ela não teria feito isso se não estivesse tão brava com Jay, então de alguma forma até *isso* se tornou culpa dele.

Ela estava espalhada na cama de barriga para baixo, tentando se concentrar na próxima equação, quando ouviu a mãe dela bater na porta. Ela tentou fingir que não tinha escutado. Ela só não estava a fim de um sermão sobre como segurar os sentimentos dela não era saudável e iria bloquear os chakras dela. Mas a mãe dela não desistia facilmente e bateu de novo... Mais alto dessa vez.

Violet pressionou a testa contra as palmas, tentando evitar a dor de cabeça que estava começando a martelar atrás dos olhos dela, provavelmente dos chakras reprimidos dela, e suspirou em resposta, meio esperando que não fosse ouvido. “Entre.”

Ela ouviu quando a porta abriu, mas não podia se fazer olhar para cima. Ela não tinha a energia para ter essa conversa agora, então ela decidiu mentir para a mãe dela. “Eu tenho muito dever,” ela disse antes que sua mãe pudesse perguntar o que estava errado de novo. “Estou bem. *De verdade*. E eu preciso terminar isso.”

Quando a mãe dela não disse nada imediatamente, Violet sentiu esperança que talvez que ela tivesse comprado aquilo e decidido deixá-la sozinha afinal. Ela esperou ouvir o som da porta fechando de novo. Ao invés disso, ela ouviu a voz de Jay.

“De verdade... Você está bem? Porque eu não estou.”

Violet olhou para cima em surpresa. Jay era a última pessoa que ela tinha esperado encontrar no quarto dela essa noite.

Ele deu a ela um sorriso apologético quando ela não disse nada. “Você não vai me chutar para fora, vai?”

Violet não tinha certeza de como deveria reagir. Ela realmente *queria* continuar com raiva dele; era mais fácil do que admitir, até para ela mesma, que os sentimentos dela tinham sido magoados hoje. Mas, de alguma forma, vendo ele parado ali—pessoalmente—fez ela se sentir menos determinada. Ela de repente desejou poder ler os pensamentos dele.

Ela deu de ombros, tentando manter o frágil domínio na sua raiva que já estava se desfazendo. “Não” foi tudo que ela disse, ainda esperando para ver porque ele tinha vindo. Ela sentou, o observando cuidadosamente.

Ele sentou na beira da cama dela, e ela se sentiu ser levada em direção a ele quando o colchão dela afundou sob o peso dele. “Olha, Violet, eu realmente sinto muito sobre hoje. Eu não deveria ter ido embora sem você. *Você* não fez nada.”

Quando ela olhou para ele, ouvindo as explicações dele, ela sentiu seu coração estupidamente vociferando no peito dela.

Ele pausou, e em seguida continuou. “Não é como se eu estivesse bravo por você estar indo ao baile. Eu estava *esperando* que você fosse.” Ele fez uma carranca, e Violet pensou que ele parecia estar escolhendo as palavras dele cuidadosamente, e se perguntou o que ele *não estava* dizendo. Ele soltou o fôlego e admitiu. “Acho que só não esperava que fosse com Grady.”

Então isso era sobre Grady? Ela abriu a boca e começou a dizer algo, para dizer a ele que não tinha planejado dizer sim à Grady, mas antes que pudesse interrompê-lo, ele se precipitou. “Eu sei... É estúpido, e não é da minha conta, e todos nós somos amigos por tanto tempo, e... E eu não sei, Violet... Acho que não queria que o fato de vocês dois saindo juntos bagunçasse as coisas.”

Violet não podia mais segurar a frustração dela, agora ela estava lutando com arrependimento inconfesso por não ser capaz de dizer a ele como ela realmente se sentia sobre ele. Mas ele continuou falando. “Eu percebo que não tinha nenhum direito de ficar com raiva por isso, contudo, e eu agi como um bebê total por ir embora da escola sem te

dizer. Acho que não queria esbarrar em vocês dois já que você disse que iria encontrar ele depois da escola.”

Ela pegou um pedaço de pelugem no cobertor dela. Violet desejava agora, mais do que nunca, ter dito não a Grady.

“Tudo bem, eu acho. Mas não é como se Grady e eu estivéssemos namorando, nem nada parecido. É só um baile—*uma noite*—não significa nada. Eu prometo que não vai arruinar amizades. Especialmente não a nossa.”

“Eu sei. Não sei por que eu fiquei tão tenso por causa disso. Por alguma razão só me pegou fora de guarda e eu agi como um babaca total. Eu realmente sinto muito, Violet.” A doce sinceridade da voz dele afagou ela.

Ela sorriu para ele. “É, eu sei, você já disse isso.” Ela o cutucou com o pé coberto com uma meia. “Eu te perdôo... Você sabe, por ser tão *babaca*.”

Ele agarrou o pé dela e o puxou até ela estar deitada de costas. Ela deu risadinhas, já se sentindo melhor só por saber que não tinha que passar mais tempo com raiva dele.

Mas ela também decidiu que essa era uma hora tão boa quanto qualquer outra para dizer algo que estava querendo dizer a ele por um tempo... Algo que não tinha conseguido dizer antes.

“Ei,” ela disse seriamente, “já que estamos nos desculpando hoje à noite, eu queria dizer algo também.”

Ele deixou-se cair na cama, deitando ao lado dela. Ela esperou a sensação de calma que a proximidade dele usualmente trazia a ela, mas ela nunca veio. Ela não tinha certeza exatamente sobre o que estava tão nervosa, mas de alguma forma deitada ali, com o rosto dele só uma respiração longe do dela, ela estava mais desconfortável do que nunca, e a inquietação dela, e muito possivelmente o calor do corpo dele contra o dela, a fez hesitar.

Mais uma vez, Jay parecia estar lendo a mente dela, e Violet se perguntou se ela realmente era tão transparente. Ela esperava que ele não pudesse ler *tudo* que estava se passando ali.

“Vá em frente, Vi. Você pode me dizer qualquer coisa.” O meio sorriso preguiçoso dele era fascinante, e ela se encontrou encarando os lábios dele por tempo demais. “Qualquer coisa,” ele a ressegurou suavemente, e ela se perguntou qual seria a sensação daqueles lábios contra os dela.

Era agora ou nunca, ela pensou secamente, e piscou para quebrar o feitiço entorpecente dele sobre ela. “Eu... Eu realmente sinto muito... Sobre aquele dia no lago. Eu não quis fazer você ver aquilo...” Agora que ela estava no meio daquilo, as palavras pareciam ainda mais difíceis de encontrar, e ela não tinha certeza de como dizer o que ela estava tentando dizer. Na cabeça dela ela sempre soava confiante e certa de si mesma, mas

de alguma forma quando as palavras alcançavam os lábios dela elas caíam em uma bagunça gaguejante. “...Eu não devia ter ido lá... Especialmente quando eu tinha certeza que tinha... Você sabe, *alguma coisa* lá.”

Jay balançou a cabeça e se levantou nos cotovelos para poder olhar para ela. “Você não tem que se desculpar por aquilo. Eu sei que o que você *encontra* está fora do seu controle.” Ele estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo do rosto de Violet. As palavras dele eram tão gentis e atenciosamente sinceras quanto o toque dele. “Além disso, se você tivesse me dito antes que você estava sentindo alguma coisa lá, eu teria ido com você de qualquer forma. Não é sua culpa que acabou sendo uma *garota* e não algum animal lá. Eu só não quero que você esconda de mim quando estiver sentindo alguma coisa. Nós somos amigos por tempo demais Violet. Eu quero que você me diga se estiver sentindo qualquer coisa estranha.”

A mão dele caiu do rosto dela, e Violet teve que lutar contra o impulso de tremer como resultado da carga elétrica que ela sentiu do toque dele. Onde os dedos dele tinha roçado contra as bochechas coradas dela ainda estava formigando. Ela decidiu guardar aquela *sensação estranha* para si mesma.

“Eu sei que não é minha culpa, mas eu devia ter pelo menos te avisado.” Ela queria que ele entendesse o quanto ela se sentia mal por ter feito ele testemunhas algo que ele nunca devia ter visto. “De qualquer forma,” ela continuou, “Sinto muito por aquilo.”

“Tenho certeza que você já disse isso,” ele respondeu, usando as palavras dela de antes contra ela.

Ela sorriu, desesperadamente desejando que ele a tocasse novamente. Ela esperava que ele não pudesse ver isso no rosto dela também. “Eu só não quero nada ruim entre nós,” ela ofereceu como explicação.

“Eu sei.” Ele estendeu a mão, segurando a dela. Ele entrelaçou os dedos dele casualmente com os dela.

Violet se inclinou contra ele e a calma finalmente veio, se estabelecendo sobre ela pacificamente.

E então ele a beijou. Gentilmente. Suavemente. Não nos lábios, como ela tinha imaginado tantas vezes antes, mas na testa dela.

O gesto era meigo e um pouco possessivo.

Violet tinha esperanças que, talvez, fosse um começo.

ADRENALINA

Cada caçada era tão única quanto a própria garota.

Era melhor se duas garotas não fossem levadas da mesma forma. Ou no mesmo local.

Mas, isso vinha se tornando cada vez mais difícil, enquanto faltas no trabalho dele ficavam mais e mais evidentes. Então ele tinha sido forçado a caçar mais próximo de casa recentemente, e isso significava mais cuidados do que ele tinha tido no passado. Isso significava ser ainda mais atento. Meticuloso.

Não que ele tenha sido descuidado antes. Ele nunca era descuidado, isso iria contra tudo em que ele acreditava.

Ele passou o dedo ao longo da afiada extremidade da sua faca tática KA-BAR. Ele sabia que não teria que usá-la, o efeito aterrorizante da arma na presença de garotas era suficiente para causar obediência total. Simplesmente acariciar a lâmina de aço o estimulava de uma forma que nenhuma mulher tinha conseguido.

Ele colocou a faca militar em sua “pasta”, uma bolsa comum que ele carregava sempre que saía para caçar, perto da fita adesiva e as algemas de plástico.

Ele não se importava com as medidas extras de segurança que tinha que tomar. Na verdade, por alguma razão isso adicionava ao excitação de tudo, o risco ampliado de procurar garotas que viviam tão próximas de onde ele morava e trabalhava. Era como mijar no próprio quintal. Doente e errado. E ele gostava.

Ele se checou no espelho uma última vez antes de sair pela porta.

A caçada tinha começado.

Às 00:15, ele estava em um humor desagradável.

Nada tinha ido bem. Ele não tinha encontrado ninguém promissor nas ruas depois que escureceu.

Ele tinha medo que isso fosse acontecer. Não que ele não fosse encontrar uma garota, mas que suas escolhas fossem ser limitadas, suas opções menos atrativas. Literalmente. Ele preferia as bonitas.

Ele sabia que a notícia sobre os desaparecimentos tinha se espalhado, e famílias estavam observando suas filhas um pouco mais atentamente. Mas havia exceções para toda regra. As estúpidas e fracas sempre se separavam do rebanho eventualmente.

Todas as garotas que ele tinha visto essa noite ou estavam em grupos, ou não valiam o esforço dele.

Ele estava quase desistindo quando a viu. Cruzando a rua escura. Sozinha. E bonita.

Ele não desperdiçou tempo.

“Você precisa de uma carona?” ele perguntou pela janela aberta, seu carro diminuindo para acompanhar o passo dela.

“Está tudo bem,” ela respondeu, olhando para cima tempo suficiente para notar a presença dele. “Eu moro no final da rua.”

“Eu não me importo. Na verdade, eu me sentiria melhor se você me deixasse te levar.”

Ela diminui o ritmo um pouco, mas não parou. Ele sabia que ela estava hesitando, mas não suficiente, então adicionou, “Com tudo que tem acontecido ultimamente... Você sabe, as garotas que foram encontradas...” Ele deixou a sentença suspensa, esperando infligir medo nela, mas ele deve ter a julgado mal.

Havia medo, mas não o tipo de medo que ele esperava. Ele viu alarme passar pelo rosto dela, e ele não pôde deixar de imaginar se ela tinha reconhecido nele o que as outras não tinham.

O passo dela acelerou, e ele podia ver ela se atrapalhando com algo no bolso dela. Ele viu o que era no segundo que ela o libertou. O celular dela.

Ela queria chamar ajuda.

Ele não podia deixar, mas ele tinha que agir rápido se planejava pará-la.

Ele pisou no freio e colocou o carro em ponto morto. A garota começou a correr antes de ele estar fora do carro.

A vadiazinha era rápida!

Ele correu atrás dela, as botas pesadas dele caindo ruidosamente contra a calçada. A vantagem que ela tinha ganhado na mente dela foi rapidamente perdida pela agilidade superior dele.

Além disso, era sempre mais fácil ser o predador do que a presa. Presas entravam em pânico.

Ele bateu nela por trás, e ouviu o grito dela quanto o ar foi tirado de seus pulmões sob o peso dele quando ele a esmagou no chão. O celular deslizou pela rua.

A mão dele avançou, antes que ela pudesse encontrar fôlego novamente, cobrindo a boca dela. Era ruim o suficiente que ela tivesse corrido, ele não precisava dela gritando também.

Ele virou rapidamente para as costas dele, levando-a com ele para que ela estivesse em cima do peito dele enquanto ele inspecionava a área procurando por possíveis testemunhas. Isso tinha

potencial para ser um verdadeiro desastre, esse podia ser o erro que ele evitou cometer por tanto tempo.

Mas eles ainda estavam sozinhos. Só eles dois.

Ela lutou contra ele, se agitando contra o aperto dele, mesmo que ele soubesse que ela estava consciente da força dele segurando-a. Ela era como uma boneca de trapos caindo pesadamente nos braços dele. Ele apertou seu controle sobre ela de qualquer forma, lutando contra um instinto para sufocá-la com a mão dele.

Em um rápido movimento, ele ficou de pé, a arrastando de pé com ele. O carro dele ainda estava ligado, e era muito fácil vê-lo com os faróis ligados iluminando a escuridão da rua.

Ele estava com raiva daquela garota. Ela não devia ter corrido. Ela não devia ter feito aquilo, elas nunca deveriam fazer aquilo.

Ela tinha arruinado a caçada para ele... Arruinado o clima.

Ele se inclinou dentro do carro para abrir o porta-malas. Ele não se importava com essa — essa garota — ela não merecia a preocupação dele ou seu gentil conforto.

Quando ela viu para onde ele estava a levando, ela chutou as pernas dele. Ele a bateu contra a sólida beira da abertura do porta-malas, deixando a cabeça dela bater contra o exterior metálico do carro antes de jogá-la dentro. No breve segundo que a boca dela estava descoberta ela tentou gritar por ajuda, mas o punho dele encontrou a mandíbula dela antes que o som pudesse ganhar força. Ele saiu como um gemido machucado.

Um pouco do humor dele foi restaurado.

Ele trabalhou rapidamente, agarrando a bolsa de ferramentas dele, e arrancando um pedaço de fita adesiva. Ela se rebateu lateralmente, para longe da fita prateada, mas ele enroscou os dedos no cabelo dela e puxou a cabeça dela de volta, selando a boca dela de uma vez por todas.

As algemas de plástico tornaram as mãos e pés dela inúteis, forçando ela a ser o tipo de vítima dócil que ele preferia. Ele observou enquanto o fogo nos olhos dela se extinguia. Ela o encarou de volta suplicante.

Ele se sentiu muito melhor.

Em um momento de compaixão, ele tentou acariciar o rosto dela confortadoramente, mas no instante que ele a tocou, o pânico retornou, e ela lutou de novo, se esforçando contra as tiras de plástico que seguravam seus pulsos e tornozelos.

Vadia, ele a xingou silenciosamente. Vadiazinha idiota!

Ele fechou o porta-malas com força, feliz de ter terminado com ela. Ele estava cansado de olhar para ela. Ele não ligava se ela estava com medo ou sofrendo.

Ele tinha certeza de uma coisa... Da próxima vez que a visse, ela não estaria lutando.

CAPÍTULO 9

“Ooh, eu gosto desses,” Claire Everton falou extasiada quando Violet levantou a barra da calça para mostrar outro par de sapatos.

Chelsea revirou os olhos, seus cílios exuberantes dando ao gesto um efeito dramático. “Claire, você gostou de cada parte que viu até agora. Me mostre os que você não gostou.”

Os ombros de Claire caíram enquanto ela fazia bico. “Tudo o que eu disse foi que eu gostava deles. Eu não disse que ela devia comprá-los.”

Chelsea lançou um olhar frustrado à Violet antes de se virar para Claire para mostrar compaixão pelo ego frágil da garota. Parecia um ato quase monumental para Chelsea, que raramente pensava no que iria falar antes de dizer em voz alta.

Geralmente, era uma das coisas que Violet mais gostava em Chelsea, mas algumas vezes, como agora por exemplo, Chelsea tinha que fazer um pouco de controle de danos.

“Eu sei, Claire-ursinha,” Chelsea falou amorosamente em um tom condescendente usado para falar com bebês. “Eu não quis ser ríspida com você.”

Claire não parecia ter sentido que tinha sido tratada com condescendência e se animou imediatamente. Ela virou, puxou outro par de sapatos e olhou para eles ardentemente, e elas a ouviram dizendo, “Eu gosto desses também...” enquanto ela perambulava no departamento de sapatos de Nordstrom.

Chelsea olhou de volta para Violet e enrugou o nariz quando olhou para os sapatos que Violet estava calçando. “Eu não gosto deles,” ela disse no tom prosaico dela, todos os traços do tom usado com bebês longe.

Violet balançou a cabeça. “Nem eu.”

O passeio de compras tinha o objetivo de distrair Violet de pensar sobre os cadáveres recentemente descobertos. Havia algo sobre as duas garotas mortas, algo além da preocupação dela com sua própria segurança, que a mantinha se sentindo nervosa.

Ela compreendia que era natural considerando que ela tinha sido responsável por encontrar a garota no lago. Mas ela estava lutando para se concentrar até mesmo nas tarefas mais simples, mesmo uma como fazer compras.

Jules apareceu então, praticamente do nada, carregando os braços cheios de caixas de sapatos. “Aqui,” ela insistiu, entregando duas caixas para Violet. “Eu encontrei o par perfeito para você. Eu não tinha certeza do tamanho que você usa, então peguei um trinta e seis e um trinta e sete.” Então ela se virou para Chelsea. “Esses são para você.” Uma

caixa. Aparentemente ela tinha certeza sobre o tamanho. “Ei, D-D-A2,” ela chamou Claire, “venha aqui e experimente esses.” Ela colocou duas caixas idênticas em uma cadeira que ela obviamente tinha designado à Claire.

E então ela sentou em uma cadeira vazia e esperou impacientemente.

“E você? Não vai escolher um par para você?” Chelsea perguntou para Jules.

“Eu terminei. No tempo que vocês desperdiçaram procurando pelo sapato “perfeito”, eu encontrei o meu e de todas vocês. Eu até já paguei... Eles estão guardando para mim no balcão.” Ela se inclinou para frente na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos dela, que estavam separados, fazendo com que ela parecesse extremamente fora de lugar no elegante departamento de sapatos femininos.

Não havia um osso feminino no corpo de Jules Oquist, embora você não fosse saber necessariamente pela aparência externa dela. Não era até que ela se movesse, ou falasse, ou até mesmo respirasse, que você não podia evitar notar o quanto menina moleque a garota atlética realmente era. Exteriormente, entretanto, ela era bonita. Mas diferente de Chelsea ou as outras garotas, Jules não tentava ser. A beleza dela era uma atenuada que não necessitava de maquiagem ou secadores de cabelo. Ela tinha uma ótima cor de pele, cabelo loiro-mel macio, e lábios generosamente cheios. Mas era aí onde quaisquer comparações com o gênero feminino terminavam. Essa viagem de compras prolongada não era exatamente algo que ela gostasse.

Chelsea abriu a caixa dela e seus olhos se arregalaram em surpresa. “Oh meu Deus, eles são exatamente o que eu estava procurando,” ela suspirou. Chelsea caiu subitamente em uma das cadeiras cheias demais e deslizou o pé na delicada sandália prata, parecendo a Cinderela. E assim como no conto de fadas, ele serviu perfeitamente. “Obrigada, Jules.” Chelsea sorriu radiantemente, excitada pela escolha da amiga.

Violet abriu o dela em seguida, curiosa agora para ver como Jules tinha se saído com ela.

Ela não estava exatamente extasiada por ir ao baile com Grady, mas ela tinha que admitir que tinha se divertido escolhendo um vestido, e agora, encontrando os sapatos perfeitos para usar com ele. As sandálias pretas de tiras dentro da caixa eram impressionantes. E mesmo que Violet não tivesse pensado em usar sandálias, agora que tinha as visto, ela sabia que elas iriam ficar lindas com o simples, vestido preto elegante dela. Ela adorou as tiras que se cruzavam na frente do tornozelo dela e se fechavam em uma delicada fivela enfeitada com jóias na lateral. O primeiro par de sapatos que ela calçou era exatamente o tamanho dela.

Até agora, Jules tinha acertado dois de dois.

² Referencia ao Distúrbio do Déficit de Atenção.

Claire era a próxima, e ela estava tendo dificuldade em esperar pela vez dela. Assim que Violet concordou que tinha encontrado os sapatos dela, Claire escavou a caixa dela.

Elas ficaram um pouco surpresas com a escolha audaciosa... Um par de sapatos peep toe reluzentes, vermelhas, de couro envernizado.

“O que foi, Julia?” Chelsea perguntou, sabendo que Jules odiava ser chamada por seu nome de batismo. “Você ficou toda menininha pra cima da gente?”

Jules pareceu ofendida pela mera sugestão e deu a Chelsea um olhar aborrecido. “Eu só queria dar a vocês um chute na bunda e adiantar as coisas. Algo errado com isso?”

“Não,” Claire suspirou sem fôlego, olhando para os sapatos e não para Jules. “Esses... Eles são... Quentes,” ela finalmente disse, achando a palavra certa.

Eles eram bem quentes, Violet pensou, e eles iriam ficar maravilhosos com o vestido de um ombro só de Claire.

Acertar três em três era bem impressionante, principalmente para uma garota que professava odiar fazer compras.

Jules levantou e espreguiçou sem graça. “Vamos nos apressar e pagar antes que ela” —ela indicou Claire com um movimento do dedão— “veja alguma coisa brilhante e nós a percamos de novo.”

Violet estava bem com a sugestão.

O shopping estava lotado para uma noite de sexta, e por causa disso Violet tinha notado que pelo menos um pouco de entrada sensorial estava estranhamente fora de lugar nos arredores do shopping. Com duas garotas mortas tão recentemente, ela parecia estar muito mais consciente de tudo que estivesse fora do normal ultimamente, como se ela estivesse buscando pelos ecos, até nos lugares mais mundanos.

Ela tinha reconhecido um em particular. Era o estranho cheiro de água do mar vindo de um senhor, notável homem que estava fazendo compras com a esposa no departamento de sapatos. Ela só o notou quando ele passou bem ao lado dela, e ela duvidava que o cheiro tivesse qualquer coisa a ver com o oceano. O cheiro era velho, provavelmente muito velho, e ela se perguntou se o homem tinha lutado na guerra em sua vida. Ou se ele alguma vez tinha sido um caçador.

De qualquer forma, ela duvidava que ele fosse o assassino.

Depois que elas pagaram e saíram da loja de departamentos, Violet e suas amigas decidiram comer alguma coisa. Chelsea as convenceu a experimentar um restaurante tailandês descendo a rua do shopping. Violet não precisava ser convencida. Uma coisa sobre a qual ela não era exigente era comida – quanto mais exótica melhor. Ela gostava especialmente de qualquer coisa que não fosse lasanha congelada ou pizza para entrega.

Elas dividiram pedidos de pad Thai, Swimming Angel, e alguns rolinhos primavera vietnamitas que vieram com um doce molho de alho e amendoim. O cheiro do arroz-de-jasmim se misturava com os aromas do leite de coco e da pimenta. Quando elas terminaram, Violet estava cheia e imaginou se ela ainda caberia no vestido dela.

No caminho para a casa de Chelsea, Claire falou sem parar sobre o baile que chegava. Violet estava ocupada desligando a conversa até que ela ouviu a voz de Chelsea, e Violet percebeu que Chelsea estava falando com ela.

“O quê?” Violet perguntou, fingindo que ela só não tinha escutado o que Chelsea tinha dito, ao invés de revelar que não estava ouvindo nenhuma delas.

“*Eu disse, é estranho para você que Jay vai levar Lissie Adams para o baile?*” Chelsea repetiu devagar, como se Violet fosse uma criança parva.

Oh Deus, isso não, Violet pensou. Esse era um assunto que ela estava esperando evitar. Ela de repente desejou ser uma avestruz para poder enfiar a cabeça na areia e ignorar completamente a pergunta.

Infelizmente três pares de olhos, incluindo os de Jules, que estava olhando para Violet do retrovisor, estavam agora encarando ela.

Ok, Vi, simplesmente aja casualmente. “Estranho? Por que isso seria estranho? Jay e eu somos só amigos. E Lissie parece legal.”

Sobrancelhas se levantaram.

“Ce-erto.” A palavra foi arrastada ceticamente. É claro que foi uma não convencida Chelsea que perguntou. “Por que você ficaria com ciúmes por ele estar levando uma garota do ultimo ano... Não, não, esqueça isso, *a garota do ultimo ano mais popular da escola, para o baile?*”

“Sim,” Violet respondeu, fazendo soar como se Chelsea tivesse feito uma afirmação ao invés de uma pergunta. “Você está certa, eu não tenho nenhuma razão para estar com ciúmes... Já que nós somos *só amigos*.” Agora era ela que estava falando devagar, como se elas pudessem ter problema para entender as palavras dela.

Elas tiveram, mas não porque elas eram muito devagar para entender. Elas simplesmente não eram tão tolas quanto Violet queria que elas fossem.

Claire esticou a mão e deu batidinhas na perna de Violet no que deveria ser um gesto consolador. Ao invés, Violet ficou irritada pelo caráter condescendente daquilo.

“Sério, por que é tão difícil de entender?”

Por quê? Provavelmente por que não era verdade. Ou pelo menos porque nem mesmo ela não queria que fosse verdade.

Jules voltou a atenção dela de volta para a estrada, e Claire deu de ombros delicadamente, mas dubiamente. Chelsea olhou por cima do ombro dela para Violet, dando a ela um olhar que dizia que ela não estava comprando aquilo, mas pelo menos ela não disse isso em voz alta.

Violet ficou feliz quando Claire começou a conversar afetadamente de novo, preenchendo o silêncio constrangedor que tinha se estabelecido dentro do carro.

Violet sabia, é claro, que ela não tinha direito algum de estar com ciúmes por Jay ir ao baile com Elisabeth Adams. Ele não tinha nem perguntado a it-girl até depois de ter ficado sabendo que Violet tinha concordado em ir com Grady, e ela vinha se arrependendo desse momento particular de fraqueza cada segundo de cada dia desde então. E de alguma forma os sapatos perfeitos, para combinar com o vestido perfeito, não a faziam se sentir nenhum pouco melhor... Mesmo agora. Porque no fim, ela iria ter que ficar do outro lado da pista de dança do garoto com quem ela realmente queria estar e ver ele dançar com seu próprio par perfeito.

Ela fechou os olhos e tentou se concentrar na corrente sem fim de palavras saindo gotejando da boca nunca-calada de Claire.

Ela estava realmente começando a se preocupar com o que ela tinha se metido.

Violet não teve muito tempo para pensar sobre o baile e o quanto ela ficaria desapontada por estar indo com Grady ao invés de Jay. Todas as preocupações sobre ela mesma, e seus próprios problemas insignificantes, foram ofuscados pela notícia que a saudou quando ela chegou em casa na manhã seguinte, depois de passar a noite na casa de Chelsea.

Os pais delas estavam esperando por ela na sala de estar quando ela passou pela porta da frente.

A mãe dela estava andando de um lado para o outro em frente à lareira, e o pai dela deu a impressão de que estava relaxando quando ele se inclinou no sofá, suas longas pernas esticadas na frente dele. Mas era o olhar preocupado no rosto dele que denunciou seu desconforto.

Violet imediatamente sentiu sua guarda levantar quando ela os viu daquela forma. Os pelos atrás na nuca dela se eriçaram involuntariamente. “O que está errado?” ela perguntou, fechando a porta atrás dela.

Elas olharam um para o outro, uma conversa muda passando entre eles, antes de o pai se levantar e cruzar o cômodo até onde ela estava. Ele esticou as mãos e apertou os braços dela em um gesto que, vindo dele, era para ser consolador.

Violet podia sentir o pânico crescendo dentro dela.

“O quê?” ela pensou alto, olhando além do pai dela para a mãe, sabendo que sua mãe nunca tinha sido boa em esconder coisas dela. Sua mãe era incapaz de disfarçar os pensamentos e emoções tanto quanto o pai dela era em ocultar os dele.

“Sente-se, Vi. Nós precisamos conversar,” a mãe dela instruiu, passando pelo marido e puxando a filha em direção ao sofá.

Violet não lutou com ela. “O quê?” ela perguntou novamente. Dessa vez a voz dela pareceu um sussurro rouco sendo puxado à força da garganta dela quando ela implorou a eles que dissessem sobre o que era tudo isso.

A mãe dela falou primeiro. “É Hailey McDonald... Ela está desaparecida desde a noite passada.” Ela sentou ao lado da filha e colocou o braço em volta dela. “A mãe dela ligou para o tio Stephen no meio da noite passada para dizer que Hailey nunca chegou em casa. Eles checaram em todos os lugares que podiam pensar... Na casa de todos os amigos dela, os lugares onde ela tinha sido vista por ultimo... e ninguém sabe onde ela poderia estar.”

Violet se sentiu doente. As mãos dela começaram a tremer em seu colo, e os espasmos musculares moveram-se pelos seus braços e atravessaram o corpo dela inteiro em correntes elétricas.

Hailey McDonald só estava no ensino médio, ela devia ter treze anos, bem mais nova do que as outras duas garotas cujos corpos já tinham sido descobertos. E Violet conhecia Hailey, ela costumava tomar conta dela quando a garota mais nova estava na escola elementar. O irmão mais velho de Hailey, Jacob McDonald, era um ano mais novo que Violet em White River High School.

Isso era perto. *Muito perto.*

“Eles acham que... você sabe, eles suspeitam...” Ela tomou fôlego para parar o tremor na voz dela. “Elas acham que ele a pegou?”

O pai dela sentou do outro lado dela. “Sim.” A voz dele soou calma demais para estar dizendo algo tão horrendamente inaceitável. “Stephen disse que ela devia estar caminhando para casa da casa da amiga dela, Elena Atkins, mas ela nunca chegou. Os pais dela esperaram por mais de uma hora depois do horário que ela devia estar em casa antes de começarem a ligar, mas já devia ser muito tarde.”

“Talvez ela só estivesse com raiva dos pais dela e esteja se escondendo na casa de outro amigo.” Violet tentou soar convincente embora mesmo ela não acreditasse em uma palavra. E então, por que ela não podia pensar em nada mais para dizer, ela cobriu a boca com sua própria mão trêmula. “Oh meu Deus,” ela sussurrou.

Violet queria chorar, liberar suas frustrações e medos. Seria mais saudável dessa forma, e ela podia até se sentir um pouco melhor se pudesse libertar seus sentimentos...

Compartilhar, como a mãe dela diria. Mas ao invés disso, ela se sentiu paralisando, contraindo. Se fechando.

Era a mesma forma como ela tinha se sentido depois de descobrir o corpo da garota morta no lago. Um sentimento desesperado que a sugava mais fundo atoleiro de seu próprio tumulto interno. Ela se sentia vulnerável e desesperada.

E determinada.

Tudo tinha mudado para Violet. Conhecer essa garota... E sabendo do que ela era capaz de fazer para ajudar, mesmo que fosse fútil, e mesmo se acabasse sendo perigoso, ela sabia que não podia mais simplesmente ficar sentada e esperar para ver se—ou quando—eles encontrariam Hailey.

Violet estava cansada de esperar que outra pessoa encontrasse o psicopata que estava caçando essas garotas. Ela iria fazer algo, mesmo se ela tivesse que agir sorrateiramente para fazer isso.

Ela pediu licença para ir ao quarto dela, dizendo aos pais dela que ela queria ficar sozinha, e pegando o telefone de casa quando ela passou por ele no caminho.

Ela *iria* fazer alguma coisa. Mas ela não faria sozinha.

Ela iria pedir ajuda.

CAPÍTULO 10

Jay foi à casa de Violet assim que ela ligou para ele; ela nem precisou dar uma razão a ele. Ele estava lá em menos de dez minutos.

É claro, ele tinha escutado sobre o que tinha acontecido com Hailey. Todos tinham. Buckley era uma cidade pequena, e as notícias viajavam rápido... Especialmente *más* notícias.

Quando ele chegou lá, ela contou a ele o que ela estava pensando em fazer. Não era nada perigoso, pelo menos no que dizia respeito a ela, e ela não tinha esperado que Jay discordasse com ela sobre isso. Então quando ele discordou, ela estava mais do que um pouco surpresa pela reação teimosa dele.

“De jeito nenhum,” ele insistiu, e a voz dele deixou pouco espaço para argumento. “De jeito nenhum você vai sair por aí procurando esse cara.”

Violet estava chocada pelo tom na voz dele, e pelo olhar duro que ele lançou a ela. Ela pensou que talvez ele tivesse entendido mal o plano dela, então ela tentou explicar de novo. “Jay, eu só irei a lugares públicos, como shoppings e parques, para ver se eu consigo captar uma sensação de quem esse cara é. Quem sabe, talvez ele vá a lugares como esse para encontrar elas, talvez ele fique lá esperando para pegar uma garota para... Você sabe, sequestrar.” Ela tentou fazer o argumento dela soar lógico, mas havia fio de desespero na voz dela. “Eu não vou sozinha... *você* pode ir *comigo*. Nós só vamos passar um tempo em lugares diferentes para ver se encontramos ele. E se encontrarmos, nós ligamos para o meu tio. Não é como se nós fossemos fazer alguma coisa estúpida.”

“‘Alguma coisa estúpida’ seria sair por aí procurando por um assassino. Eu não vou deixar você procurar problema, Violet. Esse cara é perigoso e você precisa deixar isso com a polícia. Eles sabem o que estão fazendo. E *eles* estão armados.” Ele soava como se pensasse que ela tinha ficado louca, e talvez ela tivesse, mas ela já tinha feito à decisão dela.

“Olha, eu vou fazer isso. Eu só estava pedindo para você fazer comigo.”

“Você não vai,” ele insistiu. “Mesmo que eu tenha que contar a seu tio e seus pais o que você está planejando. Eu te prometo, você não vai fazer isso.”

Ela podia sentir a raiva dela explodir. “Você não pode me parar, Jay. Se você me dedurar, eu vou mentir. Eu vou piscar meus olhos inocentemente e prometer *não* procurar esse cara. Mas eu juro para você que cada chance que eu tiver, mesmo que eu tenha que sair escondida de casa para fazer isso, eu *vou* tentar encontrar ele.” Ela levantou, querendo encarar ele de volta, mas ao invés se encontrou estendendo o pescoço só para poder ver o

rosto dele. A posição estranha não roubou nenhum pouco da ameaça dela. Ela se recusava a recuar. “Estou falando sério, Jay. Você não pode me impedir.”

Jay olhou incredulamente de volta para ela. Emoções variando de descrença para frustração e de volta para descrença novamente lampejaram obscuramente através do rosto dele. Ele parecia estar lutando consigo mesmo agora. Mas quando ela o ouviu suspirar, e então o viu passando a mão impacientemente pelo cabelo dele, ela sabia que tinha vencido. A determinação gelada parecia estar derretendo bem na frente dos olhos dela.

“Droga, Violet.” Ele suspirou bruscamente, envolvendo os braços ao redor dela e a segurando fortemente. “Que escolha eu tenho?” ele perguntou enquanto praticamente a esmagava.

Ela não tinha certeza de como reagir a ele agora. Esse definitivamente não era um abraço delicado, mas o contato próximo fez os desejos secretos dela se agitarem do mesmo modo. Ela não podia evitar pensar se ele sentia pelo menos uma fração do que ela sentia.

Os braços dele eram fortes, e ela se sentia segura no círculo deles. Ela nunca imaginou que podia se sentir tão confortável e tão *desconfortável* ao mesmo tempo. Ela esperou no espaço do abraço dele para ver onde isso iria.

“Então, como isso vai funcionar?” ele exigiu asperamente contra o topo da cabeça dela.

Ela congelou. “O que você quer dizer?” ela perguntou quando o batimento cardíaco dela aumentou.

Ele a soltou, e ela percebeu que ele não estava falando sobre eles—ele estava falando sobre o plano dela para encontrar um assassino. Ela tentou ignorar a forte punhalada de desapontamento que sentiu.

Mas ela se recuperou rapidamente. “Eu estava pensando que nós podíamos começar saindo, sabe, para lugares onde nossos amigos, e garotas de outras escolas, possam passar o tempo. Nós podemos ir depois da escola e nos fins de semana, por tanto tempo quanto for necessário, até que a polícia o pegue, ou até que eu cruze com ele. De qualquer forma, ele precisa ser detido, Jay.” Ela olhou para ele de novo, dessa vez o sentimento de vulnerabilidade por uma razão inteiramente diferente. “Eu simplesmente não acho que posso ficar sentada enquanto mais garotas são sequestradas, ou pior, encontradas *mortas*.” A voz dela se quebrou na última palavra, mesmo que ela estivesse tentando se manter calma. Ela odiava sentir-se tão impotente e fraca, e ela odiava admitir que precisava de ajuda. Mas ela precisava.

Ela precisava que Jay fosse com ela. Porque apesar de suas palavras audazes sobre fazer aquilo sozinha, era tudo apenas um blefe. Ela realmente não tinha certeza de se conseguiria fazer aquilo sozinha.

“Tudo bem,” ele finalmente concordou, dando a ela o mesmo sorriso idiota que sempre fazia o coração dela tropeçar, mesmo que ele ainda parecesse incerto. “Que tal nós começarmos indo ao cinema hoje à noite? Nós podemos nos certificar que o cinema é seguro.”

Foi preciso jogar um pouco para convencer os pais dela que deixassem ela sair depois da notícia sobre o desaparecimento de Hailey McDonald. Se não tivesse sido pela promessa de Jay de não perder ela de vista, eles não teriam concordado de jeito nenhum. Eles pareceram se sentir ainda melhor quando Jay insistiu em dirigir, já que o carro da mãe dele era definitivamente mais moderno que o Honda agitador dela.

Depois de checar os horários dos filmes online, eles decidiram em um filme de ação que tinha acabado de estreiar e estava passando no cinema mais próximo, em Bonney Lake, a cidade onde Brooke Johnson vivia.

Se alguém *estivesse* procurando por adolescentes para seqüestrar, sábado à noite no multiplex seria o lugar perfeito para ir. Uma multidão de adolescentes, variando de provavelmente onze ou doze até a maioridade, se moviam como em um enxame ao redor do prédio independente e vagueavam sem rumo pelo estacionamento. Dentro do saguão, eles eram como um rebanho enérgico quando se moviam para dentro, e para fora, das salas de cinema.

Violet nunca tinha parado para observar a disposição antes, e era um pouco como observar macacos espasmódicos no zoológico. Mas eles não eram realmente o que ela estava interessada hoje à noite.

Ela estava lá para encontrar um assassino. Era só um bônus que ela estivesse lá com Jay.

Eles encontraram um grupo de amigos da escola que estavam vendo a mais nova paródia, e eles pararam para conversar por alguns minutos. As garotas no grupo empertigaram-se no momento que perceberam que Jay Heaton estava por perto, e Violet sentiu uma pontada de satisfação que ele era o acompanhante dela aquela noite... Mesmo que não fosse realmente um encontro.

Assim que Jay estava na vista dela, o olhar apreciativo de Amanda Kaufman nunca o deixou. “Ei, Jay,” ela disse, praticamente ronronando para ele, ignorando todos ao redor dela—incluindo o namorado dela, que não estava prestando atenção nenhuma. “Você está ótimo.” Ela estendeu a mão e esfregou o peito dele. “Eu gosto da sua jaqueta. Ela é tão *macia*,” ela falou de forma elogiosa.

Violet olhou para a jaqueta, se perguntando se ela tinha perdido algo especial. Ela não tinha. Era só uma jaqueta de moletom cinza comum—igual às aquelas que todos os outros garotos na escola usavam todos os dias.

Violet olhou para Jay e levantou as sobrancelhas. Ela sabia que ele tinha notado ela olhar, mesmo que ele tenha fingido ignorá-la.

“Obrigado,” ele disse para Amanda em uma voz que era um pouco congenial demais, e Violet percebeu que ele gostava da atenção.

Amanda deu uma risadinha, e Violet quase riu alto do som agudo que saiu da boca dela. O namorado de Amanda, Cameron, um jogador de futebol americano do último ano, estava muito ocupado falando sobre o jogo da próxima semana com os amigos dele para notar que a namorada dele estava flertando bem embaixo de seu nariz.

Violet tentou prestar atenção aos seus arredores, se concentrando em sentir alguma coisa incomum.

Ela já sabia que uma das impressões seria um brilhante, brilho oleoso como aquele da garota no lago, e ela iria facilmente reconhecer o assassino se o visse. Ela só não sabia como as outras impressões dele seriam.

Mas Violet não levou muito tempo para perceber que não havia nada fora do comum no saguão, então ela tomou um gole da coca dela e observou as garotas bajularem Jay. Ela continuava pensando que ela deveria estar com ciúmes da atenção delas, mas ela simplesmente não conseguia, porque estava se divertindo demais vendo elas se fazerem de idiotas. E isso incluía Jay.

As outras duas garotas no grupo foram encorajadas pela reação dele a Amanda. Yvete Siegel tentou em seguida, e o namorado dela era tão estúpido quanto o de Amanda. “Eu aposto que você vai ficar ótimo em um terno,” ela elogiou Jay.

“Você já escolheu um?” Alexandra Yates perguntou. Ela era a única sem um namorado, e deu um passo para frente, praticamente empurrando as duas outras garotas—*amigas dela*—para fora do caminho para chegar mais perto dele.

Violet teria rido alto, mas ao invés ela engasgou no refrigerante dela quando ele desceu pelo caminho errado. Todas as três garotas de repente a perceberam ali pela primeira vez. Ela tentou conter o acesso de tosse, mas não conseguia parar.

Jay estendeu a mão para bater nas costas dela mais forte do que realmente precisava. “Você está bem?” ele perguntou, e Violet lançou a ele um olhar mortal enquanto tossia na mão fechada.

“Estou bem,” ela ofegou, malmente dizendo as palavras entre sua própria tosse. Ela empurrou a mão *ajudante* dele para longe e o encarou.

Ele sorriu para ela.

“Ei, Violet.” Alexandra foi a única que reconheceu que ela estava ali. “E você? Já escolhei um vestido para o baile?”

Violet limpou a garganta mais uma vez enquanto acenava com a cabeça. “Estou com tudo pronto, eu acho.”

“Onde vocês vão jantar na noite do baile?” A voz de Amanda tinha assumido uma qualidade amuada que não combinava nada com ela. “Vocês já fizeram reservas?”

Violet percebeu o que as garotas pensavam que ela e Jay iriam para o baile um com o outro. “Oh, não” —ela corrigiu o erro— “nós não vamos juntos.”

Isso pareceu imediatamente animar Amanda novamente, mesmo que Violet estivesse bem certa de que a outra garota já iria para o baile... *Com o namorado dela.*

“Sério?”

“Sério. Violet vai com Grady Spencer,” Jay disse as três garotas enquanto sorria oh-tão-inocentemente para Violet.

“E Jay vai com Lissie Adams,” Violet revelou ao trio, sorrindo maliciosamente para ele.

“Oh,” Amanda gemeu de novo, soando completamente abatida. E pelo tom da voz dela, Violet estava um pouco surpresa que Amanda não bateu o pé quando disse isso.

“Ei, nós temos que ir, nosso filme já vai começar,” Cameron lembrou Amanda enquanto estendia a mão e puxava a namorada para longe de Jay. “Foi bom falar com você.” Ele disse a última frase com uma expressão séria, mesmo que ele não tivesse dito uma única palavra para Violet ou Jay.

Violet observou eles irem embora, enquanto as três garotas, em momentos diferentes, olhavam para trás por cima dos ombros para dar outra olhada em Jay antes de irem. Jay cutucou Violet conspiratoriamente.

Os olhos de Violet se arregalaram quando ela olhou para ele. “Mas que inferno foi isso tudo?”

Jay pareceu sério por um momento, e então piscou para ela. “É bom ser uma das pessoas bonitas, isso é tudo.”

“Oh meu Deus, Jay, elas estavam praticamente babando em cima de você.” Pela primeira vez em muito tempo, Violet só se sentia divertida pelos modos das outras garotas ao redor do melhor amigo dela. Era bom... Não se sentir nem um pouco ressentida pela atenção que elas estavam dando a ele.

Jay riu, cutucando ela de novo. “Com ciúmes?”

Violet quase engasgou na bebida dela de novo. “Como eu poderia estar? Elas estavam agindo como completas idiotas. Eu estou falando sério—acho que Amanda pode ter babado um pouco nela mesma.”

Jay entregou à mulher na entrada do cinema os ingressos dele, e depois que guardou os tocos no bolso ele estendeu a mão e pegou a mão de Violet. Era um gesto amigável, algo que eles costumavam sempre fazer, e foi bom.

O cinema estava só cheio pela metade, então eles foram capazes de encontrar um lugar na lateral que era relativamente privado. Assim que os créditos rolaram, a mente de Violet começou a vagar novamente, para o propósito real deles para estar aqui essa noite. Pegar um assassino.

Até então ela não tinha sentido nada... Ou melhor, nada além do comportamento bizarro das outras garotas ao redor de Jay. Ela não tinha sentido ecos dos mortos a noite inteira, e supôs que devia estar esperando demais pensando que iria acontecer tão rapidamente... Tão facilmente.

Ela se resignou ao fato que isso poderia demorar um pouco.

Nesse tempo, ela e Jay sentaram de ombros colados durante o filme, e o calor dele pressionado contra ela fez com que fosse difícil para Violet se concentrar. Ela tentou lembrar quando *exatamente* ele tinha começado a cheirar tão bem para ela, ou quando o toque dele tinha se tornado um narcótico alterador de humor.

Ela olhou para o lado para ver se podia adivinhar o que ele estava pensando, se o contato casual deles o estava afetando da forma que estava afetando ela, mas o rosto dele estava inexpressivo, completamente ilegível, enquanto ele observava a ação na tela enorme.

Ela se inclinou na direção dele e sussurrou, “Eu tenho que ir ao banheiro.”

Ela se levantou para ir. E ele também.

Ela lançou um olhar questionador a ele. “Eu já vou voltar,” ela disse quietamente.

Ele a seguiu de perto.

“O que você está fazendo?” Ela perguntou começando a se sentir irritada.

“Eu vou com você.”

“É, eu entendi isso,” ela disse, a voz dela ficando mais alta agora. “Por quê?”

Ele a empurrou por trás até que eles estivessem fora do cinema escuro e de pé no corredor pouco iluminado.

“Eu posso ir ao banheiro sozinha,” ela insistiu, colocando as mãos nos quadris e inclinando a cabeça para o lado.

“Não, Violet. Você não pode. Eu disse aos seus pais que não deixaria você sair da minha vista, e eu falei sério. Além disso, até você decidir parar de caçar esse cara, eu não

vou deixar você fazer *nada* sozinha.” Aquela deslocação teimosa da mandíbula dele estava de volta. “Agora, se apresse,” ele disse enquanto se inclinava casualmente contra a parede do lado de fora do banheiro feminino.

Violet não queria perder o tempo dela discutindo, então ela só balançou a cabeça quando abriu a porta. “Você é louco! Você sabe disso, não sabe?” Ela não esperou que ele respondesse enquanto desaparecia dentro do banheiro vazio, mas jurou ter ouvido o som da risada dele a seguindo para dentro.

Havia algo brandamente assustador nos pálidos, desbotados banheiros nesse cinema. Eles estavam usualmente vazios enquanto os filmes passavam no multiplex, e a fria, fantasmagórica luz lançava uma palidez quase ameaçadora através dos pequenos, brancos, ladrilhos hexagonais no piso. O encanamento fluorescente até fazia um zumbido agourento que ecoava contra as paredes ao redor dela. Ela estava na verdade meio feliz por Jay estar esperando do outro lado.

Violet correu para dentro e para fora do boxe, apanhando um vislumbre dela mesma no espelho enquanto lavava as mãos. Ela nunca tinha se visto como bonita, mas sabia que não era sem atrativos também. Ela nunca quis ser uma dessas garotas que procuravam por defeitos, acabando consigo mesmas com críticas injustas.

Ela ligou o secador de mãos pendurado na parede, mas ficou impaciente com o tempo que levou e finalmente secou as mãos no jeans dela enquanto ia de volta para onde Jay estava esperando por ela, ainda inclinado casualmente contra a parede.

Ela não parou para esperar por ele, e ele teve que correr para alcançá-la. “O que fez você demorar tanto?” ele sussurrou enquanto eles procuravam os assentos deles no escuro novamente.

Ela não respondeu a pergunta dele, ela ainda estava irritada que ele pensava que ela precisava de escolta só para ir ao banheiro. Mas assim que eles sentaram, Jay pegou a mão dela de novo.

Violet não reclamou sobre isso. Ela gostava demais para reclamar.

As mãos dele eram robustas e muito maiores que as dela agora. A pele dele parecia mais grossa—mais fortes—que as dela, e o contraste era hilariante. O simples toque dele a fazia se sentir quente.

Ela ficou desapontada quando o filme acabou, mesmo que ele não mostrasse sinais de soltar o aperto na mão dela. E ela estava mais do que um pouco envergonhada por perceber que ela mal prestou atenção no filme. Ela tinha outras, mais interessantes, coisas na cabeça. Ela desesperadamente esperava que Jay não fizesse nenhuma pergunta sobre o filme que ela deveria ter assistido.

Eles viram o grupinho de Amanda no caminho para o estacionamento, mas dessa vez Jay mal os percebeu, simplesmente acenou na direção deles quando eles passaram. Violet estava consciente dos olhares trocados pelas garotas quando elas deixaram claro que tinham notado que ele estava segurando a mão dela.

Jay deve ter visto também, porque ele deu à mão dela um aperto rápido, tranquilizador.

Isso deixou Violet curiosa sobre todas as vezes que ela pensou que Jay estivesse completamente inconsciente sobre a atenção que ele vinha recebendo das garotas na escola. Ela se perguntou se ele estava mais consciente do que mostrava sobre quanto interesse ele incitava na população feminina de White River High.

E então o sangue dela esfriou quando outro pensamento ocorreu a ela. Se ele não era totalmente ignorante sobre o que estava fazendo às outras garotas, o que ele sabia sobre os pensamentos e fantasias dela? Ele poderia possivelmente suspeitar como ela realmente se sentia sobre ele? Ela era tão transparente quanto Amanda e as outras garotas da escola tinham sido?

Isso seria terrível! Violet pensou miseravelmente. Ela iria ter que ser mais cuidadosa ao redor dele e parar de ficar obcecada com ele como uma das fãs dele.

Ela decidiu que, daquele ponto em diante, apesar do fato de que era algo que ela queria desesperadamente, ela não poderia arriscar arruinar o que eles tinham. A amizade deles, que tinha sido parte da vida dela por quase tanto tempo quanto ela podia lembrar, era importante demais para que ela fizesse algo que pudesse arruiná-la.

Ela puxou a mão para longe da dele, se sentindo decidida e forte de repente. Mas acabou sendo menos uma exibição de decisão do que ela tinha pretendido, considerando que eles tinham alcançado o carro e ela teria tido que se soltar de qualquer forma. Jay abriu a porta do passageiro e ela deslizou para dentro.

Ela olhou para a mão dela, que ainda estava quente do toque dele, e já podia sentir falta do contato com ele. Ela não entendia completamente o sentimento de perda que sentiu sobre algo que ela nunca teve para começar.

Além disso, Violet pensou, ela tinha coisas mais importantes para se preocupar agora.

Ela precisava encontrar um assassino, pará-lo antes que ele machucasse alguém mais.

Como ela iria fazer isso se estava ocupada demais se apaixonando pelo melhor amigo dela?

CAPÍTULO II

Domingo, Violet e Jay passaram boa parte do dia no shopping da região. Eles vagaram, entrando e saindo das lojas, almoçaram na praça de alimentação, e passaram o dia jogando videogames no arcade, o qual, como ela descobriu depois, foi de maior benefício para Jay do que para ela. Ela era horrível em todos os jogos que experimentou e gastou mais de dez dólares em menos de dez minutos. Jay ainda estava nos seus primeiros cinquenta centavos na hora em que ela terminou.

Ela decidiu que não podia se dar ao luxo de passar muito tempo no arcade.

Violet parou ao lado do jogo que Jay estava jogando—*muito bem*, ela precisava admitir—e olhou ao seu redor. Os sons eletrônicos dos jogos eram quase ensurdecedores, especialmente para alguém tão hiper-consciente de seus sentidos. Mas Violet já sabia que o homem que ela estava procurando não estava ali. Teria sido fácil para ela achar a impressão radiante que procurava, especialmente nos confins escuros do arcade.

Ela olhou de volta para o monitor de videogame e tentou fingir interesse no que estava acontecendo na tela, mas logo ela se cansou, e decidiu que preferia esperar por Jay no shopping. Ele não olhou para cima do que ele estava fazendo o suficiente para perceber que ela estava indo embora.

Ela deixou a sobrecarga sensorial do arcade atrás dela assim que entrou no espaço aberto do átrio. Eles já tinham almoçado, e Violet não tinha vontade de comer de novo, então em vez disso, ela começou a vagar pelas lojas perto da praça de alimentação.

Ela olhou ao seu redor. O shopping estava lotado, e havia filas em vários dos restaurantes. Mulheres com crianças e pré-escolares da cidade convergiram para o McDonald. Os cheiros dos diferentes restaurantes fast-food, todos remanescentes juntos, eram fortes, mas não totalmente desagradáveis.

E então ela percebeu algo estranho.

De repente, não era do cheiro que Violet estava ciente, mas sim do *gosto*. Ela teve a estranha sensação de alho no fundo de sua boca... Era pungente e grosso, e quase insuportável.

Era isso. Este podia ser o algo que ela estava procurando.

Algum tipo de eco.

Violet olhou em volta, tentando imaginar de onde poderia estar vindo, mas havia realmente apenas uma maneira de ter certeza.

Ela começou a andar, deixando a praça de alimentação para trás e se movendo mais para dentro do shopping. Quando o sabor picante ficou mais forte, Violet sabia que ela estava indo na direção certa.

Sua frequência cardíaca aumentou e seus outros sentidos se aguçaram enquanto ela olhou em volta, imaginando se ela poderia estar andando em direção ao assassino. Ela estava apavorada e ao mesmo tempo eufórica. Ela sabia que Jay ficaria bravo com ela vagueando por aí.

Ela chegou ao fim do desdobramento do shopping que abrigava a praça de alimentação e o arcade, e encontrou o maior espaço interno do shopping, onde grandes lojas de departamento diminuía os brechós e boutiques. Ela precisava decidir para onde ir agora.

Ela escolheu ir para a esquerda e viu-se caminhando para duas das maiores lojas de departamento. Parecia uma boa escolha, uma seção ocupada do shopping, mas depois, passando por diversas lojas ela sabia que escolhera o lado errado. O gosto de alho em sua boca começou a desvanecer-se. Ela se virou e foi na direção oposta.

Ela passou seu ponto de partida e continuou, indo em direção a Sears e Macy. Ela concentrou-se na sensação no interior de sua boca, saboreando o sabor de alho... Não porque gostava do sabor, mas porque ele estava agindo como uma bússola... Guiando seu caminho.

O gosto ficou mais forte e mais tangível quanto mais ela andava. Seu pulso acelerou e sua respiração começou a ficar rouca e instável. Ela olhou todos os lugares, para todo mundo, tentando decidir quem poderia ser... De onde o eco, ou impressão, estava vindo. Ela precisava costurar em torno de mães empurrando carrinhos de bebê e casais de mãos dadas.

E então, sem aviso, o gosto começou a desvanecer-se novamente, e Violet se sentiu em uma espiral de pânico frustrado. Ela parou exatamente onde estava, no meio do shopping, no meio do tráfego pesado de pedestres, olhando ao seu redor para uma pista de onde ela deveria ir em seguida. Uma cliente passou por dela, batendo em Violet com os sacos de compras transbordantes que pendiam de seus braços. Violet ignorou a mulher.

Ela caminhou de volta para o outro caminho, tentando recapturar o sabor.

Quando o fez, ele só ficou mais forte para vários passos largos, antes de desaparecer outra vez.

Violet observou as pessoas ao seu redor, tentando ver onde ele estava... E simplesmente quem ele poderia ser. Mas havia tantas pessoas, movendo-se em tantas direções, que ela não poderia dizer que ele estava vindo. Ela olhou para as lojas mais próximas e tentou se aproximar de cada uma delas, uma de cada vez, mas o sabor só diminuiu quando ela o fez.

Ele não estava nas lojas. Onde ele estava, então?

Ela se virou, sentindo ondas de decepção a lavarem, e assim que ela decidiu que ela poderia ter de desistir, o gosto a atingiu novamente... Mais forte do que antes. E ela percebeu que ele deveria estar perto.

Foi quando ela percebeu... O corredor longo e estreito que conduz fora da rua principal do shopping, com o sinal pendurado acima da entrada que dizia BANHEIROS. Violet se aproximou do corredor mal iluminado devagar... Com cuidado, sentindo sobrecarregada pela apreensão inesperada. Ela não podia ter certeza, mas pensou que suas pernas poderiam estar tremendo enquanto ela fez seu caminho em direção ao banheiro público.

Ela se aproximou do banheiro masculino, e quando seu paladar quase explodiu a partir da explosão de alho quente que foi atirada através dele—a boca parecia estar em chamas—ela sabia que quem quer fosse ele, estava lá dentro.

Ela fez uma pausa, de repente incerta. Ela não sabia se ela poderia fazer isso. Ela estava tão perto de descobrir quem foi que levou a marca da morte, aquele que estava fazendo sua boca sentir como se tivesse acabado de comer um prato inteiro de quentes e amanteigados dentes de alho. Mas ela não podia deixar de pensar que talvez ela estivesse muito perto. Talvez Jay tivesse razão. Talvez isto *fosse* perigoso demais.

Ela se sentia congelada no lugar e o tempo pareceu correr mais devagar. Ela conseguia ouvir a batida de seu coração trovejando em seus ouvidos, e sua boca estava repentinamente seca. Ela deu um passo hesitante mais perto da porta na frente dela, apenas um pequeno passo. Ela ainda estava tentando decidir se deveria entrar ou apenas ficar parada até quem estivesse lá sair. Arrepios percorriam para cima e para baixo seus braços, e ela segurou sua respiração, com medo de que se a soltasse, de alguma forma ele poderia ouvi-la atrás da porta... Esperando por ele.

Ela deu mais um passo tenso para frente.

Não foi até que ela sentiu uma mão fechar em torno de seu pulso que ela percebeu que alguém estava de pé bem atrás dela. Um braço forte a puxou para trás antes mesmo que ela tivesse a chance de reagir. Seus olhos se arregalaram, e ela tentou se lembrar de como gritar, mas sua voz estava congelada, e por um momento, ela pensou que ela poderia ter esquecido como respirar também.

“*Que diabos você está fazendo aqui?*” Ela ficou chocada ao ouvir a voz de Jay sussurrando contra o seu ouvido. Ele não parecia feliz.

Ela se virou para encará-lo e não estava muito certa do que ela viu. Preocupação? Irritação? Aborrecimento? *Definitivamente* aborrecimento.

Mas antes que ela pudesse tentar explicar por que ela deixou a arcade, ele colocou o dedo nos lábios, arrastando-a para perto dele e assim falar em uma voz que era mais silenciosa que um sussurro. “Você sentiu alguma coisa?” As palavras eram apenas um pedaço de som.

Violet assentiu, um pouco surpresa com a expressão rígida que ela viu em seu rosto.

Novamente, sua voz era quase inaudível, mas estava cheia de propósito. “Ele está lá dentro?” Jay perguntou, indicando o banheiro público.

Ela assentiu pela segunda vez.

“Você.” Ele mal disse a palavra, mas Violet sentiu a gravidade de sua frustração. “Vai esperar no centro do shopping, perto dos bancos. *E não se mova até eu chegar lá.*”

Violet começou a protestar, finalmente percebendo que ele queria entrar no banheiro masculino sozinho. “E se?” Ela começou, mas ele a cortou com um olhar inabalável que a silenciou antes que ela pudesse terminar seu argumento.

“Sério, Violet. Estou falando sério.” Ele a cutucou de volta em direção ao shopping, e Violet decidiu que agora não era a hora para discutir com ele. Ela sabia pelo olhar em seu rosto que estava determinado, e que nada que ela diria iria fazê-lo mudar de ideia.

Ela estava certa de que estava tremendo quando fez seu caminho de volta através do fluxo interminável de compradores. Ela estava de repente muito consciente do que ela estava prestes a fazer, do que Jay havia acabado de impedir de fazer, e ela percebeu o quão absurdamente perigoso foi. *Ela realmente tinha quase feito algo tão tolo?*

A resposta infeliz foi sim. E Jay soube disso também, e por isso que ele estava tão zangado com ela. Ele disse a ela para não deixar seu campo de visão, ele fizera uma promessa a seus pais que iria cuidar dela, e ela ignorou tudo isso.

Ela sentou em um banco no meio do movimentado shopping center e tentou se concentrar em outra coisa e não o que Jay poderia estar fazendo naquele exato momento. Ela sentiu-se em carne viva com o terror. E se o assassino estivesse lá? O que Jay faria? E pior, o que o assassino poderia fazer para Jay?

Violet torcia as mãos nervosamente em seu colo, enquanto ela esperou pelo o que pareceu uma eternidade, vendo a entrada do corredor e esperando ansiosamente para ter um vislumbre de Jay.

Quando ela finalmente o viu, e ele parecia estar inteiro, ela deu um pulo e quase empurrou os transeuntes para fora do caminho para chegar até ele. O olhar em seu rosto não mudou nos minutos que se passaram, mas Violet não se importou, porque mesmo que ele ainda estivesse bravo com ela, ele estava obviamente a salvo.

“Você está bem.” Era uma afirmação, não uma pergunta, e suas palavras estavam cheias de alívio. “O que aconteceu?”

Jay a puxou de lado, até onde eles estavam fora do caminho dos pedestres. Seu toque era reconfortante para Violet, apesar do fato de que faltava completamente qualquer vestígio de ternura.

“Havia apenas alguns garotos punks lá... fumando. Então, a menos que o cara esteja no fundamental, não era ele.” Violet foi surpreendida ao ouvir uma ponta de frustração em sua voz que não tinha nada a ver com ela. Ela supôs que Jay estava lá apenas para mantê-la bem humorada e longe de problemas. Ela não acreditou que ele tinha algum interesse real em encontrar esse cara. E ainda assim, quando ele lhe disse que o assassino não estava lá, ele parecia genuinamente desapontado.

De repente, uma onda de alho fresco explodiu através de língua. Ela virou a tempo de ver um grupo de meninos saindo do corredor onde os banheiros eram, e andando diretamente em direção onde ela e Jay estavam.

Violet estendeu a mão e agarrou o braço de Jay para apoio, sentindo-se nauseada da explosão de fogo que agrediu sua boca.

Ao passarem, um menino, talvez apenas treze ou catorze anos, olhou para ela. O contraste do seu cabelo preto tingido contra a sua pele pálida e amarelada o fez parecer anêmico e doente, à primeira vista. Mas quando seus olhos encontraram os dela, naquela fração de segundo, ela sentiu um nível de crueldade vindo dentro dele que praticamente a ofuscou com sua intensidade. Os flashes emitidos de alho eram como explosões que com raiva escaldavam sua língua enquanto ele a encarava.

Se real ou imaginado, Violet poderia imaginar esse menino, que provavelmente estava acostumado a ferir pequenas criaturas de forma aleatória, crescendo para o tipo de homem que poderia realmente sequestrar e assassinar meninas.

Mas, por enquanto, pelo menos, ele não era a pessoa que ela estava procurando.

Violet teve que desviar o olhar primeiro, fechando os olhos até que ele passou por ela por completo.

“Era isso que você sentiu?” Jay perguntou.

Violet só pôde assentir com a cabeça, esperando até que o enjoo, e o sabor persistente de determinada marca do menino do mal, desaparecesse.

Jay não perguntou se ela estava pronta para ir ou não, ele só colocou o braço em torno dela. Não havia nada suave ou tranquilizador no contato, era apenas para orientá-la do que para confortá-la, enquanto ele a conduzia para fora do shopping para o carro.

Eles foram para casa sem falar—Jay estava muito irritado, e Violet exausta demais de sua passada com a malevolência. Ela ainda estava recuperando a intensidade das sensações que ela experimentou do menino cheio de ódio.

Ela sabia que não poderia fazer isso de novo, ir ao acaso procurando um assassino em seu meio. Foi muito duro com ela hoje. Ela estava acostumada a tentar se reservar daqueles tipos de sentimentos; ela praticou construir paredes para proteger-se de experimentar esse tipo de intensidade. Especialmente quando ela não tinha certeza do que exatamente ela estava procurando. Ela não pensou que poderia levar muito mais do que isso.

Se ela iria tentar de novo, ela ia precisar de um plano de jogo melhor, ela decidiu. E desta vez iria exigir algumas preparações sérias.

CAPÍTULO 12

A atmosfera na escola estava muito mais sombria do que tinha sido após os desaparecimentos anteriores. Violet suspeitava que era porque Hailey McDonald não foi um conhecido casual que fora conhecido de passagem em uma festa ou evento social. Para a grande maioria do corpo estudantil, Hailey McDonald era alguém que eles conheciam.

Hailey era a irmã de um colega, e sua família era bem conhecida por muitos dos filhos em White River High. Sua ausência na comunidade era quase palpável, e estava sendo levado muito mais pessoalmente do que as mortes das outras meninas tinham sido.

A outra coisa que era óbvia na escola na segunda-feira de manhã foi o aumento evidente na segurança. E não eram apenas os guardas de segurança da escola desarmados que patrulhavam o campus mantendo a ordem; havia agora também uma presença policial visível, com pelo menos dois policiais uniformizados montando guarda ao redor dos corredores fora das salas de aula.

Um dos oficiais carregava várias impressões em si, que Violet assumiu que eram riscos ocupacionais. Felizmente, nenhum deles foi particularmente ofensivo para ela, e ela poderia facilmente ignorá-los sempre que estavam nas proximidades.

Os conselheiros de luto estavam de volta também, o que atingiu Violet como um pouco prematuro, já que não havia evidências—não ainda, pelo menos—sugerindo que Hailey McDonald não seria encontrada e trazida para casa sã e salva.

Os conselheiros se colocaram à disposição para os estudantes que sentissem a necessidade de desabafar seus medos e frustrações em um ambiente seguro. Mas muitas das crianças na escola também descobriram que eles eram uma desculpa conveniente para matar aulas, já que passes para ver os conselheiros estavam sendo distribuídos como doces.

Violet optara por manter as suas preocupações para si mesma ao invés de visitar os conselheiros. E desde que Jay ainda não estava falando com ela, ela realmente não tinha ninguém a quem confidenciar.

Ele a deixara na noite de domingo, após o seu desastroso dia no shopping, e esperara na garagem apenas o suficiente para ter certeza que ela estava segura lá dentro. Quando Violet tentou ligar para ele mais tarde naquela noite, ele ainda não havia incomodado em atender ao telefone, e ele não respondeu aos seus e-mails. Ela não pressionou o assunto. Ela sabia que ele estava louco, e só precisava de algum tempo para superar isso.

Seus pais, no entanto, surpreenderam-na quando ela chegou em casa, dando-lhe um novo celular.

Violet vinha implorando por um telefone desde que ela tinha 14 anos, citando os nomes de todos os outros garotos da sua idade que já tinham um. Seus pais sempre se recusaram, ignorando seus pedidos de Natal e de aniversário para o celular, afirmando que não havia uma boa razão para ela ter um.

Aparentemente, eles mudaram de ideia.

Violet deveria estar em êxtase com o celular, mas de alguma forma ele não era tão apelativo como antes. Agora ele parecia mais como uma ferramenta necessária para a sobrevivência do que o brinquedo novo que ela sempre esperava. Ela empurrou-o para dentro de sua bolsa... Bem ao lado de sua lata de spray de pimenta.

Ela fez seu caminho através de seu horário de aula na segunda-feira, tentando ignorar o fato de que Jay, que se sentou ao lado dela em várias de suas aulas, ainda estava dando a ela o tratamento do silêncio. Ele sentou-se impassivelmente, olhando para frente e fazendo um bom trabalho de pelo menos fingir prestar atenção aos professores, em um esforço para evitar fazer contato visual com Violet por engano. Ela sabia que ele ainda estava furioso com ela.

Ela realmente não se importava que ele estivesse tão chateado desde que ela sentia que ela merecia, pelo menos até certo ponto. Ela agira como uma idiota ontem, ela percebeu, lembrando que ela, basicamente, planejou enfrentar um assassino em um banheiro público no shopping. Então, ao invés de deixá-lo chegar até ela, ela fingiu não notar o seu desprezo intencional.

Mas algo mais aconteceu segunda-feira que pegou Violet desprevenida.

Depois de Educação Física, a aula de seu primeiro período, ela se surpreendeu ao encontrar Grady esperando por ela fora do vestiário. Ele andou com Violet até sua turma do segundo período. Eles conversaram de forma casual, que foi fácil com Grady, uma vez que foram amigos por tanto tempo. E ela gostava que ele não parecia pressioná-la, apesar do fato de que eles ainda estavam planejando ir para o baile juntos, para ser algo mais do que isso. Violet realmente encontrou-se desfrutando de sua companhia e estava feliz que ele decidiu caminhar com ela.

Jay não olhou para cima quando ele passou por eles em seu caminho para a aula, mas Violet tinha certeza de que ele não havia cerrado os punhos até que ele viu Grady e ela juntos.

Ainda assim, considerando que eles eram apenas amigos, Violet estava ainda mais surpresa quando Grady estava esperando por ela, de novo, depois de cada um de seus próximos períodos.

Ela havia planejado almoçar em sua mesa de sempre, com os mesmos amigos que ela e Jay sentavam-se quase todos os dias. Grady geralmente sentava em outra mesa com

um monte de amigos atletas, mas hoje era como se ele de alguma forma sentisse que Violet iria ficar sozinha e ele decidiu juntar-se a ela. Violet não reclamou.

Ela levou sua bandeja de almoço para a mesa onde Claire e Jules já estavam sentados. Grady se sentou ao lado de Violet... no lugar onde Jay normalmente sentava.

A ausência Jay era tremendamente óbvia.

Violet olhou tão discretamente quanto podia por todo o refeitório, imaginando com quem Jay decidiu passar sua hora de almoço, mas ele não estava em nenhum lugar para ser visto. Ela estava um pouco irritada com ela mesma pela pontada de decepção que ela sentiu por não vê-lo, mesmo à distância.

“Oi, Grady,” Violet ouviu Chelsea dizer conscientemente como ela se juntou ao grupo, espremendo-se entre Claire e Jules. Violet sabia que o tom era mais para o benefício dela do que para o de Grady.

“Hey,” Grady disse, acenando com a cabeça para as outras meninas na mesa.

Houve alguns momentos de silêncio constrangedor, ainda mais estranho pelos olhares zombeteiros não tão sutis de Chelsea na direção de Violet. Chelsea era tão discreta quanto uma britadeira. Em última análise, porém, era Claire, que fez coisas piores quando ela perguntou onde Jay estava hoje.

Violet realmente não queria dizer-lhes que Jay estava bravo com ela, e não era como se ela pudesse explicar a sua briga a eles de qualquer maneira, então ela inventou uma desculpa esfarrapada sobre a necessidade de Jay em ficar depois da aula para terminar algum trabalho. Ela não tinha ideia se Jay iria corroborar sua mentira estúpida, se perguntassem para ele, e agora ela realmente não se importava... Desde que mantivesse qualquer outra pessoa de mencionar a sua ausência do almoço novamente.

Quando Andrew Lauthner, um frequentador da mesa e admirador de longa data de Chelsea, se juntou a eles, Grady felizmente voltou sua atenção para o outro menino. Desde que eles começaram a falar sobre carros, um assunto sobre o qual Violet não sabia absolutamente nada, ela não se sentiu muito mal por ignorar a conversa... E eles dois.

Chelsea relanceou Violet outro olhar significativo, dizendo-lhe que ela não estava comprando a história, Jay-tem-trabalho-para-fazer. E Violet fingiu-se de burra, fingindo que não notara os olhares perspicazes de Chelsea.

Quando o sinal finalmente tocou, Violet estava feliz que Grady ainda estava muito envolvido em sua conversa com Andrew para levá-la para sua próxima aula. Infelizmente a curiosidade do Chelsea não diminuiu durante a refeição, e ela pulou para seguir Violet para fora da cafeteria.

Eles caminharam por quase uns 60 segundos completos antes de Chelsea realmente disse alguma coisa, mesmo que Violet sabia, sem dúvida, que estava por vir.

“Eu gosto do *novo* Jay,” Chelsea finalmente anunciou, como se ela estivesse fazendo uma simples observação ao invés de tentar arrancar informações de sua amiga.

“Cala a boca.” Violet gemeu, incapaz de esconder completamente o seu sorriso diante do comentário absurdo de Chelsea. Ainda assim, ela não se sentia inclinada a compartilhar seus problemas com Chelsea.

“Não me entenda mal, Vi. Eu ainda gosto mais do antigo Jay, só estou dizendo que o novo Jay não é tão ruim. E mais, ele pelo menos teve a coragem de te chamar para o baile. Isso é algo que o velho Jay nunca conseguiria lidar.”

“Ele não é um novo Jay.” Violet insistiu, parando no seu armário para pegar seu caderno. “Jay só está bravo, agora. Ele vai superar isso. Além disso, eu já disse que nós somos somente amigos.”

“Qual deles? O Jay novo ou o velho?” Violet revirou os olhos enquanto batia a porta de metal.

“Ambos.” Ela se virou nos calcanhares e deixou Chelsea em pé, sozinha, na fileira de armários. E então ela chamou de volta por cima do ombro. “Além disso... Não há nenhum *novo* Jay.”

Levou apenas um momento para Violet registrar o fato de que Jay estava de pé ali no corredor, a poucos metros de distância dela, ao alcance da voz e de sua conversa inteira com Chelsea, embora ela não pudesse ter certeza quanto tempo ele estava ali. Ainda assim, ela ficou mortificada que ele a pegou falando sobre ele de qualquer forma.

Ela ignorou o olhar em chamas que ele jogou em sua direção enquanto ela correu para longe dele, fugindo para sua próxima aula... E tentando ignorar o fato de que ele estaria sentado ao lado dela.

Os próximos dois dias se passaram com Jay dando-lhe o tratamento do silêncio e Grady dando-lhe atenção extra. Era como um universo alternativo bizarro, onde para cima significava para baixo e sim significava não.

Violet não se importava com Jay a evitando, porque, por enquanto, deu-lhe tempo para trabalhar no novo plano que ela estava criando, com o qual ela sabia que ele nunca iria ajudá-la. Mas a atenção extra de Grady foi outra história. Ele estava começando a ficar em seus nervos, seguindo-a como algum cachorro hiperativo que estava sempre sob seus pés. E ele sempre parecia estar um passo à frente dela... Chegando em suas salas de aula antes que ela pudesse deslizar por ele e desaparecer em corredores lotados, esperando por ela em sua mesa de sempre na cantina, e até mesmo encontrando-a em seu carro depois da escola para ele pudesse ter apenas mais alguns minutos com ela.

Estava começando a se tornar óbvio que Grady não estava completamente interessado em ser apenas mais um dos amigos de Violet. Ela tinha certeza que ele queria

mais, e ela culpou a ausência Jay pelo aumento da bravura de Grady ao procurá-la durante o horário escolar. Ela temia que se Jay não comesse a falar com ela de novo em breve, Grady poderia decidir que o dia na escola não era suficiente e começar a fazer visitas depois da escola a sua casa. Como foi, ele começou a ligar para ela o tempo todo. Ela não tinha certeza de quantas mensagens seu correio de voz poderia armazenar.

Recentemente, o próprio pensamento de ir ao baile com Grady fez a pele de Violet coçar, como se ela fosse ficar com urticária—ou mais provavelmente um caso ruim de segundos pensamentos.

Em um esforço para ignorar o interesse entusiástico de Grady, Violet voltou sua atenção para os detalhes de seu novo plano. A ideia lhe ocorreu pela primeira vez durante a carona estranhamente calma do shopping para casa com Jay. Ela sabia com certeza que apenas vagar por locais públicos em busca de ecos foi um erro. Havia também muitas variáveis envolvidas, muitas pessoas que havia matado *sem* malícia, seja por ocupação ou por esporte. Ela percebeu então que ela ia ter que estreitar sua busca de alguma forma.

Ela já sabia que iria reconhecer a marca deixada pela menina no lago. Ela viu isso por si mesma, e ela sabia que quem ele era, ele estaria carregando aquela radiante película semelhante a óleo ao seu redor, da mesma maneira que a menina na água tinha. Mas isso foi um eco visual, o que significava que seria útil somente se Violet se achasse cara a cara com o assassino. Seria quase impossível rastrear a partir de qualquer distância.

Ela precisava de mais informações. E havia apenas uma maneira de obtê-la.

Ela ia ter que descobrir exatamente que eco a outra menina, Brooke Johnson, deixara para trás. E, por sua vez, deixara sobre o assassino.

Para alguém como Violet, alguém que podia sentir os resquícios de energia de assassinatos, um cemitério era um lugar difícil de ir. Até agora, pelo menos na medida em que ela sabia de qualquer forma, enterrar um corpo parecia trazer uma sensação de paz, fazendo com que o eco fosse liberado de forma menos... *Intensa*. Mas sua experiência era limitada, experimental na melhor das hipóteses, e ela sempre teve medo de que talvez suas teorias estivessem erradas.

Então Violet em geral tentava evitar lugares onde as chances de encontrar ecos seriam maiores—cemitérios, hospitais com necrotérios, funerárias—a chance de que ela poderia sentir algo lá que foi mais do que ela poderia suportar. Seus pais tinham protegido-a de tal possibilidade, indo tão longe a ponto de deixá-la em casa quando eles foram para o enterro de sua avó. E aquilo foi há apenas três anos.

Mas agora, com Hailey McDonald ainda está lá fora em algum lugar, Violet sentiu um senso de responsabilidade que superou muito qualquer medo—*real ou imaginário*—de seus próprios potenciais desconfortos sensoriais. Ela poderia ser a única pessoa que poderia encontrar esse cara, e ela não estava a ponto de ignorar essa possibilidade.

Se ela estava indo descobrir qual era o eco de Brooke, ela teria que ir ao cemitério onde Brooke estava enterrada.

O conceito era bastante simples, mas o pôr em prática de verdade era outra coisa. Seus pais praticamente a colocavam no nível de segurança máxima de bloqueio. Ela estava tendo dificuldade. E com a ausência de Jay como seu guardião e protetor, eles não pareciam estar dispostos a deixar que Violet saísse de suas vistas por mais de cinco minutos a cada vez.

Jay teria sido o cúmplice perfeito, exceto pelo fato irritante que ele se recusava a falar com ela. Isso, e depois de sua pequena façanha no shopping, não havia nenhuma maneira para convencê-lo a ajudá-la novamente. Ela estava mais com medo de que se ele soubesse o que ela ainda estava planejando fazer, ele iria tentar impedi-la... Mesmo que isso significasse entregá-la para seus pais.

Violet dera voltas e mais voltas com ideias de como ela poderia escapar por uma tarde, descartando uma de cada vez assim que percebeu que se ela fosse pega em uma mentira—mesmo uma de omissão—ela provavelmente nunca veria a luz do dia novamente.

Ok, talvez um pouco dramático, mas não completamente implausível.

Quando a resposta veio finalmente a ela, ela se sentia um pouco estúpida por não pensar nisso mais cedo. Foi a desculpa perfeita, e ninguém, nem mesmo seus pais, saberiam a verdade. Mesmo seu companheiro seria alheio em seu papel na sua mentira. Era infalível.

Ela discou o número de Grady de seu telefone celular novo em folha, o primeiro propósito útil para que serviu, desde que ela o conseguiu.

Ele atendeu ao telefone no primeiro toque, sua voz entusiasmada. Violet encolheu-se um pouco. Depois que eles jogaram conversa fora um pouco, ela mergulhou direto em seu plano.

Ela escolheu suas palavras cuidadosamente, seguindo o roteiro que preparou em sua cabeça antes de fazer a chamada.

“De qualquer forma, eu estava ligando porque com tudo o que vem acontecendo, eu ainda não tive a chance de visitar o túmulo de Brooke ainda, e eu me sinto terrível por isso,” explicou Violet tão sinceramente quanto podia.

“Cara, eu nem sabia que vocês eram amigas.”

“Yeah. Nós jogamos softball e futebol juntas quando éramos mais novas, e mesmo que nós não víamos muito, eu ainda estava arrasada quando ouvi... Você sabe...” Ela tentou soar quebrada, como se ela não pudesse terminar sua sentença. Ela desejou que ela fosse uma daquelas meninas que poderia chorar com um comando, apenas para efeito

dramático. “Você acha... Você se importaria... De me levar...? Então eu não teria que ir sozinha...?” Sua voz foi sumindo, e ela esperou por sua resposta.

Ela acertou em cheio, de forma até execução. E mesmo com o alto grau de dificuldade, ela teve de dar a si mesma um 10 perfeito para seu desempenho. Jay teria visto através dela, mas Grady foi incompetente.

“Quando você quer ir?” Ele perguntou.

“Você pode estar aqui em uma hora?”

Ela provavelmente poderia lhe dizer para estar lá em dois minutos, e ele estaria lá em um.

Quando Violet desligou, ela ficou surpresa por não sentir o menor indício de culpa sobre a sua mentira, e ela se perguntou se ela teria se sentido de forma diferente se tivesse sido Jay para quem ela mentiu.

A próxima parte de seu plano era um pouco mais complicada. Ela teria que convencer seus pais a deixá-la ir. Seu pai ainda estava no trabalho, mas a mãe dela estava em seu estúdio. Violet atravessou o gramado para o pequeno galpão que foi convertido em um estúdio de arte, e quando ela abriu a porta, ela foi agredida pelo cheiro familiar de linho de lona e os fumos mais vaporosos de solvente de tinta.

Sua mãe sorriu em saudação quando ela estava limpando pincéis em uma jarra Mason velha cheia de produtos de limpeza cáusticos. “E aí, Vi?”

Violet hesitou, e sua primeira pontada de culpa real espancou sua consciência. Mas não havia como voltar atrás agora, ela decidiu, e ela seguiu em frente de qualquer maneira. “Grady Spencer ligou e perguntou se eu poderia ir ao cemitério com ele.”

As sobrancelhas de sua mãe subiram devido ao pedido incomum, e ela parou de mexer nos pincéis, enxugando as mãos no avental de pintura manchado. Ela parecia preocupada, e Violet sabia por quê. Isto não foi algo que Violet normalmente pediria.

Violet mergulhou em sua explicação ensaiada. “Eu acho que ele era amigo da menina que foi morta, a de Bonney Lake. Ele quer levar flores ao túmulo dela, mas ele não quer ir sozinho.” Ela mal podia acreditar que ela disse aquilo sem vacilar. “Eu não acho que seria algo grande, especialmente porque ele estará comigo, então eu disse que iria.” Obrigou-se a parecer o mais relaxada que conseguia no momento, enquanto seu coração batia nervosamente contra a sua caixa torácica. “Está tudo bem, não?”

Maggie Ambrose estudou sua filha, pensativa. “Você tem certeza, Violet?”

Violet assentiu e prendeu a respiração quando ela olhou para a mãe dela cautelosamente, prestando atenção para qualquer sinal de que ela poderia estar pensando.

Por um momento, ela pensou ter visto um olhar fugaz de ceticismo, e se perguntou se talvez não fingiu um pouco demais.

Finalmente, porém, sua mãe voltou para a limpeza de seus pincéis e encolheu os ombros. “Acho que está tudo bem. Enquanto vocês dois fiquem juntos.” Ela deu um olhar que Violet disse que ela estava falando sério. “Estou falando sério, Violet Marie... Fiquem juntos. E *tenha cuidado*.”

“Nós vamos, mãe. Obrigada.” Ela correu e deu a sua mãe um beijo rápido na bochecha, surpreendendo as duas um pouco. Violet não havia feito isso há tempos, e ela não conseguia deixar de pensar que a ação impulsiva foi provocada por seu próprio sentido queimando de vergonha por ter descaradamente mentido para sua mãe. Talvez o gesto afetuoso a fez sentir um pouco menos de remorso para o que ela estava prestes a fazer.

Mas mesmo com o peso de sua consciência pesando sobre ela, Violet praticamente fugiu para fora do lugar convertido em galpão e esperou Grady chegar a casa, impacientemente.

CAPÍTULO 13

Violet sentou no banco do passageiro do Nissan Sentra de cinco anos de Grady. Era um carro estranho para ser tunado, embora ela tenha mantido esse pensamento para ela já que Grady era tão obviamente orgulhoso dele, estufando o peito enquanto apontava os aros novos e a pintura nova em roxo iridescente que ele colocou por cima do champanhe padrão que veio de fábrica. O motor era ridiculamente barulhento, outra coisa pela qual Grady estava enormemente satisfeito.

Mas para Violet, a viagem barulhenta não pôde melhorar a tensão que ela sentia agora que estava realmente seguindo seu plano. Ela não podia acreditar que havia conseguido fazer isso. Mas vinha com um preço a pagar.

Ela podia sentir os músculos na parte de trás do seu pescoço tencionando à medida que se aproximava do pequeno cemitério no centro da cidade onde Brooke Johnson foi sepultada. Grady deve ter confundido sua ansiedade com dor — pela perda de sua amizade inventada com Brooke — porque ele deixou de incomodá-la com sua torrente constante de conversa fiada quando eles fizeram a curva na estrada sinuosa que seguia o rio.

Mas pela primeira vez, Violet tinha a oportunidade de fazer algo útil com sua habilidade, e ela se recusava a fugir dessa obrigação.

A cerca de ferro pesado preto pareceu usada enquanto Grady fez a última curva para a esquerda em direção ao cemitério.

Violet ficou surpresa quando eles chegaram à entrada e ela ainda não havia sentido nada de estranho vindo de dentro dos muros gradeados. Ela se preocupou de que talvez tivesse estado errada sobre tudo isso. Que talvez fosse semelhante ao que acontecia com os animais que ela descobriu na floresta, quando seus ecos individuais pareciam desaparecer para um barulho de estática quase imperceptível, uma vez que ela os reenterrava em seu próprio cemitério.

E se era apenas estática, talvez ela não fosse conseguir distinguir o eco de Brooke Johnson do resto.

Grady estacionou o carro em um pequeno estacionamento e desligou o motor ensurdecedor.

Quando ela saiu do carro, Violet foi imediatamente submergida em um estalar elétrico. Estava por toda parte, apenas um pouco diferente do zumbido estático ao qual ela já se acostumara em seu próprio cemitério improvisado... Mas definitivamente ali, de qualquer forma. A tensão em seu pescoço voltou, e ela se preparou para o assalto sensorial.

Grady não conseguia ouvir nada.

Ele deu a volta no carro e andou silenciosamente ao lado dela quando começaram a vagar, de pouco em pouco, pelas fileiras de lápides e jazigos. Pequenas bandeiras americanas saíam do solo em vários pontos, e Violet teve o cuidado de não estragar qualquer dos tributos caseiros que enchiam o cemitério com cor e vibração, criando uma vida própria.

“Você sabe onde ela está enterrada?” Ele perguntou, sua voz adquirindo uma atitude sombria, ecoando a atmosfera solene do cemitério que se estendia ao redor deles.

Ela não sabia. Por alguma razão, Violet não tinha sequer considerado que poderia ser um problema *encontrar* o túmulo da garota; ela simplesmente assumiu que saberia onde era... Que de alguma forma ela iria sentir a localização de Brooke entre os outros enterrados aqui. Ela balançou a cabeça em resposta à pergunta dele.

“Tudo bem,” disse Grady, aceitando isso calmamente, e de repente Violet sentiu como se estivesse com seu velho amigo de novo. Ela sentiu falta dele. “Vamos só andar por aí até encontrarmos,” ele lhe assegurou.

Violet supôs que ele estava certo; não deveria ser tão difícil. Era um cemitério pequeno, ocupando menos de alguns quarteirões. Mas quando ela olhou para o mar de sepulturas, muitas cobertas de flores e balões, ficou surpreendida por quantos túmulos pareciam caber no espaço relativamente pequeno.

Violet logo percebeu que o som de fundo não era só estática, afinal. Quando ela se concentrou, tentando encontrar seu caminho para Brooke Johnson, ele pôde *sentir* flutuações na energia. Ela respirou profundamente, tentando relaxar o suficiente para poder trabalhar em separar uma energia da outra.

Definitivamente havia ecos dos assassinados aqui.

Ela ouviu uma explosão estridente de fogos de artifício em algum lugar muito perto, e ela se retraiu, virando em um círculo quase completo para ver de onde viera. Os sons crepitantes rápidos eram familiares, lembrando-a de dias quentes de Julho e piqueniques de verão.

“O que há de errado?” Grady perguntou, olhando-a curiosamente.

Violet percebeu que acabara de separar seu primeiro eco dos outros.

“Nada,” ela respondeu honestamente enquanto se movia na direção do som. Ela precisava descobrir de onde ele viera, esperando ter tido sorte e encontrado Brooke.

Ela parou em uma lápide com uma placa de bronze gravada onde se lia:

EDITH BERNHARD

*19 de junho de 1932 — 02 de maio de 1998**Amada esposa e mãe*

Os sons de estrondos e explosões eram tão claros aqui, enquanto Violet estava de pé em frente à lápide simples, que ela quase podia sentir o cheiro sulfuroso de fogos de artifício que estava notavelmente ausente. Ela se perguntou sobre Edith Bernhard, morta aos 65 anos. Ela se perguntou quem ela era e como ela morreu... E quem deixou para trás. Não foi uma morte natural, não para Edith... Não com seu eco. Mas o que então? Assassinato? Eutanásia para uma mulher doente e sofrendo? Suicídio? Será que o suicídio poderia até mesmo deixar um eco? Será que Edith carregava a impressão de seu próprio assassino?

“Você a conhecia?”

Por um momento Violet esqueceu que Grady ainda estava lá, mas ele estava de pé logo atrás dela agora, lendo a placa da mulher sobre seu ombro. De alguma forma, Violet sentiu como se ele estivesse invadindo a privacidade da mulher falecida simplesmente por estar lá.

“Não, eu só estava olhando,” ela respondeu enquanto levava Grady para longe do túmulo.

Eles andaram por lá assim, Violet parando abruptamente em vários ecos distintos que conseguiam se desvencilhar dos outros. Ela parou no forte cheiro de café para ler uma placa de um homem que morreu em seus trinta e poucos anos... Mais de quarenta anos atrás.

Ela teve a sensação de que cada centímetro da sua pele estava sendo suavemente alisado por milhares de penas aveludadas, fazendo-a parar no túmulo de uma criança que morreu poucos dias depois de seu nascimento... Onze anos atrás. Violet sentiu uma tristeza enquanto pensava no que poderia ter acontecido com o bebê para ter dado a ele seu próprio eco trágico, e teve que se afastar, sentindo-se inquieta e insatisfeita.

Quando ela ouviu pela primeira vez o som dos sinos, eles eram tão claros, tão puros, que ela tinha certeza de que era parte do mundo real. Ela tinha certeza de que devia estar perto da torre de um relógio, em algum lugar do cemitério, enquanto ele batia as horas. Havia algo sombriamente melódico no som, porém, algo muito doloroso para ser real. Ela olhou em volta, lançando um olhar rápido para Grady para ver se ele também havia notado.

Não surpreendentemente, porém, não havia nenhum relógio por perto, ou torres, e pela expressão no rosto de Grady estava claro que ele não ouviu o que ela ouviu.

Era um eco.

E mais que isso, Violet tinha certeza que era o eco de Brooke. Atraente e forte.

Violet passou por Grady, consumida pela necessidade de encontrar a fonte dos sinos.

Não demorou muito. As badaladas musicais serviam como um chamariz, tornando fácil encontrar o túmulo. Flores frescas cascadeavam do topo da lápide, caindo no gramado abaixo. Balões Mylar prateados, ainda suspensos pelo hélio dentro, balançavam para lá e para cá na brisa do outono. Violet teve que se inclinar quando encontrou o local para limpar as recordações deixadas lá e poder ler o nome na placa.

Era ela.

BROOKE LYNNE JOHNSON

Filha estimada

Amiga querida

Só de ver a data de nascimento, seguida pela da morte, fez os joelhos de Violet ficarem fracos e instáveis, e ela afundou no chão, ignorando a umidade fria que permeava o seu jeans. Elas foram tão próximas na idade, e viveram tão próximas uma da outra. Tão confortável com a morte quanto Violet sempre foi, o assassinato brutal dessa menina era simplesmente real demais para ela.

Ela fechou os olhos e ouviu os sinos. Eles ecoavam docemente, atingindo seu íntimo, quase alcançando sua alma, o som vibrando através dela enquanto se movia com uma vida própria.

Ela o memorizou.

Era um eco audível. E ainda era forte, ainda não havia desaparecido pela passagem do tempo. Violet seria capaz de rastreá-lo. Ela reconheceria o som em qualquer lugar. Qualquer momento.

E o homem que carregava essa impressão não sabia desse fato.

Ela de repente sentiu-se como o predador, carregando a arma mais poderosa de todas. Agora, ela se tornaria o caçador... E ele, a presa.

Ela esperou apenas alguns momentos mais do que precisava, silenciosamente agradecendo Brooke por compartilhar este tempo com ela... Por partilhar seu eco dolorosamente lindo.

Grady estava esperando por ela a uma distância respeitosa.

Quando eles andaram de volta pelo cemitério, Violet deixou que todos os ecos, incluindo o de Brooke, voltassem a um zumbido estático harmonioso, preenchendo-a com tranquilidade novamente.

Aqueles eram corpos em paz. Arrancados deste mundo antes de seu tempo, mas postos para descansar por aqueles que os amavam mais. E eles estavam em harmonia.

INVISÍVEL

Ele usava a cobertura das trevas como uma mortalha noturna. Mas, embora a escuridão o protegesse, ele não pôde evitar olhar em torno uma última vez enquanto fechava a mala de seu carro tão delicadamente quanto podia.

Ele não precisava de uma lanterna aqui fora, mesmo se tivesse uma mão livre para segurar uma. Ele sabia o caminho de cabeça; praticou esta rota muitas vezes antes, em antecipação. Ele memorizou cada passo até que pudesse andar com os olhos fechados. Era como devia ser, porque o seu fardo era pesado, e ele tinha tempo para gastar procurando o caminho.

Ele levantou o saco de dormir padrão militar mofado, o conteúdo difícil de manejar se movendo, forçando suas costas, mesmo antes dele começar a se mover. Ele jogou a longa alça através de seu peito, usando a parte superior do corpo para ajudar a equilibrar o peso. Seu ritmo era constante e seguro, apesar do fardo que carregava, seus pés encontrando o caminho através dos obstáculos naturais escondidos no escuro.

Ele contou cada passo medido até chegar ao seu destino, e então largou o seu fardo incômodo. Seu pulso acelerou e sua respiração, que já estava pesada, agora ficava ainda mais desigual e instável. Ele sentiu uma impaciência familiar, algo a que ele esperava nunca se acostumar... Aquilo o fazia vibrar até os ossos.

Ele adorava essa parte do jogo.

Ele se inclinou, saboreando o trabalho que estava por vir, e abriu o zíper da sacola.

O aroma metálico inconfundível de sangue estava lá com o vestígio ténue de carne entrando em decomposição. Ele inalou profundamente. Em um momento estaria acabado, e ele nunca mais sentiria o cheiro desta menina em particular.

Ele virou e se ajoelhou. Ele usou as mãos para escavar o solo macio e as folhas onde previamente preparou o lugar de despejo. A terra estava mais pesada agora, depois de um fino chuveiro de outono, fazendo-o trabalhar um pouco mais do que ele havia previsto. Mas ele não se importava; essa também era uma parte do que ele gostava na caçada... Este ato final, no qual ele libertava a menina, de uma vez por todas, enterrando os seus segredos com ela.

No momento em que o buraco estava pronto, ele começou a suar um suor frio que era resfriado pelo ar da noite. Ele levantou uma ponta do saco de lona e puxou para que o corpo dentro se movesse, caindo pelo zíper aberto e pousando com um baque pesado no interior da cova rasa. Ele não sentiu nada pela menina, enquanto usava as mãos para cobri-la com o solo recém-mexido.

Quando ele terminou de enterrá-la, pegou uma pilha solta de folhas que ele deixou por perto e cobriu o solo exposto com elas, fazendo a cena parecer o mais natural possível. Não que fosse ser necessário aqui tão longe.

Ele se levantou e sacudiu a terra das mãos e roupas, usando a parte traseira das mangas para limpar o suor e sujeira de seu rosto antes de pegar o saco e dobrá-lo em um rolo meticulosamente apertado, que colocou debaixo do braço direito. Ele estendeu a mão na escuridão e a colocou no tronco de uma árvore à sua esquerda, um guia que ele usou para calcular o caminho de volta, e começou a seguir seu caminho premeditado de volta até seu carro.

Quando ele estava em segurança dentro, ele estudou a área da melhor maneira possível e, convencido de que havia sido completamente despercebido, ligou o motor.

Enquanto ele saía de seu esconderijo entre as moitas e árvores, checou seu rosto por qualquer resto de sujeira no espelho antes de virar na estrada principal. Ele esperou por alguma sensação de alívio chegar a ele, algum sentimento de satisfação por um trabalho bem feito... Algum sentimento de realização... De conclusão.

Mas nunca veio. Ao invés disso, tudo o que ele sentia era uma agitação desconfortável vindo profundamente de dentro dele.

Ele não seria capaz de esperar dessa vez. As sensações familiares estavam vindo mais e mais rápido após cada menina, a impaciência para encontrar outra... Para começar a caça novamente.

Ele era insaciável, ele decidiu. Insatisfeito. Voraz pela perseguição.

Logo, ele assegurou a si mesmo. Logo.

CAPÍTULO 14

Na sexta, o quinto dia da evasão de Jay de Violet, ela estava começando a se sentir bem abandonada. Não era como se ela não tivesse outros amigos, é que aconteceu que ele era o favorito. Além disso, era difícil ver ele o dia todo, sentar tão perto dele nas aulas e passar por ele nos corredores, sem poder conversar com ele. Ela supôs que poderia tentar, mas a ideia que ele pudesse lhe dar o tratamento silencioso era devastador para Violet, e ela não estava realmente disposta para se dar aquele tipo de rejeição.

A história da minha vida, ela pensou miseravelmente. Ela nunca estava disposta para se pôr fora dela.

Ela mordeu sua maçã no momento que Chelsea estava sentando ao seu lado na mesa.

“Onde está o novo Jay?” Chelsea perguntou, incapaz de deixar a piada morrer. Ela vinha cantando a mesma velha música pela última semana, e cada vez que ela cantava isso, irritava Violet um pouco mais. Provavelmente esse era o motivo pelo qual Chelsea ainda não havia parado com isso; provavelmente ela podia *farejar* a irritação de Violet.

Ao invés de corrigir Chelsea, mais uma vez, ela olhou ao redor da cafeteria, e percebeu que Grady não estava visível em nenhum lugar. Era a primeira vez nos últimos cinco dias, e Violet achou estranho que ela nem mesmo percebera a falta dele.

Violet encolheu os ombros em resposta à pergunta de Chelsea.

Ela sentiu uma leve ponta de tristeza por Grady, que estivera correndo em círculos ao redor num esforço só para estar perto dela. Mas mais do que qualquer arrependimento que ela tinha pelos afetos deslocados de Grady, ela estava agradecida pelo momento de paz.

Pelo menos fora pacífico... Até que Chelsea sentou.

Não demorou muito até Jules e Claire se juntarem a elas.

“Onde está o novo Jay?” Jules perguntou, então ela e Chelsea trocaram um olhar e começaram a gargalhar da própria piada.

Mesmo Claire, que geralmente era séria com tudo, deu uma risadinha.

Violet rolou os olhos. “Quanto tempo levou para vocês, suas gênicas, planejar essa piadinha?” ela acusou as amigas, o que só as fez rir mais. Ela balançou a cabeça. “Vocês duas são idiotas,” ela disse, mordendo a maçã novamente e decidindo ignorá-las.

“Qual é, Violet?” Claire perguntou. “Elas são gênicas ou idiotas?”

Chelsea encostou-se em Jules agora rindo tanto da piada estúpida que nem mesmo som estava vindo de sua boca mais.

Violet olhou de Chelsea para Jules e depois de volta para Claire. “Idiotas,” ela declarou terminantemente.

Houve outro longo momento enquanto as duas idiotas se esforçavam para recuperar a compostura.

“Qual é, Vi. Se nós não pudermos zoar com o novo Jay, com que vamos poder zoar?” Chelsea perguntou, finalmente se controlando. Ela usou um guardanapo de papel para enxugar os olhos lacrimejantes.

“Zoem com o que vocês quiserem,” Violet disse tão brandamente quanto possível. “Não é culpa de vocês, que vocês não são engraçadas.”

“Ah, eu sou engraçada, tá? Eu sou hilária pra caramba. Você é quem perdeu o senso de humor,” Chelsea mandou de volta para ela.

Violet estava a ponto de discutir com Chelsea, mas sua represália se perdeu quando ela viu Jay entrando.

“Oh, olha, lá está o velho Jay,” Claire disse animada. “E ele está com Lissie Adams.”

Violet viu também.

Eles entraram como se fossem velhos amigos. Jay estava sorrindo para Lissie enquanto carregava sua bandeja de comida. Lissie estava caminhando tão perto dele quanto ela podia e ainda manter o balanço. A melhor amiga de Lissie, uma garota que gastou o curso ensino médio todo eclipsado pela super popularidade de Lissie, parecia contente em se arrastar atrás deles. Como um casal, Jay e Lissie pareciam ter sido recortados de uma revista de fofoca de Hollywood, com suas aparências e sorrisos perfeitos. Lissie até mesmo tinha a própria comitiva. A única coisa faltando era o tapete vermelho.

Mas eles não eram um casal, Violet discutiu consigo mesma, eram?

O peito de Violet de repente ficou pesado, esmagado sob o peso de suas próprias questões não respondidas. E se eles fossem um casal agora? E se sua estúpida façanha no shopping semana passada empurrou Jay longe o suficiente que ele a substituíra por Lissie? Aquilo realmente acontecera a menos de uma semana?

E se ela tivesse perdido sua chance com ele?

Como se realmente houvesse uma chance para ela afinal.

Violet olhou para eles mais uma vez ansiosamente, imaginando se ela só estava se enganando. Eles estavam sentados lado a lado, na mesa onde Lissie sentava todos os dias

com aqueles que ela julgava serem bons o suficiente para serem seus amigos. Ela estava se aconchegando contra Jay e dizendo coisas obviamente destinadas apenas para as orelhas dele.

Ele era um ótimo cara, de verdade; especialmente nos jeitos que realmente contavam além do seu exterior deslumbrante onde ele ainda era o Jay... Inteligente, engraçado, doce. Por que ela nunca o viu mais claramente antes dele se metamorfosear na imagem sexy que toda garota na escola estava arranhando umas as outras só para chegar perto?

Mas ele não era perfeito, ela se lembrou enquanto observava ele sentado na mesa de Lissie. Ele era incrivelmente teimoso e cabeçudo. Além disso, ela não sentia falta do jeito que ele roubava o controle remoto quando assistiam TV ou como ele sempre comia os chips dela no almoço. Pelo menos ela tentava dizer a si mesma que não.

Ele nunca tirava o olhar de sua conversa com Lissie. Ele nem mesmo olhou de relance em sua direção, entretanto Violet tinha certeza que ele sabia que ela estava lá... Sentada no mesmo velho lugar, com os mesmos velhos amigos. Enquanto ele testava seu peso no delicado gelo do novo e alto círculo social, ela ainda era a mesma velha Violet.

Chelsea pareceu sentir que esta não era hora para piadas, e desistiu da coisa do novo Jay, velho Jay... Pelo menos no momento. Ela colocou o braço ao redor de Violet. "Hey, não se preocupe com eles. A Elizabeth Adams não é diferente das outras garotas da escola que tem morrido para colocar as garras nele. Ela é frívola e chata," Chelsea tentou seu melhor para tranquilizar Violet. "Ela é só outra líder de torcida sem cérebro."

"Além disso," Claire entrou na conversa, "Ouvi dizer que ela é uma cadela. Que dá para todos os caras. Metade dos jogadores de futebol a chamam de joelheira³, se você sabe o que eu quero dizer.

Claro que ela sabia o que Claire queria dizer; como ela não poderia entender aquela insinuação não tão sutil. E por que, neste mundo, Claire pensou que *aquela* pequenina informação iria fazer Violet se sentir melhor?

Claire deve ter sido a única na mesa que não percebeu o olhar glacial e o tom sarcástico que Chelsea lhe mandou. "De jeito nenhum," Chelsea discordou. "Lissie Fresquinha é aquele tipo de merda virgem e pura. Ela é uma daquelas garotas que usam um anel de promessa para seu pai, que ela não vai dar antes de se casar e porcarias desse tipo. Não tem probabilidade que Jay pudesse mesmo alcançar a terceira base na bunda firme e Cristã dela."

Era pra ser uma conversa estimulante; Violet sabia disse e tentou não a culpar por isso. Esse era o jeito de Chelsea mostrar o apoio incondicional pela amiga. Mas de alguma maneira, Violet acabou por se sentir pior do que antes. Agora ela não conseguia parar de

³ Referência às bases do jogo de baseball. Relacionado a quão longe eles vão na "agarração".

imaginar Lissie e Jay transando no carro da mãe dele, com as mãos dele sob a blusa dela... Completando a primeira base e se direcionando para a segunda. Ela se sentiu enjoada.

Aquela era definitivamente uma imagem mental da qual ela poderia viver sem, e no momento ela desejou poder arrancar seu olho mental para fazer a imagem ir embora.

“Então, isso resolve muito bem, Violet. Você vai, *definitivamente*, sair conosco esta noite,” Chelsea insistiu. “Olivia Hildebrand dá as melhores festas, e você poderia sair esta noite. É uma BYOB⁴, mas minha irmã vai comprar para nós, então se você contribuir com uns trocados, eu cuidarei da bebida.”

Violet já havia dito a Chelsea que não queria ir à festa. O que ela realmente queria, tudo que ela podia imaginar em fazer esta noite, era vestir sua calça mais confortável e rastejar para a cama para assistir filme antigos.

Ela começou a objetar, mas Chelsea a interrompeu. “Confia em mim, Vi. Não fique sozinha esta noite. Fala para os seus pais que você vai ficar na minha casa e nós sairemos e faremos loucuras. Esqueça o Jay. Esqueça a Lissie.” Ela fez o melhor beicinho e deu a Violet um olhar pidão que era mais sarcástico que sério. “*Por favor, por favorzinho!!!*”

“Vamos lá, vai ser divertido,” Jules adulou em seu jeito breve de sempre. Ela era quase tão incapaz de computar várias palavras de uma vez quanto Chelsea era de qualquer forma de sinceridade verdadeira.

“Ah, e se você não tiver nada para usar, você pode pegar emprestado alguma coisa minha,” Claire adicionou, como se aquilo fosse o motivo de Violet não querer ir.

Foi a vez de Violet rir quando olhou para as amigas, cada uma tentando em sua própria deplorável maneira de fazer Violet se sentir melhor sobre a perda de Jay. Ela queria dizer não, mas de repente ela não conseguia. Talvez elas estivessem certas, talvez o que ela precisava era uma noite para sair com as garotas, mesmo se esta acabasse sendo numa festa lotada com um monte de seus colegas bêbados.

“*Beleza.*” Violet finalmente sucumbiu à pressão. “Mas vocês vão ter que me pegar. Meus pais não me deixarão sair de casa sozinha. Eles acham que estamos mais seguras em grupos.”

“Essa é minha garota.” Chelsea amassou o saco marrom de seu almoço numa bola e jogou-a na lata de lixo no final da mesa. Ela errou uma grande distância, mas ignorou o fato completamente, deixando seu lixo onde ele caiu no chão. “Eu te ligarei quando estiver a caminho.”

Ela e Claire saíram para suas próximas aulas, deixando Violet conversar com Jules, que estava indo na mesma direção que ela.

⁴ Bring your own bottle (Traga sua própria garrafa, em tradução livre). Festa onde o anfitrião não serve bebida alcoólica, mas você pode trazer o que desejar beber.

Elas precisavam passar pela mesa de Lissie, e Violet estava surpresa de ver que Jay não estava mais sentado com as garotas populares. Ela nem o viu sair. Mas de alguma forma, Violet percebeu, ela atraiu a atenção de Lissie, e quando Violet e Jules passaram, a líder de torcida parou de conversar com suas amigas e observou Violet intensamente.

Era estranho, o olhar nos olhos da garota, meio defensivo... Quase *desafiador*. Era como se Lissie estivesse com ciúme dela... E estava realmente puta com isso.

Violet queria lhe dizer que não havia nada com que se preocupar só para ela parar de olhar daquele jeito. Queria lhe dizer que ela e Jay não eram nem mesmo amigos mais, imagina algo além disso. Mas não havia por que isso. Pelo que Violet vira na cafeteria aquele dia, Lissie já estava conseguindo seu caminho, e logo perceberia que Violet não era competição para ela.

De repente a festa pareceu uma ótima ideia.

Quando Violet tinha se vestido e re-vestido várias vezes, ela estava começando a achar que Claire estava certa, que talvez ela devesse ter pegado algo emprestado da autoproclamada fashionista.

Ela finalmente vestiu sua melhor calça jeans, junto com um bonito top preto e sapatilhas pretas. Ela acrescentou um colar de contas e brincos combinando e se olhou no espelho. Ela raramente usava maquiagem, mas decidiu que esta era uma ocasião especial—sua noite com as garotas para esquecer Jay—então ela acentuou moderadamente seus olhos verdes com um toque de delineador e cuidadosamente aplicou uma camada de rímel preto.

O efeito era um tanto dramático, fazendo seus olhos parecerem mais exóticos do que o normal.

Ela passou gloss. *Nada mau*, ela pensou, colocando uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha.

Seu celular tocou com o toque padrão que vinha programado no telefone. Violet não se incomodou em mudá-lo, se sentindo um pouco como se ela fosse dançar na sepultura das meninas que estavam desaparecidas—figurativamente, é claro—se ela estivesse para apreciar seu novo telefone para algo mais do que a finalidade utilitária pela qual ele fora comprado.

Ela o abriu, e antes que pudesse dizer oi, Jules estava gritando em sua orelha, “Coloque seu traseiro em funcionamento, menina! Estamos na entrada da sua garagem!”

Violet pôde ouvir gritos e gargalhadas no fundo. Ela decidiu que era melhor sair rápido antes que elas alarmassem seus pais, e eles mudassem de ideia sobre deixá-la sair esta noite.

“Falem baixo, ou eu não vou a lugar nenhum,” ela insistiu no telefone, então o fechou com um estalo sem nem um tchau.

Ela apanhou a bolsa e correu escada abaixo, dois degraus de cada vez.

“Chelsea está aqui. Vejo você de manhã.”

“Cuidado!” sua mãe gritou de volta.

“Mantenha seu celular ligado,” seu pai bradou sem erguer a voz. “Só por precaução,” ele adicionou.

CAPÍTULO 15

Elas podiam ouvir a festa bem antes de chegarem à casa de Hildebrand. O carro de Chelsea estava bombando uma música parecida com a que tocava dentro da casa, só que *muito* mais alto. As quatro saíram do Mazda minúsculo e marcharam pelo grande estacionamento que estava lotado de carros. Violet sondou os veículos, silenciosamente esperando sem saber por que, que visse o carro da mãe de Jay estacionado no meio do resto. Mas ele não estava ali, e ela decidiu deixar aquele desejo impossível de lado.

Entretanto, Violet se encontrou sorrindo quando elas alcançaram a porta da frente, seus braços ocupados com o álcool barato que ela provavelmente nem iria beber. A música estava alta, e suas amigas mais altas. Ela podia ouvir os jovens dentro da festa as chamando quando subiram pela porta de entrada. O entusiasmo deles era contagioso.

Violet amava ir a festas, principalmente porque ela poderia ver como todos eram fora da escola. Eles se tornavam pessoas diferentes quando estavam longe do campus. Aqueles jovens eram os mesmos com quem ela fora para a escola quando era uma menininha. Mas aqui, de noite e longe da instituição familiar que frequentavam cinco dias por semana, longe dos cliques que governavam onde eles sentavam e com quem eles conversavam diariamente, eles estavam livres para ser quem quer que eles quisessem. É claro, a bebida ajudava um pouco a afrouxar aquelas regras sociais nitidamente definidas.

“Violet! *Vi-o-let!*” ela ouviu a voz de um menino gritando para ela do outro lado da cozinha quando ela colocou a carga no balcão. Um bando de adolescentes começou a chegar e pegar o que queriam antes mesmo que ela tirasse as mãos do álcool que ela trouxera.

“Ah, ótimo,” Chelsea gritou sobre o barulho sem nem olhar quem estava gritando o nome de Violet. Ela colocou suas sacolas em cima do balcão com o resto. “Seu fã-clubê está aqui.”

Violet olhou na direção para ver quem era, e quando ela o viu seu estômago afundou.

Grady estava lá, tecendo seu caminho pela multidão de adolescentes barulhentos e se direcionando para ela.

“Ai, Deus,” Violet respirou, se inclinando perto de Chelsea de modo que só ela podia ouvir o que ela estava para dizer. “É o *novo* Jay.”

Chelsea não conseguiu conter a risada, quando Violet veio para o lado escuro, e isso veio meio que como uma bufada, o que a fez rir mais ainda. “Aqui,” ela disse, agarrando Violet no braço e praticamente a arrastando na direção oposta... *Longe de Grady*. “Vamos fingir que não o vimos.”

Elas foram rapidamente pelo corredor que passava pelos quartos e de volta para a sala de família atrás da cozinha. Elas estavam perto do ponto onde Grady estava quando ele começou a gritar por ela, agora ele não estava visível. As duas garotas tentando segurar o riso, como se tivessem feito uma grande acrobacia se esquivando dele.

“Acha que o perdemos?” Violet perguntou enquanto tentavam se misturar na multidão.

Chelsea apanhou duas garrafas transparentes de bebida com sabor de fruta, daquelas parece-mais-suco, de cima do balcão e entregou uma para Violet. Ela arrancou a tampinha de metal e fez a boca de sua garrafa tilintar na garrafa de Violet. “Vamos esperar que sim,” ela disse e tomou a bebida.

Violet tomou um gole do vinho com gosto de Ki-suco. Ela não conseguia imaginar por que ela pensou que queria ficar em casa sozinha esta noite. Chelsea estava certa; a festa era exatamente o que ela precisava.

Conforme a noite prossegiu, Violet mergulhou na música e na alegria, deixando o barulho se tornar uma barreira barulhenta que fez com que fosse impossível pensar em qualquer coisa além do presente. Ela não conseguia encontrar tempo para sentir pena de si mesma no ambiente auto-indulgente e estridente, de jovens com muito álcool e sem a supervisão dos pais.

Ela assistiu jogos com bebidas na cozinha, uma luta no jardim da frente—que não era realmente uma luta afinal, mas mais como empurrões excessivos—e viu duas pessoas vomitando antes do fim da noite. Uma era Todd Stinnett, um garoto do seu segundo período de aula, que bebeu cervejas demais na mesa do jogo. A outra era uma garota novata, Mackenzie Sherwin, que vagueou do lado de fora para vomitar nos arbustos. Infelizmente para Mackenzie, ela não tirou o cabelo da frente em tempo e acabou andando o resto da noite com fios emaranhados em volta do rosto.

Um grupo de arruaceiros achou a pobre garota hilária e faziam barulhos de vômito toda hora que ela passava por eles.

Já era quase meia noite quando Grady finalmente se encontrou com Violet, e quando ele se aproximou, ela não estava bem segura de *como* ele ainda estava ficando de pé. Ele estava completamente bêbado.

“Onde você esteve? Estava te procurando em tudo quanto é lugar.” As palavras dele estavam uma bagunça indistinta, e ele passou um braço pesadamente sobre seus ombros. Violet imaginou se isso não era tanto um ato de afeição quanto um meio de se manter de pé.

Mas ela estava preocupada com ele, apesar de dar uma de inocente, fingindo que *não o evitara* a noite toda. “Estava por aí,” ela respondeu com o rosto sério. “Além disso, você parece ter se divertido muito sem mim.” Ela tentou sair de debaixo do braço pesado

dele. Ele estava se apoiando nela com tanta força que parecia que estava tentando empurrá-la para o chão.

O movimento repentino dela o fez perder o débil equilíbrio, e ele acabou segurando ainda mais apertado, pondo quase todo seu peso oscilante nela. “Não vá,” ele pediu, o hálito quente dele, carregado com o cheiro pungente de cerveja choca e tequila.

A combinação era desagradável.

No outro lado do cômodo, ela viu Chelsea conversando com um grupo de garotas. Ela olhou Violet com um olhar questionador nos olhos. Violet só rolou os olhos em resposta, depois olhou para Grady de volta. Ela queria se afastar dele e voltar às suas amigas, mas ela não queria deixar ele sozinho naquela condição. Ele estava uma desordem. E ele era seu amigo.

“Acho que deveríamos te levar para casa,” ela ofereceu finalmente. Ela não havia tomado mais nada desde o vinho de Ki-suco, então sabia que estava bem para levá-lo. “Me dê suas chaves.”

Ele fechou um olho como se fosse mais fácil se concentrar daquele jeito, quando alcançou o bolso e tirou as chaves. Ele a encarou enquanto agitava as chaves na frente de seu rosto. “Eu posso dirigir...” O modo como ele falou, fez aquilo soar um disparate.

Violet as arrancou da mão dele. Os reflexos dele estavam lentos demais para lhe impedir, e quando ele finalmente tentou, ele estava uns cinco segundos atrasado. O movimento repentino quase o fez cair, levando Violet com ele.

Ela lutou para manter os dois de pé. “Vamos lá, Grady. Eu te devo uma de qualquer forma.”

Ele lhe deu o olhar furtivo com um olho só de novo. “O que você quer dizer?”

Ela não se incomodou em explicar que ele ajudou, levando-a ao cemitério quando ela precisou ir ao túmulo de Brooke Johnson. Na verdade, ela não disse nada para ele, e ele não perguntou ou discutiu sobre ela levá-lo para casa. Ele pareceu desistir, se apoiando nela, deixando que ela lhe guiasse para fora da casa. Ela ergueu as chaves quando passou por Chelsea, silenciosamente dizendo onde estava indo.

O ar esfriara com o passar da noite e sair ao ar livre pareceu ter efeito *levemente* sóbrio em Grady... O que no momento, era uma melhoria grandiosa. O carro dele estava mais longe do que o de Chelsea, graças ao pequeno carro dela e sua criativa definição de estacionar, que para ela consistia em colocá-lo inclinado e de frente, numa lacuna entre outros carros estacionados.

O cedro e altos abetos se erguiam acima de tudo e bloqueavam quase toda a luz lançada pela lua quase-cheia, criando sombras fantasmagóricas que caía sobre eles enquanto caminhavam, ou no caso de Grady, tropeçavam, em direção do carro. Mas

quando chegaram até este, ele estava andando quase normalmente novamente... Não estava mais balançando de um lado para outro.

Violet o ajudou rodear o carro até a porta do lado de passageiro e ajudou ele abri-la.

Mas Grady ainda não estava propenso a ir.

“Obrigada, Violet. Eu adorei isso.” Mesmo suas palavras soaram menos desleixadas agora.

“Não tem problema. Eu estava ficando entediada, sabe.” Mas quando ele lhe olhou com um olhar dizendo que não acreditava, ela acrescentou, “É sério. Eu também estou meio cansada.” Ela fez um esforço para parecer convincente.

Ele se endireitou de onde estava encostado na porta e deu um passo, se aproximando dela. Agora ele estava sobre ela, e de repente ela se sentiu meio que presa entre ele e a porta aberta... Sem saída.

“Podíamos ficar aqui um pouco.” Ele deslizou o braço pela cintura dela.

Ela não tinha certeza de como deveria reagir; apesar de que sabia o que ele estava tentando fazer, não tinha dúvida que não queria que ele o fizesse. Mas ela estava congelada no ponto onde estava.

Ele se inclinou para ela, o outro braço passando ao redor dela para puxá-la para ele. O aperto dele estava forte... Muito forte... E Violet não gostou do sentimento formigando, a sensação de que ele não estava *perguntando* se podia fazer isso. O sentimento que isso estava fora de seu controle.

O arrepio que percorreu seus braços não tinha nada a ver com o frio da noite.

Ele baixou a cabeça, e Violet encontrou a voz de uma vez. “Não, Grady!” ela insistiu, virando a cabeça para o lado antes que os lábios dele estivessem nos dela. “Não!”

Ela tentou se abaixar sob os braços dele, mas o aperto dele ficou mais forte, comprimindo-a ainda mais contra o peito dele. O coração dela parecia estar tropeçando em si mesmo, batia tão rápido, e repentinamente ela estava com medo do que estava acontecendo.

Ele pôs a boca contra a orelha dela e sussurrou rouco enquanto seus lábios acariciavam desajeitadamente o lóbulo da orelha, “Está tudo bem, Violet. Não contarei para ninguém que você não me quer.” Ele fez isso soar como um convite, mas a força de seus atos fazia parecer cada vez mais uma ordem. A língua dele saiu e afagou do lado de seu pescoço, o que Violet temeu ser a versão de sedução dele.

Violet estava vagamente ciente do som de pneus se aproximando, e ela podia ver os faróis cada vez mais próximos. Ela pensou em gritar por ajuda, mas também estava com medo de que pudesse estar exagerando.

Tinha certeza que podia lidar com isso sozinha.

Grady tentou beijá-la novamente, procurando sua boca, e dessa vez ela o empurrou com as duas mãos contra seu peito, empurrando-o enquanto tentava tirar a cabeça do caminho dele. “*Para com isso, Grady. Para!*” Ela estava surpresa por ter soado tão forte. Pelo menos sua voz não estava tão trêmula quanto estava se sentindo.

Mas ele era maior e mais forte que ela, e ele ergueu as mãos atrás dela na nuca dela, ignorando sua recusa e prendendo-a no lugar. Quando a boca dele finalmente pousou na dela, a combinação de seu hálito alcoólico e seus atos brutos desenfreados a fizeram tremer fracamente sob ele. Os lábios dele eram úmidos e macios, mas não do jeito que Violet teria esperado num beijo, e quando a língua dele tentou abrir caminho na boca dela, a fez pensar em uma lesma quente e escorregadia.

Sentiu que ia vomitar.

Se debateu contra isso... Contra ele... E seus punhos socaram inúteis contra o peito dele. Ela não estava mais certa de que *podia* lidar com isso. Ela torceu a cabeça longe o suficiente para tirar a boca dele da dela, e aproveitou a oportunidade para erguer as mãos, cobrindo o rosto num esforço em bloqueá-lo.

“*Para! Por favor!*” gritou, esperando que algo fizesse ele se tocar e parar de forçá-la. Esperava que ele voltasse ao bom senso e percebesse que idiota estava sendo.

O que ela realmente desejava era somente que ele a deixasse ir.

Então, ele deixou. Mas não da maneira que ela havia imaginado.

Ele largou-a rapidamente, e ela ouviu um som estrangulado escapar dele, enquanto seu corpo se chocava contra o próprio carro. Ela estava empurrando-o tão forte, tentando afastá-lo, que quando os braços dele realmente a libertaram, ela bateu a cabeça na porta. Ela ouviu um grande baque, depois um ganido que podia ter sido um animal ferido.

Violet tentou acompanhar o que estava acontecendo, mas seu cérebro ainda estava tonto, confuso, pelo inesperado assalto de Grady. Primeiro ela pensou que ele havia escorregado e caído, ou talvez que ela tivesse empurrado ele mais forte do que pensara, ainda assim ela duvidava que pudesse tê-lo derrubado sozinha.

Quando ela realmente percebeu o que estava acontecendo, quase não conseguiu acreditar no que via.

Jay estava ali, sobre Grady, que agora estava deitado, todo amassado aos seus pés. A expressão no rosto de Jay era assassina, de um modo que Violet nunca viu antes, e ele abria e fechava os punhos, enquanto encarava Grady violentamente.

Ela olhou para baixo e viu que Grady estava com uma mão sobre a boca, e havia sangue escorrendo entre os dedos. Ele erguia a outra mão em rendição. “*Pare! Pare!*”

Jay pareceu ter uma grande dificuldade para decidir. Depois ele se inclinou, seu punho se fechando novamente, pronto para atacar, enquanto ele agarrava Grady pelo colarinho. “Não foi isso que Violet te disse, seu desgraçado? Ela não te disse para parar?”

Grady recuou, abaixando o mais que podia e pôs os braços na frente do rosto. “Por favor! Não...” Mas ele não terminou a frase, pois sua voz se quebrou, vulneravelmente.

Violet estava atordoada. Em silêncio e confusa, ela só conseguia ficar ali e assistir, com um milhão de perguntas girando em sua mente.

De onde Jay viera? Há quanto tempo ele estava ali?

E uma pergunta que ela estava com medo de perguntar: *onde Lissie estava esta noite?*

Ela odiou os sentimentos conflitantes que a afligiam no momento. Ela estava agradecida que alguém a salvara dos avanços indesejáveis de Grady, e ainda mais grata que esse alguém fosse Jay. Mas ao mesmo tempo ela estava amedrontada por ele ter batido em Grady, e se sentia um pouco mal por ele, apesar de sua boca e mãos atrevidas. Ela também estava chocada pela fúria indisfarçada no rosto de Jay, mas teve que admitir que gostara que ela pudesse atizar uma reação dessas nele. Isso significava que ele se importava.

Mesmo que não fosse exatamente do jeito que ela esperava, ele ainda se importava.

Ela observou Jay deixar Grady *cair* no chão. Bem, não exatamente cair, era mais um empurrão, libertando-o e fazendo-o meter a cabeça contra o carro, conforme desabava para trás.

Mas ele ainda não havia terminado o aviso de Grady, e falou asperamente entre os dentes cerrados, “Se você, alguma vez... Tocá-la novamente, eu juro por Deus, Grady, vou fodidamente te matar. Está escutando?”

Violet estava aturdida com a fúria na voz de Jay bem como com suas palavras.

Grady só acenou afirmativamente, limpando a mão suja de sangue na calça. Ele pareceu querer dizer alguma coisa, mas não conseguiu encontrar as palavras.

Jay não esperou. “Não tem como você dirigir hoje, Grady. Me dê as chaves,” ele exigiu, estendendo a mão impacientemente.

Grady começou a fuçar nos bolsos, mas depois pensou um pouco. “E como eu vou ir para...” ele começou perguntar, mas Jay o interrompeu.

“Não estou nem aí; você vai arrumar uma carona. Agora, me dá logo.”

A voz de Jay não aceitava argumentos, e Grady resolveu não testar a sorte. “Está com a Violet,” ele finalmente admitiu antes de ir cambaleando para longe deles, de volta para a festa.

Violet pulou quando ouviu seu nome. Sentiu-se como se estivesse escutando uma conversa secreta entre eles. “Ah... É...” pareceu dizer para si mesma quando ergueu as chaves e deixou-as cair na mão aberta de Jay.

Por um momento, ela não tinha certeza do que lhe dizer. Finalmente ela optou pelo óbvio. “Obrigada.” Isso meio que dizia tudo.

Jay pegou a chave de Grady e voltou para o carro de sua mãe. Devia ser o carro que ela ouviu subindo enquanto Grady tentava atacá-la com sua língua repugnante. Ele abriu a porta do lado de passageiro, e sem um olhar em sua direção, ele falou com aquela mesma voz autoritária. “Entre no carro, Violet.”

E era isso... O fim de sua breve emoção em ver Jay esta noite.

Seu tom elevado, que ela apreciara quando era direcionado a Grady, pareceu uma lixa raspando seus já desgastados nervos quando dirigido a ela. Toda a gratidão que sentira a poucos momentos antes se fragmentou irreparavelmente como cacos de vidro, e Violet estreitou os olhos ao olhar para ele. A semana inteira sem ele, sentindo saudades e almejando sua companhia, pareceu evaporar... E agora era ela quem estava furiosa.

“Você está brincando comigo? Você me ignorou a última semana e agora quer vir e começar a me dar ordens?” Ela pôs as mãos na cintura, desafiando-o a discutir com ela. Seu rosto queimou conforme seu temperamento se abrasava ferozmente. “Eu acho que não, Jay. Não é assim que funciona.”

De repente ela queria voltar para a festa... Para seus amigos *verdadeiros*, aqueles que não lhe deram aquele tratamento frio a semana toda ou ignoraram sua existência. Ela girou os calcanhares e começou voltar para a casa, seguindo a trilha de música alta que alcançava a rua toda.

Jay não a seguiu. Ele não tentou convencê-la a ficar. O fato de que ele não a seguiu, pedindo perdão por se comportar como um babaca, a magoou.

Por outro lado, ela decidiu, foi clara, e Jay certamente provou que era capaz de ser teimosamente cabeçudo. E apesar do seu ego ferido, sem importar o quão aliviada ela ficara que ele havia aparecido quando fora necessário, *de maneira nenhuma* ela ia deixar ele começar a lhe dizer o que fazer.

Ela não olhou para trás para ver se ele estava assistindo ela ir embora.

Ela estava receosa do que poderia ver se olhasse...

Ver que Jay não estava vindo atrás dela.

CHANCE

Na primeira vez que ele viu a garota caminhando sozinha pela rua escura e estreita, ele mal prestou atenção nela.

Era muito cedo, disse consigo mesmo. Ele mal enterrara uma, e não passara tempo suficiente para gerar o desejo enlouquecido que geralmente ele almejava.

Mas havia algo nela... Ela parecia perdida... Carente.

Ele diminuiu a velocidade do carro, observando-a conforme ela caminhava noite adentro, tropeçando como se fosse incapaz de prestar atenção nos próprios passos. Ela nunca olhava para trás. Era como se ela estivesse alheia a sua presença, apesar do brilho artificial dos faróis espantando a escuridão de seu caminho.

Então ele percebeu; como a aurora da primeira luz matinal, abrindo caminho para o dia. Ela precisava dele.

Quase tanto quanto ele precisava dela.

Ele aproximou o carro, quase parando atrás dela, cuidadoso para mantê-la a vista, ela poderia ficara alarmada... Assustada pela sua proximidade.

A silhueta que produzia em seus faróis era a essência da juventude. Seus movimentos, desajeitados com a desatenção, estavam perdidos e deselegantes de forma que tinham perdido a feminilidade. Seu corpo ainda era ágil; sua pele devia ser macia.

Ele deu umas olhadas nos carros estacionados ao redor, espreitando por alguém que poderia estar observando sua aproximação.

Não havia ninguém.

Ele a alcançou, ainda sem a percepção dela, e estacionou o carro silenciosamente ao lado dela.

Nessa altura ela olhou para cima; seus olhos inocentes marejados com lágrimas, arregalados para ele, assombrados, agitando seu desejo em um frenesi abrasador. Mas reconhecimento clareou seus olhos, em seguida ela parou de andar, e as lágrimas foram substituídas por súplica.

Ele desligou o carro, agindo rapidamente agora, enquanto a dança começava novamente.

Poucas palavras foram trocadas, a maior parte por ele, e num piscar de olhos, ele escorregou um braço confortante sobre seus ombros e guiou-a para o lado do passageiro...

Tudo enquanto ela o contemplava com indefesa gratidão.

CAPÍTULO 16

Violet odiava as lágrimas que furiosamente queimavam em seus olhos quando ela tropeçou em uma pedra invisível que estava em frente a ela.

Ela desejava poder voltar no tempo. Ela queria. Apenas subir em seu carro quando ele ordenou. Embora ela estivesse chateada com ele, não poderia deixar de pensar que teria sido melhor do que isto... Esta caminhada longa e solitária em meio à escuridão fresca, pensamentos reprimidos, segundas intenções e ses... Melhor do que a rejeição que se infiltrava como um veneno através de todos os seus poros.

Odiava Jay nesse momento, por fazê-la se sentir vulnerável e fraca. Ela supôs que ela não deveria ser essa garota, ela nunca foi aquela garota antes... Necessitada... E patética.

E nesse momento o carro estava atrás dela, e não tinha tempo para perguntar por que ela não notou antes. Não ouviu o som das rodas através do velho asfalto, cheio de buracos, cascalho e notou as luzes dos faróis que se convertiam em escuridão e depois sombras.

Ela virou a cabeça para ver quem estava dentro.

Quando o viu ao volante, ela parou de andar, tentando não ser grata e piscou as lágrimas.

Ouviu a porta abrir, e antes que ela pudesse recuperar o fôlego, agradecida, o condutor estava fora e ela estava em seus braços.

Queria respirar, inalar a substância letal, mas não conseguiu encontrar o ar ao seu redor. Estava sufocada com sua força, com carinho dele.

O tempo era irrelevante naquele ponto, poderia ter sido minutos ou horas. Não importaria. Ela não percebeu que estava chorando novamente até que ele enxugou as lágrimas e se inclinou para beijar o seu rosto molhado.

E então seus lábios se moviam delicadamente, calorosamente, abrindo o caminho para o seu próprio. O choque começou em seu estômago e subiu, a fazendo suspirar, e queimando sua boca enquanto se fundia com a dele. Ela imaginara este momento, muitas vezes, e sonhou que ele a deteria de uma maneira por muito tempo.

Violet suspirou, afundando cada vez mais para ele, esquecendo-se... Esquecendo a coragem e a dor, perdida no momento.

Jay a beijou, forte, longamente e profundo. Como ela o beijou de volta, combinando a sua intensidade. Afastando qualquer vestígio de dúvida que restava.

Violet estava ciente de suas próprias batidas, pairando em pontos estratégicos por todo o corpo, e os ecos tinham uma batida pesada em suas veias. Estava derretida e tremendo ao mesmo tempo. Ela podia sentir o cheiro inebriante e o calor que emanava dele em ondas.

Quando sua boca deixou a dela, ela estava desorientada e triste, e ainda podia sentir o seu toque nos lábios.

Ele olhou para ela, seus olhos eram seus, sua voz era baixa, com apenas um toque de desejo.

“Entra no carro, Violet.”

Embora soasse como uma ordem, era como a seda quente que envolve em torno dela. Ela pensou em lutar contra isso, mas apenas acenou com a cabeça enquanto observava seu bonito rosto, incapaz de pensar em qualquer outra coisa. Apenas o beijou de novo.

Eles não se moveram por um momento, ficaram ali, olhando um para o outro. Seu olhar mudou-se para os lábios e então, seus olhos, como se estivesse memorizando.

Em algum lugar distante, mas provavelmente mais perto do que parecia, Violet ouviu uma viagem de carro de distância. Mas não se preocupou em olhar, porque ela tinha outras coisas em mente.

Jay havia voltado para ela.

CAPÍTULO 17

Violet ficou acordada quase a noite toda, pensando repetidamente sobre o que havia acontecido. Ela queria lembrar cada detalhe minúsculo, capturado para sempre em sua memória, e que poderia recuperá-lo a qualquer momento.

Jay a beijou.

Finalmente.

E não apenas um beijo qualquer. Não era um dos beijos fraternos de sua infância. Não havia nada de infantil no mesmo. Ele finalmente fechou o abismo que vinha crescendo entre eles desde o fim do verão.

Finalmente.

Violet não podia suportar isso. Ela estava animada... Eufórica... Eletrificada... Tudo de uma vez.

Mas vieram outros sentimentos; inseguranças e dúvidas. As perguntas sobre o que a sua súbita aparição na noite passada realmente significava. O que um beijo faz realmente?

Eles não conversaram sobre isso durante a volta para casa. Eles não falaram nada, o silêncio carregado entre eles parecia dizer tudo. Mas não houve repetição, mesmo quando ele a acompanhou até a porta para se certificar de que ela chegara a salvo no interior. Ele não segurou sua mão ou a tocou novamente. E agora, a luz da manhã, não poderia ajudar, mas se perguntava se ele simplesmente não ficara sobrecarregado com alívio por ela estar segura, que ele a salvara antes que Grady fosse longe demais. E se ele tivesse simplesmente reagido a um aumento de adrenalina... Beijando-a por impulso, sem pensar a respeito?

Ela esperava que não. Ela orou para que não fosse assim.

Ela afastou os pensamentos negativos e, em vez disso, recordou a sensação dos lábios macios dele contra os dela. E o calor do corpo dele pressionado no dela, coração com coração.

Na parte da manhã ela estava exausta e eufórica.

Finalmente renunciou a perseguir o sonho e o calor, e saiu da cama desfeita um pouco depois das sete. Ela podia sentir o rico cheiro de café pronto no andar de baixo e foi atraída por ele.

Sua mãe estava sozinha na cozinha. Ela não disse nada sobre o regresso de Violet a casa na noite passada.

Violet olhou em volta, um pouco surpresa. Seu pai era geralmente o madrugador, era sua mãe quem conseguia dormir até meio-dia.

“Será que o papai foi para o trabalho?” Perguntou Violet, sabendo que muitas vezes ele ia ao escritório aos sábados para colocar o trabalho em dia, sem a agitação dos dias de semana.

Sua mãe parecia abatida e cansada, e puxou sua xícara fumegante para mais perto dela, apertando as mãos em volta como se fosse ganhar forças com o seu calor.

“Não,” um rosar em sua voz, e depois limpou a garganta e tentou novamente. “Não, seu tio Stephen o pegou meia hora atrás.”

Violet hesitou brevemente quando chegou ao armário para pegar uma xícara de café misturado cobrindo a plataforma. Ela encontrou a sua favorita, uma caneca de cerâmica com uma impressionante imagem desbotada cobrindo a ponte Golden Gate. Seus pais trouxeram para casa de umas férias antes de ela nascer, e achou encantadora a foto marcada pelo tempo. “Por quê?” Ela perguntou enquanto enchia seu copo e olhava na geladeira o creme de baunilha. Ela foi generosa, tornando seu escuro café em marrom pálido, leitoso.

Quando sua mãe não respondeu imediatamente, Violet se virou para ver o que aconteceu.

“O quê?”

A mãe suspirou, de repente, parecendo mais velha... E esgotada. Ela balançou a cabeça durante vários segundos antes de falar, mas não podia ser evitado para sempre.

“Outra menina.” Sua voz quebrou em frustração silenciosa. “Buckley. White River, Violet.”

Violet estremeceu onde estava, meio em pé, meio sentada na cadeira ao lado de sua mãe na cozinha.

“Quem?” Era tudo que podia lidar, completamente atordoada com a notícia para se mover.

“Mackenzie Sherwin. É um pouco mais nova você.”

Violet congelou. Esse nome. Conhecía esse nome.

“É um dos teus amigos?” Perguntou a sua mãe, colocando a mão fria sobre Violet, enquanto Violet afundou como uma pedra na cadeira.

Ela estava na festa de ontem à noite, e então ninguém mais a viu.

“Sabe quem é?” Ela perguntou de novo.

Não havia razão para mentir. Mesmo que eles não fossem obrigados a descobrir a verdade sobre onde ela foi ontem à noite, definitivamente não era o momento para a mentira.

“Eu a vi na noite passada,” admitiu Violet, erguendo os olhos para ver sua mãe. “Eu estava na mesma festa.”

Violet olhou para os diferentes olhares que se formaram no rosto de sua mãe; a partir do flash de raiva quando percebeu que Violet mentiu sobre onde ela estivera, passando pelo pânico, por poder ter sido a própria filha, de alívio. E, finalmente, aceitação. Ela deve ter decidido, como Violet com relação à mentira, de que este não era o tempo para repreensões. Embora Violet soubesse que estava chegando... Mais tarde.

“Há um grupo de busca. Eles estão vasculhando os bosques à procura da menina. Não podem descartar a possibilidade de que andava no escuro e se perdeu. Relatórios dizem ter bebido muito.”

Violet pensou sobre Mackenzie Sherwin. Poderia imaginar a menina que vomitou no mato e passou o resto da noite entrando e saindo da festa com seu próprio vômito em seus cabelos secos. Ela mal podia andar ereta quando Violet a viu pela última vez.

“E se ela estiver perdida?” Perguntou Violet, odiando a questão, mesmo quando ela envenenava seus lábios.

“Eles não podem dispensá-la. Eles têm todos os policiais na área para provas, enquanto que metade da cidade está vasculhando a mata ao redor da casa, à procura da pobre moça.” Sua mãe apertou a mão de Violet, antes de liberá-la. “Como estava lá, seu tio Stephen pode querer falar com você.”

“Vou me vestir e ir até lá,” decidiu Violet.

Sua mãe olhou para cima como se surpresa com a declaração.

“Não, Vi. Acho que você deveria ficar aqui hoje...” Ela não terminou o seu pensamento, mas Violet podia ouvir as palavras não ditas que flutuavam no ar... *Onde é seguro.*

Ela pensou em ficar novamente, olhando para o relógio e esperando, sem fazer nada produtivo, e não conseguia suportar. E então ela perguntou se sentiria alguma coisa quando chegasse lá, um eco novo... Talvez. Ela rejeitou a ideia perturbadora.

“Não, mãe. Eu vou falar com o tio Stephen. Talvez eu tenha visto alguma coisa, *qualquer coisa*, que pode ajudá-lo a encontrá-la.” Ela se surpreendeu com sua própria convicção, mas sabia que não convencera sua mãe, que lutava em silêncio com seus

próprios medos. “Não se preocupe, papai está lá. Eu não vou fazer nada sem a sua permissão.”

Violet esperava a mãe dizer algo com a respiração suspensa, esperando que sua mãe concordasse em deixá-la ir.

Quando ela finalmente falou, suas palavras eram instáveis, cheia de fadiga derrotada.

“Eu me sentiria melhor se você dissesse que Jay está indo com você.”

Eu também, pensou Violet sem dar voz às suas palavras. Eu também.

Violet não tinha certeza do que a esperava quando virou na estrada para a casa onde ela e seus amigos foram na festa da noite anterior. Ela assumiu que haveria pequenos grupos se deslocando na área ao redor, chamando pela menina, com a esperança de encontrá-la perdida fora das árvores altas cheias e densas que quase ofuscavam algumas casas na área.

Mas não havia apenas alguns bons samaritanos ajudando um vizinho desaparecido. Esta era uma completa operação de busca e resgate. Havia uma sensação de caos organizado, com ênfase na parte *organizada*.

Violet teve que estacionar o carro mais longe do que alguém precisou fazer na noite passada, quando eles eram apenas um bando de adolescentes convergindo para uma casa semi-isolada. E as pessoas ainda estavam vindo atrás dela. Enquanto à frente do seu; veículos de emergência, a polícia e bombeiros, giravam em torno da entrada para a floresta e além.

Homens e mulheres, jovens e idosos, profissionais e voluntários, todos vestidos com coletes coloridos brilhantemente, muitos com walkie-talkies, formavam pequenos grupos em todas as direções, de forma eficiente para pentear a paisagem sem fim, com uma ordem deliberada. Ela nunca viu nada parecido. Eles eram como um mar de coletes fluorescentes fervilhando, balançando e deslocando em uma progressão constante.

Violet deu uma olhada rápida na área enquanto caminhava em direção à multidão, para ver se conseguia localizar seu pai ou seu tio na multidão de trabalhadores de resgate. Mas se eles estavam lá, estavam perdidos.

Veio para o que parecia ser o centro de atividades. O grupo cresceu enquanto mais pessoas chegavam, esperando para ser dito o que eles poderiam fazer para ajudar. Ela reconheceu algumas das pessoas, incluindo os pais de seus amigos, vizinhos, pessoas que trabalharam em lojas na área, e até mesmo um dos professores em sua escola.

Uma mulher distribuía os coletes neon, enquanto outro levava os nomes dos voluntários e organizava-os em equipes de busca, cada um com um líder que recebeu um walkie-talkie. Um homem com um megafone gritava ordens sobre onde registrar e obter

instruções sobre como proceder uma vez iniciado. Todos receberam um panfleto em preto e branco com uma imagem da menina desaparecida, e Violet estava contente de substituir a imagem mental que tinha da menina desajeitada e incoerente na noite anterior por esta foto dela sorrindo.

Ela esperou atrás de uma multidão de pessoas em volta de um dos muitos oficiais da Polícia, e esperava que ele pudesse ser capaz de dizer onde encontrar seu tio. Outros gritavam perguntas para ele.

Há quanto tempo ela sumiu?

É aqui, onde foi vista pela última vez?

Você acha que o assassino a pegou?

Você espera encontrá-la viva?

Violet tentou fazer o seu caminho em direção à frente do grupo, para chamar a atenção do funcionário, mas era como nadar contra a maré, e em vez disso viu-se empurrada para o fim do grupo. Ela não queria gritar e chamar a atenção para si mesma, eventualmente, ela apenas iria se libertar e procurar as respostas.

Perguntou-se se vir aqui foi um erro. Talvez não devesse ter sido tão firme na tentativa de ajudar. Mas ela se sentia culpada, crivada de, pelo menos, um senso de responsabilidade como uma das que viu a menina pela última vez... E ninguém se preocupou em ajudar quando era tão óbvio que precisava.

Ela circulou ao redor, sentindo um pouco como um floco de neve pego em uma brisa caprichosa, finalmente chegando perto do grupo de voluntários que estavam ocupados fazendo verificações.

“Você já foi designada a uma equipe?”

Violet olhou para cima, assustada com a mulher que estava distribuindo coletes salva-vidas.

“Não,” respondeu ela, pensando em dizer à mulher que ela não tinha intenção de se juntar à busca, mas não conseguiu encontrar as palavras.

A mulher deu-lhe um colete e Violet foi atribuída para outra mulher numa equipe. Foi apresentado apenas brevemente o diretor de sua equipe, um homem que provavelmente estava próximo dos cinquenta ou sessenta. Seus cabelos grisalhos estavam cortados alto e firme, no estilo do exército, e parecia que ele fizera um tour ou dois em algum ramo das forças armadas. Dirigindo seu walkie-talkie como um veterano.

Surpreendentemente para Violet, no entanto, especialmente desde que passou um ar de um homem que tinha visto alguma ação em seu dia, ela sentiu absolutamente nada

sobre o líder militante da equipe. John Richter não possuía nenhuma das marcas da morte que ela teria esperado.

Talvez não tenha sido tão difícil, afinal. Ou talvez ele tivesse sorte.

O capitão da equipe tomou a iniciativa, leu as coordenadas do mapa que ele tinha e os direcionou para a área atribuída a busca, que foi cercada em vermelho Sharpie⁵. Havia cinco outros membros da equipe, duas mulheres e três homens. Violet não conhecia ninguém no seu grupo, e não se importou. Dessa forma, não sentia a necessidade de ter uma conversa amigável.

Quanto mais eles andavam, passando para pelas outras equipes enquanto percorriam a área, e começando a conhecer mais profundamente a floresta úmida, começava a sentir-se mais ameaçadora em tudo. Violet não tinha medo, mas estava, definitivamente, preocupada com o que eles estavam fazendo lá fora. Teve a estranha sensação de que este era um esforço desperdiçado, eles estavam aqui apenas para excluir a possibilidade de que Mackenzie havia deixado a festa e se aproximado das árvores... Quando parecia tão óbvio para Violet, e, provavelmente, também para quase todos ao seu redor, o que havia acontecido com sua colega de classe.

Ele a raptou.

Violet podia ouvir os outros em todas as direções, gritando o nome de Mackenzie. Eles passaram alguns homens com longas varas de madeira que parecia um cabo de vassoura, sem pintura, e ela simplesmente não conseguia imaginar o que eles pretendiam descobrir.

Ela seguiu o seu grupo para alcançar suas coordenadas designadas, e John Richter mandou que se espalhassem, mantendo-se em vista, mas separados o suficiente para cobrir o chão tanto quanto possível.

Violet andou com passos cuidadosos, perdida no processo de busca. O cheiro familiar e reconfortante da floresta suavemente flutuando. O cheiro de pinheiros de Natal que o rodeia, juntamente com o cheiro de terra úmida, de folhas caídas do outono, e apodrecidas. O ar estava úmido e grosso com nevoeiro que era comum nesta época do ano no noroeste do Pacífico. Ele ecoou através da roupa de Violet e seus sapatos, até que estavam pressionando friamente contra a sua pele e provocando arrepios até os ossos.

Enquanto explorava, estava ciente de vários ecos fracos em torno dela, o que significava que, em geral, eram animais mortos há muito tempo e enterrados no mato grosso do chão da floresta. Eles eram muito fáceis de ignorar dadas as circunstâncias.

Outras equipes moveram através e ao redor deles, movendo-se em círculos maiores, ampliando a área de busca e abrangendo mais e mais. O grande número de pessoas envolvidas na busca de Mackenzie Sherwin parecia não ter fim, e Violet tirou certa

⁵ Sharpie: A marca de canetas permanentes.

quantidade de conforto no fato de que tantas pessoas estavam tentando... Que tantas pessoas se importavam.

Ela esperava mais do que possível que seus esforços fossem recompensados.

Mas ela não estava segurando a respiração.

Ela ouviu o toque de um telefone celular, e apesar do som estar muito longe, instintivamente bateu no seu bolso para tocá-lo e percebeu que havia deixado em seu carro. Sua mãe estaria com raiva. No entanto, provavelmente não importa, uma vez que ela duvidou que tivesse cobertura aqui de qualquer maneira.

Ela tropeçou uma e outra vez em um tronco podre que estava em seu caminho. Sua mão tocou a película escorregadia em cima dele enquanto ela manobrava, e quando estava do outro lado limpou a mão na calça jeans para esfregar a sensação de mancha. Pensou em Grady, tentando colocar a língua gordurosa na sua garganta na noite passada, e quase engasgou.

Foi a primeira vez que pensou sobre o que havia acontecido tão perto neste mesmo lugar, já que havia saído de casa naquela manhã. Tinha sido um alívio bem vindo, não para ser consumida pelos replays instantâneos que aconteceu várias vezes em sua cabeça, mantendo ela acordada a noite toda.

Mas encontrava Jay à esquerda. E o beijo. E de repente o frio úmido que sentiu se evaporou em uma onda de calor que começou em seu estômago e se espalhou como um incêndio incontrollável, corando desde as bochechas até aos pés.

Ela percebeu que sorria agora, e teve que forçá-lo a ir embora, não querendo que ninguém percebesse como ela procurava em vão a garota desaparecida sorrindo como o idiota da aldeia.

O telefone não parava de tocar à distância.

Violet olhou ao redor, tentando descobrir a direção de onde veio, e percebendo o quão fácil seria ficar perdida aqui. Sozinha no meio da noite.

Violet não poderia ajudar na esperança de que isso era o que realmente aconteceu. E hoje, com a luz do seu lado, eles iriam encontrar Mackenzie Sherwin, com frio e de ressaca, confusa e agradecida por ser resgatada.

Ela ouviu outra voz chamando Mackenzie, e olhou em volta.

Não podia ver a mulher com o cabelo muito vermelho, o membro da equipe que foi designado para manter dentro de seu alcance visual. Ela perdeu a noção de si mesmo e onde deveria estar procurando, e percebeu que estava se movendo sem pensar, como um sonâmbulo.

O telefone tocou um pouco mais forte, e percebeu que ela estava seguindo-o. Em busca da fonte. *Atraída* pelo som... Contra a sua vontade.

Podia ver os membros da outra equipe, não muito longe, e percebeu que mesmo quebrando as regras por passear por conta própria, ainda não estava perdida. Era como se estivesse aqui, por si só. Esta manhã, a floresta estava viva, com dezenas, talvez centenas, de pessoas. Ela não estava sozinha.

Ouviu novamente, apenas um pouco mais forte, e perguntou por que ele continuou a tocar.

Um som agudo em seus ouvidos quebrou sua concentração silenciosa, e Violet saltou. Sentiu-se estúpida, quando percebeu que era outro grupo de busca, movendo-se entre as árvores do lado direito, gritando o nome da garota desaparecida. Ela silenciosamente se repreendeu por estar tão nervosa.

Foi então que percebeu *por que* estava com tanto medo... Tão nervosa.

Era o telefone celular.

Mas não era realmente um telefone afinal.

O som viera depois, o som que a atraiu, o mesmo que a afastou de sua própria equipe de busca, que passava cada vez mais perto... Nunca foi um telefone celular.

Era o som de sinos.

O espectro de som dos sinos de Brooke.

Distante, esmaecido pela distância... Mas cada vez mais claro... Mais forte.

Seu coração batendo, e os seus pés de repente sentiram que estavam submersos na areia movediça, lentamente sugando e arrastando-a para o fundo. Estava com medo de lutar, com medo de se mover ou mesmo respirar, por medo de ser arrastada para debaixo da superfície para sempre.

Um pensamento passou pela sua cabeça que talvez ela nunca devesse ter se aproximado do som, mas lá estava ele, aproximando-se dela. Ela não tinha certeza se era uma notícia boa ou ruim. Este era um homem que ela estava caçando. Um homem que ela estava determinada a encontrar. Um assassino que deve ser interrompido.

Mas por que ele estaria aqui? Agora, de todos os tempos? Fazia parte de uma equipe de resgate procurando pelos bosques e fingindo não saber o destino desta pobre menina? Ou todas as outras antes Mackenzie?

E, agora, ele estava aqui?

De repente, ela se sentia presa, e desejou que seu pai estivesse aqui. Ou seu tio Stephen. Ou Jay.

E depois o som desapareceu, e Violet sabia que só poderia significar que estava se afastando dele. Um pânico inesperado tomou conta dela quando percebeu que poderia perdê-lo. Ele ainda podia escapar dela, e eles não estariam mais próximos para terminar o seu reinado de terror do que estavam ontem ou no dia anterior. E mais perto de encontrar Mackenzie Sherwin ou Hailey McDonald, ou ambas que estavam faltando.

Violeta se moveu, tropeçando em um esforço para acompanhar o som dos sinos... Não querendo perder seu rastro. Ela parou antes que ela realmente caísse e foi praticamente correndo antes que se recuperasse completamente. Passou por áreas monitoradas por outras equipes e sentiu um pouco como se estivesse invadindo as suas coordenadas atribuídas, mas isso não a diminuiu. Felizmente, ninguém pareceu notar enquanto ela passava por eles.

Ela quase não viu para onde estava indo, se concentrando no som dos sinos soando cada vez mais alto, enquanto se aproximava do homem que o carregava. Ela não se preocupou em planejar o que faria quando o encontrasse, quando ela pudesse ver seu rosto e sentir que as impressões tinham uma coloração uniforme com seus atos monstruosos.

Tinha mais medo de não encontrá-lo. Medo de perder dentro da vasta floresta, cheia de pessoas, com muita vegetação.

Ela nem mesmo viu o homem na frente dela até que ela bateu nele. O impacto de sua respiração roubou um suspiro quando ela bateu contra a rocha sólida que era seu peito. Ele agarrou forte um braço antes que pudesse cair pela força da colisão.

Estava atordoada demais para ficar imediatamente envergonhada.

“Uau! Você está bem?” Ele perguntou, ainda segurando-a, provavelmente por medo de que era muito desajeitada para ficar em seus próprios pés. Ele olhou com preocupação genuína. “Precisa de ajuda?”

Violet não se recuperou rapidamente, e parecia confusa, ainda processando o que havia acontecido. “Eu... Uh, eu... Eu acho que estou bem,” gaguejou, perguntando de onde veio a sensação de zumbido em sua cabeça. Será que realmente a machucou quando colidiu com o homem de forma tão desajeitada?

Ele a largou com cautela, alerta para qualquer sinal de que ela poderia não estar pronta para se defender por si mesmo.

“Er, obrigada.” Ela começou a se sentir inundada pela humilhação atrasada.

Violet deu um passo hesitante para trás e viu que, sob seu colete laranja, ele usava o uniforme padrão do Departamento de Polícia de Buckley. Era um dos oficiais de seu tio Stephen.

Ela não reconhecia o *seu* rosto, e calmamente esperou que ele não a reconhecesse, especialmente desde que *ela* quase o atropelou.

“Sinto muito,” ela ofereceu desajeitadamente.

“Não se preocupe com isso. Precisa de algo?” perguntou ele. Ele levantou uma sobrancelha, estudando-a. “Você encontrou alguma coisa?”

Violet sentiu de forma súbita e inexplicável que não deveria dizer nada ao homem, e perguntou por que gradualmente se sentia assim.

“Não,” ela gaguejou, desconfortável sobre mentir para um policial. “Não, nada disso. Eu estava... Saindo.”

Ele olhou para ela e ela se perguntou se ele iria acreditar. Ela não tinha certeza de estar se movendo na direção certa como se ela tivesse realmente indo.

Violet olhou para trás, suavizando o rosto no que parecia um sorriso, esperando ser convincente.

“Obrigada, a propósito,” ela disse, tentando rir de sua falta de jeito. “Você sabe, por me pegar.”

Ele sorriu e deu um tapinha no seu ombro. Ela sentiu o vago zumbido de novo, e percebeu que vinha dele. Uma impressão, provavelmente... Nada incomum para alguém carregando uma arma para ganhar a vida.

“Quando você quiser falar. Acalme-se. Ah, e mantenha um olho sobre por onde você anda, pode ser perigoso aqui fora.”

Sua advertência não era realmente necessária. Todos os que estavam aqui nesta manhã sabiam o quão perigoso podia ser.

Mas Violet sabia melhor que ninguém que o perigo *real* estava na mata hoje.

Ela agradeceu novamente e afastou-se, tão casualmente como podia, tentando manter a aparência de que estava mais calma do que sentia, o tempo todo olhando para frente, para ficar em sintonia com o som assustador dos sinos que ainda estavam tocando muito longe disso. Uma vez que tinha certeza que estava fora da vista do policial, acelerou novamente, dando pouca atenção para onde estava.

Os doces sons melódicos desenharam cada vez mais perto... Parecia levá-la para fora.

Ela veio rapidamente, muito mais rápido do que esperava, pensando que era ainda mais distante... Até agora. Mas agora ela tinha certeza que estava perto.

Abrandou, só agora percebendo que seus sapatos estavam enlameados e a metade inferior da calça jeans encharcada e suja. Ela não estava com frio, ela não estava nem mesmo com medo, mas estava tremendo, seus dentes batendo quase chocando. Ela pensou que devia ser a antecipação, a adrenalina correndo por seu corpo enquanto se aproximava de um assassino, mesmo sem saber o que faria quando o visse.

Ela olhou em volta. Os sinos eram quase ensurdecedores aqui, mais forte ainda do que foram no túmulo de Brooke. Um voluntário passou por ela, mas ela sabia, quando olhou para ele, que ele não era a fonte dos ecos.

Violet tinha certeza, além de qualquer dúvida, que reconheceria imediatamente o assassino quando o visse.

Gradualmente ela examinou o local, procurando por algo que ninguém saberia como encontrar. Fora da zona de árvores verdes e samambaias gigantes ao redor emergindo do solo úmido, observando o chão da floresta.

Ela passou por outros buscadores, enquanto vozes gritavam de todas as direções, mas nada poderia penetrar no replicar dos sinos musicais.

Então ela viu um eco da mancha de óleo, como ele havia deixado na menina morta no lago, agarrando-se a ele antes que ela visse qualquer outra coisa. Parecia brilhar, brilhando acima dele, em ondas que dançavam em sua pele, escurecendo o resto dele a partir de seu ponto de vista imediato.

Violet sentiu como se suas vias aéreas estivessem bem fechadas, fazendo-a se sentir inesperadamente tão fraca.

Era ele.

Os sinos de Brooke... O brilho oleoso no corpo no lago... Ambos *ligados* a ele. E havia também outros ecos... *E os cheiros... Sabores e cores.* Havia muito para que Violet pudesse diferenciar um do outro, como todos eles criaram algo menos inocente do que o estático ruído branco criado por aqueles que foram enterrados. Em vez disso, tomou-os em toda a sua fúria, desfilando como uma fogueira que indicava para ela.

Ela quase não podia acreditar que nunca havia *percebido* ele antes.

Não viu, e em meio ao caos da busca, com toda a atividade na área, não se destacou mais do que qualquer um das centenas de voluntários na floresta esta manhã. Ela recostou-se um pouco para ver, invisível por trás do tronco de uma larga árvore.

Estava de costas para ela, e ela pôde ver que sob os traços de morte ele estava vestindo o mesmo exato colete dos outros buscadores na floresta. Ele se juntou a busca de Mackenzie Sherwin. Mas para quê?

Ele se virou para o lado e pôde ver seu rosto. Violet olhou para ele. Apenas o seu comportamento era diferente dos outros voluntários. Ele estava lá, vestindo o impressionante colete, mas não estava procurando. Ele não estava nem mesmo em movimento. Ele pairava... À espera... No mesmo lugar.

Ninguém mais pareceu notar porque os seus olhos e sua atenção estavam em outros assuntos, não havia nada de incomum sobre ele. Ele não era jovem, mas não de idade. Ele não era nem atraente, nem feio. Sua expressão parecia bastante passiva. Violet provavelmente pensou que poderia viver a sua vida na obscuridade, apenas dando-lhe um segundo olhar. É claro, parecia um assassino. Misturado à perfeição.

Ela esperou que algo estranho acontecesse, notando que ele estava se movendo lentamente, mas nunca deixando o seu lugar.

Era como se estivesse em guarda.

E então ela percebeu. E viu com tanta clareza então, que não podia acreditar que não havia notado antes.

Uma das cores, um verde brilhante e radiante que ele usava como uma aura, brilhando através do mesmo brilho oleoso que o rodeava, também estava acima do chão, aos seus pés. Brilhava, pairando sobre o chão em que estava. Vindo do lugar que ele estava guardando.

Havia uma garota lá em baixo.

Que era o porquê estava lá entre aqueles que procuravam, camuflado como um camaleão à vista. Para garantir que a menina enterrada no chão nunca fosse descoberta.

Violet cambaleou para trás, quase tropeçando nos próprios pés, em um esforço para escapar. Ela cobriu a boca com a mão, abafando seus próprios gritos de terror, quando confrontada, antes de cair, e então congelou, rezando para que ele não houvesse percebido o som dos seus pés desajeitados esmagando os galhos. De repente, tudo o que fez pareceu forte demais para ela... Cada passo cuidadosamente planejado ecoou bem alto através das árvores, cada respiração que fez foi como uma explosão. Ela afastou-se na ponta dos pés, mas mesmo isso era muito óbvio, e disse que precisava agir normalmente... Se comportar como se nada tivesse acontecido, e assim escapar despercebida.

Ele nem mesmo olhou para cima de sua posição.

Uma vez que estava longe o suficiente, olhou ao redor para pedir ajuda. Teria sido demais esperar ver seu pai ou seu tio por perto. Queria ter seu telefone celular. Queria ter seu spray de pimenta... E se amaldiçoou por deixar tudo no seu carro.

Ela tropeçou com imprudência temerária, e não seguindo o eco de uma alma perdida, mas evitando um assassino. Ela estava com medo agora. Medo, como nunca teve antes, e olhou em volta para alguém, *qualquer pessoa*, que pudesse ser capaz de ajudar.

Uma voluntária veio de um conjunto de arbustos grossos em repouso, e Violet quase caiu sobre ela, não percebendo que era pânico.

“Onde está o líder de sua equipe?” Perguntou Violet, com voz rouca, agarrando a mulher pela manga. “Eu preciso encontrar alguém com um walkie-talkie.”

A mulher olhou surpresa com a inesperada emboscada de Violet, mas ela não hesitou.

“Eu... Não,” disse, apontando. “Do outro lado daquelas árvores.”

Mas Violet foi embora, correndo na direção que ela indicara.

Sabia que parecia selvagem. Ela *se sentiu* selvagem. Mas tinha encontrado o assassino. Ela tinha parado, quase ao alcance da mão do homem que matou Deus sabe quantas meninas.

E havia acabado de encontrar outro corpo. Talvez Mackenzie Sherwin.

Ela viu o homem diante dela, com um mapa na mão, e sabia que era um líder de equipe. Não foi possível ver o seu walkie-talkie, mas tinha certeza que ele tinha um. Outro homem estava com ele e estavam conversando quando Violet chegou até eles.

“Você tem um walkie-talkie?” Ela perguntou em um tom abafado até para si mesma.

O homem olhou para ela com uma cara séria, observando os voluntários vestindo colete antes de responder.

“Você não está no meu time.”

“Eu preciso de você para pedir ajuda. Eu preciso de você para pedir Stephen Ambrose.”

O homem colocou a mão no seu protetor de bolso. Violet tinha certeza de que era o lugar onde seu walkie-talkie estava escondido. “Onde está o seu time, senhorita?” Perguntou ele com autoridade.

Violet ficou subitamente zangada, seu medo ofuscado por algo mais poderoso quando ela perdeu a paciência.

“Eu preciso de você para dizer a alguém para enviar Chefe Ambrose aqui. Diga a ele que *Violet precisa dele!*” Ela exigiu. Não podia acreditar que este homem estava

liderando sobre as equipes, todos estavam aqui pela mesma razão: para encontrar Mackenzie.

Um olhar de irritação atravessou seu rosto enquanto ele lentamente, hesitante, tomou o walkie-talkie do bolso. Ele olhou para ela com desconfiança, avaliando se ele devia seguir as ordens de uma menina histérica exigindo ver o chefe de polícia.

“Agora!” Ela gritou para ele quando ele demorou muito. E então caiu de joelhos. Ela olhou para ele, pedindo agora. “Por favor!” Suplicou ao homem. “Por favor... Chame meu tio e diga-lhe que eu preciso dele.”

Algo, seja em suas ações ou suas palavras devem ter chegado a ele porque de repente ele estava com o walkie-talkie, dizendo a quem estava do outro lado e que precisava contatar o Chefe Ambrose, e era uma emergência. Quando ele foi finalmente corrigido, não era seu tio, na outra extremidade, mas um de seus policiais que agia como intermediário para o chefe neste dia caótico.

O líder da equipe na frente dela repetiu o que havia dito, parando apenas para pedir-lhe para repetir o seu nome novamente, para ter certeza que estava correto. O homem perguntava onde estavam e repetiu suas coordenadas duas vezes. O policial do outro lado disse ao líder da equipe para esperar um minuto, e seguiu um longo silêncio.

Violet estremeceu, de pé onde estava no chão, incapaz de encontrar a força para voltar. Ela achava que deveria se sentir desconfortável, agachada aos pés deste homem, enquanto aguardava a resposta do outro lado. Mas estava muito cansada e com muito medo de se preocupar com o que pensavam dela.

Finalmente houve um ruído crepitante do walkie-talkie que encheu o espaço de silêncio, e ouviu as palavras que Violet esperava.

Chefe Ambrose estava em andamento.

Violet se inclinou para frente, colocando o rosto nas mãos e começou a chorar lágrimas de alívio.

CAPÍTULO 18

No momento em que seu tio chegou, Violet sentia que tinha um pouco mais de controle de si mesmo. Ela ainda estava aterrorizada com o segredo que carregava, mas sua resolução estava de volta, fortalecendo sua vontade e criando uma parede exterior de compostura. Havia parado de chorar e andava em círculos enquanto o líder da equipe estava de pé impaciente, esperando para ver como isso ia terminar.

Ela correu para seu tio quando o viu, como uma força imparável em direção a ele. Braços fechados em volta dela e finalmente sentia-se segura.

Não queria perder mais tempo, e não poderia suportar que alguém ouvisse o que ela sabia. “Ele está aqui,” ela sussurrou contra o peito de seu tio.

Ele não a soltou, e Violet pensou que seu aperto até mesmo poderia ter aumentado um pouco mais. “Violet, o que você está dizendo?” Perguntou ele, embora ela achasse que ele sabia *exatamente* o que ela estava dizendo.

Ela se afastou, o suficiente para respirar, mas não o suficiente para ser ouvida por outros ouvidos. “Eu vi. É ali mesmo.” Ela acenou com a cabeça na direção em que eles vieram.

Seu tio Stephen estava rígido como uma estátua, e Violet pensou que era provavelmente porque estava decidindo o que faria em seguida. “Você tem certeza?”

Ela balançou a cabeça.

Ele ponderara por um minuto. “Você a sentiu?” Parecia que era difícil fazer a pergunta. “Mackenzie Sherwin?”

Violet não tinha certeza de como deveria responder a isso, então respondeu da única maneira que podia. Ela manteve sua voz em um sussurro fraco. “Há alguém... Enterrado. E o cara está vigiando o corpo.” Ela engoliu em seco, meio que imaginando como estariam seu tio e ela naquele exato momento, amontoados e trocando palavras sussurradas. “Eu acho que é para ter certeza de que ninguém encontre.”

Seu tio mastigou o lábio inferior quando Violet olhou para ele, observando e esperando para ver o que ele planejava fazer. Ele olhou para ela, não era seu tio que assistiu, foi o chefe de polícia de uma cidade aterrorizada pelo desaparecimento de seus próprios filhos. Sua determinação foi comparável apenas a dela. “Como ele é?”

Violet balançou a cabeça, desejando poder dizer. “Eu realmente não sei. Apenas de aparência comum, eu acho. Apenas sabia que era ele...” Ela se esforçou para corrigir as

palavras e, como sempre, tentar colocar seus *sentimentos* em palavras pareciam inadequadas... “Você sabe, eu *sinto* em torno dele.”

“Violet! Violet!” Os gritos vinham de seu pai, e durante a execução seu tio e ela se levantaram.

Ele empurrou Violet ao seu irmão e ele a enterrou em um abraço que era tão confortável como foi o de seu tio, mas de alguma forma completamente diferente.

“Oh, meu Deus, estou tão feliz que você está segura.” Soprou sobre sua cabeça. “O que você está fazendo aqui? Quanto tempo você está aqui?”

Violet olhou calmamente para o tio para ajudar. Ele sabia que seu pai iria enlouquecer quando percebesse o que realmente fizera... E o que foi descoberto.

Seu tio piscou, mas não ofereceu nenhuma corda com a qual se salvar. “A propósito, deixei que o seu pai soubesse que você estava aqui.” E depois olhou por cima da cabeça de seu pai e foi todo negócios novamente. “Precisamos conversar.”

Normalmente, este teria sido o momento em que Violet reservaria para que os adultos pudessem conversar em particular. Mas seu pai recusou-se a deixá-la ir, e tudo o que seu tio tinha a dizer foi o resultado direto do que Violet acabara de confessar. Eles se mudaram para ficar longe de ouvidos indiscretos de voluntários que começaram a se agrupar com o aparecimento do chefe de polícia, e longe de seus próprios oficiais, a maioria veio com ele quando recebeu o telefonema de sua sobrinha.

Stephen Ambrose calmamente repetiu o que Violet lhe dissera sobre o que ela viu, e a cada palavra ela sentiu o braço pesado de seu pai pressionando mais protetoramente em volta dos seus ombros, até que sentiu que poderia quebrar abaixo do punho de ferro. Seu pai fez quase exatamente as mesmas perguntas que seu tio, mas dirigiu-as ao seu irmão e não a ela, como se ele achasse que fingindo que Violet não estava lá, poderia protegê-la de alguma maneira de reviver a experiência.

Quando terminaram os seus sussurros apressados, seu tio contou a seu pai o plano em que ele havia trabalhado. Seu pai não gostava nem um pouco.

“Greg, eu preciso de você para trazer Violet conosco... Para o lugar onde ela viu esse cara” disse seu tio em seu tom de voz de chefe da polícia.

“De jeito nenhum, Stephen. É da minha filha que estamos falando. Não vai levá-la a esse monstro. É ruim o suficiente já tê-lo encontrado uma vez.” Violet ficou surpresa com o gelo no tom de voz de seu pai, especialmente quando ele era geralmente suave e calmo enquanto falava.

“Olha, tudo que ela tem a fazer é ter certeza que estamos pegando o cara certo. Nem mesmo tem que dizer alguma coisa, ela pode apenas pressionar sua mão e então você me deixa saber” A voz de seu tio tinha um tato diplomático, enquanto apelava para o

forte senso de justiça de seu pai. “Após ela fazer isso, ela voltará para casa, e eu encontrarei com vocês mais tarde. Ninguém nunca vai saber que Violet estava envolvida. Mas precisamos pegar esse cara... Temos de o parar antes que ele ataque novamente. E Violet é a única pessoa que pode indicá-lo.” Ele esperou para ver se suas palavras tiveram o impacto que esperava, e então ele disse: “Certamente, como um pai, você não quer que esse maníaco faça mais danos do que já fez.”

Nenhum dos dois falou por um momento enquanto eles se enfrentaram em pé sobre o seu ponto. Violet pensou que talvez seu pai fosse ganhar isso. Podia sentir cada músculo em seu corpo tenso enquanto ele estava andando até o seu irmão mais novo.

E então ela o sentiu cedendo, relaxando um pouco, tão pouco, que se Violet não estivesse de pé a sua direita, poderia não ter notado.

“Isso é tudo, Stephen. Ninguém vai saber que era ela. E não vamos ficar para ver o que acontece.”

Seu tio assentiu, aceitando os termos de seu pai, e depois olhou para baixo para Violet.

“Você está bem, Vi? Você pode fazer isso?” perguntou ele.

É claro. “Isso era o que eu queria o tempo todo... Pegar esse cara.”

Levou três minutos para o Chefe Ambrose familiarizar os seus homens, e dez para ter os voluntários que pairavam em torno deles discretamente retirados da área. Usaram apenas os oficiais que trouxeram quando veio encontrar Violet, e disse aos voluntários que pensavam ter visto algo suspeito.

Seu plano era simples, e estava pronto para ser executado de forma rápida e discreta. Ele não queria problemas. Havia muitos civis na vizinhança, e queria ter certeza de que ninguém se machucaria.

Quando eles estavam prontos, seu tio Stephen fez sinal para que seus homens o seguissem. Ninguém questionou a razão de Violet e seu pai irem junto com o chefe de polícia e seus oficiais.

Acabou em minutos, pelo menos a parte dela.

Violet voltou a encontrar o homem que eles estavam procurando com facilidade. Foi exatamente no mesmo ponto onde estava a primeira vez em que o viu em pé sobre o corpo de uma menina morta não identificada.

Violet apertou a mão de seu pai tão duro como pôde, e seu pai deu seu sinal ao tio, confirmando que este era realmente o seu homem. Silenciosamente trocaram olhares entre os homens que trabalhavam para seu tio, e, em seguida, Violet sentiu-se meio arrastada por seu pai de volta através das árvores, através de voluntários que desconheciam o

drama que se desenrolava nas profundezas da floresta e para o epicentro de forças meramente de busca e resgate. Agarrou-se a ele tão duro enquanto ele fez isso, nenhum deles querendo largar o outro no momento.

Quando eles saíram fora, na borda da floresta, Violet ouviu seu pai dar um suspiro de alívio pesado, como se tivessem acabado de sair de um campo minado ilesos. Violet assumiu que, de alguma forma, eles tinham.

“Tio Stephen passará depois para nos dizer o que aconteceu?” Perguntou Violet quando eles se aproximaram de seu carro estacionado. Ela entregou as chaves a seu pai.

“Ele virá assim que puder, mas pode demorar um pouco,” respondeu honestamente. “Isso é ótimo, Violet. Realmente grande, e ele terá que explicar a todos como ele pegou aquele cara.”

Violet não se importava em explicar, mesmo que isso significasse usar seu nome, porque este era o fim que ela desejou e esperou.

Eles tinham o assassino.

As próximas horas passaram como um borrão para Violet.

Ela se refugiou em seu quarto, logo que era humanamente possível, o que foi quase imediatamente porque seu pai precisava de algum tempo para conversar com sua mãe. Necessitava explicar o que havia acontecido esta manhã no bosque atrás da casa Hildebrands e tentar acalmá-la depois. Violet não queria estar perto deles durante essa conversa, sabendo que sua mãe acertaria as contas com ela pelo o que fizera... Caçar um assassino por conta própria.

Ela esperou até que estava longe dos olhos curiosos dos seus pais para ver as mensagens do seu telefone. Era algo que Violet estava morrendo de vontade de fazer desde que chegou ao carro e sentiu o celular vibrar, alertando que ela tinha chamadas não atendidas.

Ela olhou o registro de chamadas. Percebeu que estava segurando a respiração, esperando para ver o número de Jay. O seu era o único número que queria ver, mas foi o grande ausente da lista, havia *dois* números que não reconheceu.

Ela checkou o correio de voz e a voz automática disse que havia quatorze mensagens de voz.

Ela ouviu, excluiu cada mensagem depois de ouvi-la, sua frustração crescendo cada vez que a mensagem decepcionante não era de Jay. Quando terminou, ela registrou as chamadas em sua cabeça.

Chelsea havia deixado uma mensagem. Uma era de sua mãe, perguntando se havia encontrado seu pai e que horas eles pensavam chegar. *Doze* foram de Grady, que

aparentemente era o único que chamou a partir dos dois números desconhecidos, provavelmente pensando que Violet estivera observando o número de suas chamadas. Ela não esteve, mas só porque ela não estava com o seu telefone, caso contrário ela teria.

Nenhuma das mensagens foi de Jay.

As mensagens de Grady foram patéticas, cheias de intensas desculpas ruins sobre estar muito bêbado. Admissão de culpa e explicações foi o tema comum entre todas as doze mensagens. Enquanto primeiro perguntou, em seguida, pediu-lhe para retornar a chamada, para que ele pudesse dizer que estava realmente arrependido. Como se ele já não tivesse dito pelo menos uma dúzia de vezes.

Mas Grady era a última pessoa com quem Violet queria falar no dia.

Ouviu vozes vindo do andar de baixo, e no início pensou que seus pais deviam estar discutindo, provavelmente sobre ela, por que eles estavam falando tão alto. Mas então ela ouviu outra voz, que não era nem de sua mãe nem de seu pai, pensando que talvez seu tio tivesse ido para informá-los.

Ela pulou da cama e correu escada abaixo.

E depois ficou onde estava, surpresa demais para dar outro passo.

Na cozinha, seu pai e Jay estavam em uma posição estranha, amontoados, falando baixinho, mantendo a voz baixa... Seu tom era sério. Violet ficou chocada com a forma como Jay parecia pertencer a este lugar, a aquela cena.

Nenhum deles olhou para o lado, mas Violet tinha certeza de que sabiam que ela estava assistindo. E algo sobre a evasão deliberada fez parecer realmente ciente do fato de que ela era o tema da conversa privada.

Ela sabia que seu pai provavelmente estava dizendo a Jay sobre a manhã na floresta. Ela odiava que eles estivessem falando sobre isso, ignorando-a.

Jay olhou para Violet e havia algo em seu rosto que a fez parar. Deu-lhe um olhar que dizia, sem dizer uma palavra, que não estava muito feliz com o que fizera e teria muito a explicar quando estivessem sozinhos.

E havia *algo mais*.

Aconteceu quando ele estava virando a cabeça em direção ao seu pai: Violet podia jurar, e teria apostado que viu Jay sorrindo. Apenas um sorriso pequeno... Quase indetectável, talvez completamente invisível para alguém, exceto para ela. Tinha certeza de que seu pai havia perdido completamente quando ele continuou sua argumentação, sem respiração.

E aquele sorriso simples, quase indetectável, a derreteu.

Ela viu como eles falaram dessa forma um par de minutos. Ela se perguntou o quanto do que aconteceu seu pai estaria compartilhando com Jay e o que ele não estava dizendo.

Não era segredo que Jay sabia sobre a habilidade de Violet, mas Violet não se lembrava de qualquer tempo, nem uma única vez, um solitário exemplo, de seus pais falando sobre isso na frente dele. Sempre houve um acordo implícito que isso devia ser mantido em silêncio... Da mesma forma que todos os bons segredos de família. Era o esqueleto em seu armário.

Ela ficou surpresa quando viu seu pai estender a mão formalmente a Jay. Era mais como um gesto entre dois comerciantes do que se poderia esperar de seu pai e melhor amigo.

Mas, sem hesitação, Jay tomou e apertaram as mãos. E então seu pai olhou para ela e balançou a cabeça. Era como se ele estivesse dizendo que tudo correu bem, apesar do fato de que Violet não fazia ideia do que ele quis dizer. Então ele desapareceu silenciosamente para fora da porta, em direção ao estúdio de sua mãe, onde a mãe de Violet estava ocupada atirando suas frustrações em sua arte.

De repente, consciente de ter sido deixada sozinha, Violet decidiu desviar a atenção deles e pedir para Jay explicar o que havia falado tão a sério com seu pai. Ela entrou na cozinha sentindo-se nervosa e insegura de si mesma.

“Qual foi tod...?”

Mas antes que pudesse terminar, Jay dera dois passos largos e tomou-a nos braços, enquanto sua boca cobria a dela possessivamente.

O beijo era faminto e apaixonado, e Violet se incorporou imediatamente, querendo mais... *Exigindo mais*. Ele diminui um pouco, apenas o suficiente para ela estar na ponta dos pés, enquanto pressionava contra ele, esforçando-se para chegar mais perto, enquanto suas mãos estavam em sua cintura e puxavam a parte de trás da sua camisa para ela. Ela se sentiu tonta, de uma maneira agradável—*da melhor maneira*—curtindo cada momento, cada toque tentador de sua língua contra a sua. Suas mãos se moviam sem parar em volta dos ombros e ao longo de suas costas, então traçando um caminho de volta para a nuca, onde os dedos entrelaçavam em seus cabelos para trazê-la para mais perto dele.

Jay se afastou um pouco, movendo os lábios suavemente ao redor dos de Violet, e ela podia ouvir sua respiração irregular e suspiros. Ela sabia que estava respirando tão forte e tão irregular quanto ele, podia sentir uma frustração que não tinha nome e nunca sentiu antes, agitando furiosamente dentro dela.

“O que você estava dizendo?” Perguntou ele, e podia sentir seu sorriso torto sorrindo contra os seus lábios inchados.

Violet não fazia ideia do que estava falando. Também naquele momento, poderia estar falando uma língua estrangeira.

Ele não esperou ela se recuperar e responder à sua pergunta. Ao invés disso, ele ficou com pena e parou de provocá-la, silenciando a irritação que sentiu quando sua boca deixara a dela. Ela se rendeu ao ataque de seu profundo, fervoroso beijo apaixonado, e vagamente esperava que ele estivesse tão desfeito quanto ela. Ela não queria que essa sensação terminasse nunca.

Ela estava apenas vagamente consciente de que eles estavam se movendo, que ele estava manobrando-a em sua própria casa, enquanto acariciava, tocava e explorava constantemente com mãos suaves. Foi só quando estava deitada que percebeu que eles estavam em seu quarto, e que Jay estava deitado em sua cama.

Violet sentiu o colchão afundar sob o peso de ambos ao mesmo tempo em que ela se agarrava ao seu corpo, em seguida, ela deu um pequeno pensamento ao fato de que seus pais estavam em casa... Em algum lugar abaixo as escadas... Antes das carícias deliciosas de sua língua fazerem com que ela perdesse todo o pensamento coerente de novo.

Suas mãos estavam tão inquietas quanto as dela, e Violet não tinha ideia de quanto tempo passou ali, em sua cama, com suas mãos procurando um ao outro com paixão frenética. No entanto, ela sentiu como se não pudesse chegar perto o suficiente... Como se essa era a única vez que iria acontecer, e eles precisavam aproveitar esse momento.

Mas, então, seus beijos se tornaram infinitamente profundo... Eles levaram um tempo lânguido e calmo, até que começaram a conhecer o gosto do outro. Violet correu os dedos pelos cabelos grossos de seu braço, revelando os músculos fortes sob a camisa. Ela gostava da maneira como os dois se encaixavam perfeitamente, como peças separadas em um. Por um momento seus lábios se separaram, e Jay olhou para ela. Lábios violetas, formando um pequeno sorriso enquanto ele olhava, seu cabelo bagunçado. Ansiava por voltar a brincar contra os seus lábios inchados, e seu desejo de espalhá-lo calorosamente. A frustração cresceu, tornando-se demais para suportar. Encurtando a distância entre eles, deixou seus lábios esfregarem preguiçosamente, respirando a sua respiração, zombando dele. Ele a agarrou novamente, puxando-a para ele, sua respiração acelerada, enquanto possuía a sua boca com um prazer feroz.

Ela queria mais do que apenas isso. Ela queria mais do que beijos e carícias... Seu corpo necessitava de mais, muito mais. Ela apertou seu corpo no dele, movendo os quadris para frente, apreciando a sensação elétrica do corpo dele contra o dela, como ela o sentia reagindo fisicamente ao movimento. Jay fechou os olhos, respondendo ao impacto com o movimento do seu corpo, e correntes elétricas se espalharam por ela como um raio. Voltou para ele, lutando para estar cada vez mais perto, querendo como uma droga. A crescente agitação, por sua vez, era estimulante e exasperante.

Então Jay se afastou. Deslocando seu peso de modo que seus quadris não estavam mais se tocando, e o esforço parecia nada menos que monumental, uma vez que ele gemia contra os lábios entreabertos.

Violet ficou chocada e muito surpresa com a reação do seu corpo para pensar com clareza. Ele enrolou um braço em volta do pescoço e empurrou sua cabeça para o ombro, como se estivesse dizendo que precisava parar.

Violet estava lutando para não se sentir ofendida pelo fato de ser interrompida de forma tão abrupta. Mas, mesmo tão inexperiente, sabia que isso não foi fácil para ele também. Com uma mão livre, ele capturou uma das suas mãos. Cuidadosamente acariciou a palma da sua mão com o polegar, alegremente e ternamente, as mãos entrelaçadas, enquanto eles se recuperavam.

Violet se sentia exausta. Exausta de uma forma que nunca esteve. Ela se sentiu emocionalmente vazia, mas embriagada pela proximidade de Jay, e sabia que mesmo fechando os olhos seria impossível dormir naquele momento.

Respirou a deliciosa sensação de estar em seus braços.

Depois de um tempo, ela sentiu que poderia falar outra vez. “Você não ligou,” disse ela, mostrando em que pé estavam às coisas entre os dois.

Sem olhar para seu rosto, ela sabia que ele estava sorrindo. “Eu sei.”

“Você feriu meus sentimentos.”

Ele beijou sua testa, puxando-a para perto dele novamente. Ela derreteu contra ele. “Me desculpe,” sussurrou suavemente. “Eu não sabia o que dizer.”

Violet estava tão absorta sentindo seu corpo contra o dela, que agora ela não sabia o que dizer. Depois de um momento, sussurrou: “Grady ligou para se desculpar.”

O que não era o que deveria ter dito. Ela soube assim que as palavras deixaram sua boca e sentiu Jay congelar. Ela gostaria de remover as palavras tão logo ela disse, mas sabia que Jay não poderia ignorar a questão para sempre. Acabariam por ter de falar sobre o que aconteceu na noite anterior.

“Ele deixou doze mensagens de pedidos de desculpas por agir como um idiota. Suas palavras, não minhas.” Ela estava sobre o cotovelo, olhando para Jay.

Ele piscou, tentando manter o foco em de falar, em vez de... *Em outros lugares.*

“Eu não respondi,” ela disse.

Pareceu relaxar um pouco com a simples declaração, como se ele ainda tivesse dúvidas sobre onde queria estar agora. Como se houvesse alguma pequena chance de que

ela preferiria estar com Grady ao invés de Jay. Ele apertou sua mão, ainda segurando-a e a puxou em direção a ele, de modo que ela estava inclinada sobre seu peito.

“Beije-me, novamente,” ele desafiou, brincando um pouco.

Foi tão estranho ouvi-lo dizer, ouvir essas palavras. *Eles se beijaram*. Mais de uma vez. Muitas vezes. Eles tinham passado do ponto de serem apenas amigos.

Ela se inclinou e encostou seu lábio no dele. Então ele se virou para onde ela estava e deu-lhe um sorriso inocente. Ela queria poder fazer aparecer uma auréola sobre a cabeça dele para ter um melhor efeito.

Jay fez um som como um gemido, então a empurrou... Forte. Ele girou Violet para que ela ficasse deitada de costas, com ele sobre ela, aproveitando a mão, moveu os lábios nos dela com um leve toque, que não era nada inocente. Então, ela abriu seus lábios e permitiu que ele a beijasse novamente. Ouviu gemidos e podia sentir a pulsação do seu próprio pulso através de suas veias.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela, esfregando seu polegar sobre o lábio inferior. “Isso foi o que eu quis dizer. Um beijo real.”

Ela pensou que ele estava provavelmente tentando se vangloriar, mas ela estava mais do que satisfeita consigo mesma quando sentiu que ele estava tão instável quanto ela depois do beijo.

“Você acha que isso é estranho?” Perguntou ela.

Jay balançou a cabeça. “Nah,” disse, passando a mão sobre a pele sensível do seu braço. “Isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Estou tão feliz que finalmente aconteceu... Eu estava cansado de esperar.”

Violet estava confusa. Finalmente isso aconteceu? O que isso queria dizer? *Iria acontecer mais cedo ou mais tarde?* Como sabia que ia acontecer? Ela se separou dele.

“O que quer dizer que você estava cansado de esperar? Esperando o quê exatamente?” Ela virou-se, tendo seu cotovelo como apoio enquanto interrogava-o, à espera de uma resposta.

Ele deixou a questão vagar entre eles mais do que o necessário, deliberadamente provocando Violet enquanto ela esperava impacientemente. Mas quando ele finalmente falou, ela achou que valia a pena o aborrecimento. “Eu estava apenas esperando por você me querer tanto o quanto eu queria você.” Suas palavras foram tranquilas, mas causando o inferno de um impacto. “Eu sabia que íamos acabar juntos, era apenas uma questão de tempo. Bastava esperar até você descobrir por si mesma. Mas para uma garota inteligente, você estava um pouco lenta, Vi. Eu continuei puxando Lissie Adams, e mostrando-lhe as notas que ela me deixava, na esperança de incomodá-la tanto que finalmente admitisse o que sentia por mim.”

Lissie Adams. Só de ouvir o nome da outra garota Violet tremia com inveja. Abraçou-se instintivamente na esperança de que Jay não notaria.

“O que fez você pensar que eu sentia algo por você?” Ela perguntou com desconfiança, como se de alguma forma ele lesse a sua mente. Se ela fosse o tipo de garota que escrevesse em um diário, juraria que ele o leu, palavra por palavra.

Ele sorriu. “Porque eu sentia,” começou como se fosse um fato. “Eu sei por que eu sentia, e não havia nenhuma maneira que você não sentisse também.”

Não se preocupou em negá-lo e perguntou: “Então você *usou* Lissie para me fazer sentir ciúmes?” Ela tentou soar indignada, mas era difícil quando o que realmente queria fazer era dançar ao redor da sala em triunfo. Ela perguntou o que Lissie pensaria se pudesse vê-los agora, juntos na cama de Violet.

“Não, eu *tentei* usar Lissie. Mas aparentemente você é mais teimosa do que eu pensava. Eu pensei, com certeza, que seria o suficiente. Em vez disso, eu levei um tiro no pé, e você concordou em ir ao baile... *com outra pessoa.*” Ele apertou os dentes, provavelmente sem perceber, enquanto as palavras saíram, com ele incapaz de falar o nome de Grady. “E quando eu vi que você iria com *ele*, percebi que a única maneira de encontrá-la naquela noite seria convidando Lissie para ir comigo. Imaginei que pudesse escapar por um tempo, pelo menos uma música, para dançar com você.”

Violet não pôde evitar—ela riu. Só um pouco. Era simplesmente demais. A coisa toda. Jay tentando enganá-la para ela revelar seus sentimentos por ele. Grady tentando beijá-la na noite anterior. E então isto... Agora... Jay e ela em sua cama... *Se beijando.* Foi uma loucura.

“Você acha que é engraçado, né?” Ele parecia um pouco chateado, porque ela estava zombando dele.

“A piada sou eu, eu suponho,” disse Violet, falando sério agora. “Eu vou ficar aqui em casa, enquanto você e Lissie Adams vão ao baile.” Ela tentou fazê-la soar como se não fosse um grande negócio para ela, mas a verdade é que a afetou mais do que ela queria.

Jay estendeu a mão e passou seu braço em volta de seu pescoço. Ele a empurrou em direção a ele, olhando em seus olhos enquanto a distância entre eles diminuía. Violet sentiu uma emoção angustiante só por estar perto dele novamente. “Liguei para cancelar o nosso encontro na noite passada depois de deixar você em casa.” Sua voz era grossa e áspera, dando calafrios em Violet. “Eu disse a ela que estava indo ao baile com você.”

Violet pensou que seu coração iria sair do peito. Foi exatamente o que queria ouvir por semanas, talvez até meses. Mas ela não deixou ele se safar tão facilmente do seu pequeno jogo tortuoso. “Desculpe,” disse ela sinceramente. “Eu já tenho um compromisso. Além disso, eu não me lembro e você me *perguntando.*”

Ele virou os olhos para ela, como a desafiando a discutir o assunto. “*Eu sou o seu par. Grady pode ir para o inferno por tudo o que sei. Talvez Lissie possa ir com ele e eles possam ir pro inferno juntos.*”

Eles estavam nariz com nariz, boca a boca. Violet ficou intrigada com essa parte dela... A mão confiante e descuidada, recusando-se a aceitar um não como resposta. Ela se inclinou para frente e viu como seus lábios quase tocaram os dele. “Bem,” ela exalou em uma falsa derrota. “Eu vou com você... Com uma condição.”

Ele moveu os lábios e sorriu. “O que você pedir.”

Ela olhou em seus olhos quando ele lambeu os lábios, tocando no próprio lábio inferior com a língua. Era um pequeno toque, mas lançou centenas de borboletas em seu estômago. “Me diga sobre o que você estava falando com meu pai.”

Jay saiu como se tivesse recebido um tapa dela. E Violet percebeu que talvez ele tivesse. Jay sentou-se rapidamente, como se sua mente houvesse cancelado a névoa sensual, e de repente seu sorriso provocante havia desaparecido de seu rosto.

“Esqueça,” disse ela, tentando recuar. “Esqueça que eu disse alguma coisa.” Ela queria voltar para onde estavam. Mas já era tarde demais. O sorriso fixo no rosto lhe disse isso.

“Não,” ele disse severamente. “Acho que devemos falar sobre isso, Violet.” A maneira que ele disse seu nome, mostrava que estava com raiva e na popa. “Seu pai me contou o que aconteceu hoje... Na floresta. Ele me disse que você rastreou o cara que vem matando todas essas garotas por aqui... Você se colocou em perigo.” Violet não poderia dizer se ele estava chateado ou irritado... Ou ambos. Ele passou a mão pelo cabelo bagunçado, em um gesto que indicava que ele estava ocupado pensando em tudo. “E não é a primeira vez que você faz algo assim. Os problemas parecem seguir aonde quer que vá e você é a única pessoa que eu conheço que parece não se importar. Eu não quero nem pensar no que poderia ter acontecido com você se eu não tivesse aparecido na noite passada, Grady... Ele estava *atacando* você.” Ele parou como se tivesse muito o que pensar, e depois continuou a falar. “Você não pode sequer ir ao shopping e estar segura. Eu fiz uma promessa a seus pais e você acabou saindo sem nem mesmo me dizer onde você estava.” Sua voz de repente se tornou agressiva, e Violet sentiu como se estivesse correndo as unhas em um quadro negro.

Ela se irritou com a acusação em seu tom, e de repente ele não era o único com raiva. “E *você* não falou comigo por uma semana!” Respondeu de volta. “Por que *isso*? Eu esperei durante toda a semana para que você parasse de me ignorar. E tudo porque eu não me preocupei em *dizer-lhe* onde eu fui? Você não tem que me dizer o que fazer! Você não é meu pai, você sabe.”

“Obrigado por esclarecer isso, Violet,” disse sarcasticamente. “Seria assustador você confundir o seu namorado com seu pai.”

Violet quase saltou quando ele disse a palavra namorado. Obviamente, ele também notara que eles passaram de ser amigos, mas não tinha certeza do que isso significava para eles. Aparentemente, Jay tinha tudo planejado.

Mas isso não significa que ele poderia empurrar ao seu redor.

“Você não entende? Sem mim, a polícia provavelmente nunca teria encontrado este psicopata. E agora, porque eu posso fazer, ele está acabado... Pronto. Meu tio Stephen, provavelmente, o prendeu quando nós fomos lá esta manhã.” Ela estava sentada longe dele agora, irritada, e até mesmo um pouco magoada, porque todo mundo a fez se sentir como se tivesse feito algo errado. “Eu não vou pedir desculpas por isso. Eu não posso. Estou feliz que ele foi finalmente capturado, e espero que ele apodreça na cadeia!”

Ela não percebeu que chorava até que ouviu uma batida na porta. Do outro lado, ouviu a voz suave de seu pai.

“Está tudo bem aí?”

Ela mordeu o lábio em frustração e tentou se acalmar. De repente, ela estava ciente do fato de que Jay e ela estavam na cama juntos, embora tivessem sido há centenas de vezes, talvez milhares. E ele nunca se preocupou, quando eles ainda eram *apenas amigos*, mas de alguma forma, com o seu pai a uma curta distância, especialmente após o beijo, parecia que estava fazendo algo errado.

“Estamos bem, papai!” Respondeu, tentando parecer fria composta. Então olhou para Jay por sua parte em fazê-la gritar, para começar.

Eles ouviram o som de seu pai indo embora, e Violet percebeu que até seus passos eram suaves e discretos.

Houve um longo silêncio, uma vez que estavam sozinhos novamente. Palavras que precisavam ser ditas, e talvez algumas não, eram como fogos de artifício explodindo invisível no espaço vazio entre eles.

Jay foi o primeiro a se render.

Procurou e alcançou sua mão, englobando-a em ambas as mãos. “Ouça, Vi. Eu não sei exatamente como dizer isso, mas eu não quero que nada de ruim aconteça. Eu não acho que eu poderia lidar com isso, se algo ou *alguém* ferir você.” O tom de sua voz ainda soava teimoso, apesar do sentimento por trás dele. Ele acariciou sua mão firmemente, como se para enfatizar a sua razão. “Eu sei que é egoísta, e realmente não me importo se é, mas não vou ficar quieto e deixar que você se coloque em perigo, mesmo que seja para pegar um assassino.” Ele aliviou os dedos tremendo, e sua voz era áspera e teimosa novamente. “Eu não posso perder você,” ele disse, encolhendo os ombros, como se estas não fossem as palavras mais bonitas que ela já tinha ouvido. “Não agora que eu finalmente te tenho.”

Ela sentiu as lágrimas formigando em seus olhos, e piscou forte para impedi-las de sair. Ficou completamente chocada com o que acabara de descobrir... Descobriu antes mesmo de Jay terminar de falar. Ela sabia o que ele não estava dizendo quando ele fez o discurso sobre sua segurança.

Ele a amava.

Jay Heaton, seu melhor amigo desde a infância, e ele a amava. Ele não disse isso, mas ela sabia que era verdade.

E a parte realmente assustadora, a parte que a pegou de surpresa foi que ele não era o único a sentir isso. Por que mesmo que ela estivesse negando por um longo, *longo* tempo, esteve sempre lá... Esperando apenas abaixo à superfície de sua amizade. E agora que ele saiu, não havia como voltar atrás.

E era muito estranho sequer pensar nisso, mas... *Ela estava apaixonada por ele também.*

CAPÍTULO 19

Foi outra noite agitada para Violet, mas desta vez não tinha nada a ver com Jay. Bom, isso não era totalmente verdade, tinha um pouco a ver com Jay, mas havia algo mais interrompendo seu sono. Algo que a fez sentir-se perturbada... Alterada... Aquele sexto sentido de que algo não estava certo em seu mundo. E ainda que ela não tivesse ideia do que isso poderia significar, ela aprendera a não questionar sua intuição.

No entanto, ela lutou bravamente; sacudindo e girando, e se reposicionando enquanto entrava e saía de um sono desconfortável. Ela havia adormecido; tinha certeza de ter tirado pequenas sonecas aqui e ali, porque ela sonhara. Eles foram segmentados e incompletos, sonhos extremamente insatisfatórios, que foram interrompidos antes que pudessem sequer começar, mas eram sonhos, com certeza.

Não foi até bem depois de seu relógio digital finalmente marcar sete horas, que para Violet era torturantemente cedo, que ela relutantemente desistiu de sua luta com o sono e se rendeu ao fato de que estava ocupada—*bem acordada*—e finalmente saiu da cama.

Ela deveria estar em êxtase hoje. Esse era o final de conto de fadas que ela poderia apenas imaginar a alguns poucos meses atrás. Ela não só parou um assassino, usando habilidades que ninguém mais possuía, mas ela finalmente tinha Jay todo só para ela. Não mais o dividindo com todas as outras garotas da escola.

Mas ainda assim, ao invés de estar em êxtase, ela se sentia desgastada. Até a possibilidade de tirar o fôlego de ver Jay novamente hoje teve pouco impacto sobre seu nível de energia desbotado. Ela tinha certeza de que ele era metade do motivo por ela estar tão exausta.

Pela hora que ele havia partido na noite anterior, depois de passar horas conhecendo um ao outro novamente, de formas que eles nunca tinham antes, era quase meia-noite, e ela estava completamente cansada.

Ela sentia como se tivesse passado pelo espremedor ontem... Emocionalmente falando, de qualquer forma.

O que não significava que quisesse pular a parte de ver Jay; de fato, essa era provavelmente a única parte do dia que Violet *não queria* pular. Só significava que estava exausta.

Ela tomou banho antes de descer as escadas, esperando que isso pudesse reanimá-la, e funcionou... Um pouco. E enquanto tropeçava seu caminho escada abaixo ela estava realmente se sentindo quase humana de novo.

Seu pai e sua mãe estavam na mesa. E também seu tio Stephen.

E se Violet achava que estava exausta, isso não era nada comparado a forma que seu tio estava. Seus olhos estavam rodeados e tomados de vermelho em toda parte, e os círculos aprofundados abaixo deles eram pesados e escuros. Isso fez os olhos dela se encherem de lágrimas apenas por olhar para ele, ele estava tão cinza e desgastado.

Ele agarrava uma caneca de viagem, que Violet só pôde pensar estar cheio com o mais escuro, desagradável café que poderia ser consumido e ainda ser considerado um líquido. Era assim que seu tio gostava do seu café, preto esquadra de polícia.

“Olá, tio Stephen.” Ela o admitiu com curiosidade, puxando uma cadeira da mesa. Ela queria fazer milhares de perguntas sobre o que aconteceu depois que ela foi embora ontem, mas pelo olhar dele, ela decidiu esperar e ver por que ele tinha parado. Ela duvidava que esta fosse uma visita de cortesia ou uma social, já que a única coisa que ele deveria estar visitando agora era a cama.

Ele acenou para ela, mas não disse nada de imediato, e pelo olhar em seu rosto, e as sobrancelhas marrons levantadas na direção de seu pai, era óbvio que ele estava esperando que seu pai explicasse sua surpreendente visita essa manhã.

De repente, aquele sexto sentido que brincou com ela a noite inteira prendeu suas presas de dentes afiados ao redor do seu pescoço e não a deixaria ir.

Algo estava errado.

Ela olhou de seu tio para seu pai, e então para sua mãe, quem Violet tinha certeza que ainda guardava rancor por ter sido enganada... Algo que ela odiava mais do que quase qualquer coisa no mundo, especialmente vindo de sua própria filha. Ela balançou a cabeça para Violet, dizendo-lhe com um olhar cansado para não lhe pedir ajuda, não desta vez. Então Violet olhou de volta para seu pai novamente. A tensão era quase palpável.

Quando seu pai finalmente falou, seu normalmente calmo comportamento era rígido e tenso.

“Seu tio esteve na estação a noite toda. Desde a tarde de ontem eles têm reunido todas as informações que podiam e tentado ligar aos muitos finais o quanto era possível. Eles não querem cometer erros agora, então estão sendo muito cautelosos.”

“Uh-huh...” Violet disse, deixando seu pai saber que estava demorando muito para chegar ao ponto. “Que tal uma confissão?” Ela perguntou, direcionando sua pergunta ao seu tio. “Será que ele admitiu alguma coisa?”

Seu tio Stephen assentiu, com os olhos turvos. “Tudo. Ele admitiu fazer todos os tipos de coisas horríveis com aquelas pobres meninas. Ele confessou fazer mais do que perguntamos a ele. Aparentemente isso já se arrasta por anos, em todo o estado.” Ele olhou para o pai dela, como se pedindo permissão para continuar, e quando seu pai

assentiu com aprovação, seu tio jogou uma bomba sobre ela. “Ele até mesmo confessou ter matado a garota que você encontrou.”

Violet estava confusa. Claro que ele havia matado a garota que ela encontrou; ela soube disso no instante em que viu o brilho oleoso nele ontem na floresta.

O olhar em seu rosto deveria estar dizendo o que ela estava pensando, porque seu tio explicou. “Não Violet, não aquela no lago. A outra garota. A que você encontrou quando tinha oito anos, na floresta à beira do rio. Essa foi sua primeira vítima. Ele nos contou que quando ela foi encontrada logo depois que ele a deixara lá, ficou assustado. Ele achou que tinha feito um trabalho melhor a escondendo do que aquilo. E provavelmente tinha. Ele não tinha como saber que uma garota de oito anos com habilidades especiais para encontrar corpos viria até ela, enterrada lá. Ele disse que quando ela foi encontrada, ele decidiu ir mais longe de casa para buscar suas vítimas, então durante anos ele tem procurado por meninas em todos os condados, exceto o nosso.”

Violet não tinha certeza de qual pergunta fazer primeiro, então escolheu a que parecia mais óbvia, a que mais a incomodava. “*Então, onde ele vive?*”

Ela viu sua mãe estremecer do outro lado da mesa, agarrando seu robe e apertando-o mais apertado ao redor de si, como se barrando um arrepio fantasma. Violet olhou de volta para seu tio.

“Ele vive aqui em Buckley. Bom, só que fora da cidade. Ele tinha cerca de vinte hectares de terras aqui e Enunclaw. Ele viveu lá a maior parte da vida.” Tio Stephen explicou. E então, como se estivesse zangado consigo mesmo por não encontrar o assassino antes, ele adicionou. “Bem debaixo de nossos narizes.”

Violet entendeu porque sua mãe parecia tão abalada. Era perto. *Muito perto.*

Mas depois de ver o homem ontem, Violet soube o porquê ele não precisava mais se preocupar em ficar se movendo de um lugar para o outro, porque ele não se preocupava com alguém suspeitando dele. Ele poderia viver em qualquer lugar. Ele era invisível. Ou deveria, pelo menos. Comum. Recatado. Normal... Ou pelo menos aparentemente normal, de qualquer forma. Não havia nada em sua branda aparência que o fizesse se destacar. Não havia nada em sua fachada inofensiva para causar suspeita ou alarme.

“Então, se ele já confessou, porque você está aqui?” Violet perguntou. Essa era a próxima pergunta mais óbvia que ela conseguiu pensar.

Mais olhares foram trocados sobre sua cabeça. Ela desejou que eles só cuspissem as palavras.

Até que eles o fizeram. E então ela desejou que eles as pegassem de volta.

Era seu pai dessa vez. “Eles precisam de você novamente, Violet. Tio Stephen está aqui para pedir sua ajuda.”

“Por quê? Vocês o pegaram. Ele confessou. Isso soa meio idiota.” Ela olhou em torno da mesa. “O que mais há?”

Seu tio tomou outro longo gole do seu grosso lodo preto que ele chamava de café antes de respondê-la. “Não é a garota.” Ele finalmente admitiu, deixando cair o queixo de novo e esfregando os olhos que mais pareciam estar com hemorragia do que vermelhos. “Nós exumamos o corpo, bem onde você disse que estava, e já podemos identificá-la.”

“A garota da festa na sexta-feira? Mackenzie Sherwin, certo?” Violet perguntou como se finalmente tivesse uma ideia da conversa.

“Não, Vi.” Sua mãe a corrigiu, falando com ela pela primeira vez desde que Violet chegou em casa ontem. Ela se estendeu sobre a mesa e apertou a mão de Violet. Seus olhos estavam começando a se encher de lágrimas “Era Hailey McDonald.” Sua voz quebrou.

Violet sentiu como se tivesse acabado de levar um soco no estômago. Não era como se ela não suspeitasse que Hailey estivesse morta, era apenas isso, por algum motivo estranho, na verdade, ouvindo as palavras, e sabendo que ela estivera tão perto do cadáver da garota era muito, muito terrível. Hailey era alguém que conhecera.

“Ok...” Violet lutou para manter suas palavras coerentes... “Então eu ainda não entendi. Por que precisam de mim se ele já confessou?”

“Porque ele confessou cada uma delas, e mais, exceto Mackenzie Sherwin.” Seu cansado tio explicou. “Ele se recusa a assumir a responsabilidade por seu desaparecimento.”

“Talvez ele não *fosse* o responsável.” Violet tentou, como se ela fosse a primeira pessoa a pensar nisso. “Talvez ela realmente tenha ido dar apenas um passeio na floresta e se perdeu. Talvez ainda esteja viva.”

Ele balançou a cabeça. “Ele está mentindo.” Seu tio insistiu veementemente. “Não sei o motivo, mas ele está mentindo sobre ela. Acho que ele sabe exatamente onde ela está e não quer que descubramos. Sinto como se estivéssemos perdendo algo—algo importante—mas eu só não consigo saber ainda. Nós já executamos um mandado de busca em sua propriedade e tentamos oferecer acordos em troca da localização dela. Ele afirma não saber, mas está cheio de merda. Desculpe, Vi.”

Normalmente, o som de seu tio xingando a faria rir; soava tão estranho e artificial saindo de sua boca. Ele era a única pessoa que Violet conhecia que parecia mais bobo xingando do que seu pai. Sua mãe, por outro lado, tinha a boca como de um marinheiro, e mal tentou esconder seu amor por palavrões. Mas agora não era a hora, e isso não era engraçado.

“Talvez ele não tenha tido tempo de levá-la para outro lugar ainda. Nós gostaríamos de te levar até a casa dele para ver se você pode, você sabe... *Sentir*... Qualquer coisa lá. Talvez nos ajude a encontrar Mackenzie.”

Violet olhou para ele com os olhos arregalados e, sem pestanejar, declarou em voz alta o que todos sabiam ser verdade. “Você sabe que eu só posso encontrá-la se ela estiver morta.”

Não havia um plano real, uma vez que eles tinham a casa do assassino, mas Violet sabia o que era esperado dela. Ela estava lá para procurar Ecos.

Violet estivera confortável com sua habilidade desde que era uma garotinha. Ela tinha até mesmo estado meio que bem com os tropeços acidentais sobre dois corpos humanos que ela havia encontrado na vida. Três, incluindo o de Hailey McDonald.

E ela definitivamente não tentou se esconder do assassino quando achou que poderia ajudar.

Mas isso...

Isso era diferente. Isso era macabro.

Ela estava propositalmente procurando por uma garota morta. Isso não seria ao acaso... Nenhuma descoberta aleatória.

Havia apenas alguns poucos policiais no local, e eles estavam todos muito preocupados fazendo outras coisas, procurando por pistas e recolhendo provas, para sequer notar que ela estava lá. Violet se arrastou atrás de seu tio, deixando-o levá-la primeiro até a casa, que era pequena e escura e suja, e então o guiando enquanto caminhavam pela extensa propriedade que foi cortada em vários caminhos de baixas árvores. Seu pai seguia bem atrás deles.

Era estranho estar aqui... Sabendo que ela estava de pé no lugar que um assassino já esteve. Vendo onde ele comeu, e descansou, e viveu.

Ela parou diversas vezes, sentindo ecos antigos que estavam desbotados e fracos com o passar do tempo. Violet tinha certeza de que não era nada... Pelo menos nada em que a polícia estivesse interessada. Ela só poderia supor que os gatos caçaram ratos, coiotes mataram galinhas, e homens abatiam animais. Pelo menos essas eram algumas das razões que ela imaginava para encontrar ecos numa fazenda.

Mas seu tio etiquetou cada parada de qualquer forma, marcando com uma pequena bandeira laranja que ele enfiou no chão. Eles não começariam a cavar até depois que ela tivesse ido. Foi uma das muitas contingências colocadas sobre esse plano por seu pai. Ela foi para dentro e para fora tão rápido quanto era possível, com tão poucas pessoas, até mesmo os oficiais de seu tio, consciente que ela já tinha estado lá.

Ela soube antes que as buscas terminassem que Mackenzie Sherwin não estava lá. Violet sabia, tão claramente como se tivesse ouvido os sinos de Brooke ou visto o brilho do arco-íris de uma mancha de óleo, que teria sido fresco e forte.

Se Mackenzie estava morta, estava morta em outro lugar.

CAÇADO

De onde ele estava, podia ver que a fachada da casa da fazenda tinha resistido ao envelhecimento. Ele tinha visto essa casa centenas de vezes antes. Mas desta vez — hoje — ele a estudou com olhos diferentes.

Ele ficou fora de vista, olhando enquanto os oficiais iam e vinham, tirando fotos, etiquetando evidências, e carregando caixas de papelão de dentro da casa para fora, para os carros. Esta casa, a que ele visitou tantas vezes antes, tinha se tornado uma cena de crime. Ou pelo menos parte de uma investigação criminal.

Ele ainda não entendia onde eles erraram e como foram pegos. Bom, talvez ele não tivesse sido realmente pego, mas o efeito era igualmente catastrófico para ele.

Eles foram parados... Ele e seu parceiro.

Sua matança perfeita havia terminado.

Então ele observou e esperou, para ter certeza de que não havia nenhuma maneira deles ligá-lo a essa bagunça.

Ele não estava nem um pouco surpreso ao ver o chefe de polícia puxar para cima a não marcada placa de seu veículo. Ele poderia muito bem ter recebido emblemas de porco em torno, de tão evidente que era. Mas não era a presença do chefe de polícia que chamou sua atenção; era o sedan de aparência comum que seguia logo atrás. Na verdade, era o passageiro dentro dele que tinha sua atenção.

Ele a viu ela antes... A menina bonita do grupo de busca de ontem.

Ele a notou lá na floresta, admirando-a... Sua juventude... Sua inocência, enquanto toda a cidade procurava por uma garota que nunca seria encontrada. Pelo menos não viva, de qualquer forma.

Se estivessem sozinhos lá fora, só ele e a menina, sem todos os trabalhadores de resgate e voluntários, as coisas poderiam ter terminado de maneira bem diferente.

Ele congelou no ar, enquanto a observava, uma habilidade que ele havia dominado depois de anos de treinamento militar, levantamento e análise da cena diante dele.

Ele havia percebido mais tarde, depois do encontro casual com a menina, que ela era sobrinha do Chefe Ambrose. E até esse momento ele não tinha pensado uma segunda vez sobre o fato de que ela havia passado a estar lá quando eles descobriram seu parceiro, enquanto ele estava de pé onde foi ordenado a ficar, se certificando que ninguém procuraria nesse ponto muito de perto.

E ainda assim, aqui estava ela novamente. Estranha coincidência.

Ele observou enquanto ela guiava o chefe de polícia, e um homem que ele assumiu ser seu pai, ao redor, os três falando baixinho entre si. Ele viu como Chefe Ambrose marcou os lugares que ela apontou.

Isso era errado. Algo estava errado com o fato dela estar aqui hoje. E era apenas coincidência que ela tenha estado lá ontem também? Ela sabia de algo, mas como? Como ela poderia saber de algo... E ainda estar viva para contar?

Ele não tinha certeza, mas não podia correr nenhum risco. Eles já pegaram seu parceiro; ele não poderia deixá-los pegá-lo também. Ele sabia o que precisava fazer.

Ele teria que parar ela. Silenciá-la. De uma vez por todas.

Essa era a única maneira dele ficar a salvo. Essa era a única forma de ele ficar livre para caçar novamente.

A sobrinha do xerife teria que morrer.

CAPÍTULO 20

A manhã seguinte foi estranha para Violet. Ela estava nervosa sobre ir à escola. Até mesmo entrou no site da escola, na esperança de que pudessem ter cancelado as aulas por causa das buscas pelo corpo de Hailey McDonald e o desaparecimento ainda inexplicado de Mackenzie Sherwin durante o fim de semana.

Não teve essa sorte, Violet sabia que a escola, ao contrário, foi invadida novamente pelos conselheiros aflitos, enquanto tentavam acalmar os nervos de um corpo discente que perdeu não uma, mas duas de suas estudantes.

Mas não era por isso que ela estava nervosa.

Ela estava ansiosa para ver Jay novamente. Na escola. Na frente de seus amigos. E na frente de seus não-amigos, entre os quais estavam definitivamente Grady e Lissie agora incluídos.

Resultou que Violet não viu Jay desde sábado à noite. Ele ligou no domingo para dizer que estava com sua mãe na casa de seus avós, que estava a duas horas de distância. Então, Violet não estava certa do que esperar nesta manhã. De alguma forma queria manter em segredo, este seu relacionamento novo, pelo menos por enquanto... Até que pudesse ordenar tudo isso na sua cabeça. Mas não tinha ideia do que Jay tinha em mente.

Era estranho para ela, dirigir até a garagem de Jay esta manhã, da mesma forma que fez inúmeras vezes antes. Ela viu a porta aberta, mas em vez de Jay, sua mãe enfiou a cabeça para fora da porta e acenou entusiasmamente para Violet. Jay passou por sua mãe, que estava rindo, conspirando com Violet e praticamente ignorando seu próprio filho.

Violet acenou de volta, sentindo-se envergonhada. *Ela sabe*, Violet pensou. *A mãe de Jay sabe*.

Jay não tinha intenção de deixá-la manter isso em segredo.

O zumbido suave de borboletas que vinha sentindo toda a manhã se transformou em uma vibração violenta.

Jay deslizou para dentro, tão casual como nunca, e chutou sua mochila com os pés. Ele se sentou na cadeira e sorriu para ela. "Pronta?" ele perguntou, como se sentisse sua hesitação e zombando dela.

Ela se deixou cair um pouco, derrotada, e virou o carro. "Eu tenho escolha?" Ela tentou, mas sabia que estava fazendo beicinho.

Ele riu e cobriu seu rosto com a mão, com ternura, traçando sua mandíbula com o polegar. E então lhe deu um sorriso deslumbrante.

“Não se posso dizer qualquer coisa sobre,” ele respondeu, rindo.

A escola foi exatamente como Violet pensou que seria: esquisita. Não foi o seu melhor ou seu pior dia. Era apenas estranho.

Jay foi fiel à sua palavra, optando por não guardar nada. Ele começou no segundo que saíram do carro, quando segurou a sua mão e se recusou a deixá-la ir, mesmo quando Violet puxou e empurrou para ficar longe dele. Ele a ignorou e realizou protestos em silêncio, sorrindo mais para si do que para ela, e marcharam direto para a sua escola desta maneira.

Não que eles nunca tivessem caminhado antes de mãos dadas, porque caminharam. Mas isto era completamente diferente, e Jay foi condenadamente determinado a garantir que todos soubessem disso. E apenas no caso de alguém está se perguntando o que significava para ela as mãos entrelaçadas, ele fez questão de esclarecer as coisas para eles, plantando um grande, mas muito gratificante beijo em seus lábios, no meio do corredor. Violet não tentou desviar-se disso, de fato, ficou chocada ao se encontrar encostada a ele, querendo mais, e não se importando, pelo menos no momento quem poderia vê-los juntos.

Infelizmente essa pessoa acabou por ser Chelsea. Chelsea, de todas as pessoas, juntamente com Claire, que começou a caminhar naquele momento inoportuno.

“Bem, bem, bem,” Chelsea disse em uma voz *não tão inocente*. “Veja o que temos aqui, Claire-urso. É o velho Jay e Violet.” O indisfarçável sorriso estava implícito nas profundezas de sua voz. “Apenas, e me corrija se eu estiver errada, isso parece um pouco mais do que simpático, hein?”

“Eu nunca beijei meus amigos assim,” disse Claire, seu rosto em branco e séria, ignorando o sarcasmo.

A resposta de Jay foi se aproximar mais de Violet, envolvendo seus braços em torno de sua cintura. Violet estava com vergonha.

Chelsea sacudiu a cabeça para Claire. “Só estava tentando provar um ponto.”

Claire parecia confusa. “Que ponto?”

“*Realmente*, Claire? Violet e Jay estão saindo agora.” Ela desviou o olhar da pobre e confusa Claire e, apontou um satisfeito olhar para o casal na frente dela. “Já era tempo, realmente. Acho que todos nós agradecemos por nos tirar de nosso sofrimento. Eu, por exemplo, fui completamente saciada de ver vocês dois como filhotes de cachorros, doentes de amor, ansiando um pelo o outro. Sério, isso foi nojento.”

Ela agarrou Claire pela manga de seu capuz apertado e abraçando seu corpo levou-a para o corredor, em direção à primeira hora de classes. Violet olhou para ela em silêncio absoluto, processando tudo o que Chelsea havia dito a eles, enquanto Claire se limitava a seguir o comando de Chelsea.

Jay decidiu que era sua vez de se regozijar. “Você *sente falta* de mim?” Perguntou ele, sorriso bobo e tudo mais.

Violet lhe bateu no braço. “Cale a boca!” Ela balançou a cabeça. “Tenho certeza de que ela estava falando de *você* de qualquer maneira.”

A falta de surpresa de Chelsea sobre a notícia de que Jay e Violet estavam juntos agora era quase exatamente a mesma que a de todos os outros, só que a maioria das pessoas teve a decência de manter seus comentários para eles. Violet era aparentemente a única que não viu vir, o que incluiu Jay, que afirmou que *eles*, como um casal, era inevitável.

A única coisa que minimizou parte da atenção do novo casal Jay-Violet foi o fato de que a maioria de seus colegas falava sobre a morte de Hailey McDonald e do desaparecimento de Mackenzie Sherwin.

Mas a maior novidade do dia, tocando na escola que eclipsou qualquer outra coisa, estava relacionada com a captura do homem responsável pela morte de tantas meninas.

Isso não significa que ninguém notou Jay e Violeta. Eles definitivamente tinham a sua dose justa de atenção. Não foi até a hora do almoço, que Violet ficou extremamente desconfortável, consciente de toda a atenção que eles estavam recebendo.

Grady foi fácil para ela, ficando longe de qualquer local possível de encontro. Violet não tinha certeza se ele a evitava ou, mais provavelmente, Jay. Mas onde anteriormente esteve acenando sua cauda e esperando por ela, agora houve uma notável ausência. E ela ficou grata.

Mas Lissie Adams não teve nenhum tal dilema em ficar longe sem ser notada. Ao contrário de Grady, que tinha todos os motivos para se envergonhar, Lissie estava obviamente irritada por ter sido abandonada por Jay. E era fácil o suficiente decifrar que Violet foi responsabilizada por isso.

Violet estava sentada no seu local habitual de sua mesa de almoço ao lado de Claire e Jules. Chelsea e Jay ainda não haviam chegado, e Violet estava sendo bombardeada por perguntas de Claire sobre como ela e Jay começaram com isso. Ela queria mais detalhes, todos os detalhes suculentos. Violet fez o seu melhor para mudar o curso da conversa, que não foi particularmente difícil quando estava falando com Claire, que estava definitivamente mais interessada em falar mais sobre si mesma do que ninguém. Mas infelizmente, Jules não ia deixar Violet se afastar tão facilmente, e em vez de deixar Claire se distrair com os desvios de Violet, ela continuou a manter Claire focada no tema.

“Então, Violet, Jay beija bem?” Perguntou Jules.

“Sim,” suspirou Claire, sonhadora. “Eu aposto que ele beija bem. Não é?”

Violet olhou para Jules, que estava tendo problemas para mastigar seu sanduíche na boca ao rir.

“O que eu perdi?” Chelsea disse quando sentou ao lado de Jules, praticamente empurrando Claire para fora do caminho. Claire mal notou.

Jules respondeu para ela. “Violet estava prestes a dizer-nos se Jay beija bem.” Ela sorriu para Violet com pão preso entre os dentes.

“Eu acho que *eu* gostaria de ouvir a resposta para essa pergunta.” A voz que veio de trás de Violet era como lâmina de faca afiada, riscando ao longo de sua coluna.

Violet fechou os olhos, tentando decidir como devia lidar com isso. Finalmente, plantou em sua face seu melhor sorriso falso e se virou para Lissie Adams, e seu cãozinho de estimação, sua melhor amiga, que estava sempre colada ao seu lado. Lissie estava olhando para Violet.

“Oi, Lissie,” Violet suspirou, por falta de qualquer coisa mais inteligente a dizer, enquanto esperava para ver o que a outra garota queria.

Ela não esperou muito tempo. A máscara perfeita de Lissie foi quebrada, e ela estava praticamente cheia de veneno para Violet. “Pensa que você é melhor do que eu? Porque você não é. E só porque você conseguiu convencer Jay a ir ao baile de formandos com você, fazendo *Deus-sabe-o-quê*, não significa que você é melhor do que era na semana passada.”

Chelsea se levantou de seu assento. “Foda-se, Lissie. Se você diz alguma coisa a minha amiga, então está dizendo para mim. Você pode conseguir sua bunda lipoaspirada daqui, ou nós podemos resolver isso.”

Violet levantou as mãos para parar Chelsea antes que as coisas fossem longe demais.

“Tudo bem, Chels, ela pode dizer o que quiser.” E então ela olhou para trás, para Lissie, que ainda estava olhando como se fosse estrangular Claire. “Eu não fiz nada para roubar seu encontro Lissie. É apenas...” Ela fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas. “É complicado com Jay e eu.” Isso não soou tão bom como esperava. “De qualquer forma, desculpe se eu arruinei seu baile, mas você não pode realmente achar que isso é culpa minha.”

Lissie abriu a boca, mas depois pareceu congelar no lugar, e um sorriso sem graça substituiu perfeitamente o rosto feroz. Violet não precisou de habilidades especiais para ler o olhar insípido na face da Lissie agora que Jay se juntou a eles e se colocou atrás dela.

Sua voz foi aparentemente acidental. “Oi Lissie.” Ele estava tão perto de Violet que ele estava praticamente pressionado contra suas costas.

Lissie de repente parecia envergonhada, algo que ela provavelmente não estava acostumada, e inclinou a cabeça para um lado, o tom de sua voz cheio de uma borda de paquera. “Oi, Jay. Violet e eu estávamos falando sobre o baile.”

Jay teve o bom senso de soar genuinamente arrependido. “Sim, sobre isso, me sinto realmente mal, Lissie.”

Lissie acenou com a mão no ar, desprezando seu pedido de desculpas. “Não seja bobo. Eu disse que não é grande coisa.” Ela se inclinou para frente e parecia esquecer que Violet estava parada lá no meio. Sua voz era gutural e sobrecarregada de insinuações. “Como eu disse, talvez em outro momento.” Ela lançou um olhar sedutor sobre o ombro de Violet para onde Jay estava de pé, e depois se afastou sem pressa, sacudindo os quadris provocantemente de lado a lado.

Violet enrijeceu. E então se sentiu envergonhada de si mesma. Ela odiava a pequena apunhalada de ciúme que sentia.

Jay, lendo sua mente, sussurrou em seu ouvido. “Não se preocupe com isso. Se ela não fosse uma grande cachorra talvez pudesse sentir pena dela. Mas a sua maneira de ser, torna bastante fácil.”

Violet sorriu, e depois relaxou, apreciando o calor dele contra suas costas.

“Deus, eu odeio sua classe,” enquanto Chelsea murmurava, Violet separou de Jay e voltaram a sentar-se.

O resto da refeição foi bem, mas Violet ficou ainda mais desconfortável pelo fato de que a *curiosidade* não era o único interesse que ela e Jay foram vítimas hoje. E que Lissie não era a única a apontar o fato de eles serem um casal. Os olhares começaram, às vezes um não tão sutil, das outras meninas ao seu redor. Eles variavam de inveja ao ressentimento e às vezes oscilou entre eles. Violet provavelmente deveria ter se sentido desconfortável com todas as vibrações negativas que estavam sendo dirigidas a ela, mas ela não estava. Como poderia estar, quando cada vez que olhava para Jay, ele estava sorrindo de volta com mais do que uma pequena dose de desejo em seus olhos, e as pequenas emoções corriam através dela como ondas elétricas?

Quando ela não estava pensando em Jay, Violet era consumida pela frustração que ainda não tinha respostas sobre o desaparecimento da Mackenzie Sherwin. E mesmo que ela não foi torturada pelo mesmo desconforto físico que a tomou na esteira de encontrar Carys Kneer—a garota do lago—estava assombrada com o conhecimento de que o perturbador de Mackenzie ainda estava lá fora, em algum lugar. E ninguém sabia se ele estava vivo ou morto.

Enquanto isso, a pele de Violet se tornou mais espessa a cada dia, como se tornou imune a fofocas sussurradas e fugazes—e às vezes não tão fugazes—punhais que foram

enviados em seu caminho por outras meninas que invejavam sua nova condição de namorada de Jay.

Ela tentou o melhor que pôde evitar encontrar Lissie, ou qualquer uma de suas dançarinas, como Chelsea chamava as cópias loiras que seguiam Lissie durante todo o dia. Mas na sexta-feira, o boato era que Lissie tinha outro par para o baile, e disseram que foi *ela* quem deixou Jay, não o contrário.

Jay parecia não se importar com o que o resto dizia, e deixou mais do que claro que preferia estar com ela.

Grady, por outro lado... Ainda não havia tratado com ele. Ele parecia estar evitando-a como a peste. Ele enviou algumas mensagens de desculpas, que Violet respondeu, deixando-o saber que, embora ela pensasse que ele havia se comportado como um idiota, não guardava rancor. O que ela não disse foi que Jay ainda estava zangado com ele. Mas Grady provavelmente sabia disso, e foi por isso que ele estava dando todo o espaço humanamente possível para Violet.

Jay e ela se envolveram em uma rotina agradável. Escola durante o dia e em seguida, fazer lição de casa com Violet na parte da tarde. E, claro, dever de casa, significava beijar no quarto de Violet até que os dois estavam tão tensos com a frustração que eles deviam se separar novamente apenas para recuperar sua saúde. Era quando os deveres *reais* eram realizados.

Ela continuou à espera de seus pais começarem a notar a enorme quantidade de tempo que passavam em seu quarto e dizer algo sobre isso, mas nunca o fizeram. Não que ela estivesse reclamando, a ignorância deles significava que Jay e ela poderiam continuar com suas atividades extracurriculares sem ser interrompidos.

Mas na quinta-feira depois de apenas uma hora de estudo, a mãe de Violet bateu na porta.

Violet levantou-se, não querendo que sua mãe entrasse e os encontrassem deitados juntos. Jay saiu da cama o mais silenciosamente possível, e Violet correu para a porta e abriu, para ver sua mãe do outro lado segurando o telefone.

“A mãe de Jay quer falar com ele.”

“Ei, mamãe, obrigada,” murmurou Violet, levando o telefone e tentando não parecer tão incrivelmente culpada. Ela esperava que seu cabelo bagunçado não fosse um informante do que vinha fazendo.

A mãe de Violet deu-lhe um olhar curioso, e Violet tinha certeza que ela finalmente iria dizer alguma coisa, mas depois mudou de ideia, e deixou-os sozinhos de novo.

Violet entregou o telefone para Jay, que parecia muito silencioso, considerando que estava prestes a perder seus privilégios de portas fechadas.

Eles perderam uma vez antes, uma vez quando tinha oito anos e a mãe de Violet veio e encontrou o jogo ‘eu vou mostrar o meu se você me mostrar seu’, e que naquele momento Violet mostrava seu peito, plano como uma panqueca, para Jay. Sua mãe chegara assim que Violet desabotoara o botão do topo de sua camisa na frente de seu rosto. Eles nunca foram longe o suficiente para ele mostrar o dele.

Violet ouviu o fim da conversa e sabia, antes mesmo de Jay terminar, que ele teria que ir para casa. Sua mãe precisava de sua ajuda lá.

Jay não se preocupou em explicar isso, ele sabia que não precisava, ele simplesmente levantou-se e atravessou a sala, puxando-a o mais próximo que pôde e beijou-a com ternura inesperada... O que era uma paixão mal contida. Ela acabou agarrando a sua camisa apenas para manter o equilíbrio. O que estava acontecendo com ela?

Ele disse que voltaria se pudesse, e então ele se foi. Sua ausência era quase palpável, e Violet sentia a falta dele, quase imediatamente, e depois se repreendeu por estar sendo *uma dessas meninas*. Aquelas que não podiam funcionar se os seus namorados não estivessem por perto, e quando eles não estavam juntos, isso é tudo o que eles são capazes de falar. Foi nojento, na verdade, e ela definitivamente não queria ser parte de seu clube.

Ela tinha muita lição de casa—não dever de casa *real*—e decidiu que talvez fosse uma boa hora, sem nada melhor para fazer, para ir correr. Afinal, não tomou partido de sua liberdade renovada após o assassino ser capturado. Ela olhou para fora para garantir que a chuva não começara de novo, era sempre uma possibilidade no noroeste, e então decidiu fazê-lo, tirando sua calça e colocando um par de calças de moletom e uma camiseta. Ela voltou a fazer seu rabo de cavalo, que estava um desastre total depois de passar uma hora com Jay rolando sobre a sua cama, e colocou o seu tênis de corrida.

Ela parou no estúdio para contar a sua mãe para onde estava indo, reviveu a ideia de ar fresco e fazer algum exercício, especialmente depois de ter estado presa no último par de semanas.

E depois foi para a estrada e se dirigiu para o caminho familiar, feliz—por enquanto, de qualquer maneira—pela mãe de Jay tê-lo chamado.

PREDADOR

Ele não podia acreditar na sua sorte.

A sobrinha do chefe estava saindo de casa. Sozinha.

Ele esteve observando-a durante vários dias, esperando uma oportunidade, quando estivesse sozinha, mas ela nunca veio. Dia após dia, alguém estava sempre com ela. Seu namorado não parecia nunca deixar seu lado, e quando o fez, seus pais estavam em casa.

Ele havia começado a perder o controle, e então isso... A sua sorte.

Ele se moveu atrás dela, mantendo-se perto das árvores, onde se misturava melhor, escondido da vista. Ele manteve uma boa distância, não querendo assustá-la. Pelo menos não ainda, enquanto ela ainda estava tão perto de casa... Tão perto para ter ajuda. Necessitava afastá-la de sua segurança, só então ele iria atacar, eliminá-la.

Seus pés acostumados se moveram com cuidado e em silêncio, e apesar do passo ousado dela, ele não tinha nenhum problema para manter o ritmo.

Ele estava animado para caçar novamente.

CAPÍTULO 21

Violet pressionou os fones em seu ouvido e apertou o botão no seu iPod até encontrar a música que estava procurando. Era fácil acertar o passo, apesar das semanas que se passaram desde que ela correu pela última vez. O tempo permanecia agradável, ainda que a falta de nitidez e a sombria cobertura de nuvens cinzentas não fossem muito promissores. Mas, por enquanto, pelo menos, a chuva se localizava apenas na baía e Violet não estava disposta a desperdiçar uma tarde decente.

Ela observava seus pés se moverem continuamente através do chão de cascalho até que caiu num ritmo uniforme. Ela se encontrou perdida na música enquanto corria, inalando e exalando com a cadência de seus passos.

Ela não estava surpresa por não poder ver a montanha hoje; as nuvens baixas obscureceram qualquer traço de que ela sequer existia, apagando a imagem completamente do horizonte. Ela abaixou-se pelo dossel das árvores, seguindo o rastro que ela havia executado tantas vezes antes e desfrutando a sensação da umidade no ar contra a pele.

E então algo repentinamente invadiu seu senso de calma. Ela parou a música e ouviu.

Era estranho quando um eco vinha até ela, especialmente quando não era um auditivo, como agora. Não queria dizer que ela não podia *ouvir*, ela podia... Algo como isso. Mas era muito menos um som do que uma sensação. Um grito estridente que estava quase fora do alcance de seus ouvidos... Mais como uma ressonância, uma vibração sombria, do que um som atual.

Ainda assim, estava lá. Era claro e forte. E estava definitivamente próximo.

O primeiro pensamento dela foi que havia um corpo próximo. A intensidade disso não falava com o quanto se poderia ter sido deixado para trás. Ela tirou os fones dos ouvidos e os deixou de lado, então veio até uma parada enquanto tentava decidir a melhor forma de lidar com isso. Ela pensou em tentar localizar o eco, bem ali, bem agora, mas a ideia de potencialmente descobrir outro corpo—outra garota, talvez até Mackenzie—aquí sozinha, por conta própria, foi mais que um pouco assustador para Violet. Sua reação anterior não era um bom indicador de como ela poderia responder.

Por outro lado, ela conhecia essa trilha profundamente, e ela poderia facilmente encontrar o caminho de volta para cá, se quisesse buscar ajuda. Ela olhou em volta, para ter certeza de que sabia exatamente onde estava, e decidiu voltar.

Ela deu a volta e começou a correr novamente, dessa vez mais lentamente, seus sentidos aguçados e se esforçando para manter contato com o estridente, quase inaudível grito.

Acabou sendo mais fácil do que ela imaginava.

Ele a seguiu.

Seu peito apertou, seu coração dobrou o ritmo cardíaco quando ela olhou ao redor. Ela correu um pouco mais rápido, concentrando-se no eco mais do que nunca.

Estava definitivamente se movendo, aproximando-se mesmo enquanto ela devesse estar se afastando.

E então a atingiu. Não era em todo um eco. Era uma impressão. O que significava que não era um corpo que ela estava sentindo. Era um predador.

Seu primeiro pensamento, além de chegar em casa o mais rápido, foi que era algum tipo de animal. Coiote ou lobo... Talvez até mesmo um urso que a sentiu enquanto ela atravessava a floresta. Mas o que quer que fosse, estava diminuindo a distância rapidamente, e Violet estava desesperadamente com medo de que nunca saísse viva da floresta. A casa estava muito longe.

Ela precisava encurtar a distância, ainda que significasse sair da trilha. Mas ela estava sendo seguida agora, ela sabia com uma certeza que não poderia explicar, e ela não tinha muita escolha. O espaço entre ela e seu predador estava rapidamente desaparecendo.

Ela cambaleou ligeiramente para a direita, saindo da via bastante limpa e entrando no mar de verdes samambaias e arbustos que pareciam brotar de cada centímetro quadrado do solo. Urtigas se agarraram ao fundo de sua calça com suas farpas cortantes e ela teve que levantar mais os pés para ludibriar o caminho.

Mas a adrenalina havia protestado, juntamente com seu reflexo lute-ou-fuja. Ela sentiu como se suas vias aéreas estivessem mais claras e amplas, e seus passos estivessem mais fáceis em vez de mais difíceis.

O que estava rondando pela floresta seguia logo atrás.

Ela podia ouvir sua respiração difícil, insistente com cada difícil passada, enquanto ela se concentrava em achar o caminho. Ela olhou para trás rapidamente, só para não ver nada em sua busca. Mas ela sabia melhor do que confiar em seus olhos. Ele estava lá. Não havia dúvida em sua mente que ele estava atrás dela.

E em seguida ela tropeçou, não todo caminho, ela não caiu no chão, mas ela tropeçou... Duramente. Assim que seus joelhos raspavam no chão, no exato momento em

que as pontas dos dedos saíram para pegá-la caso ela realmente tivesse caído, sua cabeça virou, ligeiramente, para a direita, e foi então que ela viu aquilo. Ou melhor, *ele*.

Ela recuperou o equilíbrio mais rapidamente do que achou que era possível, e antes que ela pudesse pensar na sua decisão, ela rapidamente virou para a esquerda e correu tão rápido quanto podia. O problema era, agora ela estava se afastando de casa. Mas naquele instante não importava; tudo que importava era se afastar do homem que a estava seguindo... *A caçando*.

Ela tentou não demorar muito nos detalhes, concentrando-se em vez disso em onde ela deveria ir e como conseguiria escapar dele. Mas a imagem dele, acompanhando ela no momento, era assustadora.

Ele usava roupas de camuflagem, que para Violet lembrava mais aos militares do que aos assassinos que ela já havia visto. Até seu rosto foi pintado, verde exército com machas negras circundando seus olhos. Mas a parte mais assustadora de todas, a mais alarmante, era a marca que ele trazia consigo.

Ele era um assassino. E estava atrás dela.

Ela ouviu seus passos comendo o chão atrás dela, enquanto ele desistia de ser furtivo e discreto. Eles soavam como trovões. Ela correu tão rápido quanto era humanamente possível através do emaranhado do solo coberto, sob a vastidão de árvores altas.

Ela ouviu o rio e soube que estava chegando perto. Mas isso era ruim... Muito, muito ruim. Significava que ela estava indo na direção errada, e o rio, se nada mais, providenciaria o pior tipo de obstáculo, prendendo-a entre ele e o homem a caçando.

Longe dali, outro som penetrou seu terror. Ela tentou ouvir, mas sumiu muito rápido, antes que ela tivesse a chance de entender o que era.

Ela apertou o passo através dos ramos que a atacavam, chicoteando seu rosto e braços. Ela estava grata por seus pés ainda estarem encontrando um lugar sólido para pisar, com medo de que a qualquer momento ela pudesse tropeçar de novo e perder qualquer vantagem que pudesse ter ao deixar o homem que a perseguia para trás. Mas ela estava ficando cansada agora, sem fôlego, e o pânico estava tornando mais e mais difícil para ela pensar claramente.

O som estava lá novamente, mais alto dessa vez. Era bem diferente da ressonância estridente vinda de seu predador, mas ainda assim, ela não conseguia decifrá-lo.

Ela abaixou-se para a esquerda para evitar uma enorme árvore de cedro em seu caminho e ouviu os pesados passos, quase ensurdecedores do homem atrás dela. Ela torceu bem ali então, esperando usar a árvore entre eles para cortar seu caminho.

Dessa vez quando ela ouviu de novo, soube o que era. Uma voz ecoou pela densa floresta, mesmo que ainda estivesse muito longe para ouvir as palavras pronunciadas ou para dizer quem estava por trás delas.

Sem pensar, ela gritou de volta, tão alto quando podia, com seu peito agora contraindo firmemente, praticamente apertando sua garganta fechada com o pânico. *“Socorro! Socorro!”* ela gritou o máximo que pôde, mas saiu rouco e desconjuntado. Ela não podia esperar para ver se tinha sido ouvida.

Seu dedo do pé travou em algo duro que furava no chão, e seus passos falharam, mas não o suficiente para realmente a fazerem ficar mais lenta. Ela não sabia quanto tempo mais poderia manter esse ritmo, ou mesmo se esse ritmo seria o suficiente para mantê-lo afastado dela. Seus pulmões estavam queimando com a tensão ardente, e os pontos a seu lado estavam apertando firmemente.

A voz veio novamente, alta, muito mais alta agora. Ela podia ouvir as palavras... E ela soube quem era.

“Vi-o-let,” ela ouviu a voz de Jay chamando por ela. *“Vi!”*

Ela queria chorar de alívio, sem ter certeza se ela deveria mesmo estar feliz em ouvi-lo. Talvez sua presença só significasse que o assassino levaria mais duas marcas para a floresta hoje. Mas ela não podia evitar se alegrar com um momento de puro prazer ao ouvir sua voz.

“Aqui!” ela gritou. *“Estou bem aqui!”*

Um grupo de árvores ficou em seu caminho. Ela se esquivou entre elas, ou achava que tinha, até que ela sentiu o ombro bater com força contra um dos troncos imóveis. Praticamente perdeu o fôlego. E dessa vez ela caiu, retardando demais. Ela tentou recuperar a velocidade, mas sem olhar para onde estava indo quando rompeu um conjunto de árvores e arbustos, e quando ela percebeu que havia chegado à beira de um penhasco que levava até o rio, já era tarde demais.

A queda foi longa, e dura, e aconteceu tão rápido que Violet só pôde notar a mancha verde, marrom e cinza de um lado e as distorcidas águas geladas do rio do outro. Ela sentiu o tornozelo torcer abaixo dela enquanto chegava à parte inferior. Ela atingiu o chão com um baque surpreendente alto que arrancou cada grama de ar do seu corpo. Sua cabeça doía, embora ela não pudesse dizer se a bateu ou não. Seu corpo sentia golpeado e derrotado.

Ela abriu os olhos, apenas brevemente, esperando ver o homem camuflado em perseguição, aproveitando-se da sua incapacidade para finalmente alcançá-la e matá-la. Ela olhou para o local onde havia caído e não viu ninguém.

A marca tinha ido embora.

Quando suas pálpebras se tornaram demasiado pesadas para manter abertas por mais tempo, ela as deixou fechar novamente.

E ela sonhou.

Com Jay.

CAPÍTULO 22

Quando Violet acordou, estava confusa. Desorientada, como se a estranha sensação de acordar numa cama que não era a sua e então lutando para lembrar onde caíra no sono.

Só por essa vez, Violet tinha a certeza de que não havia caído no sono na traseira de uma ambulância.

Os detalhes de como ela fora parar ali eram difíceis para ela compreender e pareciam restos de um sonho—ou uma alucinação—presos juntos em segmentos incompletos.

Lembrou-se de correr...

E ser perseguida.

E uma voz chamando por ela.

Ela tentou sentar, apenas para descobrir que estava presa à maca e seu pescoço estava sendo mantido imóvel por uma cinta enorme amarrada ao seu redor.

Ela se lembrou de cair, uma memória tornada mais real pela dor atirando para cima de seu tornozelo. Ela disse para o paramédico na carona com ela que seu pescoço estava muito bem, mas ele insistiu que ela ficasse parada e nem mesmo milhares das súplicas dela poderiam mudar a mente dele.

“Como vocês me encontraram?” Violet finalmente perguntou a ele, desistindo da ideia de que ele iria liberá-la.

“Um garoto ligou, disse que era seu namorado. Ele está vindo bem atrás de nós.” Ele acenou com sua prancheta de metal para as portas traseiras do veículo como se Violet pudesse ver através delas. Ela não podia, óbvio; ela estava amarrada a uma maca. “Acho que ele pensa que as sirenes são para ele também.”

Violet fechou os olhos. *Jay havia estado lá, não foi um sonho afinal. Ele viera à procura dela.* Ela não se permitiu pensar no que teria acontecido se ele não tivesse.

Alívio espalhou por ela, isolando-a na certeza de que estava a salvo agora. Ela manteve os olhos fechados e concentrou-se nos sons das sirenes para distraí-la da dor latejante em seu tornozelo.

Ela ficou envergonhada por toda a atenção que chamou quando a ambulância parou na ala de emergência do hospital. Jay a encontrou lá dentro, nunca saindo do seu lado, segurando sua mão silenciosamente—reconfortantemente—durante todo o processo de triagem, onde ela foi pressionada pelos detalhes. E quando ela finalmente foi deslocada

para um quarto com longas cortinas pendendo para baixo para separar uma cama da outra, Jay puxou uma cadeira para perto dela.

Ele capturou as mãos dela entre as dele e tocou a ponta dos dedos em seus lábios.

“Você está bem?” ele finalmente perguntou, parecendo respirar pela primeira vez desde que ela o vira.

Ela se sentiu culpada por fazê-lo parecer tão aflito. “Estou bem, sério. Acho que só torci um pouco meu tornozelo. Não é nada. Assim que meus pais chegarem aqui, poderemos ir para casa.”

Ela odiava estar num hospital. Ela já sentia várias marcas se movendo próximas a ela. Ela duvidava que aqueles que as carregavam fossem exatamente assassinos, mas Violet estava certa de que ecos atingiam aqueles que administravam doses letais de analgésicos também... Mesmo quando era feito para dar ao moribundo uma passagem mais pacífica.

A mãe de Jay era enfermeira, e carregava uma antiga, fraca marca com ela. Violet nunca questionara Jay sobre isso, mas quando ela contou a sua mãe certa vez, ela havia explicado que às vezes era demais assistir alguém sofrendo quando morriam.

“O que você estava fazendo tão longe da trilha, Vi?” Jay continuou a pôr suas mãos em concha sobre as dela ternamente.

Ela não o respondeu. Essa não era uma pergunta que ela queria responder ainda — especialmente não com Jay. Ela fez sua própria pergunta. “Eu achei que sua mãe precisasse de você. Como é que você voltou?”

Ela não disse a ele o quão grata estava que ele tivesse. Ou o motivo.

Foi um desvio suficiente para mantê-lo ocupado por um instante. “Ela só precisava de mim para deixá-la em seu carro. Ela trancou a chave por dentro e a cópia estava comigo. Quando voltei para sua casa, sua mãe disse que você havia saído para correr. Eu pensei em encontrar você no caminho de volta, caminhar com você, talvez esgueirar você atrás de alguns arbustos por alguns minutos.” Ele sorriu para ela, tornando-se mais sério. “Então eu te ouvi gritando por socorro... E merda, Violet, assustou o inferno fora de mim. Como você caiu, de qualquer forma? O que estava fazendo na beira do rio?”

Ela ouviu seus pais então, antes de vê-los, e sua caótica chegada a salvou de responder a pergunta de Jay. Ela podia ouvi-los na enfermaria do lado de fora de sua porta, perguntando sobre a condição da filha deles, ainda questionando uma das enfermeiras enquanto a arrastavam para o quarto junto com eles.

Violet assegurou seus pais — da mesma maneira que fez com Jay — que estava bem. Que foi apenas uma queda, alguns hematomas e arranhões, nada para se preocupar. E ainda assim, ninguém parecia acreditar nela.

Após um longo trabalho, e uma dolorosa e humilhante fracassada tentativa de ficar de pé por conta própria, ela foi mandada para a radiologia para um raio-X no seu tornozelo direito. No momento em que tio Stephen chegou com tia Kat, Violet estava pronta para correr. Só que ela duvidava que pudesse ir muito longe.

Por outro lado, seu tio era *exatamente* a pessoa que ela queria ver bem agora. Ela prolongara seu tempo até que pudesse dizer a ele o que realmente aconteceu. Mas agora que ele estava lá, ela não estava certa de como começar. Então ela esperou pelo momento certo.

Ela ficou toda arrepiada quando ele entrou, todo tio e nada de policial nele agora. Ela até preferia seu tio ao chefe; ele herdara o senso de humor da família, enquanto seu pai herdara a calvície e a habilidade louca com números. “Nossa, Vi, você não precisava quebrar a própria perna para escapar de ir ao baile com Grady Spencer. Um simples não teria resolvido, tenho certeza.”

Aparentemente ninguém notou que Jay mal soltou sua mão por um segundo.

Seu polegar estava agora traçando círculos na palma de sua mão, e ele respondeu o comentário provocador de seu tio sem tirar os olhos de Violet por sequer uma fração de segundo. “Ela não vai ao baile com Grady,” ele anunciou, sorrindo para ela com malícia, e por um momento Violet esqueceu como respirar. Ela esperou que nunca se acostumassem com o fato de que um simples olhar dele poderia transformá-la numa idiota espumante.

“Mesmo?” Sua tia Kat perguntou, seus olhos se estreitando quando olhou de Violet para Jay, e então para baixo, em suas mãos entrelaçadas. Claramente ela não deixaria o comentário passar despercebido. “Por que isso?” ela perguntou numa voz repleta de significado não dito.

Stephen Ambrose olhou para sua esposa com curiosidade, um pouco lento para se dar conta, o que era triste, de verdade, considerando que era seu trabalho procurar pistas e desvendar mistérios.

Jay respondeu Kat sem perder uma batida. “Porque ela vai comigo.” Ele piscou para Violet, cujo rosto foi lavado por uma brilhante máscara escarlate. Ela não tinha total certeza de que estava pronta para isso.

Violet viu sua mãe e tia Kat trocarem olhares significativos.

Elas sabiam, ela notou. E agora seu tio sabia também.

Tio Stephen deu a Jay seu melhor olhar *estou-de-olho-em-você*, mas um rápido, “Humm” foi o único som que ele fez.

A quanta vergonha uma pessoa poderia sobreviver?

Ali estava um momento de estranho silêncio, tornado ainda mais desconfortável por Jay se recusar a olhar para qualquer lugar que não fosse ela. Ele esticou a mão e roçou o dedo por sua bochecha. Violet quase esqueceu de se importar que todos no quarto estivessem olhando para ela.

Seu tio Stephen limpou a garganta e Violet saltou um pouco.

“Então, o que exatamente aconteceu, Vi?” De repente o chefe de polícia estava de volta ao quarto com eles.

Violet apertou os lábios. Ela não sabia por onde começar, mas sabia que precisava ser dito. “Bem,” ela começou, “eu fui correr,” ela fez uma pausa para umedecer os lábios, tentando colocar as palavras na ordem correta. “De qualquer forma, eu achei que, você sabe, *ouvi* algo. Um eco.”

“Sério?” Seu tio perguntou. “Você acha que era um corpo... Uma *pessoa*? Você parou?”

Violet balançou sua cabeça. “Não, não era isso, exatamente.” Ela se amaldiçoou por ser uma fracote, mas ela tinha medo de como todo mundo iria reagir se todo mundo soubesse que ela foi perseguida—e quase capturada—por um homem que obviamente esteve caçando-a. “Eu... não era um corpo.” *Cuspa logo!* “Era um homem.”

As palavras não tiveram o impacto que ela esperava, e ela soube pelo olhar interrogativo em seus rostos que precisaria explicar para eles.

“Alguém estava me seguindo.” Ela afirmou, e finalmente tinha a total atenção deles. Antes que eles pudessem bombardeá-la com perguntas, ela completou. “Era um homem, e tinha uma marca com ele. Foi assim que eu soube que ele estava lá, em primeiro lugar. Ele estava se escondendo, usando roupas camufladas para que eu não pudesse vê-lo enquanto, e ele estava... Me seguindo, enquanto eu corria.” Ela parou para respirar, se sentindo um pouco tonta agora que estava no meio de sua explicação. “Quando ele notou que eu o estava vendo, começou a me perseguir. Eu sabia que precisava sair da trilha para chegar em casa mais rápido, mas me virei e acabei indo na direção do rio ao invés disso.” Ela olhou para Jay com gratidão, lágrimas frescas brilhando em seus olhos. “Foi aí que ouvi você chamando por mim.”

Violet olhou para cima. Todos estavam olhando para seu tio, que estava andando agora. Ele parecia imerso em seus pensamentos. Não era bem a reação que ela esperava dele.

“O que é isso?” O pai dela perguntou a seu irmão.

Stephen não hesitou. “Eu sabia que estávamos perdendo algo.” Era sua única explicação em primeiro lugar.

“Perdendo o quê?” A mãe de Violet perguntou a seu cunhado como uma mamãe urso protetora. “Se você sabe de algo, nos diga... Agora!” Ela exigiu.

Seu tio parecia contrariado, mas sua obrigação familiar venceu. “Olha, Maggie, eu nem deveria estar falando sobre isso. Estamos no meio da investigação de um *assassinato*, e as coisas que descobrimos são confidenciais. Eu poderia estar comprometendo o caso apenas por estar discutindo com você.” Ele suspirou então, tendo ficado fora de seu sistema, e continuou. “Mas nós temos seguido uma pista baseado em evidências que encontramos na casa do suspeito.” Violet achou estranho ele ser chamado de suspeito quando ela sabia exatamente o que ele fizera—o que ele *confessou* fazer—àquelas garotas. Até onde ela estava sabia ele era o *assassino*, não o suspeito.

Seu tio continuou: “Eu esperava que estivéssemos errados, mas parece que pode ser verdade, afinal.” Ele balançou a cabeça, como se ele estivesse tendo um momento difícil em acreditar em si mesmo. “Estávamos começando a suspeitar que ele não estivesse agindo sozinho, que ele poderia ter tido um parceiro.” Ele ergueu a mão quando o pai de Violet estava prestes a interrompê-lo. “Eu sei o que você vai dizer, mas até agora tem sido mais especulação do que fato. Nós não temos ideia de quem poderia ser esse cúmplice ou até mesmo se há um cúmplice em tudo. Meus detetives estão buscando mais registros de telefone e seguindo todas as pistas que podem, mas a maioria deles chegou em becos sem saída. Ainda temos contado com a ajuda do FBI forense para ir através do computador dele. Mas até agora, nada.”

“Até agora,” Jay desafiou.

“Até agora,” ele concordou, ignorando a acusação nas palavras de Jay. “Sinto muito, Violet. Se houvesse alguma chance, qualquer chance mesmo, de que eu pensasse que alguém poderia vir atrás de você, eu nunca teria mantido isto para mim mesmo. Como está, apenas alguns homens estão mesmo trabalhando sobre este aspecto do caso.”

“Então por que Violet? Como essa... *Pessoa*... Saberia que Violet estava envolvida?” Agora era Kathryn Ambrose, que estava criticando o marido.

Ele deu de ombros. “É só isso... Eu não tenho ideia. Poderia ser apenas uma coincidência, mas eu duvido. E se não for, se de alguma forma ele souber sobre Violet, então precisamos encontrá-lo. Rápido.” Ele parecia decidido agora.

Quando o médico veio com ordens para liberar Violet, ele explicou que uma torção ruim como a dela poderia levar semanas, talvez até meses, para curar corretamente, e que ela precisaria repousar o pé o máximo possível. Uma das enfermeiras envolveu habilmente a bandagem no ponto em que Violet pensou que os dedos dos pés poderiam não estar recebendo circulação de sangue suficiente. Seus pais receberam uma receita para alguns analgésicos fortes e ibuprofeno para o inchaço. Violet foi com as muletas, que sempre soavam divertidas quando você era criança, mas na realidade irritam as axilas e fazem os músculos queimarem pela tensão constante.

Seu tio estava em seu celular, requisitando a presença da polícia em revezamento em torno da casa de Violet. E Violet podia sentir as paredes se fechando sobre ela. Entre sua atual incapacidade de andar sozinha, e a sufocante noção de estar sendo *observada 24 horas por dia...* E não só pela polícia, pensou ela, quando olhou para os rostos preocupados de seus pais já superprotetores, ela podia sentir seu mundo encolhendo. Ela mal acabara de por pouco escapar de ser pega, e agora ela estava indo para a solitária de segurança máxima.

Jay sorriu encorajador, tendo visto o olhar de horror em seu rosto pálido, e ela podia ler sua mente enquanto ele imaginava os dois trancados juntos até o maníaco que a havia caçado na floresta finalmente ser capturado.

Ela supôs que, se ela precisava estar em isolamento, o isolamento com Jay poderia não ser tão ruim, afinal.

CAPÍTULO 23

Apesar de ouvir as palavras tranquilizadoras repetidas por seus pais, por seu tio e até por Jay, Violet estava tendo dificuldade em confiar que estava a salvo. Eles tentaram assegurá-la de que não tinha jeito do homem da mata saber que ela tivera qualquer participação na localização das vítimas—ou na captura de seu parceiro. Que ele tinha cruzado com ela do mesmo jeito que topara com todas as outras garotas, por um simples acaso. E que ela só estivera no lugar errado, na hora errada.

As medidas extras de segurança eram simplesmente para prevenir que ele voltasse por ela.

Então ela se convenceu que eles estavam certos, principalmente porque assim era mais fácil para ela passar o dia. Ter Jay por perto também ajudou.

O fim de semana passou pacificamente, e depois de tudo que acontecera, Violet agradeceu o descanso.

O dia após o incidente na mata era sexta-feira, e Violet ficou em casa, conservando o tornozelo elevado e com gelo. Jay foi para a escola relutantemente, e só porque sua mãe o obrigou, então Violet ficou sozinha. Bem, sozinha com sua mãe e com um policial armado que estava estacado na frente da casa dela.

Ela pensou usar seu tempo para ler alguma coisa. Havia vários livros que ela queria ler, mas ao invés disso, ela se espalhou no sofá cercada de travesseiros e cobertores, e passou o tempo pulando os canais entre *Judge Jud*, *The People's Court*, *Maury*, e *Jerry Springer*, e completou a tarde com *Dr. Phil* e *Oprah*. Somando tudo, foi um completo desperdício do dia. Pelo menos até a escola terminar.

Jay apareceu depois da aula com um buquê de flores e uma braçada de DVDs, contudo Violet não ligou muito para os dois... *Ele* era tudo que ela queria. Ela não pôde evitar o arrepio elétrico de excitação que sentiu quando ele entrou, sorrindo para ela tolamente, como se ele não a visse há semanas em vez de horas. Ele a ergueu do sofá e a colocou no colo quando se sentou no lugar onde ela estava sentada momentos antes. Ele foi cuidadoso para apoiar seu tornozelo numa pilha de travesseiro bem arrumado ao lado dele.

Ele se recusou teimosamente a esconder seu carinho por ela, e se Violet não o conhecesse o suficiente teria jurado que ele estava tentando agradá-la para fazê-la ficar embaraçada em sua própria casa. Felizmente, seus pais estavam lhes dando algum tempo pelo momento, e eles ficavam sozinhos a maior parte do tempo.

“Você sentiu saudades de mim?” Ele perguntou arrogantemente e roçou os lábios sobre os dela, sem se incomodar em esperar uma resposta.

Ela sorriu enquanto o beijava de volta, adorando a sensação desordenada que sentia no estômago sempre que ele estava muito perto dela. Ela passou os braços atrás do pescoço dele, esquecendo que estava no meio da sala e não escondida na privacidade de seu quarto.

Ele se afastou dela, repentinamente sério. “Sabe, nós não ficamos muito tempo sozinhos ontem. E eu não tive uma chance de te dizer...”

Violet estava hipnotizada pelo timbre carregado de sua voz grave. Ela mal ouviu as palavras, mas se concentrou principalmente na masculinidade do tom da voz.

“Eu sinto que esperei muito tempo para finalmente ter você, e então ontem... Quando...” Ele parou, aparentemente sem palavras, depois tentou outra abordagem. A mão dele afagou sua face, inflamando uma reação dentro dela. “Eu não consigo imaginar a vida sem você,” ele disse, beijando-a carinhosamente com seu hálito quente soprando sua testa. Ele parou pensativamente por um instante antes de falar novamente. “Eu te amo, Violet. Mais do que eu poderia ter imaginado. E não quero te perder... *Não posso te perder.*”

Foi a vez dela parecer arrogante quando o encarou. “Eu sei,” ela declarou presunçosa, encolhendo os ombros.

Ele a empurrou brincando, mas segurou-a de modo que ela não se afastou. “O que você quer dizer com eu sei? Que tipo de resposta é essa?” A indignação justa dele foi cômica. Ele a puxou para si de modo que seu rosto ficou acima do dela. “Diga!” Ele mandou.

Ela balançou a cabeça, fingindo não entendê-lo. “O que? O que você quer que eu diga?” Mas depois ela riu e arruinou sua cara de perplexa.

Ele mostrou a língua, se inclinando para beijá-la e depois se afastando antes que seus lábios tivessem se tocado. Ele acariciou seu pescoço tentadoramente, só para parar assim que ela reagiu. Ela passou os braços em volta do pescoço dele, tentando puxá-lo, frustrada com o jeito com que ele estava brincando com seus sentidos.

“Diga,” ele sussurrou, seu hálito cálido contra seu pescoço.

Ela gemeu, querendo que ele a satisfizesse. “Eu também te amo,” ela disse rouca enquanto o abraçava. “Te amo tanto...”

A boca dele veio cobrir a dela num beijo exaustivo que deixou ambos sem fôlego e desejando mais do que poderiam ter. Violet sucumbiu nos braços dele, reunindo o juízo e desejando que ninguém aparecesse em breve.

O fim de semana progrediu exatamente do mesmo jeito. Chelsea deu uma passada para checar Violet, o que foi realmente gentil. Algumas vezes é mais fácil ficar com Chelsea fora da escola, quando ela não tinha público. Ela trouxe para Violet umas revistas,

carne seca e dois pacotes de chicletes, tudo embrulhado numa sacola de papel marrom... Coisas que ela conseguiu numa loja de conveniência no caminho. Isso era a versão dela de buquê de flores.

O resto do tempo, os pais de Violet estavam por perto, mas não realmente *por perto*, deixando Violet e Jay sozinhos a maior parte do tempo. Quando anoiteceu, Jay a ajudaria a subir ao seu quarto assim ela conseguia ir para cama; depois ele iria para casa, para voltar novamente de manhã. Seus pais permitiram a ele pegar o carro de Violet assim ele poderia ir e vir facilmente sem ter que estacionar o carro da mãe dele o dia todo.

As únicas notícias do Tio Stephen era que não havia notícias. Eles não progrediram na investigação para determinar quem era o homem misterioso que seguira Violet na floresta. E ela se sentia mal por não poder ajudar a polícia a identificá-lo, desde que ele estava usando uma maquiagem de disfarce quando ele a perseguira, e tudo que ela pudera lhes dizer era que ele era alto.

Na segunda, Violet não conseguiu evitar mais o mundo real, e era hora de encarar a escola novamente. Todos na escola ouviram sobre o que acontecera com ela, entretanto nenhum dos detalhes era exato, e Violet não se preocupou em corrigi-los.

Era a Semana de Boas-vindas⁶, o que também significava que era a Spirit Week⁷, a semana mais importante do trimestre de outono. E a perigosa fuga de Violet de um assaltante desconhecido foi esquecida na confusão de reuniões sobre as Boas-vindas e assembleias animadas, juntamente com anúncio iminente da Corte das Boas-vindas⁸ e a antecipação do jogo e do baile no próximo final de semana.

Violet teve dificuldade em controlar a excitação por saber que não iria poder participar de qualquer atividade fora da escola. Que não lhe seria permitido ir ao jogo e mesmo que ela conseguisse convencer seus pais a deixarem-na ir ao baile sábado de noite, não havia por que. Nas muletas ela só iria poder sentar e assistir de qualquer forma.

Isso era muito ruim, porque seu vestido era incrível... E ela teria gostado de ver Jay em um terno.

Ela tentou não ficar muito desapontada, e isso foi um pouco facilitado quando a Corte das Boas-vindas se pronunciou e Lissie Adams foi nomeada a Rainha depois de ter sido a mais votada pelo corpo estudantil. Várias de suas amiguinhas íntimas foram nomeadas Princesas. Isso foi suficiente para fazer Violet se sentir mal, e achar muito

⁶ Evento anual tradicional de muitas escolas e universidades, onde os alunos que já se formaram voltam à escola e participam de diversas atividades, como jogos, gincanas, baile etc.

⁷ Spirit Week geralmente acontece junto com a Homecoming Week, mas pode ser realizada em qualquer outra semana. É uma celebração, ocorrem vários eventos, por exemplo, cada dia da semana tem um tema e os alunos devem se vestir de acordo com o mesmo: Brasil, Anos 80, etc; equipes identificadas por cor: Equipe Amarela, Verde e etc.

⁸ Estudantes que representaram o Rei e Rainha, e muitas vezes Príncipe e Princesa.

melhor não poder ir ao jogo, onde Lissie seria coroada, ou ao baile, onde ela seria o centro das atenções.

Jay era uma ajuda enorme na escola, ele carregava a mochila de Violet enquanto ela manquejava do carro para seu primeiro período de aula. Se ela tivesse permitido, provavelmente ele teria a carregado. Acontece que ele conseguiu uma permissão especial da Secretaria para sair das aulas mais cedo, de modo que poderia ajudar Violet a ir de uma sala para outra.

No final do primeiro dia, Violet não estava muito bem, e Jay insistiu em fazê-la esperar no meio fio enquanto ele pegava o carro. A rainha Lissie surpreendeu Violet ao aparecer do nada assim que Jay saiu de vista.

“Hey, Violet,” ela disse, enquanto olhava o tornozelo enfaixado e as muletas com uma superioridade malévola. “Caminhando muito?”

As duas loiras falsas com ela riram da tentativa falha de sua rainha de fazer piada do ferimento de Violet.

Ela queria arrebentar aquele sorriso superior no rosto de Lissie. Mas ela não poderia pensar em uma maneira mais inteligente de revidar, então ela simplesmente balbuciou, “Você não deveria estar polindo sua coroa ou algo do tipo?”

Lissie sorriu docemente ao passar por ela, acenando para Jay quando ele parou o carro no meio-fio onde estavam. Seu rosto era a imagem da serenidade, como se ela não tivesse ridicularizado Violet quando ele fora buscar o carro, mas falando baixo, ela irritou Violet novamente. “Com ciúme?” Mas era um pouco difícil ficar muito ofendida quando isso estava tão longe da verdade.

Violet não se incomodou em responder, e Jay saltou do carro para ajudá-la entrar.

Ele deu uma olhada rapidamente para Lissie, mal reconhecendo sua presença enquanto ajeitava Violet no banco. Além disso, Violet sabia que era premeditado, ele lhe deu um beijo longo e doce antes de fechar a porta.

Violet estava surpresa com a rapidez com que seu corpo correspondera ao toque dele, mesmo quando ela sabia que ele foi mais para irritar Lissie do que por ela. Mas ela teve que suprimir um sorriso triunfante quando ela deu uma rápida olhada para a expressão aborrecida na cara das garotas, antes que Jay ligasse o carro e deixasse Lissie lá, de queixo caído para eles.

“Foi mal por aquilo,” ele disse se desculpando enquanto se concentrava para manejar o carro pelo estacionamento cheio. “Estive tão preocupado com homens estranhos te seguindo que esqueci quão perigosa a Rainha das Boas-vindas pode ser.”

Violet sorriu para ele. “Tudo bem. Aliás, o lance do beijo foi legal. Genial.”

“É... foi uma ideia repentina,” ele deu uma risada abafada.

“Talvez você possa me mostrar ela de novo... Mais tarde,” ela disse brincando.

Ele abaixou a mão e apertou sua perna, mas seus olhos não saíram da estrada. “Gosto do jeito que você pensa, minha amiga.”

“Ah, então é isso agora. Voltamos para *somente amigos*?” Violet perguntou, erguendo as sobrancelhas desafiando-o. “Vou me lembrar disso à próxima vez que estivermos fazendo tarefa de casa.”

Ele ficou sério de repente, com a voz determinada. “Nunca seremos só amigos de novo, não se eu tiver algo a ver com isso.” Depois falou com convicção, “Eu te amo demais para voltar atrás agora, Vi.”

Ainda era estranho ouvi-lo dizendo coisas como aquela. As palavras soavam tão estranhas em seus ouvidos, mas seu coração respondeu — como se tivesse esperado a vida toda para escutar aquilo — começando a bater de forma irregular.

Eles passaram a noite assistindo um dos filmes que Jay alugou, enroscados um no outro em cima do sofá, enquanto sua mãe esquentava uma lasanha congelada no forno para o jantar. É claro.

Eles jantaram juntos na mesa, aquela noite, ela, seus pais e Jay. Conversaram uns com os outros, sempre evitando o assunto que parecia pairar ameaçadoramente sobre eles: o pouco avanço na procura do homem que estava atrás de Violet. Na verdade, Violet preferiu que fosse desse jeito, de *não* falarem sobre isso, quase como se o não falar do assunto em voz alta de alguma forma apagaria o que aconteceu com ela... Pelo menos em certo ponto. Ela sabia que era um pensamento bobo, e tentou ignorar o fato que ela carregara a cruel lembrança do quão real isso era o dia todo, enquanto ia de um lugar para outro.

Ela estava com medo de organizar suas preocupações desconexas em preocupações reais e claras. Mas ignorá-las não fazia com que desaparecessem, e ela não podia evitar em imaginar se *ele* ainda estava atrás dela. Era uma dúvida que começou a assombrar seus pensamentos cada vez mais enquanto a polícia, e até o a equipe forense do FBI pareciam estar perdidos em descobrir quem ela havia visto na floresta aquele dia.

Quando Jay foi embora naquela noite, Violet caiu na cama exausta e apreensiva, tentando se convencer de que suas preocupações eram sem sentido, que provavelmente o que aconteceu foi uma casualidade de ela estar no lugar errado na hora errada. Assim como todas as outras garotas.

Então por que ela não conseguia afastar aqueles pensamentos estressantes que rondavam à margem de sua consciência, lhe dizendo que não fora acidente ele estar lá

aquele dia? Por que ela não conseguia parar de ter a sensação de que ela era a razão de ele estar se escondendo no escuro abrigo da floresta? Que ele estava esperando por ela?

Ela se levantou e checkou novamente a janela, conferindo se estava trancada, e olhou para baixo para ver o policial no carro, encostado no banco esperando seu substituto. Ela voltou para cama em dois saltos depois de primeiro tentar descansar o peso em seu pé, só para ficar desapontada que ele ainda não suportaria seu peso sem mandar um raio de dor pela sua perna. Ela quase caiu depois da tentativa excruciante de ficar de pé.

Ela se acomodou na cama, se esforçando para bloquear os pensamentos perturbadores que percorriam sua mente, até que finalmente dormiu, mas eles continuaram lhe assustando em sonhos. Onde ela era caçada por um perseguidor tão perigoso e tão misterioso, que mesmo seu subconsciente não conseguia lhe dar um rosto. A imagem misteriosa dele a perseguia com vigor implacável, encontrando-a onde quer que fosse que ela se escondesse, enquanto ela lutava, sem sucesso, para fugir dele. A determinação dele não tinha fronteiras.

Violet acordou durante a noite como se seu peito estivesse sendo esmagado sob o pânico que estava sentindo. Ela se convenceu, depois de checkar a janela novamente, e certificar que o policial ainda estava acordado do lado de fora, que fora só um sonho. Que seu perseguidor sem rosto não ficaria assim para sempre, que eventualmente ele seria capturado.

Mas até que isso acontecesse, Violet sabia que ficaria temerosa de fechar os olhos por muito tempo.

Os próximos dias foram difíceis para Violet. Ela sentia como se estivesse andando sonâmbula pela escola, e lutando incansavelmente contra o sonho a cada noite. Era impossível esconder a tensão de Jay, que se tornou cada vez mais atencioso, reconhecendo o que estava lhe preocupando mesmo antes de ela ser capaz de falar sobre isso.

“Você sabe que eles vão encontrá-lo, não é?” Ele finalmente disse certa tarde.

“Eu sei,” ela respondeu, mas até ela soube que sua voz estava aguda demais, e sua resposta foi rápida demais, para ser sincera.

A voz dele estava séria quando ele perguntou, “Sabe, Vi? Eu acho que isso está te preocupando mais do que você quer admitir. Acho que você está assustada.”

Ela estava irritada que ele tivesse descoberto tão facilmente. Ela pensou que estivera mantendo as aparências razoavelmente, só para descobrir que era completamente transparente. Ela imaginou se seus pais eram tão perceptivos quanto Jay quando se tratava de seus medos. “Eu sei,” ela disse finalmente. Dessa vez sua voz estava tingida com derrota. “Eu simplesmente não consigo parar de pensar sobre isso — sobre *ele*. Eu estava tão assustada, Jay. E se você não tivesse vindo me procurar...” Sua voz falhou, e ela se

calou, incapaz de imaginar o que teria acontecido... Sozinha com seu perseguidor nas sombras das árvores.

Jay endureceu a mandíbula, como se a ideia era demais até para ele suportar, mas sua voz estava ponderada. “Sei que você está com medo. Mas eles *vão* pegá-lo, e até lá, eu não vou te deixar sair da minha vista. Ninguém vai deixar algo ruim te acontecer.” Ele não disse isso, mas Violet ouvia a palavra novamente por baixo das palavras dele.

Ainda assim, ela se sentiu melhor só de ouvir as palavras reconfortantes dele, como se ela não estivesse sozinha.

“Tudo bem. Acho que essa isolamento e toda a coisa de segurança está começando a me irritar. Estou ficando um pouco nervosa de ficar enclausurada o tempo todo.” Ela tentou explicar seu humor amuado. “Especialmente com o Boas-vindas este fim de semana. A ideia de ficar em casa, enquanto todo mundo está se divertindo, é uma droga.”

Ele não reagiu do jeito que ela esperava. Ela esperava um pouco mais de simpatia, e talvez algum comentário sobre os dois ficarem juntos e sozinhos. O que ela não esperava é que ele sorrisse para ela. Mas ele sorriu. E era o sorrisinho de lado dele, que dizia a Violet que ele sabia de algo que ela não sabia.

“O que?” ela perguntou veementemente.

Ele sorriu. Definitivamente, ele estava escondendo algo dela.

“Me fala!” Ela insistiu, lhe olhando furiosa.

“Eu não sei...” ele a irritou. “Não tenho certeza se você merece.”

Ela o puxou pelo braço por fazê-la implorar. “Por favor, só me fale.”

Ele riu dela. “Ok. Eu desisto. Mandona.” Fingiu massagear o braço onde ela tinha batido. “E se eu te dissesse que...” ele demorou a falar, fazendo ela se aproximar dele, antecipando, o sorriso trapaceiro dele brilhava em seu rosto, “...que nós ainda vamos ao baile?”

Violet estava sem palavras. Aquilo não era nada do que ela esperava que ele dissesse.

“Claro, claro,” ela retorquiu cinicamente. “Meus pais mal me deixam ir para escola, imagina ir ao baile.”

“Você acertou, eles não queriam deixar você ir, mas nós conversamos sobre isso, e até mesmo seu tio Stephen ajudou. O jogo de futebol estava fora de questão; há pessoas demais indo e vindo, e qualquer um pode entrar. Mas o baile na escola, no ginásio, somente os estudantes e seus companheiros podem entrar, e seu tio disse que já estava planejando ter segurança extra lá. Então, desde que eu prometi manter os olhos em você...

O que eu faço,” sua voz sugeriu que aquela última parte não tinha nada a ver com mantê-la a salvo, e Violet se sentiu corar em resposta, “seus pais concordaram em deixar você ir.”

Ela olhou para seu tornozelo, envolto em bandagens, e completamente inútil. “Mas eu não posso dançar.” Ela se sentia desanimada.

Ele passou o dedo sob seu queixo e o ergueu, de modo que ela ficou olhando para ele. “Eu não dou a mínima se vamos dançar ou não. Eu só quero levar minha *namorada*,” a ênfase que ele deu à palavra lhe deu arrepios, e ela sorriu, “ao Baile de Boas-vindas.”

Eles ficaram daquele jeito, se olhando e um sentimento impossível de se falar passando entre eles, por longos e eletrizantes momentos. Violet foi a primeira a ceder e falar. “Lissie vai estar lá,” ela declarou numa voz desprovida de ciúme.

Jay balançou a cabeça, ainda lhe contemplando atentamente. “Não vou nem reparar nela. Não vou ser capaz de tirar os olhos de você.”

Violet se sentiu contente por já estar sentada, porque as palavras dele fizeram-na sentir-se fraca e trêmula. O canto de sua boca se curvou num meio sorriso de satisfação. “Não vai mesmo,” respondeu, piscando.

CAPÍTULO 24

Não demorou muito para Violet se acostumar à ideia de ir ao baile. Na verdade, a noite de sábado estava demorando a chegar.

Sexta passou rapidamente com as muitas atividades. Houve uma enorme e animada assembleia na escola que levou pelo menos metade da tarde. Todo o time de futebol foi apresentado para o corpo estudantil histérico e estridente que assistia da arquibancada. Violet desejava mais do que tudo poder ir ao jogo, mas ela entendia muito bem porque ela não poderia ir. Ainda assim, era fácil entrar no espírito eufórico escolar que todos estavam.

Quando a Corte das Boas-vindas foi anunciada, Violet sentiu um momento de insegurança. Lissie graciosamente deslizou no chão amadeirado do ginásio como se ela tivesse nascido para fazer isso. Violet inconscientemente deu uma olhada para Jay, imaginando o porquê ele teria escolhido ela ao invés da maravilhosa Lissie Adams.

Mas ele não estava olhando para Lissie. Ao invés disso, toda sua atenção estava focada em Violet, e ele viu a rápida olhada que ela lhe deu.

“Ela não tem metade da sua beleza,” ele prometeu, em resposta as silenciosas dúvidas dela.

Ela lhe empurrou levemente com o ombro. “Cala boca.” Mas não conseguiu evitar o sorriso que apareceu em seus lábios quando disse isso.

“Nossa cara, para com isso vocês dois. Arranjem um quarto, pelo amor de Deus!” Chelsea gritou para os dois sobre o clamor da multidão nas arquibancadas.

Quando a assembleia terminou, Jay se transformou numa barreira humana entre Violet, que estava se desequilibrando nas muletas, comprimida pelo tropel de estudantes em sua loucura para sair da escola. No estacionamento, buzinas de carros com janelas abertas estavam retinindo as alturas, e o ar estava cheio de sons agudos e gritos de guerra. O jogo de noite ia ser estrondoso.

Jay levou Violet para casa, onde ela pensou que ele ia ficar com ela até de noite, então ela ficou surpresa quando eles chegaram e a mãe de Jay estava esperando por ele na entrada da garagem.

“Aonde você vai?” ela perguntou, tentando não soar tão chateada por ele ir embora.

Ele deu de ombros evasivamente, e Violet teve a impressão de que ele estava sendo evasivo de propósito. “Tem umas coisas que preciso fazer. Te vejo amanhã, certo?”

Violet tentou esconder o desapontamento enquanto ele a ajudava, carregando sua mochila num ombro e mantendo uma mão protetoramente em suas costas, para o caso dela perder o equilíbrio.

Ele lhe deu um beijo de despedida, depois a beijou de novo e de novo. Cinco minutos passaram rapidamente, e a mãe de Jay tocou a buzina.

“Tchau, Violet,” ele sussurrou contra sua bochecha, sua voz rouca com desejo. “Eu te amo.”

Ela observou ele ir embora, ainda tonta com os beijos.

A noite sem Jay não foi uma perda total... Exceto pela solidão devastadora... E o enorme desejo de estar no jogo com seus amigos... E o tédio esmagador.

Ela começou um livro que estava planejando ler. Parou. Tentou outro. Desistiu dele também. E finalmente desceu para ficar com seus pais. Quando eles foram para cama, e isso era quase dez horas, Violet ficou sozinha novamente.

Deu trabalho, mas finalmente ela conseguiu preparar uma tigela de pipoca de micro-ondas e a levar para a sala, afinal, largando as muletas e pulando—cuidadosamente—de um cômodo para outro. Ela estava exausta quando alcançou o sofá novamente. Então quando o som de alguém batendo começou, tão fraco que ela não tinha certeza que ouvira na primeira batida, ela tentou se convencer que isso não era nada.

Mas a batida não parava, e na verdade ficou mais alta, e rapidamente Violet soube que não poderia simplesmente ignorar. Estava vindo da porta da frente.

Ela estava com um pouco de medo, mesmo tendo dito para si mesma que não deveria estar. Havia um policial lá fora; tudo que ela precisava fazer era gritar e eles viriam correndo.

Ela finalmente levantou, o que foi uma grande coisa, e decidiu pelo menos olhar pelo olho-mágico antes de decidir se respondia ou não. Ela não foi rápida, por razões óbvias, e a batida continuou intermitente, sem ficar alta, mas permanecendo razoavelmente constante.

Apesar de ter se assegurado, seu coração estava batendo rápido demais e sua boca de repente ficou muito seca. Ela tentou se concentrar em sentir algo incomum vindo do outro lado da porta.

Quando ela finalmente a alcançou, ela se inclinou e olhou pelo olho-mágico.

Jay estava sorrindo para ela do lado de fora.

Seu coração saltou por uma razão completamente diferente.

Ela deixou as muletas de lado e rapidamente destrancou a porta para abri-la.

“Por que você demorou tanto?”

Seu joelho estava dobrado e seu tornozelo erguido. Ela se apoiou contra o batente da porta. “O que você pensou que estava fazendo, idiota?” ela retorquiu rapidamente, mantendo a voz baixa de modo que seus pais não ouvissem. “Você me assustou pra caramba, aliás. Meus pais já estão na cama, e eu estava sozinha aqui.”

“Que bom!” ele exclamou quando entrou e a agarrou pela cintura, arrastando-a para si e a abraçando.

Ela riu enquanto ele a segurava lá, apreciando a sensação do corpo dele contra o seu. “O que você está fazendo aqui? Pensei que não te veria até amanhã.”

“Eu queria te mostrar uma coisa!” Ele sorriu para ela, e seu entusiasmo a capturou. Ela não pôde evitar sorrir de volta excitada.

“O que é?” ela perguntou sem fôlego.

Ele não a soltou; só virou, ainda lhe segurando gentilmente em seus braços, de modo que ela pudesse ver a entrada da garagem. A primeira coisa que ela viu foi o policial no carro, agora alerta, com um olhar observador nos dois. Violet percebeu que já era tarde, já passava das onze, e pelo olhar em seu rosto, ela pensou que ele devia estar esperando por uma noite calma, rotineira.

Depois ela viu o carro. Ele era bonito e estava polido, pintado com um preto lustroso que, mesmo no escuro, refletia a luz como um elegante espelho. Violet reconheceu a insígnia da Acura na frente do capô. E mesmo assim ela poderia dizer que o carro não era novo, parecia que fora bem cuidado.

“De quem é?” Ela perguntou admirada. O carro era muito melhor do que seu pequeno Honda.

Jay sorriu novamente, seu rosto brilhando com entusiasmo. “É meu. Peguei-o essa noite. Por isso eu tive que ir. Minha mãe estava de folga, e eu queria pegá-lo antes...” Ele sorriu para ela. “Eu não queria pegar seu carro emprestado para te levar ao baile.”

“Sério?” Ela murmurou. “Como...? Eu nem sabia que você estava...” Ela não conseguia encontrar as palavras certas; estava invejosa e excitada por ele ao mesmo tempo.

“Eu sei, ok?” Ele respondeu, como se ela tivesse feito perguntas coerentes. “Eu venho economizando por... Por... Uma *eternidade*, sério. O que você acha?”

Violet sorriu para ele, pensando que ele era inteiramente perfeito para ela. “Eu acho que é lindo,” ela disse com mais significado do que ele entendeu. Depois olhou de volta para o carro. “Eu não fazia ideia que você estava comprando um carro. Eu o adorei, Jay,” ela insistiu, passando os braços ao redor do pescoço dele quando ele a ergueu, embalando-a como se ela fosse uma criancinha.

“Eu ia propor te pegar para um test-drive, mas temo que o super-policia! ali provavelmente iria me dar choque com a arma de atordoamento. Ent3o, voc4e vai ter que esperar at4e amanh3,” ele disse, e sem esperar um convite, a carregou para dentro, mal trancando a porta atr3s dele.

Ele se instalou no sof3, onde ela estava sentada a poucos momentos atr3s, sem deix3-la. Havia um filme na televis3o, mas nenhum deles prestou atenç3o para o mesmo, quando Jay se reclinou, se alongando e a puxando mais para si. Eles ficaram o resto da noite daquele jeito, aninhados, seus corpos se ajustando perfeitamente, enquanto se beijavam e murmuravam e riam silenciosamente na escurid3o.

Em algum momento, Violet estava consciente de que estava caindo no sono, quando seus pensamentos ficaram sonhadores, se tornando desarticulados e difusos, dif3ceis de segurar. Ela n3o lutou; desfrutando da sensaç3o preguiçosa, flutuante, junto com o calor criado pelo casulo do corpo de Jay protetoramente abraç3do a ela.

Era a primeira vez que se sentia segura assim em dias... Talvez semanas...

E pela primeira vez desde que foi perseguida pelo homem da floresta, seus sonhos estavam livres de monstros.

CAPÍTULO 25

O dia do baile foi como um sonho.

Violet acordou sozinha. Ela percebeu que Jay devia ter saído em algum momento durante a noite, e ela ficou onde estava, contente, com as pernas encolhidas sofá, desfrutando do calor que ele havia deixado para trás.

Enquanto ela se esticava e finalmente forçava seus pensamentos nebulosos a se clarearem, lembrou-se do carro novo de Jay. Ela estava emocionada por ele novamente e ela facilmente recapturava a imagem dele em sua mente, aquele entusiasmo infantil no rosto dele, enquanto exibia seu novo brinquedo. Ela sorriu para si mesma ao lembrar-se disso. Ela não podia esperar para passear no carro, com Jay atrás do volante.

Ela não podia esperar para ir ao baile.

Ela passou a maior parte do dia respondendo as mensagens de texto de seus amigos... E obrigando-se a *não* ligar para Jay, permitindo que a expectativa crescesse, o suspense preenchendo seus sentidos tão inebriantemente como qualquer narcótico. Ela estava tonta no momento em que entrava em seu vestido.

Sua mãe fez várias aparições, com a câmera na mão, para tirar fotos dela ficando pronta. Isto parecia ser exatamente o que eles precisavam na qualidade de uma família, algo para afastar suas mentes de todos os acontecimentos trágicos e assustadores das últimas semanas. Até mesmo o pai dela, que ainda tinha reservas sobre a sua saída, não conseguia parar de dizer quão linda ela estava quando a sua mãe o arrastou para ver Violet toda arrumada.

O vestido dela era bastante simples: um tecido suave, leve de jersey preto com uma cintura estreita estilo império, e com parte superior frente única que criava um decote com formato V. As alças entrecruzadas nas costas sustentavam uma cavidade do tecido que terminava em uma onda suave, expondo um comprimento generoso de pele quase nua de seus ombros até metade de suas costas. O vestido se agarrou ao corpo de Violet em todos os lugares certos, e a bainha quase cobriu as sandálias de tiras, com a qual estava Violet agradecida agora, sabendo que cobriria também a feia, inevitável braçadeira no tornozelo que ela seria obrigada a usar.

O efeito não foi somente elegante, mas dramático.

Violet sentiu-se como uma princesa.

Não como uma das princesas nauseantes e falsificadas do grupo da Lissie, mas como uma real. Vinda de um conto de fadas.

Um conto de fadas muito, *muito* sexy.

A mãe de Violet a ajudou a fixar seus cabelos para trás, deixando mechas de cachos estratégicos para caírem soltos, emoldurando perfeitamente seu rosto de porcelana. E pela primeira vez, provavelmente jamais, Violet ficou grata por não ter o mesmo cabelo liso que todas as outras garotas tinham. Seus olhos estavam impressionantes, delineados com lápis esfumado e uma camada luxuriante de máscara de alongamento de cílios que deliniou o verde-esmeralda salpicado de sua íris. A cor em suas bochechas tinha pouco a ver com a maquiagem que ela usava, uma vez que ela estava corada de excitação.

Seu pai enfiou a cabeça no momento em que sua mãe estava agachada para ajudá-la a apertar a pequena fivela do sapato, o toque final.

Ele assobiou aprovando. “Eu estou começando a mudar de opinião novamente. Eu não tenho certeza se eu deveria estar deixando você sair de casa desse jeito.” Ele sorriu, mas seus olhos tinham um pouco de lágrimas, e Violet sabia que ele estava comparando-a com a menina que ela era.

Seus próprios olhos começaram umedecer, e ela abanou as mãos na frente deles.

“Pare com isso, pai! Você vai me fazer chorar também.”

Greg Ambrose tomou fôlego e se recompôs antes de anunciar, “Jay está esperando lá embaixo.”

Com o pai dela de um lado e o corrimão do outro, Violet desceu a escada como se estivesse flutuando. Jay estava no final, olhando para ela, congelado no lugar como uma estátua.

Seu terno preto parecia como se tivesse sido criado especialmente para ele. Seu casaco caía sobre seus ombros fortes em uma linha perfeita, afinando sua cintura estreita. A camisa de linho branco imaculado abaixo destacou-se em contraste com a lã escura, finamente tecida. Ele sorriu apreciativamente enquanto observava sua aproximação, e Violet sentiu sua respiração travar em sua garganta com a imagem marcante de perfeição que ele apresentou.

“Você... Está tão *bonita*.” Ele sussurrou fervorosamente enquanto caminhava em sua direção, tomando o lugar de seu pai no braço dela.

Ela sorriu envergonhada para ele. “Você também.”

Sua mãe insistiu em tirar não menos do que uma centena de fotos dos dois, ambos sozinhos e juntos, até que Violet sentiu que seus olhos estavam permanentemente danificados pelo flash ofuscante. Finalmente o pai dela conteve sua mãe, arrastando-a para a cozinha para que Violet e Jay pudessem ter um momento a sós.

“Eu falei sério,” disse ele. “Você está incrível.”

Ela meneou a cabeça, não tendo certeza do que dizer, um pouco embaraçada pelo elogio.

“Eu tenho algo para você”, ele lhe disse enquanto pegava dentro de seu casaco. “Eu espero que você não se importe, não é um corsage.”

Violet não poderia se importar menos em ter flores para prender no vestido, mas ela *estava* curiosa sobre o que ele trouxe para ela. Ela o observou retardar o momento mais do que ele necessitaria, tomando seu tempo para revelar a surpresa.

“Em seu lugar, trouxe isso para você.” Ele pegou uma caixa preta de veludo, do tipo que contem joias finas. Era comprida e estreita.

Ela ofegou quando o viu levantar a tampa.

Dentro havia uma delicada corrente de prata, e sobre ela estava um contorno de um coração reluzente que pendia sobre a corrente que o segurava.

Violet alcançou-a para tocá-la com a ponta dos dedos. “É linda,” suspirou.

Ele ergueu o colar da caixa e estendeu para ela. “Posso?” Ele perguntou.

Ela assentiu, seus olhos brilharam de excitação quando ele fechou a corrente de prata em torno de sua garganta nua. “Obrigada,” ela respirou, entrelaçando sua mão com a dele e apertando-a de forma significativa.

Relutantemente ela usou as muletas para ir para o carro, já que não havia corrimão para ela segurar. Ela sentiu que elas arruinaram o efeito global que ela estava tendo.

O carro de Jay era tão bom por dentro como era por fora. O interior era rico, couro cinza esfumaçado que parecia manteiga derretida quando ele a ajudou a entrar. Com a exceção de pequenas falhas, o carro poderia se passar por um novinho em folha. O motor ronronou à vida quando ele virou a chave na ignição, algo que o carro dela nunca fez. Rugir, talvez—ronronar, nunca.

Ela estava aliviada por seu tio não ter ordenado uma escolta policial para os dois até o baile. Ela meio que esperou ver uma procissão de viaturas policiais, as luzes piscando e sirenes ligadas, no rastro do Acura negro de Jay.

Apesar de sentar-se atrás do volante do seu reluzente carro novo, Jay dificilmente poderia desviar os olhos dela. O olhar de admiração dele encontrou com o dela uma vez e outra, enquanto ele quase não se concentrava na estrada diante dele. Felizmente eles não tinham um longo caminho a percorrer.

Até mesmo o estacionamento na escola tinha uma sensação completamente diferente como o manto da noite que começou a cair em uma pura e escura cortina, permitindo o brilho distante das estrelas à descoberta do escuro céu. Violet podia ouvir a

música migrar para fora das portas abertas do ginásio como os casais que se exibiam na dança.

Jay pacientemente conduziu Violet para dentro, mostrando sua carteira estudantil e em seguida ajudou Violet com a dela, para os dois professores que tripulavam as portas e checando as identificações. Uma vez lá dentro, Violet surpreendeu a si mesma. Ela esperava que os olhos hipercríticos dela devorassem tudo e mentalmente os rasgasse em pedaços, desde a decoração extravagante ao DJ idiota tocando música e tentando ser moderno para que as crianças estivessem dentro da música. Até mesmo a rainha detestável e desagradável Lissie.

Mas ela não fez. Ela meio que gostou, em *todo* o esplendor brega.

Ela deixou Jay levá-la para o fotógrafo, um homem em um terno barato com um estilo de penteado excessivamente gorduroso. Eles tiraram uma fotografia em frente a um cenário tule drapeado em tons rosa e vermelho, e ladeado por pilares brancos independentes—provavelmente isopores—que foram feitos para uma aparência grega e tragicamente romântica. Ao invés disso, eles pareceriam tragicamente pobres, como se eles pudessem desmoronar a qualquer momento a partir de anos de uso excessivos. Mas Violet não se importou com nada disso, ela mal podia respirar toda vez que ela olhava de soslaio para seu par espantosamente bonito.

Quando eles terminaram viram Chelsea e Claire. Na verdade, as duas garotas excessivamente preocupadas vieram correndo até Violet, gritando com entusiasmo ao vê-la. Como se elas não a vissem todos os dias.

“Oh... meu... Deus, Violet! Você está *maravilhosa!*” Claire jorrou para ela, e Violet tentou não sentir-se insultada pela insinuação de que era tão absurdo ela ter uma boa aparência.

E, em seguida, Jules foi até elas com seu par, um sênior de outro colégio, e Violet quase não a reconheceu; alta, de pernas longas, surpresa estarrecedora que se destacou mais do que ela. Jules usava um vestido preto quase pecaminoso com bustiê que deixava pouca à imaginação e pouco espaço para qualquer tipo de sutiã. Antes desse momento, Violet não tinha sequer percebido que Jules *tinha* seios, muito menos seios grandes.

“Uau!” Claire sussurrou, incapaz de dizer qualquer coisa além dessa única palavra. E de repente, Violet não se sentiu tão insultada, porque a transformação de Jules, de fato, deixou Claire, a garota que sempre tinha algo para dizer, completamente sem fala.

A música estava alta, e som estava muito alto, fazendo tudo do chão ao teto vibrar. Eles tiveram que erguer suas vozes apenas para ouvir um ao outro.

“Sim, Jules!” Chelsea disse em uma voz embargada de inveja. “Vá embora, você está fazendo o resto de nós parecer ruim.” Ela piscou para o par de Jules perversamente. “Eu aposto que você só quer devorá-la, não é?”

Ele olhou para o Chelsea, com espanto e olhou de volta para Jules por ajuda.

“Apenas a ignore,” explicou Jules sobre o ruído do sistema de som. “Ela não sai muito.”

Chelsea tentou fazer um olhar magoado pelas palavras de Jules, mas ela não conseguia o bastante para ter sucesso. “Eu só estou dizendo, Jules, que ele deveria observar a sua volta esta noite, ou eu poderia tentar levar você para longe dele.” Chelsea adorava jogar o cartão potencialmente *bi-curiosa*, mesmo que todo mundo soubesse que ela gostava de rapazes demais para mudar de time.

“Nojento!” Gritou Claire, que absolutamente não estava fingindo. Claire odiava quando a conversa se desviava muito distante de seu caminho estreito e apertado. A palavra de ordem sendo *heterossexual*.

“Não se preocupe, Claire-urso,” Chelsea acalmava condescendente. “Eu não vou ficar com Jules.” Ela envolveu seu braço ao redor da cintura de Claire e depois disse sugestivamente no ouvido dela, “Eu estou muito mais suscetível a dar em cima de você.”

“Eca!” Claire gritou, empurrando Chelsea para longe. “Fique longe de mim!”

“Deixe-a em paz, Chels,” Jules interrompeu. “Ou você vai fazê-la iniciar seu discurso, ‘É Adão e Eva, não Adão e Steve.’ E, desculpe, Claire, mas nenhum de nós quer realmente ouvir isso.”

Jay puxou Violet para perto dele enquanto escutavam as divertidas brincadeiras familiares. Ele deslizou o braço na cintura dela por trás, e deixou seus lábios provocarem suavemente o lóbulo da orelha enquanto ninguém prestava atenção nos dois. Violet queria virar-se ali mesmo, em seus braços, e esquecer essa coisa toda do baile completamente.

“Ei!” a voz de Chelsea, interrompeu-os, e Violet sobresaltou-se um pouco, percebendo que todos estavam olhando fixamente neles. “Você me ouviu?”

Violet se inclinou para frente em suas muletas e afastando-se de Jay, ainda sentindo confusa com o contato próximo e íntimo. “O quê?” Ela perguntou, tentando se concentrar no que havia sido dito.

“Eu disse, eu tenho que fazer xixi. Vamos para o banheiro.” Chelsea repetiu como se Violet fosse uma espécie de imbecil, incapaz de compreender a fala humana normal.

“Continue assim, Chels, e nenhum de nós vai querer ficar com você esta noite,” Violet prometeu brincando.

Chelsea sorriu para Violet. “Eu gosto da maneira que você pensa, Violet Ambrose. Talvez você será a garota sortuda que eu escolherei.” E então ela se virou para Jay. “Não se preocupe, eu tenho ela a partir daqui,” Chelsea anunciou. Jules e Claire seguiram.

Violet riu e olhou para ele. “Eu só vou demorar um pouco.”

Jay deu-lhe um olhar cético que ninguém teria notado, enquanto ele avaliava as três meninas que estariam escoltando Violet. E então ele finalmente concordou. “Ok, eu vou mostrar a esses caras meu carro.” Ele estava radiante de novo. “Eu estarei lá fora, mas eu não irei demorar muito.”

Violet fez o seu melhor para manter-se com o trio à frente dela, mas era difícil em um salto alto e duas muletas. Finalmente, ela gritou para elas exasperadamente: “Se vocês não esperarem, eu não vou!”

Todas as três pararam e se viraram.

Chelsea bateu seu adorável sapato prata com impaciência.

“Apreste-se, Violet, ou eu juro que vou tirar você da minha lista.”

EM PLENA VISTA

Ela era fácil de identificar, a garota, sobrinha do Chefe Ambrose. Ela era a única menina no baile de muletas.

Ela era bonita. Bonita mesmo, pensou ansiosamente enquanto a estudava. Ela tinha o ar de uma menina que não fazia ideia de como ela era sedutoramente atraente para os homens deste mundo. Ele gostava disso... Sua inocência.

Ele estava observando-a desde que ela chegou, mantendo-se afastado no caso de ela reconhecê-lo de algum modo, desde aquele dia na floresta, quando ele a perseguiu. Ele ainda não conseguiu descobrir como ela sabia que ele estava lá. Ele foi tão cuidadoso, rastejando furtivamente atrás dela, e depois, de alguma forma, ela sabia, e ela correu. Mas, mesmo assim, ele quase a teve.

Pelo menos até que o namorado dela apareceu.

Ele sabia, é claro, que ela não viu seu rosto lá fora. Ele sabia que não havia nenhuma maneira que ela pudesse identificá-lo. Se ela pudesse identificá-lo, já teria feito isso. Mas não havia nenhum ponto para se arriscar... Não quando ele estava tão perto. Era difícil esperar, frustrante. Ele foi forçado a esperar pelo momento certo, até que aqueles que a observavam descuidassem, abaixando a guarda, apenas o suficiente para lhe dar uma chance de mover-se em silêncio.

E ali estava ele. Finalmente.

O baile se revelava mais divertido do que ele havia previsto. Ele se sentiu como uma criança numa loja de doces, enquanto as adoráveis senhoritas flutavam por ele em tons coloridos de chiffon e tafetá. Elas pareciam pequenos doces de dar água na boca. Somente, ele não poderia ter qualquer uma delas. Ele poderia ter somente uma delas.

Ele só precisava ser paciente... Esperar até que ele pudesse tê-la sozinha.

Nenhum deles sequer parecia notar ele lá, no baile deles, mal oferecendo a ele um primeiro olhar, muito menos um segundo. Ele misturou-se no fundo, uma pessoa cotidiana que dificilmente merecia observação.

Era o disfarce perfeito. Vestido como ele mesmo.

Ele manteve um olhar atento sobre ela, sobre Violet, em sua Violet, tentando não ter sua atenção desviada pelas outras garotas florescendo, todas vestidas em seus corpos de mulheres. Ele podia sentir o cheiro de suas essências juvenis, e isto estava distraíndo-o.

Ele observou sua garota interagindo com seus amigos, divertida e despreocupada. Ele observou o namorado dela puxando-a para perto, beijando-a no pescoço.

E então ele a viu sair. Não sozinha, mas tampouco com seu encontro pairando sobre ela.

Ele sentiu um flash de bolhas de energia percorrer através dele, e ele ergueu-se para longe da parede.

Ele seguiu na direção delas, mas teve o cuidado de manter uma boa distância entre elas.

Mentalmente ele se preparou para o que estava prestes a fazer.

CAPÍTULO 26

O banheiro feminino, o mais perto das portas do interior do ginásio, era o eixo central de atividade, e assim que entraram, Chelsea mudou de ideia sobre ir até lá. “Vamos, sei que é mais longe, mas vamos até os vestiários. Provavelmente não há ninguém lá.” Ela olhou significativamente para um casal de meninas veteranas usando suas falsas jóias encrustadas de pedras preciosas e baixou a voz. “Onde estão os trabalhadores, a rainha não pode estar muito atrás.” E Violet não pôde evitar sorrir com a estúpida analogia com abelhas de Chelsea, enquanto imaginava Lissie Adams zumbindo por aí com um ferrão do lado de fora de sua bunda.

Todos concordaram, ainda que soubessem que levaria uma eternidade para chegar lá, já que teriam que esperar por Violet. Mas dessa vez ninguém se queixou.

Chelsea estava certa. O banheiro estava deserto. Mas até mesmo lá elas podiam sentir o chão vibrando pela intensidade do som vindo do ginásio. Era bom poder conversar, só as quatro, especialmente já que tudo o que elas queriam falar era *sobre* as outras garotas no baile. Desta forma, elas não teriam que se preocupar com o pé de quem estava sob a cabine ou quem poderia estar ouvindo casualmente sua conversa.

Chelsea, claro, foi a primeira a falar. “Ok, eu fui a única a notar o quão enorme o vestido da Mimi Nichols faz a bunda dela parecer? Claro, você mal consegue perceber já que seus peitos insanamente gigantes estão praticamente saltando para fora.”

Chelsea piscou para Jules e sorriu. “Sem ofensas, claro.” Ela tentou, levantando as sobrancelhas para o peito de Jules.

Claire deu uma risadinha e franziu o rosto em desgosto pelo comentário afiado de Chelsea.

“Você só está com inveja.” Ela respondeu, olhando o peito de Chelsea em troca.

“Touché, Jules. Touché.” Chelsea admitiu.

Claire queria tanto se juntar à maldosa conversa, mas ela era péssima em encontrar falhas em outras pessoas... Pelo menos intencionalmente. Ainda assim, ela deu seu melhor tiro. “E o que dizer de Jennifer Cummings?” Ela perguntou acusadoramente, tentando imitar um dos olhares cortantes de Chelsea.

Elas olharam uma para a outra, perguntando-se o que estavam perdendo. Chelsea foi a única corajosa o bastante para perguntar, “O que tem ela, Claire?”

“Ela nem sequer está meio fofa.” Claire afirmou, seu rosto simulando uma máscara de horror.

Todas elas a encararam, sem ter certeza do que dizer.

Então mais uma vez, é claro, foi Chelsea quem quebrou o aturdido silêncio. “Eu juro, Claire-urso, que eu vou ligar para sua mãe e dizer a ela que você precisa começar a dirigir o micro-ônibus. Você precisa começar a praticar seus comentários maldosos. O que você vai fazer quando não estivermos aqui para te proteger?”

Claire rolou os olhos, também muito alheia para ser insultada, o que era o motivo de ser a amiga perfeita para Chelsea, que era muito agressiva para ser alheia. “Nossa, Chels, eu nem sequer dirijo o ônibus.”

Jules não pôde se controlar, apesar de seus melhores esforços para manter sua postura imparcial, e começou a rir. E logo estavam todas rindo, até mesmo Claire, que ainda não sabia do que estavam rindo.

“Vocês são tão más.” Violet atacou acusadoramente. “Não podem só se divertir e parar de criticar todo mundo?”

Chelsea olhou enojada. “Você amoleceu, não é? Jay fez você amolecer.”

Violet rolou seus olhos, sorrindo apesar de seus melhores esforços. “Tanto faz. *Qualquer um* é mole comparado a você.”

“Ai.” Chelsea fingiu estar machucada. Mas então, mais uma vez, ela simplesmente não podia retirar.

Elas passaram algum tempo se arrumando em frente ao espelho, fixando peças perdidas do cabelo e retocando o brilho labial. Violet olhou para o pé enfaixado e tentou mexer os dedos dos pés, que sentiam como se estivessem sendo espremidos em um torno inflexível.

Ela se sentou num banco de madeira que foi aparafusado ao chão... No caso de algum aluno vadio como ela decidir fugir com ele, ela supunha. Ela largou a muleta, apoiando-os contra a parede, enquanto avaliava os danos ao seu pé latejante. Ela se perguntou brevemente se as bandagens elásticas poderiam realmente cortar sua circulação. Ela apenas meio que brincou esperar que os dedos dos pés não fossem cair.

“Prontas?” Chelsea perguntou depois de usar o banheiro, como se agora que ela terminou, todas elas deveriam estar também.

“Mmm... ainda não,” disse Violet, inclinando-se para baixo para soltar o invólucro em torno de seu tornozelo. Ela olhou para suas três melhores amigas, que pareciam incríveis em seus vestidos deslumbrantes, e ela se sentiu culpada por mantê-las longe da dança por mais tempo. “Vocês vão à frente. Eu só vou refazer isso e estarei lá.”

Chelsea parecia um pouco cética sobre deixar Violet para trás, o primeiro sinal de humanidade que ela mostrou durante toda a noite. “Não sei...”

“Vão, eu só levarei alguns minutos.” Violet garantiu.

“Tem certeza?” Jules perguntou.

“Sério. Estarei bem atrás de vocês.” Ela disse convincentemente.

Violet as assistiu ir antes de voltar sua concentração para seu pé. Ela desenrolou cuidadosamente o curativo, a respiração mais calma quando sentiu o sangue preso começar a fluir mais livremente. Ela suspirou em voz alta quando sentiu o último remanescente de curativo afrouxar e em seguida, estalar elasticamente fora de seu tornozelo inchado. Ela podia ver a marca do curativo em sua pele distendida. Ela se inclinou para trás, dando-se apenas um breve momento para saborear o alívio, permitindo que o pé dela respirasse um pouco.

Ela sabia que precisava ir em frente, antes de Jay ficar impaciente e decidir ir atrás dela.

Ela inclinou-se, de repente feliz por não estar amarrada em um apertado vestido estilo corset como o que Jules estava usando. Honestamente, ela não achava que seria capaz de respirar naquela coisa, muito menos se curvar. Ela começou a enrolar o tecido flexível ao redor, dando ao pé um pouco mais de espaço do que sua mãe havia dado. O banco sob ela começou a vibrar mais, como uma mudança na canção significativamente ainda mais grave, insuportável, levando os dentes de Violet ao limite, enquanto ela lutava para se concentrar no que estava fazendo.

Ela ouviu a porta, mas ela já estava quase acabando, quase tinha o último pedaço de bandagem bem onde precisava. Ela distraidamente procurou por um dos pequenos fechos de prata com os dentes irregulares que iria realizar a ligação no local. Quando a porta se abriu, a música ficou mais alta, conforme o profundo estrondo das caixas de som. Violet assumiu que alguém teve a mesma ideia que Chelsea, sobre como evitar os banheiros superlotados mais próximos do baile. Ela não olhou para ver quem era.

Ela se atrapalhou com o primeiro fecho, finalmente acertando, e depois estendeu a mão para pegar o segundo no banco ao lado dela onde ela colocara. Seus dedos tatearam, mas não encontraram nada lá.

Ela olhou para o banco ao seu lado, movendo somente os olhos, mas antes que pudesse encontrá-lo, estava distraída. Uma mão se estendeu diante dela, estendendo o fecho para ela.

“Obrigada.” Ela disse, seus dedos momentaneamente tocando a pele quente enquanto estendia a mão para pegar.

E então ela congelou, sua mão sentindo queimar pelo breve contato. Ela olhou para cima, mais uma vez apenas com os olhos, e engasgou, instantaneamente afastando sua mão e segurando-a contra o peito.

“Não precisa disso agora?” A profunda voz masculina perguntou casualmente, como se fosse perfeitamente normal que ele estivesse no banheiro feminino com ela.

Ela sentou, ignorando a pergunta enquanto o estudava, da cabeça aos pés, parando em cada detalhe de sua roupa... *Seu uniforme*. Ela deveria ter se sentido melhor, tranquilizada pela sua presença, mas ela não conseguia... Não sabendo o que ela sabia. Não depois de tocar sua mão e *sentir* o que sentiu.

As vibrações estridentes. Aquelas que nada tinham a ver com a batida pulsante vinda do baile. A mesma alta-frequência, ressonância estridente que sentiu antes... Na floresta, quando ela caiu. O dia em que foi perseguida.

E ela o reconheceu, não apenas pela marca conhecida que ele carregava, mas seu rosto também. Embora não tenha sido do dia em que ele a seguiu, caçando-a como um animal ferido entre as árvores. Ela reconheceu-o de um dia diferente, o dia que ela, juntamente com todos os outros na cidade, estavam procurando na floresta por Sherwin Mackenzie.

Ela o encontrou naquele dia, logo antes de ela ter localizado o assassino, quando ela seguiu os sinos de Brooke. Ele era o oficial com quem ela havia colidido.

Ele ergueu as sobrancelhas, enquanto observava tudo isso no rosto dela. Cada um analisando o outro... Ela tentando descobrir como ele poderia ser o assassino, um dos oficiais de seu próprio tio... E ele tentando decidir como ela sabia.

Ele falou primeiro, sua curiosidade levando a melhor sobre ele. "Como você fez isso? Quando ninguém mais podia, como *você* descobriu isso?"

A boca de Violet ficou seca conforme sua mente corria através de meia dúzia de opções, algumas das quais ela descartou imediatamente. Correr era impossível. Gritar era inútil com todo o caminho até aqui, especialmente com o DJ tentando seu melhor para romper seus tímpanos. Seu celular estava em sua bolsa, mas ela estava com Jay, já que era muito difícil para ela carregá-la.

Chorar... Implorar... Suplicar. Todas as opções viáveis.

E então ela decidiu. *Mentir*.

Ela tentou ao máximo parecer confusa, rezando para que ele não notasse o quanto ela parecia estar. "Do que você está falando?" A voz dela estava trêmula. "Há algo de errado, oficial?"

Ele pausou pensativamente, parecendo considerar as perguntas dela. Ele era alto, enorme mesmo, ombros como pedregulhos que pareciam diminuir o espaço do banheiro. Seu uniforme se esticava por toda a extensão de seu peito. Ele sorriu, dando uma visão de seus dentes brancos, mas ainda assim permaneceu em silêncio.

O coração de Violet bateu violentamente. Ela decidiu tentar outra tática, no caso de ele não saber quem ela era. “Meu tio o mandou aqui?” Ela tentou nervosamente. “Chefe Ambrose?”

Ele deu um passo para mais perto dela, se isso fosse possível. “Você pode parar com a atuação.” Ele pulou uma batida, e então adicionou, “*Violet*.” Ele disse seu nome de um jeito que parecia que nunca teve dúvida; ele sabia *exatamente* quem ela era. E então a voz dele mudou, não deixando espaço para manobra, quando ele ordenou-lhe asperamente: “Pare de brincar comigo. Eu estou fazendo as perguntas aqui. Entendeu?”

Violet saltou. Seu estômago a fez se sentir enjoada, e ela começou a tremer, incapaz de conter o medo correndo por ela. Ela assentiu com apreensão, os olhos arregalados.

“Eu fiz algumas escavações,” ele finalmente explicou, com a voz estranhamente composta novamente. “Você esteve lá ao longo do caminho. Eu nem tenho certeza se você sabe quão longe nós iremos.” Ele se afastou de uma maneira informal, o seu corpo relaxando enquanto ele lançou em sua explicação. “Eu não percebi de imediato. Na verdade, eu nunca poderia ter percebido isso, se eu mesmo não tivesse visto você em ação.” Seu olhar a varreu conforme ela se sentou, paralisada, escutando com horror congelado o tenor ameaçador de sua voz profunda.

Ela tinha uma dificuldade de concentração, separando as palavras e voz dele da muito alta reverberação estridente que ele inadvertidamente carregava. Ela mal podia acreditar que não havia notado antes, que não reconheceria o som antes, quando estava tão perto dela. Como ela poderia ter deixado passar? Mesmo se estivesse surda ela devia ter notado aquela sensação.

Era impossível ignorar agora. Ele, claro, era completamente inconsciente dela.

“Eu nunca teria suspeitado se eu não estivesse lá naquele dia, na casa do meu parceiro, quando seu tio te fez sair para procurar... O quê? Pistas? Corpos? Claro, você deve saber agora que eu tinha um parceiro. Eu duvido que você pensasse que era uma coincidência que eu estivesse na floresta com você quando você teve seu,” ele fez uma pausa, “seu acidente.”

Violet achou que era ridículo o fato dele chamar aquilo de qualquer coisa senão aquilo que era. Ele tentou atacá-la, e se não fosse por Jay aparecendo, teria conseguido. “Não foi um acidente,” ela se ouviu dizer com mais convicção do que teria achado possível sob as circunstâncias.

Ele riu para ela. “Na verdade foi. Não *foi* como eu planejei que as coisas acabassem. Foi simplesmente fortuito para você que seu namorado aparecesse bem naquele momento.” E então adicionou, como se gabando “Eu poderia ter matado os dois lá, mas não havia planejado usar uma arma...” sorriu para ela. “E eu realmente não queria testemunhas do que ia fazer, mesmo daquela que não vive para contar. Então eu decidi esperar. Eu queria ter você toda para mim.”

“Por quê?” Perguntou Violet, mesmo que ela soubesse a resposta para a pergunta.

Porque ela sabia demais, e ele não poderia correr o risco de ser descoberto.

Ele não se deu ao trabalho de responder a pergunta. Em vez disso continuou falando. “Depois que você esteve lá na casa do meu parceiro, apontando pontos que mais tarde seu tio mandou exumar, percebi que de alguma forma você sabia onde os corpos foram enterrados. Mesmo os que não eram humanos.” Ele ergueu as sobrancelhas. “Você sabia disso? Que nós encontramos animais enterrados naqueles lugares?” Deu de ombros. “Provavelmente você já sabia disso.” Disse ele, mais para si mesmo que para ela agora.

“Estava curioso a seu respeito, então comecei a ir através dos arquivos do caso. Achei algo interessante. Seu nome apareceu em apenas um lugar. *Um lugar.*” Anunciou, aparentemente perplexo com a única conexão, como se esperasse mais. “Você encontrou a minha pobre garota do lago. Mas você sabe...” acrescentou ele, estreitando os olhos com a antecipação de um caçador mirando sua presa. Seus olhos prenderam os dela. “... Ela não era a primeira das *minhas garotas* que você encontrou.”

A novidade dele não era uma completa surpresa; ela sabia da garota na floresta, a que ela encontrara quando tinha oito anos, e seu tio já havia contado a ela que o outro homem confessara ter matado a garota. Mas de alguma forma, imaginar que esses dois lunáticos estiveram matando juntos, que esses dois assassinos psicóticos se encontraram em primeiro lugar, e então ficaram juntos por mais de oito anos, foi terrível para Violet.

A cabeça dela estava girando.

Isso é loucura, ela disse para si mesma.

Ele não a esperou responder, e ela não respondeu. Ele parecia estar gostando de exibir suas proezas torcidas. Além disso, que diferença faria se soubesse? “A garotinha que achou a garotinha. Claro, naquela época eu não fazia ideia de que você estava envolvida, e de acordo com os registros oficiais, não estava. Mas o nome listado no arquivo estava perto o suficiente. Um Ambrose é um Ambrose, e o nome de seu pai era um indício assim como o seu seria.” Ele se inclinou para mais perto dela, como se estivesse lhe contando um segredo, apesar de estarem sozinhos. “Pergunto-me por que ele sentiu a necessidade de deixar seu nome de fora.”

Ela não respondeu. Ela não precisava, ele não estava realmente lhe fazendo uma pergunta. Mas sua proximidade foi enervante e Violet se sentiu encostando-se à parede para fugir dele.

Ele se endireitou, sua voz assumindo um aspecto aparentemente casual mais uma vez. “Eu realmente não matei, sabe?” Ele olhou para ela, esperando sua reação. Ela não tinha certeza se devia morder a isca, mas suas respostas enigmáticas estavam se esgotando. E curiosidade era uma emoção poderosa.

Ele não tinha como saber que ela reconheceria a mentira que ele contou. “Não acredito em você,” afirmou categoricamente.

“É verdade. Pelo menos *era* verdade. Era *ele* que matava.” Disse ele, fazendo alusão a seu parceiro novamente. “Eu deveria encontrá-las e levá-las até ele. Essa era a parte que eu adorava, a caça. Era essa a parte *feita* por mim. Depois disso, pelo menos até que fosse hora de depositar os corpos, eram problema dele.” Ele falou, como se as garotas fossem insignificantes. E Violet acreditou que, pelo menos para ele, elas eram. Suas vidas não significavam nada para ele, eram simplesmente peças para carregar, inúteis, uma vez que foram capturadas.

De repente fez sentido para ela, porque o outro homem carregava tantos ecos com ele, como se usasse um casaco de retalhos. Ela não se perguntou antes, mas se tivesse tempo de processar, pensar sobre isso, ela teria notado. Que esse homem, o policial na frente dela agora, carregava apenas um eco estridente.

Então, o eco de quem?

Essa era uma pergunta que ela não podia responder.

Mas ela não precisava; ele respondeu, de qualquer forma.

“Eles nunca a encontrarão, você sabe, a garota que estão procurando na floresta.” Ele sorriu novamente, apenas rapidamente, e isso fez a pele de Violet se arrepiar enquanto o estudava. “Eu sempre fui tão cuidadoso, deixando cada uma delas em lugares diferentes, de formas diferentes. Nunca duas vezes no mesmo lugar.”

“Mas não dessa vez, não ela. Ela foi minha primeira vítima, e dessa vez eles nunca pensarão em procurá-la exatamente no mesmo lugar que encontraram meu parceiro, montando guarda na garota McDonald.” Seu sorriso cresceu, revelando um flash de brilhantes dentes brancos. “E eles nunca encontrarão você também.”

CAPÍTULO 27

Jay estava à beira da pista de dança, ainda segurando a bolsa de Violet, e explorando o escuro ginásio, procurando por ela. Ele estava tentando ignorar o pânico crescente dentro dele. Algo estava errado.

Mas quando ele viu Chelsea, dançando com seu par, não pôde conter. Ele os interrompeu na pista de dança. Ele não pareceu notar que estava causando uma cena.

“Onde está Violet?” Ele exigiu, ignorando a expressão chocada no rosto de Chelsea.

“O que... Jay? O que você está fazendo?” Ela perguntou, seus olhos se arregalando com a inesperada explosão dele.

Mas Jay estava muito determinado. “Chelsea... Onde ela está?”

Chelsea parou, momentaneamente assustada com o alerta que ouviu na voz dele. “Relaxa! Ela está no banheiro ajeitando a atadura no tornozelo. Ela logo estará de volta.”

Jay olhou para cima, na direção dos banheiros, e sentiu-se relaxar quando viu o monte de meninas indo e vindo das portas. Chelsea assistiu sua reação.

“Não aqueles.” Ela corrigiu seu erro ao pensar que Violet estava lá dentro com a multidão. “Fomos até o antigo vestiário, para que pudéssemos ficar sozinhas.”

Jay sentiu o sangue congelar, ele sentiu os dedos congelantes sobre o coração pulsando. “Você a deixou lá? Sozinha?”

Chelsea deu de ombros, olhando rudemente para um casal ao lado deles que os encarava agora. Eles desviaram o olhar, envergonhados por serem pegos pelo olhar cortante de Chelsea.

“E daí?” Ela voltou-se para Jay. “Ela voltará logo. Vá pegar um pouco de ponche ou talvez algo mais forte se isso for te acalmar.”

Ele vasculhou a sala, localizando um dos policiais uniformizados parados próximo à porta. Sua irritação com Chelsea se intensificou enquanto dava ordens a ela. “Vá dizer àquele policial para buscar ajuda. Diga a ele onde Violet está e diga para buscar o tio dela!”

Chelsea estava confusa, mas algo nas ordens enigmáticas de Jay a tocou, fazendo-a se sentir em pânico, sem nem ao menos saber o motivo. Ela não o questionou novamente; ela apenas ignorou seu par, que ainda estava parado lá simplesmente atordoado pela conversa que acabara de testemunhar, e ela correu para as portas—em direção ao policial lá—para buscar ajuda para sua amiga.

Jay já estava correndo para o outro lado.

O homem gigante na frente dela alcançou e capturou uma gavinha perdida do cabelo de Violet, esfregando entre o polegar e o dedo indicador, pensativo, e olhou para cima como se estivesse realmente arrependido.

“Eu adoraria sentar aqui e conversar com você, e acredite em mim, estou me divertindo. Mas temos que ir.” Ele falou sombriamente, tristemente. “Está na hora.”

Violet balançou a cabeça. “Vou gritar,” ela garantiu, sem ter certeza do que esperava conseguir com a ameaça vazia.

Ele parecia autenticamente desapontado. “Eu quebraria seu pescoço antes que alguém sequer tivesse a chance de responder. Por outro lado, Violet,” ouvir seu nome nos lábios dele a fez recuar novamente, “ninguém pode te ouvir. E se pudessem, eu tenho uma arma.” Ele olhou para a arma. “Tenho que me livrar de você ou perco tudo. É tarde para voltar atrás agora, certo?”

Violet pensou em seus colegas de classe... Seus amigos... *Jay*. Como ela poderia permitir que qualquer um deles se ferisse por dar atenção a ela... À sua situação lamentável? Ela *queria* gritar, chorar por ajuda, mas não podia. Não iria.

Ela levantou-se e pegou as muletas já se sentindo morta. Ela não tinha outra escolha.

Ele liderou o caminho, segurando a porta aberta para ela enquanto ela desajeitadamente passava. Ele estava sendo absurdamente educado... E calmo. Ele não era o caçador agora, apenas o carrasco sem nome levando o prisioneiro para a forca. Não houve perseguição, nenhuma emoção na captura dela, pelo menos não desta vez. Ela tornou tudo muito simples para ele.

CAPÍTULO 28

Os braços de Violet estavam doloridos de tentar alcançá-lo, mas ela se recusou a reclamar ou mesmo ir mais devagar. A mão forte e calejada dele estava envolvida firmemente em torno da parte de trás de seu pescoço, um aviso para ela de como ela era frágil, quão facilmente ele poderia acabar com sua vida se ela tentasse se afastar dele a qualquer momento. Ela teve dificuldade em imaginar apenas como ele achou que ela poderia escapar, dado o fato de que ela mal conseguia andar, muito menos passar a perna nele. Mas ela manteve as opiniões dela para si mesma.

Eles estavam sozinhos aqui fora, no corredor longo e deserto, indo em direção ao lote do estacionamento. Ela ainda podia ouvir a música distante, aparentemente mais longe agora e desaparecendo rapidamente, no fundo de seus pensamentos angustiados.

Ela estava preocupada, não a respeito de *se* ela morreria, pois parecia uma certeza neste momento. E embora Violet nunca tivesse sentido particularmente medo da própria morte, ela estava preocupada sobre *como* isso iria acontecer. Ela rezou para que ele fizesse isso rapidamente, sem fazê-la sofrer muito.

O outro pensamento que a assombrou nestes últimos momentos de sua vida, esse que incomodava ainda mais do que morrer, era a ideia que esse monstro, este louco, usaria ela para marcar o resto da vida dele. Talvez mais tempo.

A própria ideia a fez sentir fisicamente doente no momento em que ela imaginou compartilhar qualquer parte da essência de sua vida com ele.

No início, ela pensou que havia imaginado isso, a voz que ela ouviu vindo do outro lado do corredor, atrás deles. Mas era tão real, tão perfeitamente bela, para ser imaginada. O momento em que o nome dela foi falado, e ela reconheceu quem era, os olhos delas começaram a lacrimejar dolorosamente.

Não pode ser ele! Violet pensou. *Qualquer um menos ele!*

“Violet?” Sua voz familiar estava cheia de confusão enquanto ele gritava para ela.

A mão envolta de seu pescoço apertou-se, e Violet obedeceu ao sinal tátil e parou. O aperto era uma ameaça em si. Eles se viraram em uníssono, os dedos insuportavelmente fortes nunca deixando a guarda, já machucando a carne envolta de seu pescoço.

Encarar Jay em pessoa era muito para Violet agora. Ela sentiu seu frágil coração fragmentando-se em um milhão de pedaços sem vida.

Ele disse seu nome novamente. “Vi?” Ele olhou com curiosidade para o homem que acompanhava a ela, ele visivelmente relaxando um pouco. “O que está acontecendo? Eu

estava tão preocupado... Eu pensei que pudesse ter acontecido algo com você.” Ele esperou por um deles para falar, e então ele perguntou o óbvio. “Aonde você vai?”

Silêncio se seguiu—o tipo de silêncio preenchendo o vazio que se abriu interminavelmente, até que torna-se praticamente impenetrável.

Violet quis construir uma ponte sobre o abismo silencioso, mas ela não conseguia encontrar as palavras. Elas estavam alojadas atrás do carço dolorido na sua garganta. Ela se esforçou consigo mesma para não chorar.

De repente, a presença de um policial não foi suficiente para fazer Jay sentir-se seguro. Sua postura enrijeceu, e ele deu um passo ameaçador para frente, e a boca dele fixou-se em uma linha determinada. “O que está acontecendo?” Ele exigiu neste momento.

Violet sentiu o punho de ferro apertando com força, e ela sabia o que se esperava dela. Sua mente correu, conforme ela tentava pensar em algo — *qualquer coisa* — que faria Jay partir agora. “Nós... Nós estamos apenas...” Ela odiou o modo como ela gaguejou, e ela ordenou-se a obter um controle. Ela não estava salvando a si mesma aqui... Ela estava tentando salvar Jay. Ela começou novamente. “Eu pedi ao oficial aqui,”—ela olhou suplicante para o homem sólido ao lado dela—“para me levar ao carro dele, assim eu poderia chamar meu tio. Meu pai disse que me mataria se eu não verificasse com ele pelo menos uma vez.”

Jay se manteve firme. Ele sabia que ela estava mentindo para ele, e Violet queria gritar para ele apenas ir embora. “Aqui,” ele desafiou, levantando sua bolsa para ela e olhando para a mão do policial em torno do pescoço dela. “Você pode usar seu telefone celular.”

Ela balançou a cabeça, o que era uma pequena façanha com a mandíbula sendo apertada por uma mão. “Não, preciso usar *seu* telefone.” Sua voz assumiu a qualidade de súplica, e ela lhe implorou com os olhos para acreditar no que ela estava dizendo. Ela estava perdendo sua tentativa de controlar a situação, e ela não queria que Jay se machucasse. “Por favor, Jay, somente volte para o baile. Eu estarei lá em breve.” Suas palavras quebraram, e ela se sentiu lutando para manter a sua compostura. Este não era o momento para se desmoronar.

Jay deu outro passo calculado para frente e os dedos punidores aprofundavam-se na pele de Violet, cortando-a ferozmente. Ela estremeceu. Ela não pretendia, mas a dor foi tão intensa que isso aconteceu reflexivamente. Não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo.

Isso foi o suficiente. Aquele recuo quase imperceptível por parte dela, e Jay se lançou para frente. “Tire suas mãos dela!” Gritou, sua voz inconfundível cheia de raiva.

Violet não podia se mover. Ela não conseguia respirar. Ela não quis isso, ela simplesmente queira desaparecer na noite com esse homem, ela sabia que ele a mataria e silenciosamente sumiria. Para sempre.

Dessa forma, ninguém mais iria se machucar.

Ela sentiu o seu pescoço sendo aremesso enquanto a mão gigante a liberava, empurrando-a para longe. Se não fosse pelo apoio de muletas, ela teria caído.

Jay já estava balançando os punhos largos e duros, atingindo o homem que a mantinha cativa. Seu punho chocou-se firmemente contra a mandíbula do homem, e a cabeça do policial estalou duramente para o lado do impacto. Violet sentiu uma onda de esperança florescer dentro dela.

E, então, foi incinerada em cinzas brancas quentes.

O oficial permaneceu de pé, quase insultuosamente assim, como se nunca tivesse sido atingido absolutamente. Ele zombou de Jay, seu rosto terrivelmente coberto com desprezo para o homem mais jovem. "Você, pequeno estúpido punk! Você não poderia nos deixar suficientemente sozinhos, podia?" Ele se aproximou de Jay agora.

Ela sabia o que ele ia fazer. Ela sabia que assim como ela, agora Jay não tinha nenhuma chance de sair vivo de lá.

Ela reagiu sem pensar.

Violet assistiu o arco de metal da muleta balançando amplamente antes de bater nauseantemente contra a lateral da cabeça do policial. Uma porca-borboleta de metal, segurando um longo pino, como parafuso, atingiu a têmpora dele, cortando-o profundamente. Ele nunca o viu chegando, e a força da pancada realizada foi mais pesada do que ela teria pensado ser possível, e ela viu quando ele cambaleou para os lados.

Ela o viu bater no chão. Tudo parecia acontecer tão rápido, e tão lentamente, tudo ao mesmo tempo. O olhar em seu rosto era de completa surpresa conforme ele lutava para processar o que aconteceu com ele. O tornozelo dela latejava pela força que usara para acertá-lo com a muleta, mas de alguma forma ela ignorou a dor.

Ela não podia pensar rápido o suficiente, mas Jay já estava agarrando-a pelo braço e arrastando-a pelo corredor, para trás, na direção do baile. Mas eles foram tão longe, e cada vez que o pé de Violet batia no chão, uma nova dor paralisante irradiava de seu tornozelo para seu quadril, quase a incapacitando. Ele fez o possível para segurá-la, puxando-a contra ele, com os braços ancorados em volta da cintura dela, mas ela estava ficando para trás... Retardando-o.

Eles não olharam para trás.

E eles não conseguiram ir muito longe antes que a dor foi mais do que ela pudesse suportar. Ela caiu contra ele. "Jay, vá buscar ajuda," ela sussurrou tristemente. "Você irá chegar lá mais rápido sem mim."

"Sem chance." Ele puxou-a de novo, arrastando-a nos braços para que ele pudesse carregá-la.

"Não, Jay," ela insistiu, chorando agora, lutando para fazer ele colocá-la no chão novamente. "Você nunca vai conseguir comigo. Por favor... Vá!" Mas não houve resposta para dar... Porque nenhum deles foi a lugar algum.

Violet sentiu o enorme abalo chocando por trás de Jay, e então ela estava caindo... Quase voando, através do ar. Ela aterrissou com um enorme baque, derrapando contra a corbertura de azulejos industriais do corredor vazio da escola. Os sons que ela ouviu batendo nas paredes ao redor dela eram os da derrota. Ela olhou para cima, tentando ignorar a dor viva de seus ferimentos. Ela lutou para virar-se, apesar de seu próprio desconforto físico, para ver o que estava acontecendo atrás dela.

Ela ouviu antes que pudesse ver.

O clique suave. O som ameaçadoramente tranquilo que fez sua garganta contrair dolorosamente.

Jay, que estava deitado de bruços, ouviu isso também e ele, lentamente, prudentemente, rolou de costas... Cuidadoso para não fazer qualquer movimento brusco. Colocou as mãos cautelosamente, com as palmas para fora e os dedos abertos, deixando o enorme homem de pé acima dele saber que ele estava se rendendo. Que ele estava derrotado.

A arma foi tudo Violet podia ver agora. Era preta e de sua posição parecia que poderia ser brinquedo de plástico de uma criança. Mas Violet conhecia melhor. Este não era um brinquedo que ele habilmente manuseava. E estava apontada diretamente para Jay.

O homem que a segurava estava sangrando; filetes de secreção de sangue vermelho escorreram do lado do seu rosto. Ele parecia um pouco desequilibrado, e cambaleou um pouco, provavelmente por causa do golpe que levou no lado da cabeça... Mas seu objetivo parecia perfeito. *Morto.*

Violet só poderia choramingar enquanto observava. "*Não! Por favor, Deus, não!*" E então ela estava chorando: "Você não precisa dele. Ele não pode feri-lo. Por favor..." Ela rastejou para frente, com a intenção de bloquear Jay, mas ela estava se movendo muito lentamente. Ela sentiu como se estivesse progredindo em câmera lenta, como um sonho ruim, onde seus pés estavam pesados demais para fazer qualquer progresso real. Ela olhou para o homem, e quando ela viu o olhar em seus olhos, ela percebeu que era tarde demais.

O som da arma era como um estrondo ensurdecedor, e Violet instintivamente recuou, fechando os olhos, as mãos cobrindo os ouvidos ao mesmo tempo em que começava a gritar. Ela ouviu um segundo tiro imediatamente após o primeiro.

Ela abriu os olhos apenas o suficiente para ver o sangue. Em todos os lugares... Sangue. E ela apertou-os firme novamente, incapaz de olhar. Ela sabia que ainda estava gritando, mas ela não podia ouvir nada além do zumbido interno que parecia preencher sua cabeça.

Mas sua boca estava de repente, cheia de uma estranha sensação... O gosto de dente de leão. Era o gosto amargo familiar da infância, de escolher as ervas daninhas para fazer um buquê amarelo, e, mais tarde, quando você coloca um dedo em sua boca, você ainda pode provar o sabor do leite cáustico do dente de leão agarrado à sua pele. Sua língua recuou.

Violet percebeu, enquanto estava sendo tirada do chão por mãos fortes, que o sabor não tinha nada a ver com colher flores.

Foi um eco.

Uma nova marca de eco.

EPÍLOGO

Violet olhou a primeira nevasca da temporada com cuidado pela janela. Os flocos grossos e macios desceram através da escuridão, moldando uma brilhante brancura, que irradiou por todo o céu noturno.

Havia algo tão refrescantemente delicado sobre a nova neve. Foi como um renascimento.

E isso significava que a escola seria cancelada amanhã.

Ela se virou para o quarto dela, enquanto alcançava por trás de seu pescoço para remover a fina corrente de prata que Jay lhe dera na noite do baile de Boas-vindas. Ela esfregou o revestimento suave de coração antes de colocá-lo suavemente dentro da caixa de veludo preto de onde tinha vindo, tentando, como ela fazia todas as noites, piscar atrás das lágrimas quentes que começaram a arder seus olhos.

A noite do baile...

Isso foi há quase dois meses atrás, mas só de pensar nisso novamente fez Violet tremer, apesar do calor de seu quarto. Ela envolveu os braços ao redor de si mesma e esfregou os arrepios que eclodiram sobre sua pele.

Se fechasse os olhos, ela ainda podia imaginar as imagens vívidas que estariam para sempre impregnadas em suas memórias. Mas era fisicamente doloroso se ela habitava ali por muito tempo.

Ela estava segura agora, ela lembrou-se disso, e havia algo de purificante e catártico sobre recordar o que ela, de alguma forma, tinha sobrevivido.

Ela poderia facilmente recuperar a formação dos sons dos tiros, e então tudo parecia desfocar juntamente para ela.

Foi seu tio quem a encontrou e levantou-a do chão. Até o momento ela estava consciente de tudo ao seu redor, de todo o inferno que se liberou ao redor deles.

Lembrou-se de seu tio explicando como eles finalmente descobriram, quase tarde demais, que era um de seus oficiais o responsável pela morte de todas aquelas garotas—e por pouco, responsável pela de Violet também.

Eles encontraram um recibo entre as evidências coletadas na fazenda pertencente a seu parceiro no crime. O recibo foi para um telefone celular disponível; aparentemente foi assim que os dois se comunicavam. Quando o rastrearam, levou-os direto ao homem que havia trabalhado tanto com ele, e para seu tio nos últimos dez anos. O GPS do seu próprio

carro de patrulha confirmou a sua presença em várias das cenas do crime... E muitos dos quais não tinham conhecimento.

Mais tarde, depois que seu tio havia disparado o tiro que matou o policial no corredor da escola, eles voltaram a procurar nos bosques, onde eles descobriram o corpo de Hailey McDonald, e encontraram Mackenzie Sherwin enterrada exatamente onde Violet disse que ela estaria.

O pescoço dela havia sido quebrado.

Mas Violet sobreviveu. Seu tio a salvou. E agora ele carregava com ele uma nova aura, *uma marca nova*, que Violet achou um tanto perturbador para estar ao redor... O gosto amargo de dente de leão. Mas mesmo isso foi sumindo, quase mais rápido do que deveria, e Violet achou suportável estar em torno dele por curtos períodos de tempo.

Houve uma batida na porta de seu quarto antes de ser aberta.

Violet virou-se a tempo de ver Jay entrando. Seu sorriso era malicioso e mau ao mesmo tempo. Ela praticamente lançou-se em seus braços quando ele fechou a porta atrás dele.

Ele riu contra o topo de sua cabeça. "Eu senti saudade de você também."

Ela levantou o rosto para ele, e ele a beijou, seus braços puxaram-na para mais perto.

"Eu só vim aqui para dizer boa noite," disse ele entre beijos famintos.

"Então, diga."

Ele a beijou novamente, e então novamente, mas ele nunca disse boa noite... Ou adeus.

"Boa noite," sussurrou ela finalmente, quando seus lábios deixaram os dela.

Ela estava agradecida a cada dia por Jay ter sido atingido apenas de raspão pelo o primeiro tiro disparado naquela noite. Agradecida que o oficial ferido—o assassino—no corredor estivesse tão atordoado para disparar em linha reta. E mais grata ainda que seu tio tivesse virado a esquina a tempo de acionar o segundo tiro... Um mortal.

Jay a observava, lendo os pensamentos claramente em seu rosto. E então ele sorriu e levantou-a em seus braços, beijando-a levemente em sua testa, as bochechas, o nariz. "Talvez eu possa ficar um pouco," ele respirou, enquanto finalmente encontrava seus lábios.

Violet sabia que tudo ia dar certo agora.

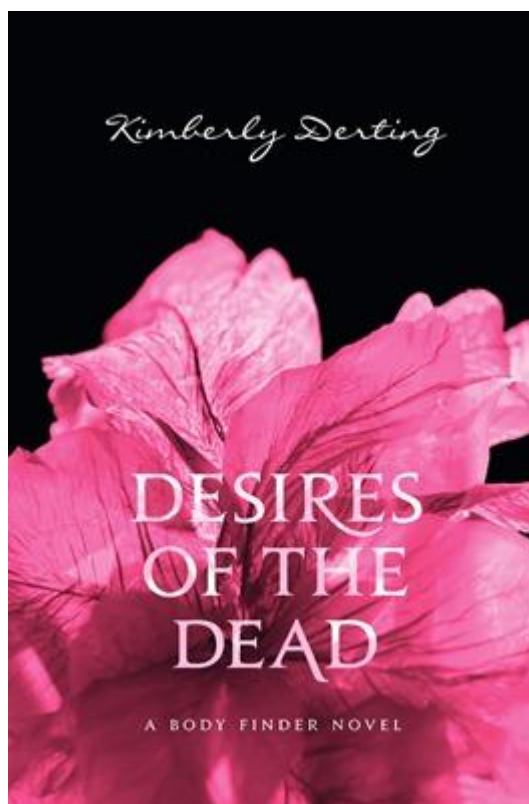
Jay estava a salvo. O assassino estava morto.

Ela curvou em Jay quando ele a puxou para baixo, contra seu ombro.

Tudo estava melhor do que bom—estava perfeito.

FIM

NO PRÓXIMO LIVRO...



Os mortos desaparecidos chamam por Violet. Eles querem ser encontrados.

Violet pode sentir os ecos daqueles que foram assassinados—e a impressão correspondente que se agarra aos seus assassinos. Apenas os mais próximos sabem do que ela é capaz, mas quando ela descobre o corpo de um menino, ela também atrai a atenção do FBI, ameaçando todo seu modo de vida.

Enquanto Violet trabalha para manter sua mórbida habilidade um segredo, ela involuntariamente se torna o objeto de uma perigosa obsessão. Normalmente ela pediria ajuda de seu melhor amigo, Jay, mas agora que eles são oficialmente um casal, as regras de seu relacionamento parecem ter mudado. E com Jay passando mais e mais tempo com seu novo amigo Mike, Violet é deixada com tempo demais em suas mãos enquanto ela se pergunta onde as coisas começaram a dar errado. Mas quando ela preenche o tempo desenterrando a trágica história familiar de Mike, ela se depara com uma sombria verdade que poderia colocar todos em perigo.

EM BREVE!